



Contos Chineses

Prefácio e notas de
Fernando Correia da Silva

Organização de
Diaulas Riedel

coleção
UNIVERSIDADE
DE BOLSO
Textos Integrais



Contos Chineses

Prefácio e notas de
Fernando Correia da Silva

Organização de
Dianlas Riedel

Seleção de
Alda de Carvalho Ângelo

Traduções de
**Alda de Carvalho Ângelo, Américo Bandeira
e José Paulo Paes**

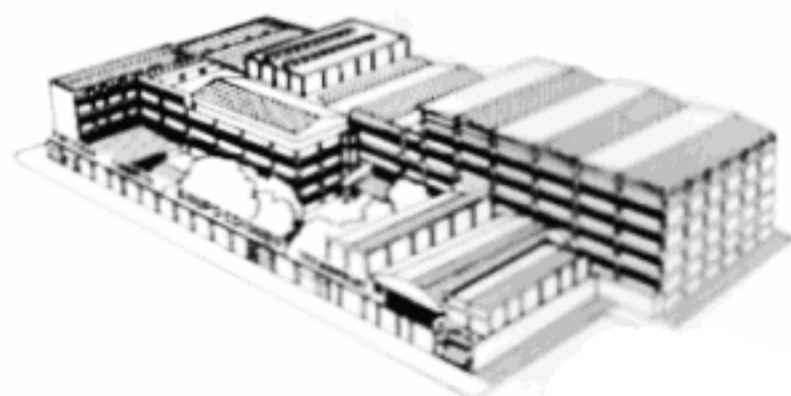
Ilustrações de
Myoung Youn Lee



Direitos de reprodução cedidos pela
EDITORA CULTRIX LTDA.

As nossas edições reproduzem
integralmente os textos originais

ISBN 85-00-90376-7



Grupo Ediouro
EDITORA TECNOPRINT S.A.



Para os leitores ocidentais, a literatura chinesa é, ainda hoje, um mundo desconhecido, cujo acesso lhes está vedado pela barreira dos idiomas. Barreira difícil de franquear, dada a profunda divergência entre a língua chinesa e os idiomas do Ocidente. Tal divergência, tornando deveras árdua a tarefa dos tradutores, — conforme o parecer de um ilustre sinólogo, “toda tentativa de tradução de um texto literário chinês apenas dá uma idéia aproximada, quase sempre insípida, do original” — tem feito com que continuemos a ignorar uma literatura milenar e refinada, que espelha fielmente o estilo de vida, de sensibilidade e de pensamento, assim como as vicissitudes históricas, de uma civilização de muitos séculos anterior à nossa. Esta é uma das tentativas, em nosso país, de franquear a barreira dos idiomas e apresentar, ao leitor brasileiro, uma visão de conjunto — sumária, sem dúvida, mas nem por isso menos fascinante ou representativa — da novelística chinesa. Visão de conjunto que o prefaciador da coletânea caracteriza como “uma aguda interdependência do homem e da natureza, um requintado animismo de camponeses que, há milênios, contemplam o ciclo dos astros e das estações. Interdependência essa traduzida, ora em concepção moral pelos confucionistas, ora em concepção mágica pelos tauistas”.

As histórias constantes do presente volume abrangem cerca de catorze séculos de produção literária, razão pela qual esta coletânea testemunha, não apenas a evolução dos temas fundamentais e das técnicas narrativas da novelística chinesa, como a versatilidade e o talento dos seus mais ilustres cultores, desde os fabulistas ingênuos da dinastia Tang até os realistas-sociais da República Popular de Mao Tsé-Tung.

O prefácio e as notas explicativas assinados por Fernando Correia da Silva muito ajudarão os leitores a se familiarizarem com as peculiaridades da história da China, cujo conhecimento é um valioso subsídio para a melhor compreensão da sua novelística. As traduções dos contos aqui reunidos foram feitas com base em versões inglesas, espanholas e francesas das mais fidedignas.

Este é um empreendimento cultural cuja importância o público leitor brasileiro saberá, sem dúvida, apreciar e valorizar como é devido.



Índice

<i>Prefácio</i>	7
Wang Tu	
<i>A História de um Velho Espelho</i>	13
Chen-Tsi-Tsi	
<i>Viagem ao Interior de um Travesseiro</i>	23
Po Heng Kien	
<i>A Vida de Li Wa</i>	28
Tu Kuang-Tin	
<i>O Homem da Barba Crespa</i>	40
Anónimo	
<i>O Budissatva de Jade</i>	48
Anónimo	
<i>Ciúme</i>	60
Anónimo	
<i>O Velho Jardineiro</i>	80
Anónimo	
<i>O Casamento Inesperado do Bacharel Tsien</i> ...	100
Anónimo	
<i>O Tesouro Perdido</i>	116
Pu Song Ling	
<i>Melodia Maravilhosa</i>	132
Pu Song Ling	
<i>Cheng e o Grilo</i>	138
Lu Hsun	
<i>Pesar Pelo Passado</i>	147
Chao Shu-Li	
<i>O Registro</i>	163
Tsul Pa-Wa	
<i>O Jarro de Bronze</i>	190





Prefácio

Até bem recentemente, existia um desconhecimento mútuo entre as literaturas ocidentais e orientais. Hoje, dão-se os primeiros passos tendentes à anulação desse divórcio espiritual. A tarefa não é fácil. O primeiro, e sem dúvida maior obstáculo consiste na profunda divergência de estrutura das línguas faladas e escritas numa e noutra face do globo. Ouçamos, por exemplo, o que nos diz o Prof. Max Kaltenmark acerca da língua chinesa:

“A língua chinesa é monossilábica e, quando escrita, cada sílaba (cada palavra) é representada por um carácter. Os caracteres podem servir para representar seja a língua tal como se fala, seja a língua literária, cuja sintaxe e vocabulário são diferentes daquela. Língua falada e língua escrita sofrem, ambas, de grande imprecisão, mas possuem em contrapartida, grandes possibilidades de expressão poética. O vocabulário chinês é essencialmente concreto, sintético, exprimindo conceitos os mais particulares. Desenvolvida a partir de um velho fundo ideográfico, a escrita chinesa conserva profundas relações com uma simbólica do gesto; “é a lembrança de gestos evocadores que manteve nas palavras todo o valor concreto destas”. É sabido que a arte caligráfica não é uma arte menor, na China. Cada carácter, por outro lado, representa um som não menos dotado de poder evocativo do que a imagem, e que, mesmo num estilo escrito, é de uma importância capital, porque é o ritmo que substitui a pontuação (a qual só veio a ser adotada numa época recente). Além do mais, um texto escrito é normalmente lido em voz alta, e só a articulação rítmica da frase pode determinar o valor gramatical de cada palavra. Pode-se dizer que cada palavra é um monossílabo invariável e que, à parte aqueles que funcionam como “partículas gramaticais” e alguns pronomes, todas as palavras são suscetíveis de todos os empregos; somente a localização na proposição confere, a uma palavra, um valor de substantivo, de adjetivo ou de verbo. Na realidade, cada palavra, dotada de uma espécie de

autonomia, possui seu valor de evocação e suas ressonâncias próprias, e os vínculos que as unem aos outros termos são freqüentemente tão imprecisos, que o tradutor ocidental que pretenda revelar o valor de um texto chinês, a cada instante se vê na obrigação de escolher, mais ou menos arbitrariamente, entre as diversas interpretações possíveis. O que vale dizer que toda tentativa de tradução de um texto literário chinês apenas dá uma idéia aproximada, quase sempre insípida, do original."(¹)

Um breve exemplo para melhor entendermos as dificuldades daqueles que tentam traduzir um texto literário chinês para qualquer das línguas ocidentais: a palavra *wen* registra a idéia de desenho, de escritura, de literatura, de civilização, ou todas essas idéias simultaneamente. Como diz o sinólogo O. Kaltenmark-Ghéquier: "A língua chinesa sofre de uma grande imprecisão, que dela faz um mau instrumento científico, mas, em contrapartida, possui grandes possibilidades de expressão. Ela permite uma economia extrema de meios para exprimir um máximo de coisas; é excelente para a síntese, mas muito imperfeita para a análise."(²)

O segundo obstáculo que separa a sensibilidade do leitor ocidental da literatura chinesa consiste na solene monotonia desta. Monotonia não presente nesta antologia, dado que, em cerca de trezentas páginas, são abrangidos catorze séculos de produção literária. O peso da tradição emasculou, até certo ponto, a originalidade, a imaginação dos escritores chineses. A literatura da China é uma das mais antigas do mundo. No II milênio antes de Cristo, a escritura ideogramática tinha alcançado já um certo grau de evolução, como o provam inscrições em bronze e fragmentos de osso. A partir do século VIII a.C., a história da civilização chinesa passa a ser documentada por uma impressionante e ininterrupta seqüência de anais conservados até hoje. Uma civilização coesa e com pretensões universais, dentro da qual os letrados, os educadores, os sábios, os poetas alcançam mais facilmente a auréola lendária do que guerreiros e conquistadores. Um alfabetizado, na China, é, sem dúvida, um quase herói. Quantos mil ideogramas precisa um homem aprender para entender os textos antigos? Quantos anos de dura aprendizagem para saber desenhá-los com elegância? Quanta sutileza, quanto gênio para saber usá-los magnificamente em criações próprias?! O letrado converteu-se assim num homem excepcional, com a missão de conservar a superioridade de uma antiquíssima tradição cultural. Donde a sua preocupação fundamental, não de expressar um pensamento próprio, mas de expressar melhor um pensa-

(¹) Prof Max Kaltenmark: "Littérature Chinoise" in *Histoire des Littératures* — I, Paris, N. R. F. — págs. 1170-1171.

(²) O. Kaltenmark-Ghéquier: *La Littérature Chinoise* — Paris, P. U. F., 1948 — pag. 7.

mento já formulado anteriormente. Donde uma tradicional insistência nos mesmos temas, um perpétuo burlar das mesmas imagens tradicionalmente simbólicas, a lua refletida pela água (a felicidade fugitiva), as róseas nuvens do sol poente (a futilidade das coisas), os pássaros migradores (a melancolia da viagem), o verde pinho em meio à neve (a fidelidade eterna), etc... O ideal do literato chinês, pelo menos até fins do século XIX, foi o virtuosismo. Explica-se, portanto, a lenta evolução da literatura chinesa, os séculos que decorrem até que surja um novo gênero literário.

"O curioso (é ainda Kaltenmark-Ghéquier quem o diz) é que esta imobilidade relativa do pensamento assegurou a perpetuidade da civilização chinesa."⁽³⁾

O terceiro obstáculo é complementar dos dois outros apontados: a raridade dos sinólogos, a quase inexistência de traduções de obras chinesas para qualquer das línguas ocidentais. À falta de originais chineses no Brasil, não foi possível traduzir as histórias constantes da presente coletânea diretamente do chinês, muito embora um dos seus tradutores, Alda de Carvalho Ângelo, tendo vivido cerca de trinta anos na China, estivesse indicada para fazê-lo. De qualquer modo, as traduções aqui incluídas foram feitas a partir das autorizadas versões espanholas, francesas e inglesas abaixo indicadas:

The Dragon King's Daughter (Ten Tang Dynasty Stories) — Pequim, Foreign Languages Press, 1954.

Ma Ce Hwang — Cuentos Chinos de Tradición Antigua — Buenos Aires, Espasa-Calpe Argentina, S.A., 1948.

Famous Chinese Short Stories (retold by Lin Yutang) — Nova Iorque, Pocket Books Inc., 1956.

Le Miroir Antique (Contes et Nouvelles Chinois des Hautes Époques) — tradução de Lo Ta-Kang — Neuchâtel, Editions de la Baconnière, 1943.

Tsui Pa-wa e outros, A New Home and Other Stories — Pequim, Foreign Languages Press, 1955.

Kang Chuo e outros, Registration and Other Stories — Pequim, Foreign Languages Press, 1954.

Antología de Cuentistas Chinos (selección y prólogo de Lo Ta-Kang) — Buenos Aires. Espasa-Calpe Argentina, S.A., 1947.

Dessarte, *Maravilhas do Conto Chinês* se constitui numa visão de conjunto, embora que breve, da novelística chinesa. Visão de conjunto que poderíamos definir como uma aguda consciência da interdependência do homem e da natureza, um requintado animismo de camponeses que, há milênios, contemplam o ciclo dos astros e das estações. Interdependência essa ora traduzida em concepção moral pelos confucionistas, ora em concepção mágica pelos tauístas.

F.C.S.

(3) Op. cit., pág. 10.



Dinastia Tang

(618-907)

Dividida desde a extinção da dinastia Han (206 a.C. — 220 d.C.), a China é finalmente reunificada sob o breve domínio dos Suei (581-618), reunificação essa consolidada sob a dinastia que lhes sucedeu: a dos Tang (618-907).

138 anos de paz ininterrupta, desde a fundação da dinastia até à revolta de An Lu Chan (756), favoreceram o desenvolvimento das artes e das letras. Foi uma época gloriosa e de expansão. Não só o império chinês se alargou por imensos territórios da Ásia Central, como ainda suas leis e instituições passaram a influenciar as de povos vizinhos: coreanos, anamitas, japoneses. O desenvolvimento cultural, contraponto do desenvolvimento comercial que forjara uma prática e extensa rede de estradas e canais, foi não só expansão mas ainda recepção, troca de idéias e conceitos. Por exemplo, o Budismo, que os chineses identificavam ou confundiam com o Tauísmo, foi a eles revelado em sua verdade original pelo peregrino Hiuan-tsang que, através do Afeganistão e Turquestão, alcançou a Índia, onde procurou os sagrados textos sânscritos redigidos pelos discípulos de Buda, e que posteriormente haveria de traduzir para o chinês.

Não só peregrinos, mas também mercadores estrangeiros trouxeram novos conceitos e idéias. Surgiram cultos estranhos (Nestorianismo, Maniqueísmo, Islamismo), os quais, porém, não haveriam de ter qualquer influência decisiva sobre a civilização chinesa. Já o mesmo não aconteceu com o Budismo. Foi ele o inspirador de pintores e escultores; foi ele que introduziu na paisagística aquele elemento contemplativo-meditativo que caracteriza as pinturas e os poemas chineses conhecidos pelos ocidentais.

Foi ainda o Budismo que coagiu o Tauísmo a organizar-se como religião, dada a necessidade de impedir o alastramento das idéias trazidas da Índia pelo peregrino Hiuan-tsang. A luta ideológica travada entre tauístas e budistas impeliu aqueles a lançarem mão de um novo gênero literário, o conto, a pequena novela, até então raramente cultivado, e classificado como arte menor. São exemplo destas histórias polêmicas ou contos. A História de um Velho Espelho, de Wang Tu, e Viagem ao Interior de um Travesseiro, de Chen Tsi-tsi. É de se acreditar que os letrados tauístas tenham violentado a tradição literária, que relegava para último plano a criação romanesca, apenas para contrabalançar a popularidade dos contos budistas traduzidos diretamente do sânscrito.

De qualquer forma, o novo gênero ganhara foros de cidadania. Por outro lado, a imaginação dos escritores chineses, nos tempos áureos da dinastia Tang, foi certamente estimulada pelo fausto da corte, onde poetas galanteavam livremente as damas de linhagem; onde comediantes, dançarinos e trovadores estrangeiros enchiam os ócios de uma aristocracia requintada e culta. Esse refinamento dos costumes, e uma maior liberdade outorgada às mulheres, foram literariamente traduzidos pela criação de numerosos contos de amor, de que é exemplo A Vida de Li Wa.

A expansão do Império dos Tang teria, forçosamente, que favorecer também o aparecimento de contos heróicos. O Homem da Barba Crespa, de Tu Kuang-ting, é exemplo típico.



A História de um Velho Espelho

Wang Tu

Natural de Fen-Ying, Heú Seng, que viveu no reinado dos Suei, era um homem estranho. Durante muito tempo fui seu discípulo e tinha por ele a veneração que a um tal mestre é devida. Ao morrer, legou-me um espelho, dizendo:

— Com este espelho, verás que todos os maus espíritos se afastarão de ti.

Prometi ao mestre agonizante que guardaria ciosamente seu legado. Era um espelho de bronze, de oito polegadas de largura, com um suporte traseiro em forma de unicórnio agachado. Nos quatro cantos da sua parte anterior, estavam pintadas quatro figuras de animais, — tartaruga, dragão, fênix e tigre — cercada, cada uma, de oito diagramas do Yi-king (*). Por sua vez, tais diagramas eram cercados pelos símbolos das doze constelações do Zodíaco. Finalmente, na sua parte fronteira, viam-se vinte e quatro caracteres arcaicos. A caligrafia, de traços abruptos, parecia, à primeira vista, do estilo Li-Chu. Contudo, ao examiná-la, constatava-se que fugia a todas as regras caligráficas. Explicou-me, então, o mestre, que eram os sinais correspondentes às vinte e quatro condições atmosféricas.

Ao se colocar o espelho contra a luz, distinguiam-se nitidamente, contra a superfície metálica, os desenhos do verso. Suspenso como gongo, produzia, a cada batida, nota de ressonância cristalina, que se prolongava pelo dia todo. Por tais virtudes, diferia extraordinariamente dos espelhos comuns. Fazia jus, pois, à admiração sem reservas de Heú Seng, homem genial, que sempre o considerara um objeto divino.

O mestre tinha-me dito:

— Outrora, o Imperador Huang-ti mandou forjar quinze espelhos. O primeiro tinha a largura de um pé e meio e simbolizava a lua cheia. A largura dos demais ia aumentando, de um para outro, de uma polegada. O nosso é, pois, o oitavo dos espelhos de Huang-ti.

Apesar de o reinado de Huang-ti pertencer a era muito remota para que possamos fazer fé na lenda dos espelhos, pessoalmente nunca duvidei de quanto me ensinara meu eminente mestre.

(*) Livro de astrologia arcaica.

Será que para nós outros, os mortais, a possessão e perda de um objeto misterioso é indício fatal de algum capricho do destino? O povo gosta de contar a história daquela família Yang que, após ter adquirido os anéis mágicos, começou a prosperar sem saber como nem por quê; ou a aventura de um certo pai Tchang que, tendo perdido sua espada enfeitiçada, não tardou também a perder a vida. Irá semelhante drama acontecer-me, a mim que, sob o peso da imensa desgraça do século, passo os dias mergulhado na indolência e na melancolia? Através das peripécias da tormenta, tudo perdi, tudo: amigos, parentes e bens. Arrasto minha humilde existência sem grande significado. Ai! como se minha infelicidade não estivesse ainda no auge, foi preciso que até o meu espelho antigo desaparecesse!

Permitam-me, pois, nas linhas que vou traçar, relembrar algumas das maravilhosas aventuras que o divino espelho realizou durante o tempo em que esteve em meu poder. Daqui a dez ou cem mil anos, se alguém, por acaso, o reencontrar, saberá, ao menos, a origem desse misterioso objeto.

No ano sete do período Tai-yei, na quinta lua, pedi demissão do cargo de censor imperial e voltei para Hotong, onde, pouco depois, assisti à morte de meu mestre Heú Seng. Na lua seguinte, regressei a Tchang-ngan. Parei na pousada de Tchen Yong, no bairro de Tchang-lo-po. O estalajadeiro tinha então, sob sua guarda, uma escrava muito bonita. Uma vez instalado em meu quarto, fiz as abluções com o auxílio do espelho. Tão logo o viu, a escrava atirou-se ao chão, batendo a fronte no solo com tanta força que o sangue começou a escorrer.

— Não posso mais ficar... — murmurou ela, toda trêmula. Chamei o estalajadeiro e pedi-lhe que me explicasse a razão dessa inesperada cena.

— Há dois meses, — disse-me ele — trouxe-a gravemente doente um viajante do Este. Ao partir novamente, confiou-ma com estas palavras: "Voltarei para buscá-la". Mas nunca mais voltou. Ignoro de todo a origem desta moça.

Temendo que ela fosse um demônio disfarçado, ameacei-a com o espelho na mão. E ela, suplicante:

— Poupa-me, que me mostrarei sob minha verdadeira forma!

Cobri o espelho e prometi-lhe:

— Confessa a verdade, e mostra-te sob tua forma primitiva, que te pouparei.

A escrava, depois de muitas medidas, começou seu relato:

— Sou uma velha raposa de alguns milhares de anos de idade. Tive, por toca, a sombra de um grande pinheiro, defronte do templo do Monte Hoa. Havia muito que eu me metamorfoseava para seduzir os homens. Mas a divindade da montanha não cessava de me perseguir. Andei foragida, escondendo-me por toda parte,

entre o Rio Amarelo e o Rio Wei. Tornei-me, um dia, a filha de Tchen Se-kong, de Hia-koei. Já moça, desposi um camponês, mas não foi bom casamento. Escapei, em seguida para o Este. Ao passar pela cidade de Han, recolheu-me um viajante. Chamava-se Li-u-hoa. Era um verdadeiro bruto. Obrigou-me a segui-lo durante anos, até o dia em que me abandonou aqui. Como poderia eu prever que iria cair sob o golpe de um espelho divino? Eis-me arruinada! Não mais poderei dissimular meu verdadeiro semblante.

— Velha raposa! — vociferei com desprezo. — Não é então com a intenção de nos prejudicar que assumes forma humana?

— Eu queria somente viver com os homens, sem pensar no mal que daí pudesse resultar. Mas as divindades não gostam nem de minhas evasões nem de minhas metamorfoses. Eis por que desejam a minha perdição.

— Achas que é possível eu poupar-te?

— Seria grande honra para mim! Mas é tarde demais. Uma vez denunciada pelo espelho celeste, já não poderei escapar. Que vergonha quando eu tiver de aparecer diante de ti sob minha forma original! Guarda, por favor, esse espelho no seu estojo. Matar-me-ei, quando me for dado, pela última vez, embriagar-me com vinho.

— Não vais fugir, se eu guardar o espelho?

— Fugir?! — exclamou ela, soltando uma gargalhada. — Eu, que acabo de recusar o favor que querias prestar-me, poupando-me? Fugir ardilosamente não seria abusar, de maneira abominável, da tua bondade? Asseguro-te que o espelho me cortou toda e qualquer possibilidade de fuga. Só te peço que me prolongues a vida por mais algumas horas, a fim de que eu possa, ao menos, morrer alegremente embriagada.

Guardei o espelho no estojo. Mandeí vir vinho e convidei os hóspedes e vizinhos para assistirem à festa em honra da escrava. Esta embebedou-se sem freio e, levantando-se completamente embriagada, cantou e dançou, agitando as mangas. Seu canto dizia:

Espelho divino, espelho divino, tem piedade de
[mim!]

Depois que me transformei,
Quantas vezes não tenho mudado de nome e de
[vida?]

Viver é felicidade; morrer não é tão lamentável
[assim.

Para que me demorar mais neste cantinho do
[mundo?...

Interrompeu a canção e, cumprimentando a assembleia, caiu por terra. Sobre o solo estava uma verdadeira raposa, rígida, morta. Os expectadores, ao voltarem a si do espanto, outra coisa não sentiam pelo pobre animal senão piedade.

No ano oitavo do período Tai-yei, no primeiro dia da

quarta lua, houve um eclipse do sol. Nesse dia, estava eu de guarda no secretariado do palácio imperial. De quando em quando, ia repousar um pouco no pequeno quarto superior, que ficava bem em cima do meu escritório. Subitamente, escureceu o dia. Funcionários vieram anunciar-me eclipse. Levantei-me e tirei o espelho do estojo. Parecia embaçado e privado do seu brilho habitual. Mal tinha eu me recuperado da surpresa, quando novamente reluziu a superfície metálica do espelho: o sol acabava de emergir da sombra que o ocultara. Compreendi, então, que o espelho refletia os movimentos dos grandes astros. E, desde esse dia, a cada eclipse, não deixava eu de observar idêntica mudança no espelho.

Na oitava lua do mesmo ano, meu amigo Sié Ya comprou uma espada de cobre, de quatro pés de comprimento, se incluído o punho; neste se viam, gravadas, as figuras de um dragão e de uma fênix, com chamas à esquerda e ondas à direita. O brilho deslumbrante provava que a arma não era um ornamento vulgar. Certo dia, Sié veio visitar-me, trazendo a espada consigo.

— Fiz a experiência, — disse-me — nos dias quinze de cada lua. Quando o astro está em sua plenitude num céu sem nuvens, a espada brilha por si só num quarto escuro, espalhando claridade a uma dezena de pés à sua volta. Sei que tens grande amor pelos objetos antigos e pelas raridades curiosas. Queres que te mostre minha espada esta tarde?

Aceitei a proposta com entusiasmo. À tarde, o céu estava claro como desejávamos. Encerramo-nos, eu e meu amigo, num quarto bem fechado, no qual reinava a mais completa escuridão. Tirei o espelho do estojo e coloquei-o sobre um banco. Pouco a pouco, o espelho começou a projetar uma claridade que iluminou todo o quarto. Os móveis apareceram nitidamente como em pleno dia. Meu amigo colocou, então, sua espada ao lado do espelho. A arma, porém, perdeu seu brilho próprio. Muito surpreso, pediu-me ele que guardasse o espelho, o que fiz sem demora. A espada pôs-se a brilhar novamente, mas, amedrontada, emitia um brilho que não ultrapassava dois pés de distância. Meu amigo suspirou:

— Existe também, acaso, hierarquia entre os objetos sobrenaturais? Devem os inferiores manifestar submissão diante dos superiores, como nós?

Um ano depois, fui nomeado subprefeito do distrito de Joei. Defronte da sala da prefeitura, havia uma açoifeira gigante, velha de muitos séculos, cujo tronco media mais de uma braçada de grossura. A chegada de cada prefeito devia ser comemorada com uma libação em honra da árvore colossal, a fim de que nenhuma desgraça sobreviesse ao recém-vindo. Declarei aos habitantes da vila que um demônio não exerceria má influência senão sobre aqueles que se prestassem a tal, e que toda superstição deveria ser reprimida. De joelhos, com a fronte tocando o solo, suplicaram-me meus subordinados que respeitasse o culto dessa árvore. Orde-

nei, contrariado, que fizessem a libação e a oferta tradicional dos sacrifícios ao espírito da açoifeira. No fundo de minha alma, estava eu, porém, persuadido de que a árvore deveria estar enfeitiçada por gênios maus, invisíveis, que exploravam, havia muito tempo, a estupidez das gentes da terra. À noite, em segredo, suspendi meu espelho a um dos ramos da árvore temida.

Quando soou o gongo da segunda vigília, um formidável estrondo quebrou o silêncio noturno, sacudindo o edifício da prefeitura qual um raio. Saltamos do leito. Pela fresta da janela, vimos que a açoifeira estava envolta num grande turbilhão de vento e chuva, enquanto relâmpagos rasgavam a escuridão.

No dia seguinte, descobriu-se a carcaça de uma enorme serpente, de escamas violáceas, cauda sangüínea, cabeça esverdeada com chifres brancos. Retirei o espelho e ordenei que levassem o cadáver da serpente para queimá-lo fora da aldeia. A árvore foi abatida por minha ordem. Debaixo das suas raízes, descobriu-se a existência de um largo e profundo fosso, no qual se viam ainda traços da presença do réptil. O fosso foi entulhado. Desde então, nada mais de extraordinário aconteceu na aldeia.

Certo inverno, ocupando eu ainda o posto de subprefeito, recebi ordem de inspecionar toda a região de Hopei assolada pela fome. Valendo-me da autoridade imperial, mandei franquear os silos regionais e os celeiros militares as populações famintas. Por infelicidade, a fome seguiu-se uma terrível epidemia. Tchan Long-ki, pequeno funcionário a meu serviço, viu cair doente, ao mesmo tempo, toda a sua família, que se compunha de uma dezena de pessoas. Apiedei-me dele. Emprestei-lhe o espelho, que, naquela mesma tarde, foi exposto em sua casa. Num átimo, levantaram-se, sobressaltados, todos os doentes, declarando que tinham visto Long-ki trazer a lua para diante de seus leitos e que a pálida claridade do astro havia-lhes penetrado os membros e as entranhas, provocando uma sensação glacial. Imediatamente, baixou-lhes a febre. Pouco tempo depois, estavam todos curados.

Acreditando poder, dessa forma, curar a multidão de doentes, todas as noites, discretamente, sem chamar a atenção para o espelho, fiz com que o precioso instrumento fosse levado de casa em casa. Certa tarde, um ruído nítido e prolongado saiu do estojo, fato que muito me intrigou. No dia seguinte, Long-ki veio dizer-me que tinha tido um sonho estranho. Fora visitado por um fantástico personagem, com cabeça de dragão coroada de púrpura, e corpo de serpente vestido de vermelho. O visitante declarara ser o espírito do espelho antigo e ter o nome de Tseu Tseng.

— Em troca do que fiz por tua família, — disse o espírito — venho pedir-te um favor. Apresenta minhas desculpas ao Senhor Wang (*) e diz-lhe que não desejo

(*) O autor do conto.

mais combater a peste contra a vontade do Céu, que impôs esse castigo aos homens. De resto, ao cabo de uma lua a peste estará terminada. Por que cansar-me em vão?

Comovido com a misteriosa mensagem, interrompi imediatamente as deambulações noturnas do espelho. Uma lua mais tarde, conforme havia sido predito no sonho do funcionário, a peste começou a diminuir de violência.

Vários anos se passaram. Um dia, meu irmão Ki, adjunto da prefeitura, demitiu-se do cargo a fim de efetuar uma peregrinação às montanhas inspiradas e às ribeiras encantadas dos grandes rios do Império. A princípio, opus-me a tal desígnio.

— Vivemos — disse-lhe eu — num século de perturbações. Salteadores e trapaceiros infestam os caminhos. Com que segurança poderás tu, pois, contar? Ademais, eu e tu estamos ligados pelo mesmo sopro e nunca nos separamos por muito tempo. Pensas, acaso, em partir para não mais voltar, renunciando assim, à semelhança dos sábios de antanho, ao mundo dos humanos? Como poderei eu suportar, nesse caso, tua eterna ausência?

Ao dizer isso, encheram-se-me os olhos de lágrimas. Mas meu irmão insistiu:

— Minha resolução está tomada e não volto atrás. Tu, meu irmão, que és de larga visão, deves ter compreendido que “o mais simples dos mortais não deixa dobrar sua vontade”, conforme disse Confúcio. E, afinal, quanto vale a vida humana? Cem anos, no máximo; e cem anos passam num piscar de olhos! Nossas alegrias e aflições, que são elas senão caprichos da sorte? Agir em liberdade, de acordo com nossos pensamentos, é, creio eu, o grande ensinamento dos antigos sábios.

Despedi-me, com tristeza, de meu irmão. Pediu-me ele, ao partir:

— Agora que devo errar ao acaso, por caminhos nebulosos, por cumes inacessíveis, não queres confiar-me teu tesouro, o espelho antigo? Esse precioso espelho não pertence ao mundo vulgar.

— A ti, tudo dou, sem qualquer pesar — suspirei, estendendo-lhe o espelho.

Meu irmão partiu sem dar-me contas do seu itinerário. Só voltou ao cabo de três anos. Ao devolver-me o espelho, declarou:

— Teu espelho é uma verdadeira maravilha. Depois que nos separamos, cuidei de escalar, primeiramente, os rochedos do Monte Song. Ora ascendia pelos aclives rochosos, ora repousava nas platibandas de mármore. Um dia, cheguei a uma gruta abobadada, escura e profunda, que formava um aposento dentro do qual caberiam seis ou sete pessoas. Entrei nesse abrigo selvático com a intenção de ali esperar pela madrugada. Fora, a lua brilhava em todo o seu esplendor. Por volta da décima segunda vigília, entraram, de súbito, na caverna, seres humanos. Um tinha o rosto tártaro e osudo circundado de barbas brancas e encimado por so-

brancelhas igualmente alvas. Chamava-se Pai Tchen. O outro, pequeno e escuro, tinha a cara larga dissimulada por barbas grisalhas e sobrancelhas espessas. Atendia pelo nome de Mao. Ao me avistar, ambos os desconhecidos demonstraram surpresa.

— Quem está aí? — perguntaram

— Um amante de solidão, de grutas e de curiosidades selvagens — respondi-lhes, apresentando-me.

“Os dois estranhos vieram sentar-se junto de mim e ficamos a conversar por longo tempo. Suas palavras demonstravam, freqüentemente, um sentido espantoso, extraordinário. Comecei a perguntar-me se não seriam eles, porventura, demônios disfarçados. Às escondidas, deslizei a mão para trás e, de um golpe, retirei o espelho do estojo. Ambos gritaram e caíram ao solo. O pequeno transformou-se em tartaruga, e o tártaro em macaco. Deixei o espelho exposto até o amanhecer, de medo de que os cadáveres se levantassem.

“Quando franqueava a Montanha Ki, vi-me diante de uma fonte brotando de sob um rochedo. Logo abaixo dela, havia um tanque cheio de água esverdeada. Perguntei a um lenhador que tanque era aquele. Respondeu-me o interpelado:

— É o tanque sagrado. A gente da aldeia depõe ali suas oferendas, nas oito festas das quatro estações do ano, rezando e pedindo graças ao espírito da fonte. Uma única vez que haja negligência na prestação do devido tributo, imediatamente se encrespam as águas; surgem delas nuvens negras, e uma tempestade de granizo assola os campos, fazendo transbordar os diques do rio.

“Sem nada dizer, tirei o espelho do estojo e aproximei-o do tanque. Subitamente, a água se pôs a borbulhar com ruído trovejante. Todo o conteúdo do tanque se levantou e transbordou até a última gota. A água deramada correu pelo terreno até duzentos passos além, ali formando larga poça. No tanque vazio, ficou à mostra, então, um peixe de mais de dez pés de comprimento, com o corpo coberto de escamas verdes e amarelas de brilho metálico, cabeça vermelha, testa branca e focinho pontiagudo. O animal parecia um dragão, mas não escumava. Dir-se-ia uma serpente com chifres! Estorcia-se, aprisionado no lodo.

“A fim de acalmar os expectadores apavorados, persuadi-os de que o animal pertencia a uma espécie de esqualo que, uma vez fora da água, não podia fazer grande mal.

“Alguns homens mais corajosos puseram-se a escarvã-lo e a assar-lhe as postas. A carne era saborosa, mas deveras gordurenta. Regalei-me com ela por muitos dias.

“Na planície de Pien, tive por hospedeiro um homem chamado Tchang Ko, cuja filha estava doente. Sofria dores todas as noites e lamentava-se de modo atroz.

A família não sabia de onde vinha o mal. Explicaram-me apenas que a moça sofria havia mais de ano. De dia, a doente passava bem, mas, à noite, que tortura! Adiei minha partida a fim de passar uma noite com essa infeliz família. Mal começaram os queixumes da jovem, aproximei-me de seu leito, brandindo o espelho. A doente gritou:

— Foi morto o jovem de chapéu grande!

“Descobriram, debaixo da cama, o corpo de um enorme galo, que fora ferido mortalmente. Era uma ave de sete ou oito anos, o orgulho do galinheiro de meu anfitrião.

“Quando me encaminhava para o sul, aconteceu-me, certo dia, atravessar o Yang-tsé-kiang. No meio do rio, nuvens escuras começaram a juntar-se, de súbito, quase ao nível das águas. Os barqueiros empalideceram pressentindo o pior. Subi para a ponte com o espelho na mão. Uma claridade penetrou as ondas, a água fez-se transparente, e pôde-se mesmo enxergar o leito profundo do Grande Rio. Cessou o vento e as nuvens se dissiparam. Ao cabo de um instante, alcançamos a outra margem do Fosso Celeste (*).

“Outra feita, durante a travessia do Tché-kiang, fomos surpreendidos pela terrível maré que torna o rio tão célebre quão temido. Essa maré, cuja altura chegava a várias dezenas de pés, ao cair nas proximidades da embocadura, produzia um estrondo feroz, que podia ser ouvido a cem li (**) de distância.

— Aí vem a maré! — gritaram os barqueiros. — Interrompamos a travessia e voltemos imediatamente para a margem, se não quisermos servir de pasto aos peixes!

“Estendi meu espelho para as vagas espumantes. Oh! maravilha! No meio da vaga tumultuosa, abriu-se bruscamente um sulco de uns cinqüenta passos de largura, como se uma espada mágica houvesse cortado em dois pedaços o rio demente. E, no meio dessa vala milagrosamente aberta no seio da corrente, viam-se fugir, em cardumes, habitantes aquáticos de todas as espécies, assustados, sem dúvida, por aquela súbita transparência de seu mundo, enquanto o barco ia deslizando, tranqüilamente, para a margem desejada.

“Nas minhas caminhadas noturnas pelas montanhas ou pelos vales, levava sempre comigo o espelho a descoberto; seu brilho me guiava, qual o de uma lanterna, na escuridão mais intensa. A minha passagem, os pássaros, despertados, fugiam dos ninhos, assustados pelo clarão insólito do divino espelho.

“Durante as minhas peregrinações sem destino, homens dotados de estranhos poderes vieram ao meu encontro. Uns faziam-me presentes de livros raros, de mais alta antiguidade; outros me ensinavam magia ou contavam-me histórias sobrenaturais.

(*) Alcunha do Yang-tsé-kiang.

(**) Li — Léguas chinesas correspondente a cerca de 600 metros.

"Cansado da solidão e dos lugares ermos, eu retomava contacto, de tempos a tempos, com os seres humanos. Certa vez, cheguei à aldeola de Fong, cujo primeiro magistrado era meu amigo. Esperava-me com impaciência, pois desejava que eu tentasse a cura de três jovens possessas. Fui morar com a família das doentes, cujo pai cuidava de obsequiar-me do melhor modo possível. As três irmãs habitavam um pequeno pavilhão isolado. Ao anoitecer, tratavam de se enfeitar com mil cuidados. Quando era já noite avançada, fechavam-se no pavilhão e apagavam logo o candeeiro. De fora, ouviam-se falando e rindo com estranhos. De manhã, recusavam-se a revelar seu segredo, apesar das súplicas dos pais. As três filhas emagreciam dia a dia e perdiam o gosto pela vida. Mas, quando alguém se propunha impedir-lhes os inquietantes manejos no quarto enfeitado, ameaçavam matar-se. Tudo fora tentado para combater o mal, mas sem resultado.

"Depois de ter examinado bem o pavilhão das três possessas, mandei cortar, com serra, quatro barras da janela, sem as retirar, contudo, evitando assim qualquer suspeita por parte das enfermas. Chegou a noite; o pai vigilante deu o primeiro sinal:

"— Já então no pavilhão!

"Em silêncio, fomos-nos postar debaixo da janela, atentos aos menores ruídos. Quando soou o primeiro gongo, os risos e os gracejos começaram a se fazer ouvir ao pavilhão, seguindo seu curso costumeiro. De repente, arrombei a janela de barras serradas e pulei para dentro do quarto, armado com o espelho. As três moças deram um grito aterrador:

"— Assassinararam nossos amantes!

"A princípio, nada de anormal parecia haver no quarto. Deixei o espelho pendurado na parede até que se fizesse dia claro. Descobriram-se, então, amontoados no solo, os cadáveres de três animais: uma doninha, cujo comprimento era de um pé e três polegadas; um rato de cinco libras, e um lagarto do tamanho de um braço de homem. As três moças ficaram curadas.

"A última etapa de minha peregrinação foi o Monte Lu, onde me demorei vários meses. Su Pi, eremita do Monte Lu, era homem de vasto saber. Conhecia a fundo o Yi-king e adivinhava o futuro com exatidão. Um dia, aconselhou-me:

"— O espelho não ficará muito tempo em vossa posse. Porque os objetos divinos não são de molde a suportar indefinidamente a companhia dos homens. Ademais, o século não chegou ainda ao fim de suas desgraças. Apressai-vos a voltar para vosso país, valendo-vos da circunstância de o espelho estar ainda em vossas mãos para assegurar a viagem de regresso.

"Obedeci ao conselho do sábio. No dia seguinte, pus-me a caminho. Chegado à província de Hopei tive, certa noite, um sonho. O espelho cochichava-me:

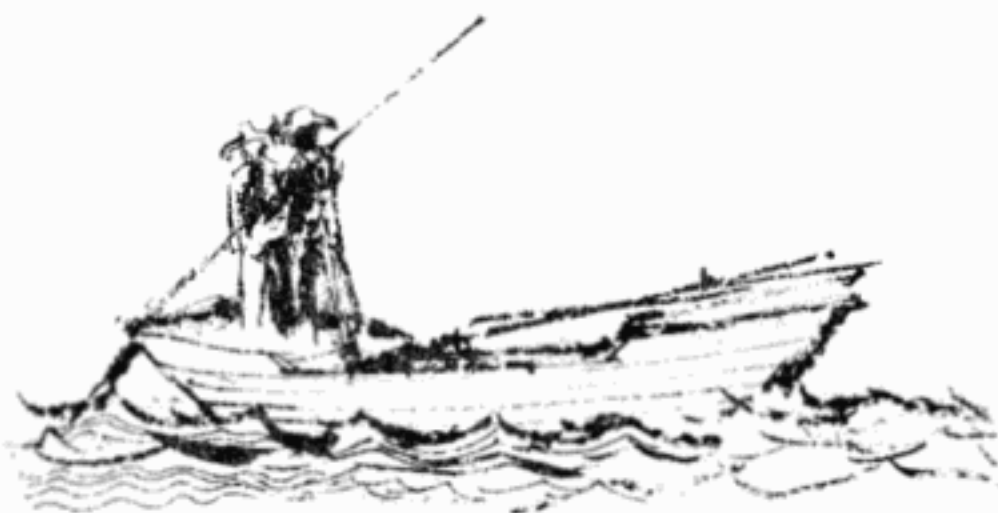
"— Estou resolvido a deixar, por longo tempo, o

mundo dos humanos. Meu maior desejo é dizer adeus ao teu irmão, que me tratou sempre com deferência e amizade. Volta, pois, sem tardança, a Tchang-ngan!

"No sonho, prometi ao espelho que executaria seu desejo. Ao acordar, lembrando a promessa, senti grande inquietação, que me obrigou a, sem perda de tempo, pôr-me a caminho da capital. Eis-me aqui, pois, irmão. Cumpri a palavra dada ao espelho, mas receio que a hora de sua desapareição esteja próxima."

Passaram-se muitas luas sem incidentes. Depois chegou o décimo quinto dia da sétima lua do ano trinta de Tai-yei. Encontrava-me, na época, em Ho-tong, minha terra natal. Na tarde desse dia memorável, uma queixa dolorosa fez-se ouvir, vinda do estojo do espelho. Houve, depois, um assobio agudo, ao qual se seguiu um rugido lúgubre de tigre ou de dragão. O ruído durou bastante. Quando o silêncio voltou a reinar, abri receosamente o estojo: o espelho antigo, o precioso legado de meu mestre Heú Seng, desaparecera sem deixar vestígios.

(Tradução de Alda de Carvalho Ângelo)



Viagem ao Interior de um Travesseiro

Chen-Tsi-Tsi

No ano sétimo da época Kiai-yuan (*), um tauísta, conhecido pelo nome de Pai Li, errava pela região de Han-tang. Certo dia, em que tivera de se deter numa estalagem de muda, o monge, enquanto esperava, tirou o boné, desapertou o cinto e sentou-se no chão, apoiando o peito contra o saco de viagem.

Nesse instante, entrou na estalagem um jovem vestido com trajes simples de camponês. Chamava-se Lu. De volta dos campos, detivera-se, como de costume, na pousada. Sentou-se na mesma esteira do tauísta e entre ambos logo se entabulou agradável palestra.

Passou-se algum tempo. Olhando tristemente para seu vestuário velho e coçado, o jovem soltou um longo suspiro:

— Dizer que sou homem de bem e que não tenho sorte na vida! Como sou desgraçado!

O velho tauísta ficou surpreso:

— Vendo-vos, ninguém diria que sofreis de algum mal! Por que tão súbito suspiro?

— Arrasto-me pela vida, eis tudo. Não tenho qualquer alegria — retrucou o jovem, obstinadamente.

— Se isso não é alegria, que mais esperais para ser feliz?

— Um homem de cultura — prosseguiu o jovem Lu, com gravidade — deve levar a cabo grandes empresas e granjear fama. Deve chegar a general-comandante de um exército expedicionário, ou a primeiro-ministro do Império. Tem de comer, por assim dizer, somente da panela governamental e ouvir apenas música de classe. É necessário que logre fazer com que prosperem tanto sua família quanto seus bens. Só então poderá falar em alegrias, em abastanças!

Ao cabo de uma pausa, prosseguiu:

— Jovem ainda, apliquei-me ao estudo com ardor e inteligência. Em muitos sentidos, sou homem bem dotado. Acreditei, outrora, poder atingir, sem dificuldade, altas posições na magistratura. Mas, como vêdes, aqui estou, homem feito e labutando ingloriamente nos campos. Não é lamentável?

Seguiu-se longo silêncio. O jovem Lu parecia estar prostrado de fadiga e desejoso de cochilar um pouco. Entrementes, o estalajadeiro, absorto, ocupava-se em

(*) Aproximadamente 712-741.

assar milho na estufa. O velho monge, tirando de sua bagagem um travesseiro, estendeu-o ao jovem:

— Descansai neste travesseiro e alcançareis honrarias e fortuna. À vontade.

Era um travesseiro de porcelana, oco, pintado de azul. Mal o jovem Lu pousou a cabeça nele, viu, distintamente, a cavidade lateral alargar-se e fazer-se cada vez maior. O jovem, erguendo-se, por ela entrou sem dificuldade, e achou-se, da maneira mais simples do mundo, de volta à sua própria casa.

Meses depois, desposou uma jovem muito bela, da família Tsoei, de Tsing-ho. Entrementes, sua fortuna crescia rapidamente e ele começava a sentir o coração mais aliviado. A partir de então, passou a ter vestes e carros reluzentemente novos, exatamente como desejara.

No ano seguinte, apresentou-se aos concursos oficiais e foi aprovado. Pôde, enfim, pôr de lado suas roupas de plebeu e ostentar a insígnia de funcionário. Depois, candidatou-se aos exames da Corte e foi neles igualmente bem-sucedido. Nomeado subprefeito de Wei-nan, era logo depois promovido a censor imperial. Graças ao seu novo posto de oficial de ordenança do monarca, passou à frente dos mais altos dignitários. Consagrava-se agora unicamente à redação de éditos. Três anos mais tarde, foi de novo enviado à província com o título de prefeito. Ávido de glórias, mandou escavar um canal de 80 li, na província de Chansi, a fim de facilitar a navegação. A população regozijou-se enormemente com esse benefício e, como prova do seu reconhecimento, mandou erigir um monumento em honra do prefeito.

Depois de ter sido prefeito e inspetor-geral de diversas províncias, foi finalmente nomeado prefeito da capital. Nesse ano, o Imperador estava em dificuldades com as tribos insubmissas do Oeste. O soberano, que era ambicioso, quis aproveitar-se da oportunidade para alargar os seus domínios. Os rebeldes, porém, avançavam e acabavam por ocupar uma importante cidade fronteiriça, assassinando-lhe o governador. O monarca, que andava à procura de um homem de talento para comandar suas tropas, resolveu nomear Lu governador militar da região ameaçada, com o título de secretário de Estado. Lu conseguiu, não sem dificuldades, desbaratar os invasores. Anexou assim, ao território do Império, uma região de novecentos li. Depois, mandou edificar, nos pontos estratégicos, três grandes cidades fortificadas. A população da fronteira, liberta do pesadelo da invasão, ergueu uma estela de mármore sobre o Monte Kiu-yen, em honra do vencedor.

De volta à Corte, Lu foi cumulado de favores imperiais que faziam empalidecer de inveja seus colegas. Sucessivamente, foi ministro do interior, ministro das finanças e chanceler da Corte. Gozava de alto conceito perante a opinião pública e era benquisto pelo povo. Dentre os que se consideravam mais prejudicados pelos

êxitos de Lu, estava o primeiro-ministro, um velho magistrado. Este não descansou enquanto não deitou a perder seu impertinente rival. Conseguiu, por meio de intrigas e calúnias, comprometer-lhe o prestígio. O efeito dessa campanha desmoralizadora não tardou a fazer-se sentir. Lu foi destituído de seu alto posto e enviado para uma região distante, no cargo de simples prefeito.

Três anos depois, voltava à Corte para ali desempenhar funções de secretário permanente do Imperador. Mais tarde, foram-lhe confiados graves assuntos de Estado, passando ele a exercer funções de membro do Conselho Imperial. Viu-se, assim, no centro do poder, durante dez anos. Diariamente lhe chegavam ordens secretas do soberano. Todo projeto de alta política, uma vez assentado, era-lhe comunicado. O país prosperava e Lu gozava da reputação de bom ministro.

Quis a fatalidade que tais êxitos provocassem de novo o ciúme dos invejosos. A todo preço, procuravam os confrades de Lu perdê-lo, dessa vez definitivamente. Acusaram-no de conivência com um general rebelde, cuja guarnição se havia sublevado na região fronteiriça. O Imperador assinou um mandado de prisão e os oficiais e guardas da prefeitura conduziram Lu para o cárcere, como se fosse um reles criminoso.

Consternado, humilhado, Lu pressentia o pior. Ao partir, chorou amargamente diante da esposa:

— Eu tinha um teto nos campos de Chang-tong, e possuía terras férteis, mais do que suficientes para viver. Por que não me contentei com isso? Por que me esforcei tanto e tão avidamente para alcançar honrarias? Eis agora a que ponto cheguei. Quem me dera poder novamente vestir as roupas grosseiras de camponês e passear alegremente, pelas ruas de Hantang, montado no meu pônei azul! Ai de mim, que tal nunca mais me será consentido...

Dito isso, Lu puxou da espada e tentou cortar o pescoço, mas a mulher lhe deteve o braço.

Os demais acusados de conspiração foram todos condenados à morte e executados. Graças a uma intriga de eunucos, Lu logrou escapar à pena capital, mas foi exilado para Huantcheú.

Passaram-se muitos anos. A inocência de Lu foi finalmente provada perante o Imperador. Este, imediatamente, mandou restituir àquele o cargo de secretário de Estado, juntamente com o título honorífico de Duque de Yen-ru. Daí por diante, o soberano passou a cumulá-lo de favores excepcionais e ele nunca mais conheceu revezes.

Lu tinha cinco filhos. Todos eram dotados de grande talento e ocupavam altas funções no governo. Entre eles, distinguia-se sobretudo o mais novo. Aos vinte e oito anos, foi nomeado ministro. Os irmãos Lu contraíram matrimônio nas mais nobres famílias do Império. A felicidade do velho Lu era ainda aumentada pela pre-

sença de uma dezena de netinhos.

Estava ele, pois, no apogeu da prosperidade e das honras; sua carreira de homem de Estado ia para mais de cinquenta anos. Por duas vezes, no longo trajeto, conhecera o exílio e a mais tenebrosa desgraça. Mas quis a sorte que, depois de cada queda, encontrasse meios de levantar-se e de reaparecer no cenário governamental.

Que de vezes não recebera ele, das próprias mãos do soberano, terras férteis, mansões senhoriais, belos cavalos e belas mulheres! Seu gineceu guardava belezas classificadas entre as primeiras do século! Era, por inclinação natural, amigo dos prazeres e das extravagâncias!

Fatigado pela idade, solicitava ao Imperador, com insistência, a reforma, mas em vão. Acabou por cair doente. Por ordem do monarca, mensageiros se aglomeravam à sua porta para saber novas do seu estado. Médicos célebres, remédios preciosos, nada foi negligenciado para tentar sua cura. Apesar disso, a morte aproximava-se rapidamente. Na véspera do trespassar, Lu enviou uma mensagem de adeus ao Imperador, vazada nestes termos:

"Eu, vosso humilde servidor, era, de origem, um simples estudante de Changton, não tendo outra ocupação senão o trabalho nos campos e nos jardins. Quis o acaso que eu pudesse aproveitar-me dos altos destinos do Império e ascendessem à hierarquia dos magistrados. Depois, graças aos favores celestes, que ultrapassaram, naturalmente, meus méritos, ocupei, durante muitos anos, uma após outra, as mais altas funções no governo e no exército. O receio de mostrar-me indigno de vossa bondade celeste, ou de ser inútil ao vosso reinado tão cheio de sabedoria, não me consentiu gozar qualquer repouso no decurso de toda a minha vida. Tal pensamento me atormentou dia e noite, até que a velhice teve pena de mim. Eis-me, agora, no limiar da morte. Amanhã, as horas e os dias cessarão, para mim, seu curso. Octogenário, por que deveria eu lamentar a sorte destes nervos e ossos desgastados até a última fibra? Um remorso, porém, punge-me a consciência na hora da despedida final; receio não ter cumprido integralmente meus deveres para com vossa alta claridade. Mas, contra minha vontade, tenho que deixar para sempre vosso grande reino com um sentimento de infinita devoção e de reconhecimento."

No dia seguinte, o Imperador lhe concedeu a seguinte resposta:

"Dotado de virtudes incomparáveis, fostes-me um colaborador de primeira ordem. Durante anos, mantivestes a segurança nas fronteiras e a paz no Império. Graças ao vosso devotamento, meu reino floresceu. Até há poucos instantes, julguei que vossa doença fosse passageira. Quem haveria de crer que fosse ter tão graves conseqüências? Exprimo-vos minha compunção e ordeno ao general da cavalaria imperial, Kao, que me represente junto à vossa cabeceira. Cuidai bem de vós

mesmo por amor de mim, vosso amo, e fazei por nutrir a esperança de um pronto restabelecimento!"

Nessa mesma tarde, Lu expirou.

O jovem Lu acordou. Espreguiçou-se. Olhou em torno de si e constatou que ainda se encontrava na pousada, estendido sobre a esteira. A seu lado, o velho tauísta continuava sentado, taciturno e imóvel. O milho do estalajadeiro ainda não estava de todo assado. O cenário não mudará. O jovem ergueu-se de um pulo, cheio de surpresa, e perguntou em voz alta:

— Será que sonhei?

— Com aquilo que se chama a grande felicidade da vida acontece o mesmo — disse calmamente o tauísta, como se falasse consigo próprio.

Por longo tempo, o jovem permaneceu pasmado, inconsolável. Depois, agradeceu ao tauísta, dizendo-lhe:

— Tudo quanto diz respeito ao caminho que leva à honra ou à humilhação, aos ensejos de prosperidade e de miséria, às razões de êxitos e de revezes, assim como ao sentimento da vida e ao da morte — acabo eu de experimentar, segundo creio. Compreendo tudo agora. Pois conseguistes, mestre, dissipar-me as ilusões. Vossa lição será para sempre lembrada.

Saudou muitas vezes o Pai Li, encostando a fronte no solo. Depois foi-se embora.

(Tradução de Alda de Carvalho Ângelo)





A Vida de Li Wa

Po Hieng Kien

Adama de Pin-kuo — em solteira Li Wa — fora cortesã em Tchang-ngan. Todavia, como o resplendor de suas virtudes é digno dos maiores encômios, propus-me narrar aqui a história de sua vida.

O prefeito de Tchan-tcheu, Duque de Yon-yang, cujo nome omito por respeito, gozava, em sua época, de grande estima. Os membros de sua família eram muitos; no entanto, contava o Duque já cinqüenta anos quando seu filho único alcançou a maioridade. O rapaz tinha talento para as letras e levava de vencida todos os companheiros de estudo. Todos o admiravam. O pai o estimava tanto, que costumava dizer dele:

— Este será o potro pródigo da família e percorrerá mil léguas num só dia!

Tendo que prestar exames para o bacharelato, o rapaz cuidou de partir para Tchang-ngan, capital do Império naquele tempo. O pai proveu-o de rico enxoval e, calculando quanto lhe seria necessário para viver na Capital, disse-lhe:

— Honorável filho, tenho grande confiança na tua capacidade e não acredito que te seja necessário repetir o curso. Sairás, seguramente, vitorioso logo ao primeiro encontro. Não obstante, eis aqui dinheiro suficiente para dois anos — mais do que suficiente. Graças a ele, serás dono de ti mesmo.

Contente e orgulhoso, o estudante julgava que lhe seria mais fácil brilhar nos exames do que apontar, com o dedo, a palma da mão. Ao cabo de um mês de viagem, chegou a Tchang-ngan, instalando-se no bairro chamado de Os Negócios Correntes.

Certo dia, em que fora visitar um amigo que morava no sudoeste da cidade, ocorreu-lhe, na volta, dar um passeio pelo mercado de Leste, cujo acesso se fazia pela Porta da Paz e da Segurança. Ao atravessar a Rua do Jade Sonoro, atraiu-lhe a atenção uma casa cujo póstico e pátio de entrada não eram grandes, mas cujos pavilhões pareciam ser amplos e bem situados. Uma jovem estava parada no umbral da porta, em companhia de uma escrava de tope baixo. A donzela era dotada de extraordinária beleza e seus gestos e movimentos tinham um ritmo e um encanto verdadeiramente únicos. Ante essa aparição, o estudante deteve, sem querer, o corcel. Permanecia indeciso, sem saber que fazer, mas sem po-

der, tampouco, ir-se. Deixou cair o chicote e ficou à espera de que algum laçao viesse erguê-lo do chão. Entretanto, permanecia de olhos fitos na moça, que parecia retribuir-lhe, admirativamente, o interesse. Por fim resolveu partir, sem ter-lhe dirigido uma única palavra.

Desde aquele momento, o estudante perdeu a cabeça. Convocou discretamente um amigo em quem depunha a máxima confiança e pediu-lhe informações sobre a formosa donzela.

— Lá é a casa da senhora Li, dama “profissional” — explicou o amigo.

— E se aquela moça é sua filha, talvez seja possível eu conseguir-lhe a mão. Que achas?

— A senhora em questão é deveras rica. Não frequenta senão os nobres e os abastados e assim logrou amealhar muito dinheiro. Creio que seu coração só poderia ser conquistado com milhões, se é que os tens.

— Receio apenas fracassar nos meus propósitos — replicou o estudante. — Não me importa gastar milhões.

Certo dia, pois, ataviado esmeradamente e seguido de imponente séquito, o estudante compareceu à casa de Li. Ao cabo de um momento, uma criada gentil veio abrir-lhe o portão.

— Desejaria saber quem é o dono desta casa — declarou o estudante.

A criada correu para dentro, sem responder-lhe, gritando:

— Honorável senhorinha, é o que deixou cair o chicote no outro dia.

Uma alegre voz de moça se fez ouvir ao longe:

— Que espere um instante. Vem preparar-me e vestir-me para recebê-lo.

O coração do estudante se pôs a bater mais rápido. Conduziram-no a um biombo, no primeiro pátio, onde uma dama de cabelos brancos, alquebrada pelos anos, veio saudá-lo: era a mãe. O visitante inclinou-se até o solo.

— Disseram-me que alugais quartos. É verdade? — perguntou.

— Receio que sejam demasiado exíguos e rústicos para serem dignos de vossa elevada senhoria. E como me atreveria a falar no preço do aluguel?

Enquanto ia dizendo estas palavras, conduzia o jovem a um salão luxuosamente mobiliado. Sentando-se, depois, diante dele, acrescentou:

— Tenho uma filha muito jovem e delicada, que ainda não sabe muito da vida. Ela terá, seguramente, grande prazer em conhecer-vos.

A moça foi chamada. O brilho dos seus olhos, a alvura dos braços, a graça e a elegância dos gestos causaram tal impressão ao estudante, que este se levantou sem atrever-se a olhar para a jovem. Saudaram-se, de acordo com o ritual, e palestraram sobre diversos tópicos. Tudo, na gentil donzela, era de tão sutil encanto, que nosso amigo jamais supusera pudesse existir algo

semelhante. Mas a dona da casa, atenta às cerimônias habituais, mandava servir o chá e as bebidas alcoólicas em vasilhas de fina porcelana.

O tempo passava, a noite se aproximava. Soaram os tambores anunciando o pôr do sol. A anciã informou-se da distância a que se achava a residência do visitante. Com a esperança de que o retivessem para a ceia o moço deu-lhe indicações falsas, falando de um lugar muito distante.

— Vivo a várias léguas além da Porta de Paz Dourada — disse.

Mas a velha, fingindo não compreender-lhe as intenções, respondeu:

— Pois o tambor já se fez ouvir. Apressai-vos a retornar à vossa morada, obedecendo ao sinal.

— O tempo se passou tão rápido, estando eu ao vosso lado, — insistiu o visitante — que não vi a noite cair. Quão longo me parece o trajeto de regresso! E, sem família na cidade, é-me deveras penoso!

Interveio a moça:

— Vós, que não haveis levado em conta a humildade de nossa pobre casinha, tanto que desejastes alugar quartos, não vos atreveríeis a passar uma única noite nesta indigna morada?

O estudante olhava, inquieto, para a anciã, mas a jovem, impaciente, repetiu:

— Então, combinado?

O rapaz ordena aos criados que tragam duas peças de brocado fino para pagar os gastos da noite, mas a jovem, rindo-se, o detém:

— Não. Não podemos receber-vos dessa forma. Esta noite, os gastos correm por nossa conta. Humíldes anfitriãs, oferecemos-vos quanto haja em casa. Guardai vossos ricos brocados para melhor ocasião.

Por mais que insistisse o estudante, foi em vão. Instalaram-no na sala do Oeste. Os móveis e as tapeçarias eram de estilo antigo, e luxuosos. O leito, o toucador de laca vermelha, tudo era do gosto mais apurado. Serviu-se uma ceia variada e abundante, à luz de candelabros de prata. Foram trazidos pratos sobre pratos, desde barbatanas de tubarão até o refinado ninho de andorinhas.

Quando terminaram os ágapes, a anciã se ergueu e retirou-se. Todavia, a palestra entre os jovens não diminuía de entusiasmo; pelo contrário, animava-se cada vez mais, interrompida por risadas e brincadeiras. Disse o rapaz:

— No outro dia, passei casualmente pela tua casa. Que doce coincidência! Desde o momento em que te vi no umbral da porta, não mais conheci descanso nem sossego. Não podia fazer outra coisa senão pensar em ti, ao comer, ao beber e mesmo ao dormir.

— Também meu coração ficou perturbado — declarou ela, confusa.

— Para dizer a verdade, não vim hoje para alugar quartos, mas para realizar os meus desejos. Quem sabe se...

Não terminara a frase quando apareceu a velha senhora que, com a curiosidade própria das de sua idade, quis que os jovens lhe contassem pormenores da palestra. Logo exclamava, rindo:

— Entre homem e mulher sempre existe o desejo. Quando o amor se apoderar de ti, nem mesmo a vontade de teus pais terá algum poder. Esta minha humilde filha, crês que será verdadeiramente digna de oferecer-vos a almofada e a esteira? (*)

Ao ouvir essas palavras, o estudante, louco de alegria, apressou-se a saudar a anciã, a fim de testemunhar-lhe sua profunda gratidão.

— Sou o vosso mais humilde servo — disse.

A velha aceitou-o, então, por genro, e os três beberam até a embriaguez.

No dia seguinte, mandando trazer suas bagagens, o estudante se instalou na casa das senhoras Li. Deixou de aparecer na cidade e de mandar notícias aos pais e aos amigos. Passava os dias entre mãe e filha, com cantoras, bailarinas e gente de toda espécie, com elas vivendo no maior desenfreamento. Seus recursos não tardaram a esgotar-se: teve que vender suas magníficas montarias e despedir os lacaios. Ao cabo de pouco mais de um ano, privado de bens, equipagem e domésticos, viu-se na pobreza.

A essa altura, a velha dama mostrou-se cansada da sua presença, embora o amor da filha fosse cada vez mais ardente. Um dia, disse esta ao companheiro:

— Mais de um ano se passou e ainda não temos descendência. Ouvi dizer que a Divindade dos Bosques de Bambu responde às preces como o eco à voz. Vamos fazer-lhe nossas oferendas e rogos?

Sem a menor suspeita, o jovem aceitou, com alegria, a proposta. Teve de empenhar seus últimos trajes de brocado para comprar as oferendas. Ambos os jovens partiram em peregrinação. No regresso, o estudante seguia o palanquim da esposa montando um pobre asno; ao chegarem à entrada da cidade, disse a moça:

— Nesta ruazinha da direita está situada a casa de minha tia. Que tal se fôssemos visitá-la?

O estudante não tinha outra vontade senão a da companheira, e aceitou de bom grado. Mal haviam dado alguns passos quando depararam um portão muito grande, aberto, pelo qual se vislumbrava um interior espaçoso. Uma criada fazia sinais com a mão.

— Chegamos.

Enquanto o estudante desmontava a sua humilde montaria, alguém saiu da casa e perguntou-lhe:

— Da parte de quem?

(*) Expressão que significa: *ser vossa esposa*.

— É a Senhorinha Li — respondeu.

O criado anunciou os visitantes e, logo depois, apparecia uma dama de uns quarenta anos de idade. Dirigiu-se ao rapaz, como se o julgasse um laçao, inquirindo:

— Veio minha sobrinha?

A jovem saiu do palanquim e a dama, abraçando-a, disse:

— Por que nos desdenhaste tanto tempo?

As duas mulheres se olharam, prorrompendo num riso alegre. A jovem apresentou o estudante à tia; ele se inclinou profundamente. Uma vez terminadas as cerimônias de apresentação, os visitantes foram levados a um pátio lateral cuja porta estava adornada com lanças cruzadas. No jardim, rochas artificiais sustinham um elefante quiosque, à sombra de árvores frondosas e frondentes bambus. Largas galerias circundavam um tanque; era um conjunto agradável, poético, encantador. O jovem murmurou ao ouvido da companheira:

— Esta é, pois, a residência particular de sua tia?

Elidindo a resposta, a moça falou de outras coisas. Foram servidos chá e frutas raras quando, mal havia terminado o lanche, chegou um homem, suado e exausto, montado num soberbo cavalo tártaro, que, dirigindo-se à jovem, disse-lhe:

— A honorável anciã caiu repentinamente enferma; já não reconhece ninguém, tão grave é o seu estado. É preciso que regresseis imediatamente para casa.

— Meu coração me abandona... — disse a jovem à sua tia. — Para voltar, preciso da rapidez de um cavalo, não da lentidão de um palanquim. Mandarei o corcel logo de volta, para que recolha a ti e ao meu amigo.

O estudante estava prestes a segui-la, mas, depois de conversar de parte com uma escrava, a tia o deteve com um gesto de mão.

— A velha e honorável dama pode falecer — disse-lhe — e necessitarei dos teus conselhos para o funeral. Este é coisa urgente e muito séria, conforme sabes. Por que partir com tanta pressa? A nobre dama necessita apenas da filha.

Tais boas razões convenceram o estudante. Calcularam-se os gastos necessários para o enterro. Mas a noite caía e o cavalo não chegava. Então a tia, inquieta, declarou:

— Não vem ninguém. Vai ver o que se passou. Sigo-te imediatamente.

Com toda a velocidade de que era capaz seu asno, partiu nosso estudante em demanda da casa de Li. Mas qual não foi a sua surpresa ao ver a porta fechada e as fechaduras seladas com argila! Um vizinho lhe disse, em resposta às suas perguntas.

— Os Li eram apenas locatários da casa. Terminado o contrato, como o proprietário não o renovasse, mudaram-se há dois dias.

— Para onde foram? — inquiriu, aflito, o estudante.

— Não sei.

Pensou em voltar imediatamente à casa da tia, mas já era noite avançada. Deixando ali a bagagem, cuidou de ir à procura de alojamento e comida, dispondo-se a pernoitar em alguma estalagem, a crédito, visto já não ter mais dinheiro de seu. Enfurecido pela sua aventura, não conseguiu conciliar o sono. Ao amanhecer, pôs-se a caminho, depois de ter arreado o pobre burro. Chegado à casa da tia, também encontrou o portão fechado e começou a nele bater com grande estrépito. Passou-se longo tempo sem que ninguém respondesse. Chamou aos gritos, e então, a passos lentos, apareceu um pequeno serviçal. Sem mais preâmbulos, interpelou-o o estudante:

— A tia está em casa?

— Aqui não há ninguém.

— Mas ela estava ontem à noite! Por que se esconde?

E, ao perguntar a quem pertencia a casa, obteve uma resposta surpreendente:

— É propriedade do antigo ministro Tsoei. Alguém veio alugá-la para receber uns parentes que chegavam de longe e que se foram embora ontem à noite.

O estudante ficou a princípio aterrado, logo furioso. Não sabia que fazer. Por fim, voltando ao antigo bairro dos Negócios Correntes, explicou sua desgraça ao dono da casa.

Este, compadecido, fê-lo entrar e ofereceu-lhe comida. Contudo, durante três dias e três noites, o hóspede se recusou a tomar qualquer alimento, queixando-se e lamentando-se continuamente.

Caiu gravemente enfermo e, ao cabo de dez dias, como o seu estado piorasse, o dono da casa, temendo uma morte iminente, fê-lo transportar para uma agência funerária. Todos os empregados desta, cheios de compaixão, ofereceram-lhe os melhores manjares de que dispunham. O enfermo acabou por melhorar, aos poucos e, depois de algum tempo, já era capaz de dar uns passos com a ajuda de um bastão. Então, para que ganhasse algum dinheiro, deram-lhe emprego nos cortejos fúnebres, para carregar os pálios mortuários. Meses mais tarde, o estudante estava completamente restabelecido.

Cada vez que ouvia cânticos elegíacos, lamentava-se do seu destino, que considerava pior do que a morte, e punha-se a soluçar amarguradamente. Homem inteligente, não levou muito tempo para aprender os cânticos mágicos dos mortos. Logo não havia em Tchang-ngan quem cantasse como ele.

Naquela época, várias eram as casas funerárias que competiam entre si. A agência de Leste possuía veículos de magnificência sem par, mas seu coro elegíaco era medíocre. Ao saber que o estudante arruinado era excelente cantor, o diretor dessas pompas fúnebres o contratou pelo preço de vinte mil sapecas. Os veteranos, en-

cantados com o rapaz, esmeravam-se em aperfeiçoá-lo e, durante vários anos, ensinaram-lhe, em segredo, melodias inéditas.

Certo dia, os diretores das agências travaram um desafio.

— Apresentaremos nossos conjuntos de cantores em concurso aberto, perante o público, na Avenida da Porta Celeste, e assim saberemos a quem corresponde a superioridade. O vencido terá de pagar um magnífico festim, no valor de cinquenta mil sapecas.

De acordo, pois, sobre as condições do concurso, expuseram-nas por escrito para que o público delas tivesse conhecimento, e tudo ficou acertado para o dia famoso. Milhares de homens e mulheres vieram assistir ao espetáculo. O alcaide do bairro comunicou a notícia ao chefe da Segurança, que, por sua vez, a retransmitiu ao prefeito da Capital. Toda a cidade se dispôs a assistir ao extraordinário concurso, e as ruas ficaram desertas.

Tendo começado de manhã, o concurso durou até o meio-dia e, em cada prova, a agência funerária do Oeste era derrotada a tal ponto, que seus funcionários se sentiam humilhados. Ergueram, então, um estrado muito alto, num rincão da avenida, e um ancião de barba branca, tocando uma campainha adiantou-se. Algumas pessoas o seguiram. O ancião agitou os braços, contraindo as sobrelanceiras e franzindo a testa; depois, erguendo cuidadosamente a barba, subiu ao estrado. De lá, pôs-se a cantar o *Branco Corcel*. Seguro do seu talento, olhava para a direita e para a esquerda, como se, para ele, o público não existisse. A multidão o admirava, unanimemente. O cantor barbudo se acreditava vencedor e sem rival possível.

Entrementes, o diretor da funerária de Leste fizera erguer outro estrado em frente ao do seu adversário. Um jovem bem posto, coberto com um gorro escuro, escoltado por cinco ou seis colegas, com um *pay-pay* de penas e de largo cabo de marfim na mão, subiu ao estrado. Era o nosso estudante. Sem apressar-se, arrumou as vestes; depois, com o rosto entristecido, começou a cantar *O Orvalho Sobre as Ervas*. Clara e sonora, sua voz era capaz de fazer estremecer as árvores do bosque. Antes que terminasse sua canção, o auditório vertia lágrimas amargas e prorrompia em soluços.

O diretor das pompas fúnebres de Oeste se converteu em alvo de todos os sarcasmos. Acabrunhado pela vergonha, pagou as cinquenta mil sapecas que devia ao seu concorrente, e escapuliu-se sigilosamente, para grande decepção do público, que esperava se prolongasse tão interessante concurso.

Naqueles tempos, um édito imperial determinava que os governadores de província comparecessem anualmente à Capital. Assim foi que o pai do nosso estudante teve de ir a Tchang-ngan, precisamente no momento em que era celebrado o concurso das funerárias; o Duque Yong-yang, juntamente com alguns cole-

gas, fazia, pois, parte da multidão. Um criado antigo, que o acompanhava e que era genro da ama do rapaz, notou algo de estranho na voz e nos gestos do jovem cantor, que lhe trouxe à tona remotas recordações. Não se atrevia a gritar em meio do público, mas as lágrimas saltavam-lhe dos olhos. O amo também estava comovido, mas perguntou ao criado a causa de tanta emoção.

— Esse jovem se parece extraordinariamente com o filho desaparecido de Vossa Senhoria — retrucou o velho criado.

— Como queres que o seja? Meu filho levou consigo uma soma muito grande de dinheiro, e foi, decerto, assassinado pelos bandidos. Só assim se explicaria que nos deixasse tanto tempo sem notícias.

Todavia, ao dizer isso, também chorava. Antes de se retirar da praça, o criado inventou um pretexto para acercar-se do grupo formado pelos funcionários da agência funerária.

— Quem é o jovem que cantava tão bem? — perguntou.

— É o filho de Fulano — responderam-lhe.

Era um nome fictício, porquanto o estudante ocultava o verdadeiro. A fraude, contudo, não fez mais que intrigar o velho; esgueirou-se, habilmente, para junto do rapaz, e este, ao vê-lo e ao reconhecê-lo de pronto, quis esquivar-se e desaparecer, mas o ancião, agarrando-o pela túnica, disse-lhe:

— Não é Vossa Sênhoria o meu jovem amo?

Ambos se abraçaram, então, soluçando. Quando, porém, levaram o rapaz ao pai, este lhe observou, duramente:

— Gostas muito de tua profissão, hein? Não compreendes que desonras nossa família?

Fez com que o estudante fosse levado à saída da cidade e, chegados a um vasto jardim deserto, ordenou que o despissem e que lhe aplicassem cem golpes de bambu. O jovem desmaiou; o Duque foi-se embora, sem olhar para trás.

Quando o velho criado chamara seu jovem amo, o chefe dos coros fúnebres, dando-se conta do fato, fizera com que um esbirro seguisse o rapaz. O esbirro assistiu a tudo; foi relatar o ocorrido na funerária, dizendo que o rapaz morrera. A notícia consternou profundamente toda a agência. Dois homens com uma esteira foram enviados para sepultarem o infeliz companheiro; ao chegarem, porém, ao local onde jazia o estudante, viram que seu coração ainda pulsava. Ergueram-no. Pouco a pouco, o açoitado começou a respirar de novo; os coveiros o levaram, amparado, até a agência. Ali, foram-lhe administrados socorros e, no dia seguinte, ele estava a salvo.

Entretanto, mesmo ao cabo de um mês, não podia mover nem os braços nem as pernas. Depois, suas feridas começaram a infeccionar-se e ficaram cheias de

pus. Desprendiam tal fedor que os empregados da agência não o podiam suportar. Certa noite, retiraram o enfermo do estabelecimento e o largaram no meio da rua. Os transeuntes, compadecidos, atiravam-lhe restos de alimento, a fim de que não morresse de fome. Ao fim de três meses, ele já conseguia erguer-se com o auxílio de um bastão. Coberto com um abrigo grosseiro e esfarrapado, dentro do qual mais parecia um pássaro estrangulado, com uma tigela quebrada na mão, passava os dias vagabundeando e mendigando pelas ruas e vielas da cidade.

No fim do outono e no princípio do inverno, passou a abrigar-se, à noite, numas covas abandonadas, deitando-se sobre o chão coberto de imundícies. Certa manhã em que nevava muito, impelido pela fome e pelo frio, atreveu-se a afrontar a nevasca. Mendigava com voz tão lastimosa, que ninguém poderia ouvi-lo sem sentir o coração confrangido. Todavia, como continuasse a nevar, as casas permaneciam hermeticamente fechadas. O mendigo dirigiu-se à Porta do Leste, no bairro da Cidade Tranquila. Bordejando as paredes, ao chegar à altura da sexta ou da sétima casa, deu com uma porta entreaberta. Era a residência de sua antiga amiga Li, mas ele o ignorava. Repetia, sem cessar, a cantilena lastimosa:

— Morro de fome, de frio e de necessidade, irmãozinhos...

Esmolava com aquela sua voz de cantor fúnebre, capaz de comover até as pedras.

Dos seus aposentos, Li Wa ouviu a voz lastimosa do mendigo. Sobressaltada, disse à criada:

— É ele; reconheço-lhe a voz. Eu a reconhecia entre dez mil.

Precipitou-se para a rua e, ao ver o estudante esquelético, todo coberto de cicatrizes e de farrapos, quase sem aparência humana, sentiu a mais profunda tristeza.

— Vossa Senhoria é o senhor Tal?... — perguntou-lhe.

O mendigo, ao vê-la, desfaleceu, sob o impacto da amarga emoção. Não podendo articular palavra, fez apenas um gesto com a cabeça. A moça abraçou, então, o pescoço encardido do mendigo, envolvendo-lhe o corpo nos seus atavios de brocado, e fê-lo entrar num quarto lateral; ali, pôs-se a soluçar tristemente.

— Por minha causa foi que caíste tanto! — exclamou, semidesfalecida.

A velha Li veio informar-se do que acontecia.

— É o estudante — disse a filha, recuperando-se.

— Que o ponham para fora! Por que o deixaram entrar? — gritava a velha, enfurecida.

Mas a moça, olhando-a gravemente, interrompeu-a:

— Não, mãe. Era filho de uma opulenta família. Chegou à nossa casa atestado de ouro, com numeroso séquito, montado num magnífico corcel. Nós o arruinamos e logo o abandonamos; fizemos dele a vítima de uma intriga infame. Não procedemos com decência. Por

isso, o rapaz perdeu sua fé na vida e foi abandonado pelos seus. Por nossa causa, perdeu igualmente o que tinha de mais precioso no mundo: o afeto do pai. Ei-lo agora reduzido à maior miséria... Todos sabem que fui eu a causa disso.

— Ademais, — prosseguiu a jovem — não faltam, a este moço, parentes ilustres na corte. Se, um dia, algum deles chegar ao poder e souber dessa triste história, aí de nós, mãe! Não poderemos escapar ao castigo, porque fomos indignas, diante do céu e diante dos homens. Os espíritos e os deuses não nos perdoarão!

A velha não dizia palavra. Li Wa continuou:

— Mãe, pertenço-te há mais de vinte anos. Tudo quanto gastei não excederá mil peças de ouro. Já chegaste à respeitável idade de sessenta anos. Reembolsarte-ei das despesas que comigo tiveste durante vinte anos, a fim de comprar minha liberdade. Irei viver nalgum lugar tranqüilo com meu amigo, mas não me afastarei muito; assim poderei vir, todas as manhãs e todas as noites, cuidar de ti e cumprir meus deveres filiais.

Diante da firme e insofismável decisão da filha, a velha não teve outro remédio senão concordar.

Depois de pagar à mãe, sobraram ainda à moça bastantes moedas de ouro. Alugou um modesto apartamento na quinta casa da mesma rua. Ali se instalou e preparou, para o estudante, um banho e roupas limpas. Um caldo de arroz para reanimar o intestino e leite cremoso para fortalecer o estômago. Somente depois de dez dias de tal tratamento foi que começou a servir-lhe comida comum. Para vestir o amigo, a jovem escolhia os brocados mais ricos. Assim se passaram vários meses. Os músculos do estudante iam-se fortalecendo; sua tez recobrava a cor natural. Ao fim de um ano, era outra pessoa.

Certo dia, disse-lhe a moça:

— Honorável amigo, agora que recuperaste a saúde e firmaste de novo a vontade, não poderias reiniciar os estudos?

— Ainda me recordo, em parte, do que aprendi — retorquiu o estudante, depois de pensar um momento.

Mandaram selar os cavalos e saíram, ela no coche, ele cavalgando um corcel. Dirigiram-se ao sul da Capital, onde estão agrupadas as livrarias. Ela insistia para que ele comprasse tudo quanto lhe fosse necessário, sem olhar gastos. Voltaram para casa com o coche repleto de livros.

Exigiu Li do estudante que abandonasse qualquer outra preocupação para melhor consagrar-se aos estudos. Ele trabalhava dia e noite, com afinco. Sentada a seu lado, a moça lhe fazia companhia; não se deitavam senão tarde da noite.

Transcorreram dois anos. O jovem alcançou, nos seus estudos, apreciável resultado. Disse, então, a Li:

— Agora estou em condições de apresentar-me aos exames oficiais.

— Ainda não, — objectou ela — tens de aprofundarte mais. Deves estar completamente seguro de ti mesmo, para poderes enfrentar com êxito os exames.

Transcorrido outro ano, disse-lhe:

— Agora, já podes apresentar-te.

Logo ao primeiro exame, o estudante foi classificado entre os primeiros. Seu nome se tornou célebre entre os examinadores, e seus condiscípulos, maiores do que ele, admiravam-lhe o talento, mesmo quando não o buscassem para amigo.

— Isso ainda não é tudo — disse Li. — És apenas bacharel; deves conseguir aprovação no concurso imperial. Então, poderás aspirar a um posto honroso na administração e gozar de bom renome. Teu passado foi maculado pela tua má conduta; não será com facilidade que lograrás ganhar a estima dos letrados. Afia, pois, ainda mais tuas armas para lograres outras vitórias!

O moço trabalhava com grande zelo, e começou a ganhar a estima de todos.

Naquele ano, tiveram começo os grandes concursos do Império. Um édito imperial convocou a fina flor dos letrados. O estudante apresentou sua candidatura ao concurso das *Palavras directas e advertências radicais*, conseguindo o primeiro lugar. Nomearam-no, pois, Alto Comissário ao exército de Tcheng-tu, na província de Szetchuan.

Quando ele estava de partida, disse-lhe Li Wa:

— Agora, irás ocupar um posto honroso; já não te sou útil, querido. Alegram-me o coração teus êxitos, e é-me deveras doce pensar que recuperaste a dignidade pessoal. Não fui, pois, uma ingrata. Resta-me apenas um desejo: consagrar o resto de minha vida a cuidar de minha mãe, em nosso pequeno retiro. Quanto a ti, tens de desposar uma moça digna da tua categoria social, pertencente a uma família de magistrados. Alcança seu amor, meu amigo, pois deixo-te para sempre.

O estudante reteve-a, chorando:

— Se me abandonas outra vez, degolar-me-ei.

Li Wa não se deixava enternecer. O estudante prosseguia nas suas ardentes súplicas. Por fim, ela lhe disse:

— Acompanhar-te-ei, então, até o sul do Grande Rio, perto do Passo da Espada, à entrada da província de Szetchuan. Dali, deixarás que eu regresse sozinha.

O estudante não teve outro remédio senão concordar.

A viagem até o Passo da Espada durou mais de um mês. Quando se iam separar, partindo cada um em direcção oposta, souberam, por um comunicado oficial, que o Duque de Yong-yang, pai do rapaz, fora nomeado prefeito do Tchengtú. Não demorou para que o novo prefeito chegasse ao Passo da Espada; o estudante foi ao albergue pedir audiência ao magistrado. O pai não se atrevia a crer que o cartão em que se anunciava fosse o do seu filho, mas estranhava-lhe que o visitante fosse do

mesmo país e tivesse o mesmo nome que ele. Quando, por fim, se viram frente a frente, o pai prorrompeu em lágrimas, acariciando, com a mão, o ombro do filho, prosternado aos seus pés. Depois de um longo silêncio, o ancião disse:

— Sejam pai e filho como antes.

Pedi, então, ao estudante que lhe contasse todo o sucedido, desde o momento em que o deixara desacordado no jardim. O rapaz narrou a admirável conduta de Li Wa, e o Duque, profundamente agradecido, expressou o desejo de conhecer a moça. Explicou o estudante que Li Wa estava prestes a regressar à Capital, pois não queria permanecer por mais tempo ao lado do jovem funcionário.

— Impossível — disse o pai. — Tem de ficar.

Tanto o pai quanto o filho tinham de apresentar-se em seus novos postos e partir sem tardança; instalaram, pois, Li Wa numa casa particular e rogaram-lhe que esperasse ali por notícias de ambos.

Não muito tempo depois, o Duque de Yong-yang enviava um casamenteiro para estabelecer as relações entre as duas famílias, como o exigem os ritos. Os esponsais de Li Wa e do estudante foram celebrados com toda a solenidade.

Esposa legítima, Li Wa cumpria seus deveres de nora para com os sogros e de mulher para com o marido. Governava a casa com ordem e autoridade, e todos a amavam.

(Tradução de José Paulo Paes)



O Homem da Barba Crespa

Tu Kuang-Tin

Quando o Imperador Yang, da dinastia Sui (605-618 d.C.), visitou Yangchou, o Conselheiro Yang Su ficou encarregado de guardar a Capital do Oeste. Pois bem: Yang Su era um aristocrata altivo, e julgava que, naqueles tempos revoltos, ninguém no Império o igualava em poder ou prestígio. Dando rédea solta ao seu amor ao luxo e à ostentação, deixou de proceder como súdito. Quando oficiais ou visitantes vinham à sua procura, recebia-os sentado num coxim; só caminhava apoiado, com ambos os braços, em lindas servas. Desarte, usurpou as prerrogativas do Imperador. Pior se tornou na velhice quando, esquecendo seus deveres para com o soberano, não fez qualquer esforço para salvar o Império da completa derrocada.

Certo dia, Li Ching, que se tornaria mais tarde o Duque de Wei, mas que era nessa época apenas um cidadão comum, pediu-lhe uma entrevista, a fim de oferecer-lhe sugestões atinentes à política governamental. Yang Su, como de costume, recebeu-o sentado. Li aproximou-se, fez uma reverência e disse:

— O Império vive em tumulto e os mais audazes ambicionam o poder. Como conselheiro-chefe da casa imperial, Vossa Alteza deveria pensar em reunir homens capazes, e não deveria receber, sentado, os visitantes.

Yang Su ficou impressionado e ergueu-se para pedir desculpas. Depois de conversar com Li, agradou-se muito dele e aceitou o memorando que lhe oferecia.

Enquanto Li falava com tanto brilho, uma das servas de Yang — lindíssima rapariga que estava postada diante deles, segurando um espanador vermelho — olhava-o fixamente. Quando o visitante saiu, ela pediu ao oficial de guarda na porta:

— Pergunta-lhe o nome e onde vive.

Li disse-os ao oficial. A moça assentiu e retirou-se, enquanto o rapaz voltava à sua hospedaria.

Naquela mesma noite, pouco antes do amanhecer, fez-se ouvir uma leve batida à porta do quarto de Li. Quando este se levantou e foi atender, ali encontrou uma estranha, de chapéu, com uma capa vermelha, carregando um bastão e uma mala. Quando lhe perguntou quem era ela, a estranha respondeu:

— Sou a rapariga do espanador vermelho, que vis-

tes na casa do Conselheiro Yang.

Imediatamente, Li fê-la entrar. Quando a visitante despiu o chapéu e a capa, o rapaz viu diante de si uma linda moça, com cerca de dezenove anos, de pele alva, vestida em trajes de cores vivas. A recém-chegada fez-lhe uma reverência, que ele retribuiu.

— Servi Yang Su por longo tempo — explicou a moça — e tenho visto muitos visitantes. Mas nenhum como vós. A vinha não pode crescer sozinha; precisa de uma árvore em que enlear-se. Por isso, vim ter convosco.

— Mas o Conselheiro Yang é homem muito poderoso. Como te atreves a tanto? — interrompeu Li.

— Não vos preocupeis com ele. É um velho imbecil — retrucou ela. — Muitas servas já fugiram, porque sabiam que ele está prestes a cair. Ele não fez muito esforço para reavê-las. Pensei no assunto cuidadosamente. Não vos preocupeis.

A uma pergunta de Li, respondeu que seu nome era Chang, e que era a filha mais velha na sua família. O rapaz achou-a um verdadeiro anjo no que dizia respeito a beleza, maneiras, modo de falar e caráter. Simultaneamente feliz e alarmado pela inesperada conquista, Li não teve, a partir de então, um momento que fosse de paz de espírito. Gente curiosa vivia espreitando-lhe a porta e, por alguns dias, uma busca cuidadosa foi dada na cidade: procuravam a fugitiva. Li e a moça, vestida com trajes ricos, escaparam a cavalo da capital, e dirigiram-se para Taiyuan.

Durante a jornada, detiveram-se numa estalagem em Lingshi. A cama estava arrumada, a carne cozinhava na panela, Chang penteava os longos cabelos diante do leito, e Li tratava dos cavalos lá fora, quando, subitamente, um homem de estatura meã, com uma barba rubra e crespa, montando um burrinho de aspecto lamentável, ali apareceu. Atirou seu alforje de couro para perto do fogo, agarrou um travesseiro e deitou-se na cama, ficando a admirar a rapariga que penteava os cabelos. Irado, mas incerto ainda quanto à atitude a tomar, Li continuou a tratar dos cavalos. A moça olhou fixamente para o rosto do estranho, segurando a cabeleira com uma das mãos, enquanto com a outra fazia sinais a Li para que se contivesse. Depois, terminando rapidamente o arranjo dos cabelos, fez uma reverência ao estranho e perguntou o seu nome. Permanecendo deitado, o interpelado respondeu-lhe que se chamava Chang.

— Meu nome é Chang também — disse ela. — Talvez sejamos primos.

Com outra inclinação, perguntou ao homem qual era a sua posição na família; este lhe disse que era o terceiro filho. Quando ela o informou de que era a filha mais velha na família, o estranho riu e gracejou:

— Então és a mais velha das minhas primas mais jovens.

— Entra, vem conhecer meu primo — disse ela a

Li, que, penetrando no aposento, cumprimentou o estranho e sentou-se ao lado do fogo.

— Que estás cozinhando? — perguntou Barba-Crespa a Chang.

— Carneiro. Deve estar pronto.

— Morro de fome.

Enquanto Li saía para comprar pão, Barba-Crespa tirou uma adaga do cinto e pôs-se a cortar um naco de carne. Os três cearam juntos e, depois de terem terminado, o estranho talhou em pedaços a carne que sobrava e deu-a ao burrico. Seus movimentos eram rápidos e precisos.

— Pareces ser um pobretão — disse Barba-Crespa a Li. — Como conseguiste arranjar mulher assim maravilhosa?

— Posso ser um pobretão, mas não sou tolo — retrucou Li. — A outro, eu não contaria, mas de ti nada ocultarei.

E relatou-lhe tudo quanto acontecera.

— Para onde vais agora? — perguntou-lhe o outro.

— Vou a Taiyuan.

— A propósito, vim sem ser convidado, mas tens algum vinho por aí?

Li explicou-lhe que perto da estalagem havia uma taverna, e foi lá buscar uma jarra de vinho. Enquanto bebiam, Barba-Crespa lhe disse:

— A julgar pela tua aparência e pelo teu modo de agir, és um sujeito resoluto. Conheces alguém notável em Taiyuan?

— Ali conheci um homem que considero verdadeiramente grande — replicou Li. — Meus outros amigos servem apenas para generais e capitães.

— Qual é o nome dele?

— Li-tu.

— Que idade tem?

— Apenas vinte anos.

— Que posto ocupa?

— É filho de um general de província.

— Parece ser esse o homem a quem procuro — disse o estranho. — Mas tenho de vê-lo pessoalmente, para certificar-me disso. Poderias arranjar-me uma entrevista?

— Tenho um amigo chamado Liu Wen-ching, que o conhece bem — explicou Li. — Poderemos arranjar uma entrevista por intermédio de Liu. Mas por que queres conhecê-lo?

— Um astrólogo me contou que houve um estranho portento em Taiyuan e quero vê-lo de perto. Partes amanhã cedo; quando chegarás lá?

Li calculou o tempo necessário; o estranho concluiu:

— Encontra-me, na manhã do dia de tua chegada, na Ponte Fenyang.

Ditas essas palavras, montou no burrico e partiu apressadamente. Logo se perdeu de vista.

Tanto Li quanto Chang estavam surpresos e encantados.

— Um homem assim denodado não nos desapontará — exclamaram. — Não temos por que nos preocupar.

Pouco tempo depois, puseram-se a caminho.

No dia marcado, entraram em Taiyuan e ficaram muito satisfeitos por ali encontrarem o estranho. Foram à procura de Liu e disseram-lhe:

— Um bom astrólogo quer conhecer Li Shi-min (*). Queres mandar chamá-lo?

Como Liu tinha Li na mais alta conta, imediatamente mandou um mensageiro com um recado a Li Shi-min para que viesse. Este chegou sem casaco nem sapatos, abrigado num capote de peles. Transbordava de simpatia e tinha aparência verdadeiramente notável.

Barba-Crespa, que estava sentado em silêncio na ponta da mesa, ficou impressionado com o recém-chegado. Depois de ter bebido alguns copos em companhia dele, chamou Li de parte e disse-lhe:

— Esse será, indubitavelmente, o futuro imperador.

Quando Li contou isso a Liu, este se regozijou e ficou muito satisfeito consigo próprio.

Depois de Li Shi-min ter partido, Barba-Crespa disse:

— Estou quase que totalmente convencido, mas meu amigo, o padre tauísta, deve vê-lo também. Vós ambos, voltaí para a Capital, mas encontraí-me, numa das próximas noites, na taverna a leste de Mahang. Se virdes meu burrico e outro tão magrelo quanto ele, isso significa que tanto eu quanto meu amigo padre ali estamos; podeis entrar, então, na taverna.

Barba-Crespa se foi e os dois trataram de cumprir-lhe as recomendações.

No dia fixado, encaminharam-se para a taverna e viram ali os dois burricos. Erguendo as saias, subiram as escadas e encontraram lá dentro, bebendo, o Barba-Crespa e o padre. Ambos ficaram satisfeitos por ver Li; convidaram-no a sentar-se e beberam, juntos, mais de uma dúzia de copos.

— Embaixo, no armário — disse o homem de barba crespa — encontrarás cem mil em dinheiro. Arranja um lugar tranqüilo para hospedares tua mulher, e encontra-me amanhã na Ponte Fenyang.

Quando Li chegou à ponte, lá deparou com o padre e Barba-Crespa à sua espera. Os três foram, juntos, visitar Liu. Encontraram-no jogando xadrez e, depois de terem-no cumprimentado, puseram-se a conversar. Liu mandou uma nota a Li Shi-min, convidando-o a vir assistir ao jogo. O padre jogava com Liu, enquanto Barba-Crespa e Li apreciavam a partida.

Quando Li Shi-min chegou, sua aparição surpreendeu a todos. Cumprimentou os presentes e sentou-se, parecendo tão sereno e falando tão bem, que a própria atmosfera parecia ter refrescado e adquirido resplendor. À vista dele, o padre empalideceu; quando Li Shi-min

(*) O fundador do Império Tang, que reinou de 627 a 649 d.C.

fez o lance seguinte, o tauísta disse:

— Desisto. Perdi o jogo. Que posso fazer? Nada me resta a dizer.

Abandonou o jogo e partiu. Uma vez fora da casa, disse a Barba-Crespa:

— Não há lugar para ti neste país. É melhor ires tentar fortuna noutra parte. Não desistas nem percas a esperança.

Ambos decidiram encaminhar-se para a Capital.

A Li, disse Barba-Crespa:

— No dia seguinte ao da tua chegada, vem com tua mulher visitar minha humilde morada. Sei que não tens propriedades. Quero apresentar-te minha esposa e conversar contigo. Não faltes.

Depois, suspirando, foi-se embora.

Li voltou para casa. Mais tarde dirigiu-se, com a esposa, para a Capital, a fim de visitar Barba-Crespa. A morada deste tinha uma porta simples e pequena, de madeira. Quando bateram, um homem abriu-a, fez-lhe uma reverência e disse:

— Meu amo espera-vos impacientemente há muito tempo.

Foram conduzidos por uma série de portas internas, cada qual mais magnífica do que a outra. Quarenta jovens servas estavam de serviço no átrio, e vinte escravos alinhavam-se ao longo do corredor que levava à sala de leste, onde depararam com grande profusão de objectos raros e preciosos. Havia tantos e tão ricos escrínios, aparadores, toucados, espelhos e jóias, que os visitantes se sentiram como que fora do mundo. Depois de terem feito suas abluções, vestiram luxuosos trajes e ficaram à espera do anfitrião. Este apareceu, finalmente: trazia uma touca de escumilha e estava abrigado num casaco de peles; sua aparência era a de um monarca. Depois de tê-los cumprimentado cordialmente, o anfitrião chamou a esposa, senhora de grande beleza. Os visitantes foram convidados para o salão central, onde estava posto um grande banquete — mais magnífico do que banquetes oferecidos pelos príncipes — e, enquanto festejavam, vinte raparigas executavam músicas que soavam paradisíacamente. Terminada a refeição, foram servidos os vinhos. Depois, entraram criados trazendo, da sala de leste, vinte coxins cobertos com panos de seda bordados. Removidos estes, Li viu que, sobre os coxins, havia livros de contas, e chaves.

— Estes são todos os tesouros que possuo — disse Barba-Crespa. — Entrego-os a ti. Quis deixar meu sinal de passagem neste mundo, e lutei, com homens destemidos, durante dez ou mais anos para erguer um reino. Mas agora, que o verdadeiro soberano já foi encontrado, por que deveria eu permanecer aqui? Teu amigo Li Shi-min, de Taiyuan, será, sem dúvida, um grande governante, que restaurará a paz no Império dentro de três ou quatro anos. Com as notáveis virtudes que possuis, se te colocares sob sua liderança e te esforçares, alcançarás certamente lugar de destaque entre os con-

selheiros. E tua esposa, com sua grande beleza e discernimento, alcançará fama e honrarias através do seu ilustre marido. Somente uma mulher como ela poderia reconhecer o teu talento; somente um homem como tu poderia trazer-lhe glória. Um ministro sábio acaba encontrando, mais cedo ou mais tarde, um monarca igualmente sábio. Não é por acaso que quando o tigre rugir o vento sopra, e que quando o dragão bramar as nuvens escurecem. Podes usar meus presentes para auxiliar o verdadeiro monarca e levares a cabo grandes feitos. Avante! Daqui a dez anos, a muitos milhares de quilômetros a sueste da China, estranhos acontecimentos terão lugar; isso será quando eu realizar minha ambição. Quando chegar esse tempo, vós ambos deveis beber olhando para o sueste, a fim de me saudarem.

Ordenou aos servos que rendessem homenagens a Li e à sua esposa, dizendo-lhes:

— De hoje em diante, estes serão vosso amo e ama.

Dito isso, Barba-Crespa e sua mulher vestiram uniformes militares e partiram, acompanhados de um único escravo. Dentro em pouco, perdiam-se de vista.

Tomando posse da mansão de Barba-Crespa, Li se tornou um potentado e usou sua riqueza para auxiliar Li Shi-min a conquistar todo o Império.

Durante o período Chen Kuan (627-649 d.C.), quando Li já era segundo ministro e ocupava temporariamente o cargo de primeiro, as tribos sulinas comunicaram que um milheiro de grandes navios e cem mil homens armados haviam invadido o reino de Fuyu, matado o rei e ocupado o país. Àquela altura, a paz reinava novamente ali. Li teve certeza, então, de que Barba-Crespa obtivera êxito, e no seu regresso da Corte contou o fato à esposa; ambos vestiram trajes de cerimonial e beberam, saudando o sueste, numa homenagem ao velho amigo.

De tudo quanto ficou acima, concluimos que o poder imperial não é alcançado por qualquer grande homem que a ele aspire, menos ainda por qualquer homem que não seja grande. O súdito que inutilmente procura rebelar-se é como o louva-deus atirando-se contra as rodas de uma carruagem, pois os Céus determinaram que nosso Império prosperasse por uma miríade de gerações.

Tem-se sugerido que muito da estratégia militar de Li foi-lhe ensinada pelo homem da barba crespa.

(Tradução de José Paulo Paes)



Dinastia Song

(960-1276)

Após a derrubada da dinastia Tang, a anarquia. De 907 a 960, cinco dinastias. Os Song restabeleceram a unidade nacional, apesar das sucessivas invasões de bárbaros. Primeiro os Liao, depois os Hsi Hsia, e, finalmente, os Tsin, que coagiram os Song a transferirem sua capital para o sul do Iang-tzé. Assim, podemos considerar dois períodos distintos dentro desta dinastia: Song do Norte, antes do advento dos Tsin, capital Khai-feng; Song do Sul, após as conquistas dos Tsin, capital Hangtcheu.

Nos intervalos das guerras de resistência aos invasores bárbaros, porém, a China dos Song experimentou períodos de tranqüilidade e prosperidade, que favoreceram o desenvolvimento das artes e das letras.

Como foi dito no prefácio, na China a língua literária é um mundo quase que totalmente diferente da língua falada. Datam da dinastia Tang os primeiros romances e contos redigidos em língua falada. Sua origem? Provavelmente, as narrativas que os contadores de histórias proferiam em praça pública; a certeza de encontrar um público certo e mais vasto para obras romanescas que, lidas em voz alta por um alfabetizado, estivessem ao alcance de todos os espíritos. É sob os Song que a produção dessa literatura popular começa a sobrepor-se aos romances e novelas redigidos em língua literária. Um fator houve que contribuiu enormemente para a sua expansão: a difusão da imprensa, cujas origens remontam ao século VI. Já nos séculos IX e X tinham sido impressos livros de Astrologia e dicionários populares. Autores clássicos foram editados entre os anos 932-950; o cânon budista entre 960 e 971. Em meados do século X, nova e revolucionária invenção: caracteres tipográficos móveis. Ora, estes caracteres móveis só passariam a ter qualquer utilidade prática desde que usados para grafar a língua falada, uma língua com um vocabulário reduzido, ou seja, uma língua servida por algumas centenas de ideogramas, em vez dos milhares exigidos pela língua literária. A técnica teve aqui, portanto, uma influência decisiva sobre o estilo literário.

Junte-se, à invenção da imprensa, aquela outra do papel, que remonta, talvez, ao século I a.C., e poder-se-á assim entender a predominância dos romances redigidos em língua falada sobre os romances redigidos em língua literária. É ela uma literatura ingênua, mas que irá influenciar o romance e o teatro das dinastias posteriores.

O Budissatva de Jade e Ciúme, de autores anônimos, são os contos escolhidos para representarem esta novelística popular surgida sob os Song.



O Budissatva de Jade

Anônimo

Durante os anos de Sao-ching, sob a dinastia dos Song do Sul, vivia na Capital do Império um general originário do nordeste da China. Governador de três circunscrições militares, ostentava o título honorífico de Príncipe de Yen-ngan. Certo dia, atraído pela beleza da primavera, levou a família para uma excursão ao campo, regressando somente de noite. O cortejo de palanquins atravessava a ponte Kiu-kia, dentro da porta de Tsien-tang, quando o Príncipe, que ocupava o último dos palanquins, ouviu alguém gritar no cais:

— Vem logo, minha filha, vem ver o Príncipe passando.

Este, imediatamente, mandou chamar seu mordomo e disse-lhe:

— Parece-me que procuro há muito essa pessoa. Que coincidência encontrá-la aqui! Conto contigo para que a tragas amanhã à minha residência.

O fiel mordomo pôs-se logo à procura daquela que atraíra a atenção de seu amo. Desceu para o cais e viu ali uma lojinha que ostentava esta tabuleta:

CASA KIU

Molduras Antigas e Modernas Para Quadros e Caligrafias

Dentro da loja, estava sentado um ancião em companhia duma jovem. Que aparência tinha ela? Vejamo-la de perto: cabeleira vaporosa, velada por asas de cigarras; sobancelhas em forma de arco, imitando a silhueta das montanhas primaveris; dois lábios encarnados, formando uma cereja; dentes brancos quais duas fieiras de camafeus; pés miúdos enfiados em sapatos de arco (*).

Fôra ela, sem dúvida, quem atraíra a atenção do Príncipe. O mordomo entrou numa casa de chá, frente à lojinha. Instalou-se diante de uma janela e uma empregada algo idosa veio servir-lhe chá.

— Por favor, minha boa senhora, peça ao pai Kiu

(*) Sapatinhos apoiados num salto alto, colocado no meio da planta do pé.

que venha até aqui. Preciso falar-lhe.

A empregada foi chamar o vizinho da frente.

Os dois homens se cumprimentaram e sentaram-se. O artífice perguntou qual o motivo da convocação feita pelo ilustre desconhecido.

— Nada de especial — replicou o mordomo. — Desejava apenas conversar convosco para passar o tempo... Uma coisa: aquela moça que chamastes para apreciar a passagem do Príncipe é, sem dúvida, vossa querida filha?

— É, sim. É minha humilde filha — confirmou o artífice. — Com sua mãe, somos três na família.

— Que idade tem ela?

— Dezoito anos.

— Pensais em casá-la ou preferis colocá-la no serviço de algum grande senhor? — insinuou o mordomo.

— Pobre e velho que sou, nada tenho para dar-lhe de dote. Como poderia eu casá-la? Acabaremos mandando-a para alguma casa senhorial.

— Ela sabe algum ofício?

O velho fez o elogio da filha, declarando-a perita na arte de bordar. O mordomo aproveitou-se, então, do ensejo para dizer a palavra decisiva:

— Há pouco, de seu palanquim, o Príncipe, meu amo, viu que vossa filha trajava um cinto maravilhoso bordado. Lá na mansão, temos grande necessidade de uma bordadeira de talento. Por que não ofereceis vossa filha ao Príncipe, velho pai?

O pai Kiu conseguiu obter o consentimento da velha esposa. No dia seguinte, munido de um ato de compromisso, levou a filha à residência do Príncipe. Este admitiu a jovem e gratificou o velho. Desde então, a filha do artífice passou a fazer parte da mansão principesca, onde era conhecida pelo nome de Sieu-sieu.

Os dias passavam. Certa feita, da corte imperial recebeu o Príncipe presente de alto valor: uma túnica de guerreiro, bordada de círculos floridos. Sem perda de tempo, Sieu-sieu fez dela uma cópia de tal forma fiel que o Príncipe se mostrou muito satisfeito.

— O Imperador deu-me de presente esta bela túnica — disse ele. — Que devo oferecer-lhe em troca?

Mandou buscar nas oficinas da mansão um pedaço de jade leitoso, transparente como sebo de carneiro. Os artífices lapidários a serviço da mansão foram chamados à presença do Príncipe, que lhes perguntou:

— Que se pode fazer com este pedaço de jade?

Um dos artífices adiantou-se e disse:

— Poderei talhar um par de taças admiráveis.

— É pena — replicou o Príncipe — que só se possa fazer taças com ele.

Outros lapidários deram sua opinião. Finalmente, um jovem artífice de vinte e cinco anos, chamado Tsoei Ning, que estava ao serviço do Príncipe havia muito tempo, dirigiu-se ao amo com as mãos juntas.

— Peço ao mestre benigno que tenha a bondade de escutar-me — disse. — Este pedaço de jade parece-me bastante difícil de trabalhar; é pontudo numa extremidade e largo na outra. O melhor a fazer é aproveitá-lo para nele esculpir uma estatueta de Budissatva (*).

— Ótimo! — concordou o Príncipe. — É exatamente o que penso.

Tsoei Ning pôs mãos à obra. Dois meses depois, a esplêndida estatueta estava pronta. Imediatamente, o Príncipe endereçou uma mensagem ao Imperador, oferecendo-lhe o Budissatva de jade. O monarca ficou encantado com o presente.

Daí por diante, melhorou muito a situação do lapidário Tsoei Ning. Passou a ser visto com bons olhos pelo patrão. Certo dia de primavera, de volta de um passeio campestre, Tsoei Ning foi tomar um trago em companhia de três ou quatro amigos num pavilhão de vinho, perto da Porta Tsien-tang. Depois de alguns brindes alegres, os bebedores foram bruscamente interrompidos por gritos de alarma vindos da rua. Debruçaram-se na janela e, por entre o tumulto, conseguiram compreender que irrompera um incêndio no bairro da Ponte Tsin-ting! Tsoei Ning e seus amigos abandonaram logo a taverna e desceram à rua. Viram, então, que uma parte do céu estava velada pela fumaça e pelas chamas de um terrível incêndio. O jovem lapidário inquietou-se mais do que os outros.

— Mas, é bem perto da residência do Príncipe! — exclamou.

A toda pressa, dirigiu-se para a residência em chamas. Encontrou o casarão vazio e abandonado. As chamas começavam a alastrar-se. Todos haviam fugido e não havia na casa um único ente vivo. Por toda parte, reinava um silêncio de morte. O lapidário penetrou no edifício, seguindo os meandros misteriosos do interminável corredor. O clarão do incêndio iluminava as janelas como se fosse dia claro. De repente, no fundo de uma galeria, tropeçando e falando em voz baixa, apareceu uma mulher vinda de apartamentos secretos. Qual sonâmbula, veio chocar-se rudemente contra o peito de Tsoei Ning. Este logo a reconheceu: era Sieu-sieu.

Ora, havia não muito tempo, o Príncipe prometera a mão da bela bordadeira ao jovem lapidário, dizendo-lhe:

— Quando Sieu-sieu tiver cumprido seu tempo de serviço, eu ta darei em casamento.

Como em coro repetiram, lisonjeiramente, os que rodeavam o Príncipe:

— Que belo par!

Desde esse dia, por mais de uma vez, o jovem artífice se ajoelhou diante do patrão e lhe renovara seus agradecimentos pelo inesperado favor: na verdade, cuidava de fazê-lo lembrar-se da promessa. Casto e solitário, apesar da idade, Tsoei Ning era bastante ingênuo

(*) Divindade do mar do Sul.

para levar a sério o gracejo do Príncipe.

Quanto a Sieu-sieu, achou ela que o jovem lapidário não era um partido desprezível.

No dia do incêndio, em meio ao tumulto, Sieu-sieu guardara suas jóias de valor num grande lenço. Ao tentar fugir pela galeria da esquerda, esbarrou com Tsoei Ning.

— Sr. Tsoei! — exclamou, estupefata. — Atrasei-me. Todas as outras serviçais já estão bem longe. Ninguém se ocupa de mim. Que devo fazer? Vejo-me obrigada a pedir-vos proteção.

Tsoei levou-a consigo. Saíram precipitadamente, deixando atrás de si a mansão presa das chamas. Andaram pelo cais até a Ponte Che-hoei. Ali, queixou-se a jovem:

— Ai! como me doem os pés, Sr. Tsoei! Não posso mais andar.

— Vamos, só mais alguns passos! — animou-a Tsoei Ning. — Moro ali embaixo. Na minha casa, poderás descansar um pouco, se não vês nisso nenhum mal.

Chegados ao domicílio do lapidário, sentaram-se lado a lado, cerimoniosamente.

— Tenho fome! — exclamou Sieu-sieu. — Poderíeis ter a amabilidade de dar-me algo de comer? Tive tanto medo! Um pouco de vinho me reanimaria.

Tsoei Ning foi buscar comida e vinho. Depois de duas ou três taças, as faces da moça desabrocharam como duas flores. É bem certo o que se diz a respeito de ser a flor mensageira da primavera, e o vinho intermediário do amor. A jovem bordadeira, mudando de tom, disse:

— Lembras-te ainda daquela noite, no balcão, quando contemplávamos a lua? O Príncipe, de excelente humor, prometeu-te minha mão. Como te debulhaste em agradecimentos! Não te lembras mais disso?

Diante dessa algo brusca recordação, o lapidário, inclinando-se, respondeu timidamente que sim. E ela prosseguiu:

— Lembras-te também de como imediatamente todos nos aplaudiram: "Que par admirável!"? E como se explica que nunca mais tenhas pensado nisso?

Enrubescendo, o rapaz confessou-lhe que, na verdade, pensava nisso noite e dia.

— Não achas — continuou ela — que, em vez de esperarmos indefinidamente, devíamos unir-nos esta mesma noite como marido e mulher?

— Como!? — tartamudeou o moço. — Não me atrevo a isso!

— Não te atreves! Pois bem. Vou, então, gritar por socorro e, quando juntar gente, te acusarei de rapto. Amanhã vou queixar-me ao Príncipe!

— Escuta! — respondeu Tsoei Ning, visivelmente perturbado. — Sejamos marido e mulher, que outra coisa não desejo, mas com a condição de deixarmos a Capital sem demora. Temos que aproveitar a desordem

causada pelo incêndio, e partir para bem longe.

— Obedeço-te, visto que serás meu marido.

Nessa noite, tornaram-se marido e mulher.

Pouco antes da madrugada, Tsoei Ning pôs-se a caminho acompanhado de sua jovem esposa, ambos levando, às costas, dinheiro e alguns pequenos objetos de valor.

Durante o percurso, não ousavam deter-se nem falar-se. Chegaram a uma encruzilhada.

— É aqui o cruzamento de cinco grandes estradas — disse Tsoei Ning. — Vamos tomar a estrada de Sin-tchéu? Há tempos, fui artífice nessa cidade. Quem sabe possamos instalar-nos ali? Talvez eu ainda encontre alguns amigos!

Ao cabo de longo trajeto, chegaram a Sin-tchéu extenuados. Repousaram ali alguns dias. Mas, logo, o lapidário ficou novamente inquieto:

— Estamos ainda muito perto da Capital. Há sempre gente transitando de lá para cá e vice-versa. Se alguém nos descobrir e contar ao Príncipe, estaremos perdidos!

Os dois fugitivos se puseram outra vez a caminho, dirigindo-se para Tain-tchéu, que ficava bem longe da Capital.

— Estamos a mais de duas mil li da Capital — disse o jovem lapidário à mulher. — Creio que, de hoje em diante, poderemos viver para sempre em paz.

Tsoei alugou uma loja no largo do mercado. Afixou à porta uma tabuleta com os seguintes dizeres:

Trabalhos de Jade
Mestre Tsoei
Artífice da Capital

Não faltavam, em Tain-tchéu, altos magistrados exilados. Felizes por descobrir em Tsoei Ning um fino artífice, formado na Capital, não cessavam de dar-lhe encomendas. De tempos a tempos, discretamente, Tsoei interrogava os que chegavam da Capital, a fim de saber as novas da residência do Príncipe. Soube, assim, que fora oferecido um prêmio a quem descobrisse o paradeiro de uma criada, desaparecida desde a noite do incêndio. Ao que tudo indicava, ignorava-se, no palácio, que a moça houvesse sido levada pelo lapidário.

Dessarte, puderam os dois viver felizes em Tain-tchéu por longos anos.

Uma bela manhã, mal foi aberta a porta, entraram na loja do lapidário dois homens vestidos de preto, à moda dos ordenanças de grandes magistrados. Vinham convidar o artífice a visitar, numa localidade vizinha, certo alto funcionário, que desejava confiar-lhe trabalhos de joalheria. O lapidário despediu-se da mulher e partiu em companhia dos dois ordenanças.

Na volta, encontrou na estrada um homem cujo rosto estava encoberto por um grande chapéu de palha. O homem vestia uma blusa de tecido escuro, adornada

com gola dupla de cetim branco. Suas calças estavam enfiadas em polainas azuis e brancas. Trazia, nos pés, sandálias de cânhamo entrelaçado, feitas para longas caminhadas. Equilibrava nos ombros uma vara com um fardo suspenso a cada extremidade.

O lapidário cruzou com o desconhecido sem lhe prestar atenção. Mas o homem de chapéu de abas mirou o artesão de alto a baixo; dando bruscamente meia volta, pôs-se a segui-lo de perto.

Vivia, nessa época, em Tain-tchéu, um general reformado, chamado Lieu Leang-fu. O velho, que realizara outrora grandes feitos de armas, levava agora vida de pobre, devido ao seu completo desprezo pelo dinheiro e pelas coisas mundanas. Diariamente, freqüentava, incógnito, uma pequena taverna da cidade. Os aldeões, ignorando a identidade do ilustre comensal, não moderavam a linguagem em presença dele: entregavam-se, como de costume, à sua tagarelice grosseira. E o velho general dizia a seus amigos:

— Outrora, os gritos de guerra de milhões de tártaros não me assustavam; agora, sinto-me sufocado em meio à algazarra de camponeses vulgares. Quem teria acreditado nisso?

Seus antigos colegas da Capital lhe enviavam, de quando em quando, presentes úteis. Aconteceu que o Príncipe de Yen-ngan, o antigo patrão de Sieu-sieu e Tsoei Ning, mandou um homem de confiança a Tain-tchéu levar uma carta acompanhada de certa soma de dinheiro, a fim de reconfortar o velho general reformado. Quando o Sargento Ko, o enviado do Príncipe, depարou com Tsoei Ning na estrada, reconheceu-o logo. Seguiu-o até a loja, onde viu, sentada atrás do balcão, Sieu-sieu.

O sargento ali entrou de surpresa:

— Olá, mestre Tsoei! Há quanto tempo não vos víamos! Estáveis então aqui... e vós também, Sieu-sieu? Que surpresa! Vim a esta região por ordem do Príncipe trazer uma carta, e eis que vos encontro. Que coincidência! Fundastes aqui um lar, pelo visto! Muito bem, muito bem!

O casal Tsoei ficou consternado com a visita inoportuna, tanto mais que o sargento era conhecido, na mansão do Príncipe, como homem safado e rude, como soldado sem escrúpulos nem reservas. Estava a serviço do Príncipe desde a mocidade e lograra ganhar a confiança do amo. Chamava-se Ko Li, mas era mais conhecido como Sargento Ko. Tsoei Ning e a esposa lhe ofereciam comida e bebida, recomendando-lhe:

— Sobretudo, nenhuma palavra ao Príncipe!

— Não! — exclamou o sargento. — O Príncipe ignora completamente vossa história; por que fazê-lo lembrar-se?

O sargento despediu-se de seus amigos, não sem antes receber deles alguns presentes valiosos, em paga da sua discrição. De volta à mansão, depois de entregar ao Príncipe a resposta do general, o sargento ficou parado

diante do patrão, os olhos fixos. Por fim, não podendo mais resistir à tentação, disse:

— No outro dia, ao deixar Tain-tchéu, vi-os a ambos.

— Que é que estás dizendo? — perguntou o Príncipe, impacientando-se.

— Vi Sieu-sieu e mestre Tsoei. Deram-me de beber e pediram-me que nada vos dissesse sobre seu paradeiro.

A essas palavras, reacendeu-se a cólera do Príncipe.

— Oh! infames! Ousaram então representar semelhante comédia? Mas como puderam chegar até tão longe?

— Não conheço os pormenores. Só sei que instalaram na vila seu lar e uma loja de lapidário.

O Príncipe enviou imediatamente um ordenança ao prefeito da Capital que, por sua vez, lançou mandado de prisão contra os fugitivos. Um funcionário de polícia, acompanhado de escolta, pôs-se a caminho de Tain-tchéu. Ali, com a ajuda das autoridades locais, prendeu Tsoei Ning e Sieu-sieu. Os dois prisioneiros foram, pouco depois, levados à mansão do Príncipe. Este recebeu-os em audiência, na grande sala de cerimônias.

Outrora, quando o Príncipe guerreava os tártaros, costumava brandir, com a mão esquerda, um sabre chamado *O Grande Azul* e, com a direita, outro chamado *O Pequeno Azul*. Quantas cabeças de tártaros não haviam sido decepadas por essas duas lâminas temidas! Os terríveis sabres estavam agora dependurados na parede da grande sala. Nesse dia, o Príncipe sentou-se no trono maior. As aclamações rituais dos guardas abriram a audiência. Os dois culpados vieram então prosternar-se perante o Príncipe. De natureza irascível, o militar tremia de cólera à presença dos dois infelizes. Sem dizer palavra, retirou os dois sabres das respectivas bainhas. Com os olhos dilatados de furor, os dentes rangentes, o matador de tártaros ergueu as espadas contra os fugitivos. Uma voz vinda do fundo da sala fê-lo, contudo, deter-se a tempo. Era a princesa que, petrificada pelo gesto do esposo, gritou-lhe detrás de um biombo, ao fundo da sala:

— Alteza! Estamos na Capital do Império, não num campo de batalha. Se forem culpados, ao prefeito caberá condená-los. Como quereis executá-los aqui mesmo?!

— Que diabo! — resmungou o Príncipe. — Esses dois animais resolveram fugir. Durante anos, esperei pela sua volta. Por que não posso eu exterminá-los para acalmar minha cólera? Mas... como sois vós que intercedeis por eles, deixemo-los viver mais alguns instantes. Guardas! Encarcerem Sieu-sieu e levem Tsoei Ning para a Prefeitura!

Diante do prefeito, o lapidário confessou tudo.

— Na noite do incêndio — disse — acorri à mansão com o intuito de ser útil. Encontrei a casa vazia. De repente, Sieu-sieu emergiu da sombra. Reteve-me, dizendo: “Estou só contigo. Obedece-me, senão chamo...”. E arrastou-me consigo na fuga.

O prefeito confiou o processo de Tsoei Ning ao Príncipe. Homem rude, mas justo à sua própria maneira, o Príncipe solicitou que o lapidário fosse poupado à pena de morte. Foi, porém, condenado ao exílio, por ter cedido à sedução culpável de Sieu-sieu. Dois guardas estavam encarregados de acompanhar o condenado até a longínqua cidade de Kien-kan, na fronteira. A partida teve lugar imediatamente. Mal tinham os três ultrapassado as muralhas da cidade imperial e começado a galgar uma colina vizinha, quando viram um palanquim transportado por dois homens e ouviram alguém gritar:

— Não vás tão depressa, mestre Tsoei!

Este pareceu reconhecer a voz de Sieu-sieu. Ignorando o que acontecera à esposa desde a odiada separação, ficou incerto e não lhe respondeu. Continuou, pois, seu caminho, de cabeça baixa, como ave ferida que foge da sombra do arco, de tal forma receia nova armadilha. Mas o palanquim, transportado por dois homens, veio em perseguição dos três andarilhos e logo os alcançou. Quando o veículo se deteve, dele desceu Sieu-sieu.

— Mestre Tsoei! — disse ela — vais a caminho de Kien-kan. Que será de mim?

— Que fazer? — perguntou ele, receoso.

— Depois de te levarem para a Prefeitura, — disse ela — fecharam-me num jardim inteiro da mansão e infligiram-me trinta golpes de bambu. Depois, puseram-me para fora de casa. Ao saber que partias, apressei-me em vir ao teu encontro.

— Fizeste bem — aprovou Tsoei Ning.

Ao cabo do trajeto a pé, o prisioneiro, a mulher e os dois guardas tomaram uma embarcação, que os conduziu diretamente a Kien-kan, onde Tsoei Ning devia purgar sua pena.

Terminada a missão, os dois guardas regressaram à Capital. Houvessem eles sido tagarelas e novas desgraças teriam acontecido a Tsoei Ning. Uma pequena centelha era quanto bastaria para atear novo incêndio ao carácter irascível do Príncipe. Preferiram, portanto, os dois guardas, guardar silêncio a respeito da presença de Sieu-sieu, considerando, ademais, que não estavam a serviço do Príncipe. O essencial era que o condenado chegasse ao lugar do exílio.

O casal Tsoei estabeleceu-se definitivamente em Kien-kan. Doravante, nada mais teriam a temer: o pior passara. Abriram outra loja de lapidação. Certo dia, a mulher disse ao marido:

— Nós, felizmente, estamos bem instalados, mas como estão passando meus velhos pais? Foram tão atormentados quando fugimos da Capital! Depois, quando me aprisionaram na mansão deviam ter-se perguntado se não seria melhor, para eles, pôr termo à vida! Já é tempo de trazê-los para cá. Que tal se nós os mandássemos buscar?

Tsoei concordou e enviou um mensageiro, munido do endereço completo do velho casal Kiu e de uma descrição pormenorizada deles. Chegado à Capital, o men-

sageiro encontrou a casa fechada a chave, com uma barra de bambu pregada sobre a porta, como se faz com as casas abandonadas. Procurou, então, informar-se com os vizinhos.

— Chut! — exclamaram eles. — Tudo aconteceu por causa da filha, que era bela como uma flor. Os velhos tinham-na oferecido a uma rica e poderosa mansão, mas a moça não pôde suportar a vida nobre e acabou fugindo com um homem de sua escolha. Os fugitivos foram depois localizados em Tain-tchéu e trazidos para a Capital. Ele foi condenado ao exílio e ela à prisão. Os Kiu, loucos de dor, partiram, um belo dia, não se sabe para onde. A loja desde então, ficou fechada a chave.

Em vista disso, o enviado de Tsoei Ning resolveu voltar para Kien-kan. Ali, esperava-o uma grande surpresa. Começara a relatar a Tsoei Ning suas buscas vãs, quando lhe apareceram pela frente os dois velhos. — Como?! — exclamou o mensageiro, atônito.

O fato era que, na véspera, pela manhã, Tsoei Ning ouvira alguém perguntar diante da porta da loja: “É aqui que mora mestre Tsoei?”. A pedido do lapidário, a mulher fora ver quem era. À porta estavam seus velhos pais. Foi indescritível a alegria da família.

Dai por diante, Tsoei Ning passou a viver pacificamente com sua mulher e seus sogros.

Tempos depois, certo dia em que o Imperador estava a contemplar sua coleção de objetos de arte, atraiu-lhe a atenção a estatueta do Budissatva de jade. Tomou-a nas mãos e acariciou-a demoradamente. Eis que, de repente, desprende-se da estatueta uma minúscula campainha. Desolado, o Imperador perguntou a um oficial de seu séquito como se poderia consertar a estátua danificada. O oficial, examinando o precioso trabalho, descobriu, por acaso, uma assinatura gravada sob os pés da imagem: *Feita por Tsoei Ning*. Ordens foram dadas para que se localizasse, a qualquer preço, um lapidário chamado Tsoei Ning. Sabia-se que estivera a serviço do Príncipe de Yen-ngan e que este o exilara.

Tsoei Ning foi trazido finalmente para a Capital e recebido em audiência pelo Imperador. Para o pobre artífice, isso era uma dádiva que nem em sonhos ousara esperar. Depois de ter agradecido o favor celeste, o lapidário se pôs à procura de um pedaço de jade da mesma qualidade e da mesma cor, e com ele refez a pequena campainha. Para recompensar o artista, o Imperador lhe concedeu uma pensão, a fim de que ele pudesse se estabelecer na Capital.

— Agora que me encontro sob a proteção do favor imperial, — disse consigo — não tenho mais receio de ninguém. E, para me vingar do meu duro destino, vou abrir uma loja no cais onde morei outrora.

Curiosa coincidência! Três dias depois da inauguração da nova loja, passou-lhe diante da porta o Sargento Ko. Ao ver Tsoei Ning, exclamou:

— Minhas felicitações, mestre Tsoei! Estás então estabelecido aqui...

Interrompeu-se subitamente, como se tomado de pavor: a seu encontro vinha Sieu-sieu. Sem hesitar, o militar fez meia volta e tratou de escapular-se a toda a pressa.

— Corre! Detém o sargento! Tenho de falar com ele — bradou Sieu-sieu ao marido.

O lapidário lançou-se em perseguição do sargento e trouxe-o de volta, não sem trabalho. O militar seguia-o, contrariado, balançando a cabeça da direita para a esquerda, murmurando:

— Fantástico! Fantástico!...

Sieu-sieu cumprimentou-o como se nada tivesse acontecido. Depois, disse-lhe:

— Sargento Ko! Outrora, em Tain-tchéu, tive a generosidade de vos acolher do melhor modo possível. Dei-vos de beber e de comer... Tudo isso não vos comoveu e cuidastes logo de nos denunciar ao Príncipe, mal chegastes à sua mansão! Como nos fizestes infelizes! Hoje, que contamos com a proteção de Sua Majestade, não temos medo de vós. Ide denunciar-nos! Ide, se isso vos dá prazer!

O sargento estava pasmado, petrificado. Não sabia que dizer. Balbuciando desculpas, deslizou para a porta. Uma vez fora da loja, pernas para que vos quero! Correu a levar a notícia ao Príncipe.

— Vi um fantasma! — berrou.

— Que está acontecendo com esse homem? — exclamou o Príncipe, impaciente.

— Levo ao conhecimento do meu Príncipe benevolente que acabo de ver um fantasma — disse o sargento.

— Que fantasma? Explica-te!

— Acabo de passar pelo cais, onde encontrei Tsoei Ning, que abriu ali uma loja. Atrás do balcão estava Sieu-sieu!

— Lá vens tu outra vez com histórias! — bradou, encolerizado, o Príncipe. — Sieu-sieu foi morta por mim mesmo a golpes de bambu e enterrada no jardim. Deves ter visto tudo isso naquele dia! E vens-me agora dizer que acabas de ver essa mulher?! Que gracejo é esse?!

— Estou falando a sério, Príncipe benevolente. Como ousaria eu gracejar convosco? Vi realmente Sieu-sieu. Ela até que me reteve e falou comigo! Se Vossa Alteza não confia em minha palavra, estou pronto a assinar um juramento militar.

— Assina lá então.

Diante do Príncipe, o infeliz sargento assinou o juramento militar. Um palanquim foi enviado em busca de Sieu-sieu. O Príncipe ordenou ao sargento.

— Traz-me cá essa velhaca, que acabarei com ela a golpe de sabre. Do contrário, receberás o golpe em lugar dela.

Originário do Noroeste, o Sargento Ko Li não era senão um bravo soldado: faltava-lhe, de todo, inteligência. Ignorava que assinar um juramento militar era pôr

em jogo a própria cabeça. Quando chegou à loja do lapidário com o palanquim, viu Sieu-sieu tranqüilamente sentada atrás do balcão. A aparição do sargento e do seu séquito em nada a impressionou:

— Vamos! Tenho ordem de te levar ao Príncipe, nosso amo — exclamou o sargento, aproximando-se dela.

— Está bem — respondeu a jovem. — Espera por mim lá fora um instante, enquanto me visto.

Reapareceu toda ataviada, com vestido novo. Tomou lugar no palanquim.

O Príncipe estava à sua espera na grande sala. Ko Li anunciou-lhe a chegada.

— Manda-a entrar — ordenou o Príncipe.

— Vamos! Sua Alteza ordena que vás à sua presença! — exclamou o sargento, afastando as cortinas do palanquim. Mas, surpresa das surpresas: a cadeira estava vazia!

O sargento interrogou os dois carregadores. Estes afirmavam ter trazido a jovem até a mansão, sem se deterem uma única vez durante o percurso.

Sobressaltado e trémulo, o sargento foi à procura do Príncipe, gritando-lhe:

— Oh! meu príncipe benfazejo! Ela era mesmo um verdadeiro fantasma!

— Não suporto mais esse homem! — explodiu a Príncipe. — Prendam-no! Eis o juramento que assinou. Decapitem-no!

Ko Li prestara, durante muitos anos, bons serviços ao Príncipe. Tivesse sabido ser algo mais do que um rude simplório e houvera ultrapassado logo o posto de sargento. Em face de acontecimentos tão ameaçadores quão imprevistos, Ko caiu de joelhos, aterrorizado, implorando a compaixão do amo. Não mentira: os próprios carregadores haviam visto Sieu-sieu entrar no veículo. Ordenou o Príncipe, então, que lhe trouxessem Tsoei Ning. Queria saber a verdade toda. O lapidário confessou que Sieu-sieu juntara-se a ele no dia mesmo em que partira para Kien-kan.

O Príncipe viu-se obrigado a libertar o lapidário, que nada soubera da morte de Sieu-sieu. Contudo, para acalmar sua cólera, ordenou que fossem administrados cinquenta golpes de bambu no sargento Ko.

De volta à loja, Tsoei Ning apressou-se a interrogar os sogros sobre a morte da esposa. Os dois velhos entreolharam-se estupefatos. Depois, bruscamente, levantaram-se. Saíram para o cais e, um após o outro, atiraram-se ao canal. Tentaram socorrê-los, mas os afogados haviam desaparecido nas águas... Foi em vão que procuraram seus corpos.

No dia em que Sieu-sieu fora aprisionada no jardim do Príncipe, espancada até à morte e sepultada, o velho casal Kiu, atormentado pelo desespero, fugira de casa e afogara-se no rio. Eram também, pois, fantasmas.

Desamparado e abatido, Tsoei Ning voltou à loja e

entrou no seu quarto. Sieu-sieu estava sentada à borda da cama. De medo, eriçaram-se os cabelos do lapidário.

— Poupai-me, irmã! — suplicou ao fantasma.

— Estou morta desde há muito — disse o espectro.

— Morri por amor de ti. Por isso, não me lastimo. Mas o Sargento Ko foi tagarela demais e eu estava irada com ele. Hoje estou vingada. Ele teve o que merecia: cinquenta golpes de bambu. Todos sabem agora que sou um fantasma. Meu lugar não é mais aqui.

Dito isto, levantou-se e abraçou Tsoei Ning. O lapidário deu um grito, aterrado, e caiu ao solo. Quando os vizinhos apareceram, encontraram o cadáver de Tsoei Ning no chão.

Assim, pois, Tsoei Ning foi raptado pela esposa morta para, com ela e com seus velhos sogros, ir *viver* em paz no outro mundo.

(Tradução de Alda de Carvalho Ângelo)





Ciúme

Anônimo

Wu Hung residia na Capital. Vivia sozinho e mais sozinho ficava quando os alunos de sua escola particular voltavam para casa. Curioso: a solidão não o intimidava. Não se importava de ter que preparar o próprio chá e de tomá-lo sem companhia.

Seu apartamento de solteiro, situado no pátio interno, tinha para ele um encanto secreto, porque nele havia certos toques femininos. O quarto de dormir estava mobiliado com um toucador de espelho móvel, em cujas gavetas havia agulhas, fitinhas, grampos e outros artigos, conhecidos e desconhecidos, de uso feminino.

Ele se comprazia em aspirar o sutil perfume que pervagava pelo quarto. Tal perfume, no qual reconhecia a fragrância excitante do almíscar, impregnara o aposento, sem que Wu pudesse identificar-lhe a origem. Fazia conjecturas sobre a espécie de mulher que ali teria vivido. Fora, acaso, alta e esguia? Qual teria sido o timbre de sua voz? Bastava-lhe apenas a presença de uma mulher real para fazê-lo sentir-se, de fato, vivendo no aconchego do lar.

Numa cidade grande como Hangchow, — pensava — deve haver muitas criaturas misteriosas, meigas, encantadoras. Essa era a razão por que preferia residir na Capital, em vez de regressar à sua aldeia, depois de ter fracassado no concurso nacional de literatura e erudição. Convencera-se a si próprio de que a viagem seria longa e dispendiosa, e de que mais valia esperar ali mesmo pelo próximo concurso. Infeliz na literatura, feliz no amor. Era solteiro, moço e belo, e a cidade lhe devia alguma coisa. Estava disposto a casar tão logo encontrasse a moça desejada. Se lhe desse na venta, seria capaz de roubar uma ameixa do pomar do próprio diabo.

— Ah! Se eu encontrasse uma mulher rica, bonita, solitária e sem compromissos!

A casa que alugara tinha aparência com o seu espírito fantasioso. Por fora, era de tijolos à vista, sem caiação, mas por dentro, que encanto! O aluguel era irrisório. E nem poderia deixar de sê-lo, já que estava situada num bairro isolado, distante do centro da cidade. Mas isso era o de menos. Wu não desconhecia as muitas his-

tórias que se contavam sobre o intelectual solitário que, sentado no seu gabinete de trabalho, na quietude da noite, depara, ao erguer a cabeça, uma enfeitiçadora aparição de mulher sorrindo-lhe à luz do candeeiro; a mulher volta a visitá-lo, noite após noite, e passa a viver com ele em segredo, economizando-lhe o dinheiro, cuidando dele nas enfermidades — um sonho maravilhoso que se faz realidade.

Wu costumava dizer a si mesmo que gostaria de viver conjugalmente com o fantasma da anterior ocupante do quarto. Não havia razão alguma, exceto o capricho de imaginá-la morta. Às vezes, no silêncio noturno, Wu julgava ouvir-lhe a voz. Quando se punha atentamente à escuta — que desapontamento! — descobria que era apenas o gato do vizinho. Por que não casar, então, com uma mulher real?

Havia, certamente, vantagens em viver solteiro, em ser um estranho na cidade. Muitos pais preferiam casar as filhas com homens que não tivessem família muito grande. Certo dia, apareceu Wongpo. Conhecera-a antes de ter-se mudado, quando ainda vivia perto da Porta de Chien-tang. Casamenteira profissional, tentara, em diversas ocasiões, arranjar-lhe um partido, mas, àquela altura dos acontecimentos, os exames e a excitação da sua recente chegada à Capital absorviam-lhe todos os pensamentos. Agora, porém, sentia-se mudado. Com um gesto expressivo, a velha cochichou-lhe que tinha algo de importante a tratar com ele, e fez-lhe sinal para que a seguisse. O ralo cabelo encanecido de Wongpo estava amarrado num coque, e Wu deu-se conta de que ela trazia o pescoço envolto num lenço vermelho, embora fosse ainda abril e fizesse calor. Imaginou, então, que estivesse resfriada.

— Tenho algo interessante para propor-te — disse a velha, romanticamente. Falava de modo agradável, um sorriso irresistível pairando-lhe nos lábios. Tais qualidades eram, aliás, de grande valia na sua profissão — a de fazedora de romances.

Wu convidou-a a sentar-se. Ela aceitou o convite e puxou a sua cadeira para bem perto dele. Ele lhe perguntou como passara desde a última vez em que a vira, um ano antes.

— Não falemos a meu respeito. Lembro-me de que tens vinte e dois anos. Ela também.

A velha afrouxou um pouco o lenço, como se estivesse com o pescoço dolorido. “Talvez se tenha machucado num desses macios travesseiros de couro” — pensou Wu consigo.

— Quem?

— A moça de quem te vou falar.

— Qualquer moça de quem me viesses falar teria, sempre, vinte e dois anos — replicou Wu, com voz incrédula. — Não tenho pressa de casar-me, a não ser que me consigas uma dessas criaturas doces e misteriosas de que Hangchow deve andar cheia.

Depois de haver investigado os partidos anterior-

mente propostos por Wongpo, Wu descobrira que eram, todos, vulgares e desinteressantes.

— As casamenteiras abusam das palavras. São capazes de chamar, à lua crescente, “esperançoso começo da lua cheia”, e de justificar uma lua sombria afirmando: “É que não viste ainda o outro lado!” Eu quero lua cheia.

Era bem verdade que o trabalho de Wongpo consistia em providenciar no sentido de que todos os moços e moças casadouros da Capital se consorciassem entre si, venturosamente ou não, mas se consorciassem a qualquer custo. Para ela, um solteirão de vinte e dois anos era um insulto aos Céus.

— Que espécie de mulher desejas?

— Quero uma mulher jovem, é claro, bonita e compreensiva, que viva só.

— E que te traga muito dinheiro e uma criada, hein? — acrescentou Wongpo, sorrindo triunfalmente, como se estivesse certa de ter colhido nas suas redes o peixe esquivo. — Esta vive só, sem parentes.

Arrastando a cadeira ainda para mais perto do interlocutor, a casamenteira se pôs a cochichar-lhe baixinho no ouvido, embora não houvesse mais ninguém no quarto. Wu ouviu-a com profundo interesse.

Wongpo citou-lhe o nome de uma jovem muito desejável, uma famosa flautista que abandonara recentemente a casa de seu último patrão. Este não era outro senão o terceiro filho do todo-poderoso tutor imperial, Chin. As famílias ricas costumavam ter, nas suas mansões, conjuntos completos de atrizes e músicos. A flautista era chamada Li Yonia (*), por ser artista profissional. Livre e independente, tinha apenas uma mãe adotiva, que não precisava de sua ajuda. Traria mil dólares de dote e uma criada.

— Muito interessante, sem dúvida — concordou Wu. — Mas, por que deseja ela casar-se com um pobre letrado como eu?

— Conforme acabei de dizer-te, tem fortuna própria. Quer casar-se somente com um letrado que viva sozinho, sem parentes. Podes acreditar que estou prestando-te um favor. Um rico comerciante já lhe fez uma proposta, mas ela não quer saber de comerciantes. Tentei persuadi-la, mas é teimosa. “Não”, disse-me, “arranja-me um letrado. E sem parentes.” Como não existem muitos que satisfaçam a tais exigências, pensei logo em ti, e dei-me ao trabalho de fazer tão longa caminhada para falar-te. Será que não percebes o quão afortunado és?

— Onde está ela?

— Mora atualmente com a mãe adotiva no Tanque do Cisne Branco. Se quiseses vê-la, pode-se dar um jeito.

Não poderia haver proposta mais razoável. Alguns dias mais tarde, Wu comparecia ao encontro marcado

(*) Senhorinha artista Li.

num certo restaurante. Ali, foi apresentado a uma certa Sr.^a Chen, mãe adotiva da flautista. Seu cabelo, por qualquer razão, estava úmido, e a água pingava-lhe das vestes, embora o dia fosse claro e limpo.

— Peço-vos desculpas pela minha aparência — explicou a Sr.^a Chen. — Por má sorte, colidi com um carregador de água quando vinha para cá.

— Onde está a jovem? — perguntou Wu.

— Está na sala ao lado. A moça que a acompanha é a sua criada, Chin-er. Ótima serviçal. Sabe cozinhar, costurar e fazer todos os demais serviços caseiros.

A Sr.^a Chen despediu-se de Wu e foi para a sala vizinha, deixando, sobre o assoalho, curiosas pegadas úmidas. Wongpo permaneceu em companhia de Wu que, molhando o indicador, fez um orifício na parede de papel, e pôs-se a espreitar por ele. Viu a mãe adotiva inclinada sobre uma linda moça, murmurando-lhe algo. Pôde ver, inclusive, a extremidade retilínea do seu nariz. De súbito, a moça, erguendo a cabeça, sorriu e enrubesceu conscientemente. Viu ele dois olhos escuros e profundos contrastando com uma face extremamente alva, emoldurada por cabelos negros. Uma jovem criada, cuja idade orçava pelos quinze ou dezesseis anos, parecia extremamente interessada no que ocorria no aposento. Wu estava atônito.

— Não pode ser! — exclamou para si mesmo.

— Que aconteceu?

— Se ela se casar comigo, serei o homem mais feliz de Hangchow.

Sentou-se à mesa para jantar, e ficou a ouvir as vozes das mulheres, na sala anexa, entremeadas de risos alegres. Evidentemente, os ocupantes do aposento contíguo divertiam-se a valer. Certa feita, ergueu a cabeça e viu um olho, atrás do orifício na parede, que imediatamente desapareceu; ouviu, a seguir, o ruído abafado de pés femininos afastando-se, e um riso alto, que supôs fosse da criada.

— Para dizer a verdade, — observou Wongpo com um sorriso — marquei o encontro porque a jovem deseja tanto ver-te quanto tu a ela. Não comprará um marido no escuro. Ela te traz uma fortuna, enquanto tu a obténs a troco de nada.

Foram feitos os arranjos necessários para que a Srt.^a Li viesse dali a uma quinquena. Ficou decidido que, sendo o noivo um forasteiro, não havia necessidade de se fazer casamento aparatoso. A Srt.^a Li ficaria muito feliz em vir simplesmente morar com ele, trazendo consigo a criada.

Não ocorreu a Wu perguntar por que deixara a noiva a casa de seu último patrão.

Wu mal podia esperar pelo dia marcado. Mas as venturas, tanto quanto as desventuras, nunca chegam desacompanhadas. Na semana seguinte, outra mulher apareceu para propor-lhe um casamento. A fim de poupar-se aborrecimentos, Wu explicou-lhe que já estava comprometido, mas a visitante era persistente.

— Quem é a feliz senhora? — perguntou a mulher, que se chamava, a si mesma, viúva Chuang.

Wu disse-lhe o nome da noiva. A viúva pareceu reprimir um súbito e imperioso gesto de desaprovação.

— Que foi? — perguntou Wu.

— Oh! nada. Uma vez que estais comprometido, não quero dizer mais nada.

A curiosidade de Wu fora despertada.

— Vós a conheceis?

— Se a conhece! Bem, — acrescentou, ao cabo de uma pausa — pensei em propor-vos outro partido. A moça que tenho em mente reúne tudo quanto um homem deseja numa mulher: é bela como flor, tem índole carinhosa, é trabalhadora e hábil na cozinha e na costura. Seria uma esposa adorável para um cavalheiro como vós. Não me importa dizer-vos que a moça de quem falo é minha própria filha. Não quero interferir, mas penso que a filha de um homem pobre seria mulher mais adequada para vós. Fazei ouvidos moucos às casamenteiras.

Wu impacientava-se.

— Vi a moça com meus próprios olhos. Sinto muito, mas estou comprometido.

Acompanhou a viúva Chuang até a porta e despediu-se dela polidamente, porque julgava ser aquela a última vez em que a veria.

Certa noite chuvosa, a Srt.^a Li chegou num palanquim, acompanhada da criada, da mãe adotiva e da casamenteira, a velha Wongpo. Os carregadores do palanquim não se detiveram para pedir gorjetas e um prato de talharim, como costumavam fazer em ocasiões semelhantes. Quando o noivo pensou nisso, eles já haviam desaparecido nas trevas. A criada, Chin-er, tratou de tudo, desde a arrumação das roupas da patroa até a preparação do chá. A noiva trouxera consigo uma coleção completa de instrumentos musicais, que Chin-er cuidou de imediatamente arrumar sobre a mesa. Chin-er era brincalhona como um gatinho, e sabia o que fazer, sem que fosse preciso dizer-lho. As mulheres pareciam haver-se apoderado da casa; ao noivo nada restava a fazer senão repousar tranqüilamente.

Tiveram um jantar simples, com vinho. Os cabelos da Sr.^a Chen estavam novamente úmidos, mas o fato não era de surpreender: chovera torrencialmente. Wu pensou consigo, também, que ela tinha um cheiro de nadabau. O lugar de honra foi destinado à idosa Sr.^a Wongpo, dado o seu papel de intermediária. Conservava o pescoço envolto num lenço, embora a noite de abril estivesse sufocante de umidade e de calor.

— Jura-me que não amarás outra mulher além de mim — disse-lhe Yonia naquela noite. A Wu foi fácil fazer tal promessa na noite de núpcias.

— És muito ciumenta?

— Sou, sim. Não posso evitá-lo. Pretendo fazer disto

meu ninho de amor, mas se me fores infiel...

— Sentirias ciúme se eu me apaixonasse, em sonhos, por outra mulher?

— Claro que sentiria!

Tanto a esposa quanto a criada lograram fazer, da casa de Wu, um lugar deveras aprazível. Era bom demais para ser verdadeiro. Ao menos uma vez, valera a pena acreditar nas palavras de uma casamenteira. Ele se sentia viver como num sonho. Yonia tinha todas as virtudes e qualidades que Wongpo lhe atribuíra. Como artista, sabia ler, escrever, beber e jogar cartas. Tocava flauta maravilhosamente durante os serões, e cantava-lhe pequenas árias amorosas. Era, igualmente, muito hábil e destra com números. Sabia responder, de pronto, o quanto valeria uma peça de fazenda, a tantos centavos por metro, se tivesse este ou aquele comprimento. Era admirável. Ela e Chin-er gostavam de decifrar os mais intrincados quebra-cabeças com fios, como o da laçada dos nove dragões, e ficavam a sussurrar o tempo todo.

— Que diabo estais fazendo aí? — perguntava-lhes Wu.

— Chut! Um cavalheiro não deve usar tais palavras! — censurava-o Yonia.

— Que estais fazendo, então?

— Assim é melhor.

Ela o corrigira pela décima vez. Não lhe consentia dizer "que diabo" ou "com que diabos", e sentir-se-ia ofendida se o fizesse.

A princípio, Wu estranhou a intimidade existente entre a patroa e a criada, e ficava cheio de suspeitas quando as via sussurrando entre si. Mas sempre acontecia que a conspiração era a seu favor. Pareciam estar sempre ocupadas em inventar novos pratos, e faziam-lhe alvos e delicados bolinhos, recheados com cebola branca e carne de carneiro, para o desjejum. E, prenda ainda mais rara, confinando com o inacreditável: Yonia podia antecipar-lhe os desejos e fazer coisas para ele sem ser solicitada, como se lhe pudesse ler os pensamentos. Quando Wu se lembrava dos dias de solteiro, em que, sobraçando uma cesta, ia ao mercado, de manhã, punha-se a rir.

Certo dia, contudo, um mês depois do casamento, quando voltou da cidade, encontrou a mulher em pranto. Esforçou-se por consolá-la, e perguntou-lhe que fizera para desagradá-la.

— Não é nada contigo — respondeu Yonia.

— É com outra pessoa?

Como não conseguisse arrancar nada da esposa, interrogou Chin-er, que, embora parecesse saber, nada quis dizer-lhe.

Dois dias depois, ao chegar da rua pouco antes do jantar, ouviu a mulher gritando em voz alta:

— Fora daqui, fora daqui!

Apressou-se a entrar, e encontrou-a sufocando de

raiva. O cabelo caíra-lhe sobre a fronte e havia um ligeiro arranhão na sua face. Chin-er estava a seu lado, ofegante como a patroa.

— Quem estava aqui? — perguntou ele.

— Alguém... alguém andou me incomodando, — disse Yonia, com relutância.

O marido não encontrou ninguém na casa, nem mesmo uma sombra. Havia uma aléia lateral, que levava do quintal à rua, mas não escutou ruído algum ali.

— Andas, talvez, tendo visões — sugeriu Wu.

— Eu, tendo visões? — respondeu a esposa, rindo-se a bom rir. Wu não descobria nada que justificasse tal hilaridade.

Naquela mesma noite, no leito conjugal, perguntou à esposa:

— Deves dizer-me quem é que te anda aborrecendo.

— Alguém tem ciúmes de mim, eis tudo.

— Quem?

Como ele insistisse, Yonia disse finalmente:

— É uma velha amiga minha.

— Mas quem?

— Certa Srt.^a Chuang. Tu não a conheces.

— Não a filha da viúva Chuang?

— Então a conheces? — exclamou a mulher, erguendo-se, surpresa.

Wu contou-lhe como fora que a viúva viera oferecer-lhe a mão da própria filha, uma semana depois de ele ter assumido compromisso com Yonia, e como o desencorajara a desposar esta. Diz-se que uma mulher ciumenta é mais de temer que uma leoa raivosa. A esposa pôs-se a proferir um chorrilho de pragas irreverentes, que ele jamais esperara ouvir-lhe.

— Não há por que te preocupares — tranqüilizou-a o marido. — Estamos casados e ela não tem direito algum de vir aqui aborrecer-te. Da próxima vez que venha, basta que me chames e cuidarei de espancá-la bem à tua vista.

— Amas-me mais do que a ela, não é verdade? — perguntou-lhe Yonia.

— Estás dizendo bobagens. Nem mesmo cheguei a ver a Srt.^a Chuang. Vi apenas sua mãe, uma única vez.

A despeito de si mesmo, sentia-se algo perplexo. Tinha a sensação de que a esposa era dona de um segredo que se recusava a confiar-lhe.

A Srt.^a Chuang não voltou, porém, e tanto o marido quanto a esposa viam os seus dias decorrerem em completa felicidade. Hangchow, pensava ele consigo, é uma cidade maravilhosa. Vivia num mundo encantado.

Chegara a época da Festa do Barco do Dragão. De acordo com a tradição, Wu fechou a escola, e sugeriu a Yonia que saíssem ambos, ou para irem à cidade ou para visitarem os templos situados nas montanhas vizinhas. A esposa nunca saíra de casa desde o dia do casamento, e recusou a proposta, dizendo-lhe que fosse sozinho. Pediu-lhe, contudo, que a levasse a passar o dia em companhia de sua mãe adotiva, no Tanque do

Cisne Branco. Ele a deixou lá e continuou até Wang-sungling, detendo-se, durante o percurso, para visitar o Templo de Tsingtse. Ao sair do templo, um criado da taverna fronteira chegou-se a ele e disse-lhe:

— Um cavalheiro, na taverna, deseja ver-vos.

Quando Wu entrou no estabelecimento, ali encontrou um jovem, que conhecera durante os exames, chamado Lo Chisan.

— Vi-te entrar no templo e pensei em bater um papo contigo. Que estás fazendo hoje?

Wu replicou-lhe que aproveitava o feriado e que não tinha idéia exata de para onde iria. Informou-o, outrossim, de que se havia recentemente casado.

Numa vingança brincalhona contra o amigo, que mantivera o casamento em segredo até então, Lo imaginou retê-lo prisioneiro por um dia, a fim de ver o quão aflito ele não haveria de ficar.

— Quanto a mim, vou visitar o cemitério de minha família, em Wangsungling. Que tal vires comigo e passarmos o dia juntos? As azáleas estão ainda floridas e conheço uma boa taverna, por aqueles lados, onde servem o melhor vinho que jamais provei.

Wu concordou prontamente com a sugestão, feliz por ter encontrado um companheiro para o dia. Saíram da taverna e atravessaram o lago pelo Dique Su Tung-po, onde viram uma multidão festiva de homens, mulheres e crianças, passeando pela larga estrada sombreada de salgueiros. Alugaram um bote na estrada de Nanshin e desembarcaram em Maochiapu. O cemitério da família de Lo ficava além de uma montanha íngreme e rochosa, chamada Tuôsienling. Levaram uma hora para franqueá-la; depois de ultrapassarem o cimo, desceram pela outra encosta, e caminharam cerca de meia milha até chegarem a seu destino. O dia estava agradável e, nas ribanceiras, havia grande profusão de flores róseas e vermelhas. Estavam tão encantados com o lugar que a tarde se passou sem que se dessem conta disso.

O amigo de Wu levou-o, então, à taverna. Para lá chegar, tiveram de descer ao vale por uma vereda tortuosa, encantadoramente ladeada de árvores. Cruzaram uma ponte de madeira, ao fim da qual, na margem oposta, erguia-se uma grande figueira da Bengala, raramente encontrável naquela região, atirando para o céu seus longos ramos, a dez ou quinze pés do solo. Longas lianas pendiam, quais barbas, da galharia, num simulacro de esforço para alcançar o solo. A cerca de quinze passos da árvore, havia um bangalô, com uma bandeira de pano quadrado suspensa a um mastro de bambu — o letreiro familiar das tavernas.

— Ei-la — disse Lo. — Conheço a viúva. Na última vez em que estive aqui, passei horas maravilhosas palestrando com sua filha. Uma doce e lindíssima rapariga.

Wu sentiu o sangue latejar-lhe nas têmporas.

A viúva Chuang postara-se diante da taverna para

dar-lhes as boas-vindas, como se os tivesse visto aproximando-se. Era toda sorrisos.

— Ora, se não é o Professor Wu! — exclamou. — Que ventos vos trouxeram até aqui? Entrai, entrai!

Levou os homens para dentro e pôs-se a arrastar cadeiras e a bater almofadas, numa enérgica demonstração de hospitalidade.

— Sentai-vos, cavalheiros. Não sabia que fôsseis conhecidos. Li-huá! — gritou. — Há convidados; vem cá!

Tal era o nome de sua filha, que significava *Flor de Pêra*.

Logo depois, uma jovem esguia, de dezoito ou dezoito e nove anos, aparecia, trajada de vermelho, com grandes enfeites negros no cabelo. Tinha longas pestanas, e trazia, na face, um sorriso perpétuo. Prestou reverência aos hóspedes, sem a timidez das moças de cidade.

— Aquece o melhor vinho para nossos hóspedes — ordenou-lhe a mãe.

Enquanto Li-huá se dirigia a um canto da sala para retirar vinho de um pote de cerâmica, a viúva Chuang disse a Wu:

— Que foi que vos disse a respeito de minha filha? Não é mesmo bonita? Não é mesmo uma boa moça? Eu não saberia que fazer sem ela. Sim, ela me faz muito feliz. Poderia ter sido vossa. Bem!

A viúva Chuang interrompeu-se quando a moça se aproximou, jarra nas mãos e rubor nas faces. Colocou a jarra de vinho sobre o fogo. Seus olhos lançavam chispas e ela sorria para Wu, não atrevida, mas alegre e deliberadamente, como sorriria uma moça de sua idade a um rapaz simpático. Permanecia ao lado do fogo, abandonando as brasas, movendo o corpo ocasionalmente, e atirando para trás, de quando em quando, as mechas de cabelo que lhe caíam sobre a fronte ao se inclinar. Sentado em silêncio, Wu correspondia-lhe aos olhares. Cada um dos movimentos da moça eram delicados. Tendo-se o carvão inflamado, ela saiu de perto do fogo, e pôs-se a lavar alguns canecos, que colocou, em seguida, sobre a mesa, olhando para Wu enquanto o fazia.

— Quatro canecos — ordenou a viúva Chuang.

Li-huá foi buscar mais dois, lavou-os, e permaneceu ociosamente ao lado da mesa. A certo momento, voltou para junto do fogo e encheu de vinho morno a jarra.

— Mamãe, — chamou — está pronto.

Serviu os hóspedes de vinho.

— Senta-te. Estarei de volta dentro de um minuto.

Atirando para trás algumas mechas de cabelo, com o seu alvo braço, a rapariga bateu algumas cinzas, que se haviam pegado ao avental, e sentou-se.

A viúva logo veio ter com eles, e os quatro ficaram a beber e a conversar. A viúva perguntou a Wu como passava e inquiriu-o sobre o casamento. Wu contou-lhe o quão feliz se sentia. Conteve um pouco o entusiasmo ao lembrar-se do incidente na sua casa. Não podia acreditar que aquela linda e doce rapariga pudesse ter-lhe

agredido a esposa. Mas estava quase seguro de que houvera algo entre as duas moças.

— Pois é, — observou a viúva — agora que vistes Li-huá, podeis calcular o que perdestes.

— Tendes toda a razão em estar orgulhosa de vossa filha — replicou Wu, satisfeito por essa oportunidade de elogiar a moça. Li-huá enrubescceu ligeiramente.

Os homens disseram que tinham de ir-se, mas a viúva insistiu para que se demorassem ainda.

— Ficaí para o jantar. Não sabeis o quão saborosas são as carpas preparadas por Li-huá.

Wu pensou na esposa, e disse que já se fazia tarde.

— Já não podereis entrar na cidade hoje. A Porta Chien-tang já estará fechada quando lá chegardes. Tendes umas boas quatro ou cinco milhas de percurso.

Wu concordou, pois o que ela dissera era verdade, mas sentia a consciência pesada. Sabia, contudo, que a esposa o esperava em casa da mãe adotiva e que ali estaria a salvo.

O peixe, recém-pescado no regato, estava realmente incomparável; o vinho morno acariciava-lhe a garganta e fazia-o sentir-se interiormente calmo. Wu estava muito feliz.

— Que fizeste com este peixe? — perguntou.

— Nada — replicou Li-huá com simplicidade.

— Há, nele, algo de mágico. Juro que jamais provei carpa como esta.

— Não vos disse? — afirmou a viúva. — Não era verdade tudo quando vos contei de minha filha? Mas preferistes acreditar nas palavras de uma casamenteira profissional.

Ferido pela insinuação, Wu respondeu, com visível aborrecimento:

— Que há de errado com minha mulher?

Li-huá parecia estar a pique de falar, mas, com um olhar, a mãe silenciou-a e disse:

— Nós a conhecemos muito bem. Vossa esposa é uma mulher terrivelmente ciumenta. Senão, por que teria, flautista tão talentosa, sido posta para fora da casa do seu patrão?

— Que fez ela? Dissestes que era uma mulher terrivelmente ciumenta!

— Era, sim. Não podia admitir que existisse alguém mais bela, ou que tocasse flauta melhor do que ela. Empurrou uma moça para fora da varanda, matando-a. Foi somente por que contava com a proteção da todo-poderosa família Chin que logrou escapar da acusação de assassinio. Entretanto, como estais casado com ela, não quero dizer nada mais. Não tocai nesse assunto quando conversardes com vossa esposa. Fingi não saber de nada.

Sob a influência do vinho, o amigo de Wu namorava tolaemente Li-huá, lançando-lhe olhares ternos. Li-huá tolerava-o de bom humor, por estar ele bêbado, e sorria, com ar cúmplice, para Wu. Logo, Lo estava tão embriagado que tiveram de levá-lo até um sofá, onde ele ficou

deitado a roncar.

A essa altura, Wu estava mais confuso do que nunca a respeito da mulher com quem se casara. Viu, também, que, embora não tivesse o fascínio de Yonia, Li-huá pertencia aquela espécie de moças sinceras, ternas e alegres, capazes de fazerem muito felizes os homens que com elas vivessem. A despeito da sua completa simplicidade, vê-la era uma festa para os olhos. As palavras da viúva — “não sabeis o que perdestes” — continuavam a ressoar-lhe nos ouvidos. O encontrá-la, naquela noite, numa taverna à margem da estrada, o seu recente casamento, e todos os acontecimentos do mês que passara, pareciam-lhe uma atropelada sucessão de eventos irreais.

A noite caíra e, pela janela, podiam-se avistar os vaga-lumes voando lá fora. A viúva e sua filha fecharam a taverna, enquanto Wu saía. Não havia qualquer outra casa em todo o vale. Os pássaros tinham-se aninhado nas árvores, e o silêncio era completo, a não ser pelos pios ocasionais de uma coruja, ou pelos gritos, distantes e lúgubres, de algum animal noturno. Uma pálida lua crescente, com as pontas voltadas para baixo, brilhava sobre os picos recortados contra o céu ocidental, transformando as árvores em altos espectros, negros e trêmulos ao vento da noite, e conferindo ao vale uma beleza fantasmal.

Li-huá permanecia à soleira da porta. Vestia, agora, um quimono branco, e o cabelo caía-lhe sobre os ombros em ondas graciosas. Com uma flauta na mão, encaminhou-se para ele. Sorriu-lhe com ingenuidade, e disse, em tom simples, mas expressivo:

— Olha para a lua.

— Sim — respondeu Wu, engolindo o resto dos seus sentimentos.

— Vamos até o regato. Há, ali, um belo recanto, onde gosto de sentar-me e tocar flauta, à noite.

Quando chegaram ao recanto, ela escolheu um penedo, que dava sobre o regato, para eles se sentarem, e pôs-se a tocar uma melodia suave, lamentosa e alician-te. O luar iluminava-lhe a custo a silhueta oval da face, o cabelo e o corpo. Aparentemente, ela tocava melhor do que Yonia; e ouvir uma flauta soando num vale recluso, ao luar, junto de uma bela rapariga, e sentir as notas da melodia se misturarem à música do regato, flutuarem por sobre as copas das árvores, e ecoarem nas colinas distantes, era uma experiência inesquecível para qualquer homem. Assim o foi para Wu naquela noite. Era tão bela, que chegava a doer. Wu sentiu-se tomado de funda angústia.

— Por que estás tão triste? — perguntou Li-huá.

— É tua música que me faz triste assim — respondeu Wu, admirando-lhe a branca e fantasmal beleza sob a noite estrelada.

— Então, pararei de tocar — disse Li-huá, rindo.

— Por favor, continua.

— Não, se te causo tristeza.

— És feliz aqui?

— Sim. Existirá, acaso, em todo o mundo, lugar mais lindo do que este — as árvores, o regato, as estrelas, a lua?

— Sentes-te solitária?

— Solitária? — replicou ela, como se desconhecesse a palavra. — Tenho minha mãe, e nós nos amamos muito.

— Não desejas um homem?... quero dizer...

Li-huá riu novamente.

— Para que queria um homem? Ademais, não é fácil encontrar bons maridos. Minha mãe falou-me a teu respeito. Gosta muito de ti. Se me fora dado casar-me com alguém como tu, eu ficaria muito feliz e teria tido filhinhos para brincar com eles.

Deu um suspiro fundo.

— Li-huá, amo-te — disse Wu, com a voz embarcada pela emoção. — Fiquei fascinado desde o primeiro momento em que te vi.

— Não sejas tolo. Estás casado, agora, com aquela diaba, e tens de suportar o fardo. Vamos, entremos. Aposto que ela me mataria, se soubesse que passaste a noite aqui comigo.

Wu se sentia como que num transe, tão grande era a mágica influência do lugar, da música, e da voz da linda rapariga sobre ele. Era verdade, então, que as duas moças a quem amava haviam sido inimigas.

Quando se encaminhavam para a casa, a lua emergiu das nuvens e iluminou, contra o negrume da noite, o branco oval da face de Li-huá. Uma flor branca oscilava pouco acima da sua cabeça. Wu tomou-a nos braços e beijou-a apaixonadamente. A moça se submeteu; depois, pôs-se a soluçar.

— Ela me matará! — exclamou, tomada de súbito horror.

— Que bobagem! Quem?

— Yonia! Ela me matará!

A voz da moça estava trémula.

— Ela jamais saberá. Não serei tão tolo assim que vá contar-lho.

— Sim, ela saberá.

— Como?

— Bem, és capaz de guardar um segredo?

Ela se aproximou dele; Wu sentiu-lhe o sopro cálido.

— Tua mulher é um fantasma. Enforcou-se ao deixar a casa do seu patrão, porque estava esperando um filho. Ela assombra a gente viva. Minha mãe não podia contar-te a verdade. É contra os princípios. Ela te preveniu, mas estavas enfeitiçado.

Um arrepio percorreu a espinha de Wu quando ouviu tais palavras.

— Queres dizer que desposei um fantasma?

— Sim, desposaste. Um fantasma que me perseguiu quando eu morava na cidade.

— Perseguiu-te?

— Sim! Eu tive uma briga com ela, pois Yonia sentia ciúmes de mim. Por que achas que nós, mãe e filha, escolhemos lugar tão distante para viver? Escolhemo-lo para escapar-lhe.

A moça fez uma pausa e acrescentou:

— Agora, estou completamente restabelecida, e somos felizes aqui. Ela não sabe. Há sempre turistas que passam por esta estrada, e minha mãe está economizando muito dinheiro; não nos importamos em voltar para a cidade. Espero que, algum dia, minha mãe encontre um rapaz simpático como tu para eu me casar com ele.

A moça contava-lhe a história como se fosse algo de corriqueiro.

— Encontrará, sim. És uma moça muito linda. Mas eu, que devo fazer?

— Como saberia eu? Mas não debes nunca dizer a Yonia que me encontraste aqui ou em qualquer outro lugar. Não contes à minha mãe o que te contei. Se me amas, guarda silêncio absoluto sobre a tua visita de hoje. Não deixes, jamais, que Yonia saiba onde vivo.

A voz de Li-huá tremeu quando disse a última frase.

Todos os instintos masculinos de Wu impeliavam-no a proteger aquela doce rapariga. Prometeu o que ela lhe pedia, e tentou beijá-la novamente. Mas a moça fugiu-lhe e disse:

— Devemos entrar. Minha mãe deve estar à nossa espera.

Ao entrar, Wu deparou com o amigo ainda roncando; a moça acendeu uma vela e deu-lhe boa noite. Já estava metido na cama, pronto para dormir, quando Li-huá apareceu novamente no topo da escada e perguntou, com voz doce:

— Estás bem?

— Sim; muitíssimo obrigado.

A moça subiu. Ele ouviu-lhe os passos lá em cima. Depois, o silêncio. Wu rolou na cama a noite toda, sem poder conciliar o sono.

No dia seguinte, os dois amigos voltaram para a cidade. Antes de partirem, a viúva Chuang lhes disse:

— Deveis voltar algum dia.

Li-huá lançou-lhe um demorado olhar.

Acompanhado do amigo, Wu encaminhou-se para a Porta Chientang, não se atrevendo a contar-lhe quanto se passara entre ele e Li-huá. Durante toda a jornada, pensou nela. Estava confuso; sabia, porém, que ansiava por revê-la. Alegando que tinha assuntos a tratar na vizinhança da Porta, disse ao amigo que continuasse sozinho. O que Li-huá lhe havia contado — que sua esposa era um espectro — era fantástico; ele estava perturbado e hesitava em regressar ao lar.

Lembrou-se, então, das diversas ocasiões em que Yonia demonstrara surpreendente habilidade para ler-lhe os pensamentos. Certa feita, estava ele escrevendo uma carta e, não encontrando nenhum envelope na gaveta da escrivaninha, ia chamar Chin-er, quando depa-

rou com a esposa ao lado da mesa, estendendo-lhe um envelope. Lembrou-se também de que, outra vez, pensava em sair à rua depois das aulas, coisa que raramente fazia. Chovia. Exatamente às quatro e meia, sua esposa lhe trouxe um guarda-chuva, deixando-o encostado à parede. Ele a olhou, surpreso.

— Vais sair, não vais? — perguntou ela, ao sair do aposento.

Tais acontecimentos poderiam ter sido fortuitos, mas quanto mais neles pensava, mais apavorado se sentia. Recordou-se de como ela não lhe permitia pronunciar as palavras *diabo* ou *fantasma* em casa; de como, tanto ela quanto Chin-er, eram dotadas de estranha habilidade para localizar coisas no escuro.

Decidiu-se a procurar Wongpo, a fim de descobrir o passado de Yonia. Quando chegou à casa da casamenteira, encontrou a porta selada com um édito oficial, no qual se liam estas palavras: "O coração humano é como ferro; a lei do Imperador é como fogo." Colheu informações com os vizinhos, e soube que Wongpo havia sido enforcada, seis meses antes, sob a acusação de andar seduzindo jovens para propósitos ilícitos.

A essa altura, Wu estava completamente aterrorizado. O que Li-huá lhe contara era pura verdade. Sentiu o coração encher-se de ternura à lembrança dela. Que doce rapariga! Pôs-se a recodar-lhe a face alva, a simplicidade, a alegria, o senso de humor. Teria sido tão melhor se a houvesse desposado!

Devia ir ver Li-huá e esclarecer o mistério, de uma vez por todas. Mas lembrou-se, ao mesmo tempo, de quão boa esposa Yonia havia sido para ele, e teve medo de cometer um erro. Quanto mais tempo ficasse longe de casa, mais difícil lhe seria justificar a ausência. Sua mente estava tão confusa que, depois de ter passado uma noite na Porta Chientang, não se pôs a caminho de Tuôsienling senão às três horas da tarde. Quando entrou ao bote, imaginou Li-huá fazendo-o sentir-se melhor e mais seguro; mal podia esperar pelo momento em que lhe contemplaria outra vez o rosto e lhe ouviria, novamente, a voz. O bote avançava lentamente, pois soprava forte vento contrário. Nuvens negras adensavam-se ao norte, e parecia que uma tempestade junina estava prestes a desabar. Quando olhou para as Montanhas do Oeste, viu as nuvens cobrindo-lhes os picos. Não trouxera guarda-chuva consigo, mas nem por isso se deixou intimidar. Chegou quase a considerar oportuna a tormenta: serviria para aliviá-lo da opressão mental.

Conhecia bem o caminho e não teve dificuldade em orientar-se através do Tuôsienling. Quando chegou ao alto da montanha o olhou para baixo, sua pulsação se fez mais rápida, ao pensar na casa de Li-huá, ao lado do riacho. O céu estava negro; não pôde precisar a hora exata, mas julgou já fossem cinco ou seis da tarde. O vento assoviava por entre as árvores, açoitando-as. Nos aclives, abaixo dos grandes penhascos, havia diversos

cemitérios públicos e privados, novos e velhos. Desceu, apressado, os íngremes degraus de pedra que levavam à ribanceira lá embaixo; sua pressa era em parte devida à impaciência, em parte à esperança de alcançar a taverna antes que a tempestade desabasse.

Ao chegar à planura, começou a correr. A cem jardas da casa, a tempestade colheu-o. Os trovões ribombavam e os relâmpagos luziam; grandes gotas de chuva, do tamanho de ervilhas, caíam do céu. Divisou um pequeno edifício, retangular e solitário, à entrada de um cemitério, e foi apressadamente nele se abrigar. Um sexto sentido aconselhou-o a trancar a porta: correu todo o ferrolho. Não sabemos como é que percebemos tais coisas, mas ele experimentou uma sensação distinta de ser o único ser humano vivo naquele vale. As tempestades juninas nunca duram muito, e Wu sentiu-se feliz por estar abrigado até que ela passasse.

Quando recuperou o fôlego, percebeu que alguém empurrava a porta. Conteve a respiração.

— Está fechada — exclamou uma voz juvenil, que soava como a de Chin-er. — Vamos esgueirar-nos pela fresta?

— Ele não pode escapar, de qualquer modo. (Era a voz de sua mulher.) — Vir ver aquela diabinha num dia como este! Não importa; acertarei contas com aquela vagabunda, primeiro. Se ele escapar, entretimentos, haverá tempo bastante para tratar dele quando chegar em casa.

Wu ouviu o som de passos afastando-se. Seu corpo todo estava trêmulo. A tormenta perdera a fúria inicial, mas relâmpagos intermitentes iluminavam a casinhola, como que lhe pontuando a miséria. Dirigiu-se para os fundos do aposento e viu que estava num velho cemitério público, constituído de tumbas arcaicas. Algumas lousas tumulares tinham caído por terra, deixando os buracos escancarados. Subitamente, ouviu gritos terríveis de mulher, vindos da taverna.

— Socorro! Socorro! Assassina!

Todos os poros de Wu se abriram e os cabelos se lhe eriçaram. Houve, depois, uma longa seqüência de pragas, maldições e gritos, como se três ou quatro mulheres lutassem, engalfinhadas. Eram vozes nitidamente femininas, mas desumanas, fantasmais, oitavas acima do timbre normal da voz humana.

Wu avistou a sombra alta e musculosa de um homem pulando por sobre a cerca da casa do guardião, para o meio das tumbas, e chamando:

— Pequeno Chu! Ouviste o grito?

Uma figura esquelética, de cabelos longos e desgrelhados, emergiu, rastejante, de uma das sepulturas. Tinha as costas recurvadas e tossia roucamente.

“Esse fantasma parece ter morrido de asma” — pensou Wu consigo.

— Há morte lá, vamos! — gritou a figura alta, no escuro. Os dois espectros se atiraram para a frente,

como uma lufada de vento. Wu pôde ouvir a voz do homem gritando:

— Quietos! Todos vós! Como posso ouvir-vos quando quatro mulheres se põem a falar ao mesmo tempo?

Em meio ao burburinho. Wu distinguiu — estava certo disso — os gritos e os gemidos de Li-huá. Logo depois, as vozes silenciaram, e ele ouviu correntes chocando-se e arrastando-se por sobre a ponte de madeira. Os ruídos se avizinham. Wu tinha os nervos à flor da pele; suas mãos estavam pegajosas. Avançavam em direção à porta.

Ao redor do cemitério, havia uma parede baixa, de cinco pés de altura. Ele não podia ver o que se passava lá fora, mas ouviu um tilintar de correntes e uma batida surda.

— Ai-iô! — fez-se ouvir um grito de mulher. Era a voz de Yonia.

— Tua face não me é familiar — disse a voz de homem. — Por que vens perturbar nossa paz? Não sabes fazer nada melhor do que invadir meu território?

Lept! Lept! O fantasma de Yonia começou a berrar.

— Vim procurar meu marido — disse. — Segui-o até aqui. Está escondido nalgum lugar. (Wu não se sentia muito à vontade no seu esconderijo.) Senhor, estamos casados de acordo com a lei. Ele foi enfeitiçado por esta rapariga. Veio para cá no dia do Festival do Barco do Dragão, e não voltou para casa até hoje. Acompanhada de minha serva, vim procurá-lo.

— Eu não fiz nada! Eu não fiz nada! — protestou Li-huá, ainda em lágrimas. Wu sentiu que o coração se lhe partia dentro do peito. Mesmo que ela fosse um espectro, amava-a mais do que nunca.

— Oh! sim, fizeste! — retrucou a mulher, zangada. — Deverias ser espetada com um milhão de punhais, até morrer.

Parecia que estava arrancando os cabelos de Li-huá, pois esta gritou novamente.

— Pára! — gritou o guardião fantasmal do cemitério.

— Nós, mãe e filha, temos vivido pacificamente — explicou a voz da viúva Chuang. — Não fizemos mal a ninguém. Esta mulher matou minha filha e bem gostaria de tê-la matado de novo se eu não tivesse acudido.

— Sei disso, sei disso — assentiu o guardião. — Li-huá é uma boa moça e uma filha cumpridora dos seus deveres. Mesmo que tivesse roubado o afeto de teu marido, deverias ter vindo até mim, e não feito justiça com tuas próprias mãos, tentando estrangulá-la. Sabes que não adianta. Terei de te denunciar por isso. Onde é a tua residência final?

— No Pagode Paosu.

— Dizes que estás casada perante a lei. Quem foi a casamenteira? — perguntou o espectro.

— Wongpo, da Porta Chientang — replicou Yonia.

— Não mintas! — Lept! Lept!

— Estou dizendo-te a verdade — choramingou Yonia, com voz suplicante.

Wu lembrou-se, subitamente, de que poderia ser descoberto a qualquer momento. Correu o ferrólho cautelosamente, esgueirou-se e se pôs a correr para salvar a vida. Felizmente, devido à pancadaria e aos gritos das mulheres, ninguém o ouviu. Atravessou a ponte às carreiras, chegou à figueira da Índia e olhou em torno. A taverna desaparecera. No local onde esta antes se erguia, viu duas tumbas, mas estava apavorado demais para deter-se e ler as inscrições.

Um suor frio começou a escorrer-lhe pelo corpo. Quanto mais corria, mais amedrontado ficava. Tudo, à sua volta, eram sombras num vale fantasmagórico. Lembrou-se confusamente que, da última vez, ele e o amigo haviam saído do vale seguindo o riacho. O caminho estava escuro e escorregadio. Numa curva, avistou duas mulheres paradas ao lado de uma clareira entre as árvores. O lenço vermelho, envolvendo o pescoço da mais velha, era facilmente reconhecível, e teria sido digno de nota o fato de o cabelo da outra não estar úmido.

— Aonde vais correndo feito doido? — perguntaram Wongpo e a Sr.^a Chen, a mãe adotiva. — Estávamos à tua espera.

Louco de terror, Wu continuou a correr, ouvindo, atrás de si, o riso das mulheres.

Deveria ter percorrido cerca de meia milha quando divisou uma luz distante, à embocadura do vale. Nunca uma luz lhe pareceu mais reconfortante. Ao aproximar-se, viu que se tratava de uma pequena taverna, escassamente mobiliada. Um casal de velhos emaciados como esqueletos estava sentado à mesa, sob a lâmpada de óleo. O marido, homem dos seus cinquenta anos, trajava um avental todo manchado de sangue, como o de um açougueiro.

Wu pediu vinho.

— Quatro onças, e morno.

O homem fitou-o, sem se erguer da cadeira.

— Servimos apenas bebidas frias aqui — respondeu, ríspidamente.

Wu se deu conta, então, de que se metera com outro par de fantasmas. Sem dizer mais palavra, levantou-se e saiu às carreiras. Eram quase onze horas quando chegou à Porta Chientang. Entrou num hotel e desceu furtivamente até o salão de chá, sentando-se tão perto quanto pôde de uma mesa onde bebiam seis ou sete homens.

— Pareceis ter visto algum fantasma — observou alguém ao seu lado.

— Vi, sim. Um bando deles.

Foi para casa e encontrou a porta fechada a chave. Teve medo de entrar; encaminhou-se para o Tanque do Cisne Branco. Quando chegou à casa da mãe adotiva de sua esposa, encontrou a porta escancarada. Entrou. A aparência do local tinha mudado. Onde outrora havia

cortinas verdes, restavam apenas janelas vazias, batendo preguiçosamente contra as paredes. A pintura verde clara desaparecera. Wu estava indizivelmente surpreso.

Não tendo para onde ir, entrou na taverna mais próxima. Engoliu um copo de vinho. Quando se sentiu mais reanimado, perguntou furtivamente ao garção se ele sabia alguma coisa sobre a casa deserta.

— Aquela casa está abandonada há mais de um ano. É tão assombrada que ninguém ousa roubar-lhe a mobília, embora seja de madeira de lei.

— Assombrada? — perguntou Wu, com simulado espanto.

— Sim. Costumavam-se ouvir, ali, ruídos aterrorizantes à noite. Sons de passos ressoavam pela escada, como se duas mulheres estivessem perseguindo-se uma à outra. As cadeiras voavam e as painéis se entrecrocavam. Muitos ouviram gritos espectrais de mulher. Os ruídos começavam sempre à meia-noite, duravam um quarto de hora e, por fim, cessavam.

— Quem vivia na casa? — perguntou Wu, honestamente satisfeito por ouvir a história, como se fosse nova para ele.

— A proprietária era uma mulher de nome Chen — informou o garção. — Tinha uma linda filha adotiva, que se chamava Yonia. Eram gente bem. Yonia tocava flauta maravilhosamente, e o terceiro filho do tutor imperial Chin, ouvindo falar dela, ofereceu uma grande soma de dinheiro à mãe adotiva e levou a moça consigo. Depois, soubemos que fora posta para fora da casa porque matara uma rapariga durante uma briga. Estava grávida; quando chegou aqui, enforcou-se. Parecia que os dois fantasmas viviam brigando entre si todas as noites. Yonia deveria estar satisfeita, já que foi sepultada no Pagode Paoshu, com um conjunto completo de instrumentos musicais. Depois da sua morte, a Sr.^a Chen estava, certa feita, lavando roupa no tanque, quando caiu dentro da água e morreu afogada. Foi lastimável, pois o seu corpo ficou oculto entre folhas de lótus e só o descobriram dois dias mais tarde. Quando lhe pescaram o cadáver, estava todo inchado e recoberto de nadabaus. Sua única filha — chamávamo-la Chin-er — ficou sozinha, chorando dia e noite, até a Sr.^a Chen vir buscá-la.

— Que queres dizer?

— Bem, foi na primeira noite em que os vizinhos ouviram os fantasmas de mulher brigando dentro da casa. No dia seguinte, encontraram Chin-er morta no leito. Deveria ter ficado terrivelmente assustada. Não acreditaes na história, pois não? No entanto, é verdadeira.

— Quem disse que eu não acredito? — replicou Wu, enigmaticamente.

Wu chegou à conclusão de que a Capital não era lugar adequado para um homem solteiro e solitário. No dia seguinte, empreendeu a viagem de volta à sua terra.

(Tradução de José Paulo Paes)

1. The first part of the paper is devoted to the study of the properties of the function $f(x)$ defined by the equation $f(x) = \int_0^x f(t) dt$. It is shown that $f(x)$ is a constant function.

2. The second part of the paper is devoted to the study of the properties of the function $f(x)$ defined by the equation $f(x) = \int_0^x f(t) dt$. It is shown that $f(x)$ is a constant function.

3. The third part of the paper is devoted to the study of the properties of the function $f(x)$ defined by the equation $f(x) = \int_0^x f(t) dt$. It is shown that $f(x)$ is a constant function.



4. The fourth part of the paper is devoted to the study of the properties of the function $f(x)$ defined by the equation $f(x) = \int_0^x f(t) dt$. It is shown that $f(x)$ is a constant function.

5. The fifth part of the paper is devoted to the study of the properties of the function $f(x)$ defined by the equation $f(x) = \int_0^x f(t) dt$. It is shown that $f(x)$ is a constant function.

6. The sixth part of the paper is devoted to the study of the properties of the function $f(x)$ defined by the equation $f(x) = \int_0^x f(t) dt$. It is shown that $f(x)$ is a constant function.

7. The seventh part of the paper is devoted to the study of the properties of the function $f(x)$ defined by the equation $f(x) = \int_0^x f(t) dt$. It is shown that $f(x)$ is a constant function.

8. The eighth part of the paper is devoted to the study of the properties of the function $f(x)$ defined by the equation $f(x) = \int_0^x f(t) dt$. It is shown that $f(x)$ is a constant function.

9. The ninth part of the paper is devoted to the study of the properties of the function $f(x)$ defined by the equation $f(x) = \int_0^x f(t) dt$. It is shown that $f(x)$ is a constant function.

10. The tenth part of the paper is devoted to the study of the properties of the function $f(x)$ defined by the equation $f(x) = \int_0^x f(t) dt$. It is shown that $f(x)$ is a constant function.

11. The eleventh part of the paper is devoted to the study of the properties of the function $f(x)$ defined by the equation $f(x) = \int_0^x f(t) dt$. It is shown that $f(x)$ is a constant function.

Dinastia Ming

(1368-1644)

O mongol Gêngis-cã talhou na Ásia um vasto império que seus herdeiros mais tarde parcelariam. A um deles coube a China como domínio. A brilhante dinastia Song foi, pois, derubada e substituída pela dinastia mongol dos Yuan em 1280. Apesar de conquistadores, em breve os mongóis seriam absorvidos pela cultura milenar dos chineses; em breve a China voltaria a ser um império próspero e brilhante. Messer Marco Polo foi a atordoada testemunha da magnificência do governo de Kublai-cã, herdeiro de Gêngis-cã. Quanto ao plano propriamente literário, podemos dizer que uma corte recente e sem tradições, e, por isso mesmo, sem preconceitos culturais, favoreceu a eclosão de um gênero sempre desprezado pelos letrados, o teatro, ao mesmo tempo que se atrofiavam os gêneros literários tradicionais.

Em 1352, foi iniciada uma revolta contra os imperadores mongóis, os últimos deles governantes mediocres. Em 1368, é implantada a dinastia nacional dos Ming, que reinará sobre a China até 1644. Trataram os Ming de proceder à restauração dos gêneros literários tradicionais. Os prosadores da dinastia Han (206 a.C. — 220 d.C.) e os poetas da dinastia Tang foram os letrados declarados como únicos modelos válidos. Os escritores sob a dinastia Ming convertem-se, assim, numa academia de mediocres comentadores e plagiadores dos clássicos. Contra esta tendência anquilosante, revoltam-se os três irmãos letrados Yuan. Afirmam que imitar os clássicos é deter a evolução da literatura; que a cada época diferente corresponde uma literatura diferente; que uma obra literária só alcançará a eternidade desde que escrita segundo o temperamento do seu autor, desde que este tenha algo a dizer e a transmitir, sem se preocupar com os modelos clássicos. Foram os irmãos Yuan os primeiros letrados a reconhecer validade literária ao teatro, ao romance, ao conto, e à canção popular; e foi ainda devido aos irmãos Yuan que o teatro e o romance se converteram nas mais brilhantes formas de criação literária sob os Ming.

Porque nascidos do gênero conto, não queremos deixar de apontar nesta nota dois romances famosos: um, histórico, História Romanceada dos Três Reinos, de autor incerto, talvez Lo Pen, talvez Lo Kwantchong; o outro, King-ping-mei, de autor desconhecido, retrata, com um realismo feroz, os costumes corruptos de alguns funcionários coevos.

Kin-ki Kuan é a única seleta famosa de contos que nos resta da dinastia Ming, e da qual Alda de Carvalho Ângelo escolheu duas histórias galantes, que bem retratam a sociedade chinesa sob os Ming: O Casamento Inesperado do Bacharel Tsien e O Tesouro Perdido. O Velho Jardineiro é um conto intensamente poético, que bem patenteia o ideal místico-contemplativo dos chineses.



O Velho Jardineiro

Anônimo

Nos meados da dinastia Song, um velho chamado Tsieu Sian vivia pacificamente na Aldeia da Alegria Eterna, a duas léguas de Ping-kiang, cidadezinha da província de Kiang-nan. Tsieu era dono de muitas jeiras de terra e de uma cabana. Sua esposa, em solteira Tcheu, falecera havia muito, sem deixar filhos.

Tsieu se apaixonara pela horticultura. A fim de consagrar-se a ela inteiramente, não hesitara em abandonar a herdade, conservando apenas o jardim. Para ele, a descoberta de uma flor de espécie rara era alegria ainda maior do que a descoberta de um tesouro de verdade. Mesmo quando em viagem, encarregado de alguma missão urgente, não deixava de se deter, se via flores. Aproximava-se delas tanto quanto necessário para examiná-las minuciosamente; não hesitava, mesmo, em invadir casas alheias, com um sorriso suplicante nos lábios. Se o objeto de sua curiosidade não passava de planta de espécie banal, já existente no seu jardim, ele prosseguia caminho. Mas, se a planta era rara e desconhecida, detinha-se a contemplá-la e ali ficava o dia todo, esquecido da missão de que fora encarregado. Granjeara, dessarte, o apelido de *o Louco das Flores*.

Sua mania floral era tamanha, que chegou a arruinar-se economicamente, gastando, na compra de mudas, os últimos vinténs. Quando necessário, penhorava até a roupa do corpo para satisfazer a sua paixão. Os floricultores se aproveitavam dessa paixão para elevar o preço de suas mercadorias. E Tsieu Sian pagava sem discutir. Os meninos da aldeia lhe traziam, frequentemente, flores maravilhosas, colhidas aqui e acolá nos prados, com uma bola de terra envolvendo-lhes a extremidade do caule, à guisa de raiz. Tsieu Sian estava ciente da maroteira, mas comprava-as assim mesmo. Coisa extraordinária: replantadas no seu jardim, as flores sem raízes não tardavam a vicejar.

Dia por dia, mês por mês, o jardim prosperava. Circundava-o uma sebe de bambus entrelaçados, profusamente entremeada de rosas trepadeiras, ameixeiras selvagens, cerejeiras e sorveiras. Ao pé da sebe, floresciam malvas, balsâminas, lírios, hemerocales, peônias, papoulas, amores-perfeitos e muitas outras, formando

um conjunto encantador. Quando uma flor principiava a fanar-se, outra desabrochava em seu lugar: era uma eterna primavera. Um duplo portão de espinheiros dava acesso ao jardim. Além do portão, uma aléia, ladeada de bambus, conduzia a uma casinha composta de três peças principais. Embora seu telhado fosse de colmo, os quartos eram espaçosos, bem arejados e iluminados por janelas. Todas as peças estavam escrupulosamente arrumadas. Dependurado na parede da sala, havia um pequeno quadro sem assinatura. A mobília compunha-se de bancos, cadeiras e mesas de madeira branca, tudo reluzente de limpeza.

À frente do jardim, estendia-se um lago enorme: o Lago da Audiência Celeste, mais conhecido como O Tanque dos Lótus. Alimentava-se esse lago de vários lagos vizinhos, servindo, ele próprio, de fonte e grandes cursos de água. Conforme a estação, conforme o bom ou o mau tempo, o lago mudava, sem cessar, de tonalidades. Bem na sua ribanceira, Tsieu Sian mandara construir um dique, à beira do qual plantara pessegueiros e chorões.

Tsieu Sian era madrugador. Varria, primeiramente, as aléias cobertas de folhas secas caídas durante a noite e, uma por uma, regava as flores e as plantas, repetindo, à tarde, a mesma operação. Descobrir um botão em vias de desabrochar era, para ele, causa de imensa alegria. Apressava-se a esquentar um pouco de vinho ou chá e levava a ânfora ou chaleira para junto da flor. Inclinando-se até tocar o chão com a fronte, saudava-a. Depois, regando-a com uma xícara de vinho ou de chá, exclamava três vezes "Vivam as flores!". Por fim sentava-se no chão e, com os olhos voltados para as corolas, punha-se a beber demoradamente. Uma vez embriagado, assobiava ou cantava à sua maneira e acabava adormecendo ao pé das hastes, com a cabeça apoiada numa pedra. E dali não saía enquanto a flor não tivesse desabrochado completamente. Se o sol era causticante, borrifava os botões com o auxílio de uma palma. As noites enluaradas, ele as passava no jardim. Nos dias de chuva, com um chapéu de palha na cabeça, azafamava-se em torno das plantas: com pequenas estacas de bambu, erguia e sustinha os ramos encurvados pela chuva. Nas noites de tempestade, não dormia sossegado o bom jardineiro; os cuidados o arrancavam frequentemente da cama.

Nos meses em que as flores murchavam, não cessava de lamentar-se o dia todo; as lágrimas lhe assomavam aos olhos muitas vezes. Não podendo suportar ver as pétalas caídas no chão, varria-as delicadamente com uma palma e recolhia-as num prato. Uma vez secas, guardava-as num vaso grande. Quando o vaso estava cheio, regava-o com um pouco de vinho ou de chá e oferecia-o aos mortos. Depois, com o coração enlutado, pegava esse esquite floral e o enterrava à beira da represa.

As pétalas derrubadas pela chuva e sepultadas na

lama, ele também as atirava ao lago, depois de enxaguá-las em água fresca. Tinha horror a colher uma flor ou a cortar um ramo. "Por que destruí-la, já que uma flor dura tão pouco? E, por esses poucos dias de esplendor, quão longos meses de afanosa elaboração na sombra! O desabrochamento é, em si, árduo trabalho. Para que um botão se abra, são necessários dias e dias, e um céu propício. E, para murchar, alguns momentos bastam.

"E mais: há os pássaros, os insetos, o sol, o vento, a neblina, a neve... e tantos outros inimigos, contra os quais a delicada flor terá de defender-se. É, pois, graças à dedicação do homem que ela pode triunfar de tantos obstáculos! Como ter, pois, coragem de arrancar uma flor à sua haste? Não é comovedor vê-la sorrir ao sol, dançar ao vento como um ser humano cheio de beatitude? Separá-la do ramo é condená-la à morte: nenhuma flor colhida pode sobreviver, nem voltar à haste primitiva." Assim raciocinava o velho; assim argumentava com aqueles que não sabiam amar as flores.

"Se as flores pudessem falar — concluía — protestariam, sem dúvida, a sua inocência, e lamentariam a sorte amarga. Mas existe algo que vos impeça de usufruir as belas flores sem tocá-las? De coração alegre, colheis as flores para enfeitar a mesa de vossos convivas e para embelezar as vestes de vossa bem-amada. Não poderíeis, antes, reunir vossos amigos, beber sob os ramos de flores vivas e encontrar, para atavios femininos, outros enfeites que não fossem florais?"

Para o velho, a profanação mais odiosa era a dos que colhiam flores por capricho; a dos que as arrancavam de passagem para, instantes depois, atirá-las à rua. Pessoalmente, nunca destruíra uma única que fosse. Em casa alheia, preferia demorar-se na contemplação de uma corola, a colhê-la. Algumas vezes, o anfitrião, para ser-lhe agradável, quebrava a frágil haste e oferecia-lhe a flor tão admirada. Então, o velho fugia às pressas, exclamando: "Que pecado!"

Claro que, nas flores do seu jardim, ele não admitia que ninguém tocasse. Logo à entrada, punha o visitante de sobreaviso com os já bem conhecidos argumentos. E se o seu discurso fosse ouvido com indiferença, chegava ao ponto de prosternar-se diante do visitante e de implorar-lhe clemência para com as flores. O certo era que o velho inspirava, não apenas respeito, como simpatia, malgrado o apelido de *o Louco das Flores* com que o ridicularizavam, como se ele fosse, de fato, um ser grotesco.

Muitas vezes, as crianças tentavam roubar-lhes flores para vender; ele preferia, então, dar-lhes dinheiro, muito simplesmente. Se constatava, durante sua ausência, que as flores haviam sido maltratadas, apressava-se, cheio de mágoa, a pensar-lhes os ferimentos com argila. A essa cerimônia dava o nome de *a cura das flores*. Para evitar semelhantes incidentes, não permitia, de modo algum, que estranhos entrassem no jardim.

Aos vizinhos e amigos que lhe pediam, ocasionalmente, autorização para visitar-lhe o domínio, ele a recusava desde logo. Mas, quando insistiam, o velho, antes de abrir o portão ao visitante, lembrava-lhe o *regulamento* do jardim e as suas *interdições*. Proibido, por exemplo, aproximar-se demasiado de flores que pudessem ser profanadas por um sopro impuro! Se alguém fosse impertinente a ponto de apanhar uma flor ou um botão, o velho, rubro de cólera, barrava para sempre o ingresso do insolente no jardim. Todos, porém, compreendiam-lhe a mania, respeitavam-lhe as intransigências e cuidavam de não tocar na mínima folha que fosse.

Sob a bela folhagem das árvores, reuniam-se incessantemente os pássaros, para debicar, aqui e ali, frutos e flores. Desesperado, o jardineiro espalhava grãos pelas aléias, desviando assim a voracidade dos pássaros. Estes pareciam ser, ademais, sensíveis aos seus rogos. Saciados de grãos, contentavam-se em voitar por entre os ramos floridos, sem jamais bicá-los.

O pomar de Tsieu produzia cópia de frutos, de tamanho e sabor inusitados. Uma vez maduros, os frutos eram primeiramente oferecidos por Tsieu Sian aos espíritos de flores; depois, eram saboreados por ele ou distribuídos generosamente aos vizinhos. Os que sobravam, ele os vendia auferindo com isso apreciável lucro.

Tsieu Sian vivia, dessarte, na alegria que lhe proporcionava a horticultura, e dela não se cansou durante cinquenta anos. A cultura de flores, paixão de sua juventude, arraigava-se nele mais e mais à medida que crescia em anos. Sua saúde, a despeito da idade, tornava-se dia por dia mais sólida, pois o sábio homem se contentava com alimentos frugais e com roupas grosseiras e simples. Ademais, Tsieu Sian distribuía bondosamente os lucros do seu jardim aos pobres da aldeia. Os aldeões o amavam e veneravam, chamando-lhe o pai Tsieu. A si mesmo, ele se dava o nome de o velho jardineiro.

Ora, nessa época, vivia, não longe da Aldeia da Alegria Eterna, um homem chamado Tchang Wei, filho de uma família de altos magistrados. Era um jovem astuto, vil e tirânico. Fiado nos direitos sociais que lhe outorgava sua hierarquia, passava os dias a atormentar os vizinhos, e não procurava senão pôr a perder os corações dóceis e indefesos que se submetiam às suas exigências. Por sua ordem, um bando de criados e de jovens vadios, ferozes como lobos, tramavam, noite e dia, horríveis conspirações, e espalhavam, por toda parte, o flagelo de seus crimes.

Certo dia, aconteceu a Tchang Wei ser apanhado numa emboscada e surrado impiedosamente por um inimigo ainda mais terrível do que ele. Queixou-se à justiça, mas perdeu o processo. Seu adversário, de antemão, subornara os funcionários. Humilhado e aturdido por esse revés, Tchang Wei, acompanhado de quatro ou cinco criados e de um grupo de jovens ociosos, encer-

rou-se, durante alguns dias, em sua casa de campo. Esta, situada na Aldeia da Alegria Eterna, não distava muito do jardim de Tsieu Sian. Certa manhã, pouco depois da hora do desjejum, já semi-embriagados, Tchang e seus homens, estando a deambular pelas ruelas da Aldeia, chegaram, sem querer, ao portão de pai Tsieu. Encantados pela beleza das ramagens floridas que ultrapassavam a sebe, exclamaram em uníssono:

— Que recanto maravilhoso! A quem será que pertence?

— É o jardim do pai Tsieu, — informou um criado — ou melhor, é o jardim do *Louco das Flores*!

— Ouvi falar, muitas vezes, de um velho Tsieu Sian, que mora perto da minha casa e que é hábil horticultor. É este, então! Que tal se entrássemos para dar uma olhadela?

— O velho não permite a ninguém entrar no jardim — replicou o criado.

— A ninguém?! Isso é para os outros! Teria coragem de negar entrada a um visitante como eu? Vai logo bater-lhe à porta! — ordenou Tchang Wei.

Era tempo de peônias no jardim do pai Tsieu. Tendo concluído a rega matinal, o jardineiro bebia, alegre, diante de suas flores; enfileirados no chão, havia uma pequena ânfora e pratos cheios de frutas. Estava prestes a esvaziar a terceira xícara quando ouviu que lhe batiam à porta, repetida e impacientemente. Tsieu pousou a xícara e foi abrir. Cinco ou seis homens estavam ali e recendiam a vinho.

“Devem ter vindo por causa das flores”, pensou o pai Tsieu. E, barrando a entrada aos visitantes importunos, perguntou-lhes:

— Que desejam os senhores?

— Que velho! Sou o senhor Tchang Wei, não me conhece? A casa grande, que daqui avistas, é de minha propriedade. Fui informado de que teu jardim está cheio de belas flores. Dei-me ao trabalho de vir especialmente para vê-las.

— Não planto flores preciosas — disse o velho. — Só tenho pessegueiros e damasqueiros, cujas flores já estão murchas. Não há, pois, nada que ver.

— Velho detestável! — apostrofou Tchang Wei, arregalando, enfurecido, os olhos. — Por que escondes as flores? Por que dizes que não tens mais nada? Que mal há em visitarmos teu jardim? Vamos, acaso, demoli-lo com os olhos?

— Não minto. É verdade que meu jardim não tem mais flores — teimou o velho.

Sem dar-lhe mais atenção, Tchang Wei esticou o braço e empurrou-o brutalmente. O velho, perdendo o equilíbrio, tombou ao chão: a passagem estava livre. Os visitantes, aproveitando-se disso, invadiram-lhe o jardim. Impotente para detê-los, Tsieu resignou-se; fechou o portão de espinheiros e acompanhou os intrusos que avançavam pelas aléias. Cuidadosamente, recolheu a ânfora e os pratos, e permaneceu à distância, silencioso mas vigilante.

Ante a exuberância das plantas, sobretudo das peônias em plena floração, o grupo se deteve, encantado. Não eram aquelas da variedade banal chamada *a primavera no pavilhão de jade*, mas de uma espécie rara, de cinco cores diferentes. O canteiro de peônias ficava defronte da pequena choupana coberta de colmo. As flores eram circundadas por rochas artificiais; abrigava-as uma grande tenda, suspensa sobre altas estacas de madeira. Pois aquelas flores delicadas não suportavam o sol ardente. Eram plantas gigantescas; algumas delas mediam dez pés de altura; outras, menores, seis ou sete. As flores eram grandes como pratos de balança de alquimista, e exibiam cores brilhantes.

— Que flores esplêndidas! — exclamaram, a uma só voz, os visitantes.

Tchang Wei escalou as rochas para poder aspirar-lhes o perfume. O pai Tsieu detestava, sobremodo, essa maneira vulgar de apreciar as flores. Não podendo resignar-se por mais tempo, interveio com doçura:

— Por favor! Peço-vos não subirdes tão alto; contemplai as flores à distância.

Já ofendido pela recusa anterior do jardineiro, Tchang Wei esperava um pretexto qualquer para manifestar sua cólera.

— Velho louco! — gritou. — Moras perto de mim e nem conheces o poder do meu prestígio! Ocultavas aqui flores tão belas e ousavas afirmar que nada tinhas. Não te puni por tal mentira, e ainda não estás satisfeito com esse favor? Que dizes? Que destruo tuas flores só em roçá-las com o nariz? Pois bem: vou cheirá-las assim mesmo!

E, puxando os ramos para si, pôs-se a enfiar o nariz em cada uma das flores, uma após outra. Pai Tsieu feria de indignação reprimida. Não ousando dizer palavra, fazia intimamente votos de que os insolentes se fossem embora logo. Estes, contudo, não davam sinal de querer partir, para decepção do velho.

— Diante de tão belas flores, — exclamou Tchang Wei — como não parar? É preciso contemplá-las bebendo.

Ordenou, então, a seus criados, que fossem buscar vinho. Vendo que os intrusos iam instalar-se no jardim, o pai Tsieu não pôde conter-se e obtemperou:

— Minha casa é demasiado humilde — disse — e demasiado exígua para vos acolher. Sinto-me comoyido pela honra com que me distinguis ao apreciar minhas flores. Quanto a beber aqui, sereis certamente bem melhor servidos em vossa nobre residência...

— Vamos — interrompeu-o Tchang Wei, apontando com o dedo para o chão — sentar-nos aqui.

— Mas o chão não é bastante limpo para que nele vos assenteis.

— Pouco importa! — replicou Tchang Wei. — Entenderemos um tapete.

Pouco depois, voltavam os criados com vinho, e ta-

petes, que estenderam sobre o chão. Sentaram-se os visitantes e puseram-se a beber uma rodada após outra. Transbordavam de alegria rude, fazendo uma algazarra dos diabos. Sentado à distância, taciturno e inquieto, o pai Tsieu se atormentava.

Seduzido pela prosperidade do jardim, Tchang Wei concebeu a idéia de apoderar-se dele ardilosamente. Com um olhar vesgo de bêbado, interpelou o velho jardineiro:

— É inacreditável que um velho imbecil como tu possa ser tão hábil jardineiro! Mérito não te falta. Vem, portanto, beber uma taça a minha saúde!

O pai Tsieu resmungou, cheio de rancor:

— Este velho não sabe beber. Não vos incomodeis por minha causa.

— Teu jardim está à venda? — perguntou Tchang, ameaçadoramente.

Pressentindo o perigo, pai Tsieu respondeu, trémulo de medo:

— Meu jardim? Mas ele é a minha própria vida; nunca poderia desfazer-me dele!

— Fica com a tua vida! — replicou Tchang Wei — mas teu jardim, cede-o a mim. É tão simples! É se, depois, não souberes para onde ir, fica trabalhando para mim. Não te pedirei outra coisa senão que cuides de minhas flores. Poderá haver, para ti, trabalho mais bello?

— Mas que sorte a desse velho rabujento! — exclamaram os presentes. — Não é fácil ser assim tão bem visto pelo nosso chefe! Apressa-te, pois, a agradecer-lhe o grande favor!

O velho jardineiro voltou-lhes as costas, sufocado de raiva impotente.

— Olhai para ele! Que velho detestável! — exclamou Tchang Wei. — Concordas ou não? Por que me não respondes?

— Disse-vos que não o cedo. Inútil insistir — replicou o velho, secamente.

— Imbecil! Se insistires na recusa, faço-te prender imediatamente pelo subprefeito.

No auge do furor, o velho jardineiro estava prestes a lançar alguma acerba réplica ao adversário, mas lembrou-se, a tempo, de que o outro era todo-poderoso e de que, ademais, se achava no momento completamente bêbado. De que adiantaria brigar com uma pessoa em semelhante estado? Seria melhor contempORIZAR e ver se conseguia fazê-lo ir-se embora o mais depressa possível, com todo o seu bando. Sufocando a ira, o velho respondeu-lhe nestes termos:

— Admitindo que desejásseis comprar meu jardim, não me recusaríeis, certamente, um prazo para a resposta; assunto assim não se decide de um momento para outro.

— Tens razão — disseram os presentes. — Adiemos o negócio para amanhã!

O grupo todo se pôs em pé, embriagado e cambaleante. Os criados partiram na frente, carregando os utensílios. O pai Tsieu ficou de sentinela diante dos canteiros de peônias, com receio de que colhessem algumas flores à partida. De fato, Tchang Wei escalava já as rochas e avançava para as flores, pronto para colhê-las.

— Senhor! — suplicou o jardineiro, detendo-lhe o braço. — Para vós, talvez, elas não passem de simples flores, mas não imaginais os cuidados, os trabalhos que me exigiram para chegar a tal ponto. Seria realmente uma pena que fôssem arrancadas à toa. Tanto mais que, uma vez cortadas, não sobreviverão mais que um dia ou dois. Valeria a pena cometer semelhante pecado?

— Deixa-te de tolices! — berrou Tchang Wei. — Que pecado há em colher tuas flores? Amanhã, quando me tenhas cedido o jardim, elas me pertencerão. Que te importa, pois, se as arranco todas?

Dito isto, empurrou violentamente o velho; mas este, segurando-o fortemente, exclamou:

— Matai-me, se quizerdes, mas não colhereis uma única flor!

— É realmente intolerável este velho! — exclamou, em coro, o bando todo. — O senhor te arranca algumas flores? Pois bem! Que mal há nisso, para fazeres tais caretas? Crês que tenhamos medo de ti?

E todos, em conjunto, puseram-se a arrancar as peônias, sem discernimento nem cuidado. O velho jardineiro, tomado de desespero, largou Tchang Wei e lançou-se sobre os outros, esquecido da fraqueza dos seus velhos ossos. Não podia, porém, reter os braços de todos, de modo que, num abrir e fechar de olhos, muitas peônias foram arrancadas. Referto de angústia, o velho jardineiro apostrofou, furioso:

— Bandidos! Torpes! Indolentes! Por que não me arrancais então a pele? — E, baixando a cabeça, atirou-se contra Tchang Wei com todas as suas forças!

— Oh! desgraçado! — gritaram, alarmados, os intrusos, ao ver Tchang Wei cair ao choque impetuoso do velho.

Atirando as flores ao chão, todos, de punhos cerrados, avançaram para o velho. Mas, antes que tivessem tido tempo de maltratá-lo, um deles fez, prudentemente, com que os demais se detivessem, observando-lhes que o pai Tsieu era, talvez, velho demais para agüentar tantos golpes sem graves consequências. Abandonaram, então, o velho, e ajudaram Tchang Wei a levantar-se. Este, furioso com a queda, avançou raivosamente para as peônias, quebrou-lhes todas as hastes, espalhando pelo chão ramos, flores, pétalas... E, a golpes de tacão, esmagou as flores espalhadas...

Testemunha desse martírio, o pai Tsieu, estrangulado pela cólera, rolava ao chão, soltando gritos de desespero capazes de abalar o céu. A algazarra atraiu os vizinhos, que acorreram alarmados. Diante da devastação, detiveram-se, transidos de estupor. Os asseclas de

Tchang Wei continuavam a obra de destruição, pisando raivosamente as pétalas e ramos esparzidos no solo.

Refeitos da surpresa, os vizinhos, depois de inquirirem a causa do tumulto, lograram apaziguar os brigões. Entre esses vizinhos, estavam dois ou três rendeiros de Tchang Wei. Deferentes, apressaram-se em desculpar o velho jardineiro e em acompanhar Tchang Wei e seus homens até a saída, procurando não reavivar a irritação do amo.

— Digam ao velho bandido — rosnou Tchang Wei, ao afastar-se — que me dê o jardim, se quiser ver perdoadada sua insolência. Caso contrário, que se precave-nha!

Os vizinhos não tomaram tal ameaça a sério; julgaram-na, antes, delírio de bêbado. Voltaram para o jardim e trataram de erguer o velho jardineiro.

Sentado na escadaria de sua casa, o velho soluçava de cortar o coração. Consolaram-no como puderam e retiraram-se depois, fechando atrás de si o portão de espinheiros. Alguns curiosos, a quem o pai Tsieu recusara entrada no jardim, aproveitaram-se da ocasião para escarnecer dele:

— O velho maniaco exagerava demais! — diziam. — Foi, pois, tratado como merecia. Boa lição para ele!

Outros, mais comedidos, interrompiam os zombeteiros:

— Não sejais injustos! “Com um ano de labor”, diz um provérbio, “as flores vos dão dez dias de prazer.” Simples amadores que sois, não fazeis idéia das dificuldades da cultura. O velho esforça-se por chegar a bom resultado. Tem toda a razão de sentir ciúmes de suas flores.

Só, no jardim, o pai Tsieu não cessava de lamentar a sorte das peônias. Cumpriu o piedoso dever de recolher as pétalas pisadas, sujas de lama e de poeira. Entregue à triste tarefa, soluçava com voz magoada:

— Oh! flores! Durante toda a minha vida, amei-vos sempre; cuidei sempre de vós o melhor que pude! Nunca tive o menor desejo de fazer-vos mal! Quem houvera imaginado semelhante catástrofe?

— Tsieu! — chamou uma voz distante, atrás dele. — Por que vos afligis tanto?

O velho jardineiro voltou-se e viu diante de si uma arrebatadora jovem de uns dezesseis anos. Em vão procurou lembrar-se a que grande família da vizinhança poderia pertencer a jovem. Contendo as lágrimas, perguntou-lhe:

— De onde vens, minha pequena?

— Minha casa não é longe daqui — retorquiu a jovem. — Ouvi falar de vossas peônias e vim unicamente para ver vossas belas flores. Não sabia que já estavam murchas...

À palavra *peônias*, o velho jardineiro pôs-se de novo a soluçar.

— Que tendes? — perguntou-lhe a jovem, surpresa.

— Não quereis confiar-me vossas mágoas?

O velho contou-lhe, então, sua triste aventura com Tchang Wei.

— Chorais, então, por tão pouco? — exclamou ela, rindo. — Quereis ver as flores voltarem a seus ramos?

— Não cações de mim, pequena! Jamais uma flor caída voltou ao seu ramo!

— Asseguro-vos que sim — continuou a moça. — Foi-me legado, pelos meus antepassados, um segredo que permite ressuscitar as flores de modo infalível.

O velho estava perplexo. A graça da jovem chegara, inclusive, a afastar-lhe o pensamento de suas misérias. Perguntou-lhe:

— Tendes realmente esse segredo?

— Claro! — afirmou ela.

— Se vossa maravilhosa arte der resultado — exclamou, entusiasmado, o pai Tsieu, caindo de joelhos — prometo-vos, como recompensa, convidar-vos todas as vezes que uma flor desabroche.

— Não falemos ainda de recompensas — disse a moça. — Ide buscar uma tigela com água!

O velho levantou-se de um pulo e foi buscar água, a si mesmo perguntando, em voz baixa: "Seria possível tal milagre? Ou, por me ver chorando, determinou pregar-me uma peça?" Desdizendo-se depois, mudou de parecer: "Na verdade, não a conheço. Ela não tem motivo algum para vir atormentar-me. Há, pois, esperança de que consiga mesmo ressuscitar as flores."

Quando voltou com a tigela na mão, não viu mais a moça. Mas, coisa extraordinária, cada uma das flores voltara à sua haste! No chão, nem uma única pétala! Outro prodígio: antes, cada peônia tinha uma só cor; agora, todas elas se haviam tornado multicoloridas; umas aliavam o violeta ao vermelho; outras eram nuançadas, a amarelo-escuro orlando-se de amarelo-claro. A variedade das cinco cores fundia-se, em suma, deliciosamente em cada flor, e todas resplandeciam com brilho inusitado!

Extático, o pai Tsieu felicitou-se, dizendo: "Quem acreditaria que aquela pequena seria realmente capaz de operar tal maravilha?"

Crendo-a escondida atrás das árvores, o velho pôs a tigela no chão e foi à sua procura. Queria expressar-lhe seu reconhecimento. Em vão vasculhou todos os cantos e recantos do jardim. Nenhum vestígio dela. Pensou, então, que, se tinha ido embora, não poderia estar muito longe.

— Tenho de pedir-lhe que me ensine o segredo — dizia ele, dirigindo-se para o portão de espinheiros.

Encontrou o portão bem aferrolhado. Muito surpreendido, abriu-o. Fora, sentados nos degraus, estavam dois velhos. Eram vizinhos, o pai Yu e o pai Chang, ambos mergulhados na contemplação dos pescadores que secavam suas redes à ribanceira do lago. Levantaram-se ao ver o jardineiro e saudaram-no com as mãos juntas, desculpando-se:

— Ouvimos falar do penoso incidente... Como estávamos retidos nos campos até agora, não pudemos vir em vossa ajuda...

— Não falemos mais nisso! — interrompeu-os o jardineiro. — Felizmente, veio ao meu jardim uma pequena que ressuscitou as flores abatidas. Mas fugiu, sem que eu tivesse tido tempo de agradecer-lhe. Vós a vistes sair?

— Que dizeis? Ressuscitar as flores?! — exclamaram, atônitos, os dois velhos. — Mas, quanto tempo faz que a moça saiu?

— Acabou de transpor o portão — disse o pai Tsieu.

— Estamos aqui já faz algum tempo, mas não vimos ninguém. Era mesmo uma mulher?

A isso, o pai Tsieu teve uma súbita inspiração.

— Se não vistes ninguém, então essa moça não pode ser senão a encarnação de uma imortal!

— Explicai-nos, porém, como foi que ela ressuscitou as flores — pediram os vizinhos.

O pai Tsieu relatou-lhes a aparição da moça e a sua conversa com ela.

— Pois ora! É inaudito! — exclamaram os dois velhos, cada vez mais intrigados.

Depois de haver fechado cuidadosamente o portão, o pai Tsieu conduziu os dois amigos até os canteiros de peônias.

— Seguramente, era uma fada! Uma simples mortal não poderia ter levado a cabo tal prodígio — confirmaram os dois velhos.

O jardineiro queimou então incenso e, prosternando-se diante do incensório, rendeu graças ao céu.

— Está tudo explicado! — disseram, pensando alto, os dois vizinhos. — Vossa fidelidade às flores comoveu o céu, e o céu vos enviou essa imortal para aliviar vossa mágoa. Amanhã, mandaremos chamar Tchang Wei. Ante aquilo que a graça do céu efetuou, terá vergonha de sua má conduta.

— Não, não! — objetou o velho jardineiro. — Aquela gente é como cães raivosos. O melhor é fugir-lhe. Para quê, Deus do céu, mandá-lo chamar?

— Na verdade, tendes razão — concordaram os dois vizinhos.

Transbordante de alegria, o velho jardineiro esquentou vinho e convidou os amigos a beberem com ele, à sombra das flores, até o cair da tarde.

De regresso a seus lares, os dois velhos não deixaram de propagar a extraordinária notícia. A aldeia toda ficou logo sabendo da maravilha. Já na manhã do dia seguinte, todos queriam vir certificar-se com seus próprios olhos. O medo, porém, de terem a entrada barrada pelo pai Tsieu é que os fazia hesitar.

O pai Tsieu fora sempre um espírito lúcido e inspirado; a aparição da imortal estimulou-o a altas meditações religiosas. A partir desse momento, aspirou a elevar-se até uma vida superior à do mundo dos humanos. Durante a noite toda, sentado imóvel sob as flores, reco-

lheu-se dentro de si mesmo em meditação. Pensando na aventura da véspera, deu-se conta, subitamente, do seu erro: "Que coração mesquinho, o meu!", pensou consigo. "Eis a causa da minha desgraça! Tivera eu a generosidade sem limite dos imortais, e não houvera sido humilhado a tal ponto!" Dessarte, na manhã seguinte, abriu o portão de par em par, franqueando a entrada do jardim a toda gente.

Os primeiros a chegar entraram hesitantemente, tanto os surpreendia a atitude do jardineiro. Intimidava-os, também, a postura do velho sentado sob os ramos floridos. Mas, em vez de fazer cara feia, este se contentava em declarar aos visitantes:

— Visitai o jardim à vontade! Basta que não toqueis nas flores.

Assim encorajados, aldeões e aldeãs afluíram à porta de espinheiros.

Na mesma manhã, Tchang Wei, despertando da bebedeira, disse ao seu bando:

— Ontem, fui insultado pelo bandido do velho Tsieu Sian. Não lhe perdoarei assim facilmente. Iremos hoje reclamar-lhe o jardim. Se ele recusar, pediremos reforços e reduziremos tudo a cacos.

Para lisonjear o orgulho do chefe, retrucou um dos do bando:

— Não temos por que recluir a sua recusa. O velho não nos escapará. Todos os seus bens se encontram na vizinhança de vosso domínio, ao alcance, pois, de vosso braço. Não devíamos, porém, ter ontem destruído as flores. Não nos sobrarão grande coisa quando tomarmos posse do jardim.

— Bah! As flores! — exclamou Wei. — Tê-las-emos, e bastantes, no próximo ano! Mas vamos, apressemos-nos! Não devemos dar tempo ao velho para que invente algum subterfúgio!

Enquanto atravessavam a aldeia, chegaram-lhes aos ouvidos repetidas tagarelices sobre o prodígio feérico do jardim de pai Tsieu. Naturalmente, Tchang Wei em nada quis acreditar.

— Que mérito tem ele para que uma imortal celeste lhe dê a honra de uma visita? — objetava aos seus partidários. — E sobretudo se veio justamente depois da nossa partida, como que de propósito para reparar a devastação que fizemos? Histórias! Desde quando uma imortal se converte em criada de um velho jardineiro? Para mim, tudo não passa de mentira desse velho perverso, que mandou espalhar tal fábula com a intenção de confundir-nos, fazendo-nos crer que está protegido pelos espíritos do céu.

— Tendes mil vezes razão, senhor — concordaram seus sequazes.

Assim obstinados, chegaram diante do jardim. O portão estava aberto de par em par. Sem cessar, visitantes chegavam e partiam, repetindo todos a mesma frase: as flores abatidas foram mesmo ressuscitadas!

— Será verdade? — interrogavam-se os partidários

de Tchang Wei.

— Pouco me importa! — disse Tchang Wei. — Mesmo que imortais estivessem, neste momento, sentadas sob as flores do velho, nem por isso deixaria eu de tirar-lhe o jardim.

Seguiram, então, pelos atalhos sombrios, até a choupana. Ali, pararam petrificados: todas as flores que haviam arrancado e destruído na véspera sorriam de novo nos seus ramos e, à chegada de seus agressores, pareceram redobrar de brilho e de encanto.

Surpreso, Tchang Wei mal lograva dissimular sua confusão, mas, teimoso, obstinava-se na idéia de aposar-se do jardim; dir-se-ia que o milagre contribuía para aumentar ainda mais, naquele coração empedernido, o desígnio de pôr a perder o velho jardineiro.

— Vamo-nos embora! — ordenou, e seus homens bateram em retirada.

Uma vez fora do jardim, alguém perguntou ao chefe a razão de tal recuo. Tchang Wei explicou:

— Estabeleci um plano excelente. Não temos necessidade de reclamar-lhe o jardim. Dele seremos donos, a partir de amanhã, sem qualquer esforço. Na região de Pei Tcheu há atualmente uma rebelião, liderada por um tal Wang Tse, feiticeiro de profissão. Como os rebeldes recrutam seus cúmplices nessa confraria, a polícia secreta de Sua Majestade deu ordem às autoridades locais de todo o Império para interditarem, com rigor, o exercício do ocultismo, e prenderem todos os feiticeiros. O prefeito de nossa região dará três mil sapecas a qualquer denunciante. Amanhã, enviarei Tchang Pa à Prefeitura. Ele denunciará o velho Tsieu Sian por tentativa de perturbar a tranqüilidade da população mercê de feitiçaria. Prova: a ressurreição das flores. O velho será imediatamente preso, e seu jardim posto à venda pelas autoridades. Naturalmente, ninguém ousará comprar o jardim de um feiticeiro! E eu o terei para mim, recebendo, ao mesmo tempo, as três mil sapecas do prêmio.

O plano foi aplaudido por todos, e posto em prática sem demora. O competente ato de acusação foi lavrado contra o pai Tsieu. E Tchang Pa, lacaio manhoso, especialista nesse gênero de operações, foi encarregado de, no dia seguinte, fazer entrega do documento na Prefeitura.

Conforme era esperado, o prefeito se deixou facilmente convencer da culpabilidade de Tsieu. Como testemunha ocular, Tchang Pa citou a aldeia toda. Quando, guiados por Tchang Wei e seu bando, os guardas da Prefeitura ingressaram no jardim do pai Tsieu, encontraram-no em êxtase diante das flores, mergulhado na alegria da meditação, inconsciente do perigo que o vinha surpreender. Os rudes soldados atiraram-se sobre ele, produzindo terrível clamor, como se tivessem de se haver com algum demônio. Derrubaram o velho e ataram-no com uma forte corda. Sobressaltado, o velho jardineiro perguntou-lhes por que o prendiam. Sem lhe

dar explicações, cobriram-no de injúrias:

— Feiticeiro! Bandido! Rebelde!

Ao velho não foi dado qualquer ensejo de protestar. Arrastaram-no para fora do jardim. Alarmados, muitos vizinhos acorreram para saber o que teria acontecido ao pai Tsieu.

— Não adivinhais o que seja? O crime deste velho não é pequeno. É até de temer que toda a vossa aldeia esteja comprometida — explicaram os guardas, ameaçadores.

Apavorados, os camponeses se foram, um a um, cada qual felicitando-se baixinho por não estar metido na encrenca.

Só alguns íntimos do velho jardineiro, entre os quais o pai Yu e o pai Chang, seguiam ainda o cortejo, ansiosos por acompanhar o desenrolar do acontecimento. Entrementes, Tchang Wei, com o seu bando, pôs-se a explorar o jardim. Depois de tê-lo examinado, fechou o portão à chave e encaminhou-se para a Prefeitura.

O jardineiro foi posto de joelhos diante do prefeito. A seu lado, no lugar do acusador, ajoelhou-se Tchang Pa, que o velho jardineiro não reconheceu. Guardas e carcereiros enfileiraram-se nos dois lados da sala, ao fundo da qual se erguia a tribuna. Instrumentos de suplício estavam à vista, atrás do culpado. Todos os funcionários comprados por Tchang Wei mancomunavam-se no propósito de pôr a perder o velho jardineiro. Do alto da tribuna, fez-se ouvir uma voz tonitroante: era o prefeito dando início ao interrogatório.

— De onde vens, feiticeiro? Ousaste sublevar meus administrados por meio da feitiçaria? Quantos cúmplices tens? Confessa tudo!

A tais palavras, o pai Tsieu ficou como que fulminado. Recuperando a calma, pôde, enfim, responder ao magistrado:

— Como meus antepassados, eu, vosso humilde súdito, habito a aldeia da Alegria Eterna. Não sou nem feiticeiro nem vagabundo. Nada entendo de ocultismo.

— Mas, usando de poderes mágicos, ressuscitaste as flores abatidas. Ousas negá-lo?

Compreendendo, por fim, de que o acusavam, o velho jardineiro percebeu que toda a maquinação era obra de Tchang Wei. Contou, então, ao magistrado, sua aventura com Tchang Wei e a aparição de uma imortal.

Incrédulo, o prefeito recomeçou o interrogatório, dessa vez em tom de mofa:

— Os penitentes de alta virtude, que aspiram à imortalidade, não chegam jamais a encontrar uma única imortal do céu. Que é que te faz crer que as encontras assim tão facilmente, bastando, para tanto, choramingar diante das tuas flores? Bem poderia a tua imortal ter-te comunicado o seu nome celeste, para que o mundo o conservasse! Como? ela se foi embora sem te dizer adeus?! Gracejas, certamente, quando me contas tais chocarrices! Não sou assim tão crédulo. Sem dúvida alguma, és um feiticeiro! Inútil interrogar-te mais.

E o prefeito ordenou aos carrascos que começassem com os suplicios.

Não esperaram eles por nova ordem. Quais lobos ou tigres, caíram sobre sua presa; derrubaram-na, ataram-lhe as pernas, imobilizaram-lhe as mãos e os pés. Estavam prestes a pô-la no tablado dos suplicios quando, de repente, tomado de vertigem, o prefeito quase caiu do alto da tribuna. Ficou aturdido, a vista se lhe anuviou. Não mais podendo conservar-se sentado, pôs fim à audiência. Ordenou aos guardas que fechassem o prisioneiro numa cela e lhe pusessem canga ao pescoço.

Arrastado pelos verdugos, o pai Tsieu, aos prantos, deixou a Prefeitura. Ao avistar Tchang Wei à beira do caminho, dirigiu-lhe a palavra:

— Senhor Tchang! Que ódio pude eu inspirar-vos para que me façais tanto mal?

Sem lhe responder, Tchang Wei esquivou-se a toda pressa, seguido de Tchang Pa, o acusador, e dos outros facínoras.

Nesse momento, aproximaram-se do prisioneiro o pai Yu e o pai Chang.

— Que injustiça! Que desgraça! — exclamaram. — Mas não vos inquieteis, pai Tsieu. Amanhã iremos fazer com que a aldeia toda assine uma petição para provar vossa inocência.

— Nada mais quero senão isso — retrucou-lhes, chorando, o jardineiro.

— Ora, ora! Para a frente, condenado! — interromperam-no, impacientes, os carcereiros. — De que adianta chorar como moça?

E, brutalmente, arrastaram o prisioneiro para a cela. Vinho e comida foram-lhe trazidos por alguns vizinhos, mas os guardas devoraram tudo, eles próprios.

À noite, acorrentaram o velho jardineiro ao leito de condenados. Ele já parecia um cadáver vivo; não podia mover nem os braços nem as pernas. Com a morte na alma, começou a refletir sobre as circunstâncias que haviam causado a sua perda. Não alcançava compreender como a aparição de uma imortal havia dado lugar à campanha caluniosa, que servira de pretexto para a acusação de Tchang Wei.

— Oh! minha imortal! — bradou o velho prisioneiro — tende piedade de vosso humilde servo! Salvai-me da morte como salvastes minhas flores! Faço voto de renúncia à vida terrestre e juro me consagrar inteiramente ao culto tauísta!

Mal terminara de pronunciar esse juramento quando viu a imortal da véspera descer lentamente em sua direção.

— Grande imortal! — exclamou o velho — socorrei vosso discípulo Tsieu Sian!

— Sê libertado do sofrimento e do perigo! — disse a imortal, tocando, com o dedo, a corrente e a canga.

Imediatamente, os instrumentos de tortura se abriram e caíram por terra. Tsieu Sian, prosternando-se, tocou o chão com a fronte.

— Posso saber vosso nome, imortal? — balbuciou.

— Sou — respondeu ela — a protetora das flores, a serviço de Sua Majestade, a Rainha do Oeste (*). Como-vida pela vossa piedade para com as flores, fiz um milagre em favor de vosso jardim; não imaginei que tal milagre pudesse vir a favorecer o desígnio dos malfeitores. Devo dizer-vos que é sina vossa afrontar tal desgraça, mas logo vos livrareis dela. Não é impunemente que Tchang Wei causa dano às flores e maltrata os homens. Os espíritos das flores queixaram-se dele ao Imperador do Céu. Seus dias estão contados. Seus sequazes receberão, cada qual, sua parte no castigo celeste. Quanto a vós, aprofundai ainda mais vossa vontade de praticar o culto do tauísmo. Daqui a alguns anos, virei, certo dia, para conduzir-vos ao mundo dos imortais.

Tocando novamente o chão com a fronte, Tsieu Sian pediu à imortal:

— Não poderíeis ensinar-me, desde já, o caminho da virtude?

— Há muitos — disse a imortal. — É necessário, antes, discernir aquele que vos é apropriado. Vosso mérito provém de vosso amor pelas flores; realizai vossa virtude por tal via! Alimentai-vos somente de pétalas de flores e vosso corpo tornar-se-á leve e poderá elevar-se no ar.

E ela iniciou o velho jardineiro na senda dos aspirantes à imortalidade. Cheio de reconhecimento, e em êxtase, o velho saudou-a mais uma vez, inclinando-se até tocar o solo. Ao levantar-se, viu a imortal levitando a meia altura do muro da cela, prestes a evolar-se. Com a mão, parecia fazer-lhe um sinal para que a seguisse. O velho esforçou-se, então, para escalar o muro. Mal tinha chegado à metade e já se sentia ofegante. Redobrou os esforços. Aproximava-se da plataforma quando ouviu sons de gongo e gritos de: — “O feiticeiro se evade! Prende-o!”

Assustou-se; tremiam-lhe as mãos e os pés; foi-se-lhe a força e ele caiu, pesadamente, de cabeça para baixo. Com o choque, sobressaltado... acordou.

Surpreendeu-o encontrar-se ainda acorrentado à enxerga de condenado. Sonhara, simplesmente? Todavia, as palavras que trocara com a imortal lhe pareciam tão claras, tão distintas, que deviam ter sido mesmo pronunciadas. Vaga esperança de próxima libertação insinuou-se nele e o consolou.

Tchang Wei, porém, acreditava já ter ganho a partida. O prefeito, homem sem discernimento, deixara-se convencer: não tinha dúvida de que o jardineiro fosse, de fato, um feiticeiro.

— Deixemos o velho feiticeiro passar a noite na sua enxerga de condenado e vamos divertir-nos, à vontade, no seu jardim! — disse Tchang Wei aos seus homens.

— Vamos! — responderam os jovens malandros, que nunca contradiziam o chefe. — Vamos! Da última

(*) Divindade tauísta.

vez, não pudemos divertir-nos de alma leve. Mas, hoje, o jardim está à nossa disposição. Apressemos-nos, que é nosso!

— Isso mesmo! — aprovou Tchang Wei.

Imediatamente, o bando, seguido de criados que levavam vinho e comidas, pôs-se a caminho. Vizinhos, vendo-os invadir o jardim, sentiram a cólera apoderar-se de seus corações; mas, covardes que eram, não ousaram interferir.

Tchang Wei e sua gente alcançaram a cabana. Oh! mistério! Por terra, novamente, jaziam espalhadas pétalas, flores e galhos pisados e esmagados! O jardim reaparecia devastado tal como no dia da rixa!

— Esquisito! — exclamaram, inquietos, os visitantes.

— Será que o bandido do jardineiro é realmente um feiticeiro? — reflexionou Tchang Wei em voz alta. — Se não, como explicar estas súbitas metamorfoses?

— Não seria, antes, verdadeira a história da imortal? E se ela tivesse trazido novamente a morte às flores? — sugeriu alguém do bando. — O velho feiticeiro, prevendo que voltaríamos, maquinou este espetáculo desolador para nos envergonhar.

— De pouco adiantará seu *espetáculo*! Beberemos diante das flores mortas. Chamaremos a isto *A festa das flores murchas*! — declarou Tchang Wei.

Os criados estenderam um tapete no chão. Todos se sentaram em círculo e, alegremente, puseram-se a beber. Duas garrafas foram especialmente oferecidas a Tchang Pa por ter ele levado tão bem a cabo o processo. O festim prolongou-se até o anoitecer. Caía a tarde e o sol dardejava seus raios oblíquos sobre os convivas já semibêbados.

Bruscamente, ergueu-se um pé-de-vento. Turbilhonando, o furacão apanhou todas as pétalas espalhadas pelo chão, ergueu-as ao ar, bafejou-as com o seu sopro e transformou-as, num abrir e fechar de olhos, em pequenas mulheres de um pé de altura.

— Oh! monstros! — gritaram, a um tempo, os bêbados, atônitos.

Mas as mulheres, a cada, nova rajada, cresciam até assumir forma humana. Eram belas, de um encanto que enfeitiçava. Suas roupas deslumbravam a vista. Sempre movidas pelo vento, formavam uma ronda. Seduzidos, fascinados, os bebedores ficaram extasiados. De repente, uma das criaturas, toda vestida de vermelho, pôs-se a falar:

— Nós todas, irmãs, habitamos aqui há já muitos anos, amadas e cuidadas pelo pai Tsieu. De onde terão vindo estes brutos, que hoje nos profanam com seu hábito impuro? Ah! reconheço-os: são os mesmos que nos maltrataram ontem sem piedade, e que tentam agora perder o pai Tsieu, para melhor lhe roubarem o jardim! Irmãs! Eis aí nossos inimigos mortais! A eles, pois, e com todas as nossas forças! Lavemos-nos de seus ultrajes e vingemos nosso benfeitor, o pai Tsieu!

— Tendes razão, jovem irmã — responderam as outras, em coro. — A eles! Não os deixemos escapar!

Isto dito, avançaram, agitando as longas mangas, que crepitavam ao vento como auriflamas. De súbito, um sopro glacial trespassou os ossos dos bêbados.

— Cuidado com os fantasmas! — exclamaram ao mesmo tempo, e, correndo, tentaram salvar-se, cada qual de per si, sem se ocupar dos outros. Na afobação, não encontravam a porta da saída. Uns esfolavam os pés nas pedras; outros feriam o rosto nos ramos; outros, enlouquecidos, tropeçavam, caíam, eram espezinhados, erguiam-se e punham-se novamente a correr, para tornar a cair logo mais adiante. Mas, uma vez ultrapassado o portão, corriam a bom correr, não ousando diminuir de velocidade senão quando já bem distanciados do jardim. Tomavam, então, fôlego. Reunido o grupo, constatou-se a falta de dois membros: Tchang Wei e Tchang Pa, o amo e o criado favorito.

Acalmara-se o vento, mas a noite caíra rapidamente. Os jovens malfeitores, com a cabeça entre as mãos, como para protegê-la de algum inimigo invisível, dispersaram-se às pressas no escuro, como ratos vencidos, e voltaram para casa, felizes por não terem sofrido mais do que o susto.

Os criados de Tchang Wei foram pedir auxílio aos rendeiros. Acenderam-se tochas e organizou-se uma batida. Ao fundo do jardim, debaixo de uma enorme ameixeira, ouviam-se gemidos. À luz das tochas, reconheceram Tchang Pa, que, embaraçando os pés nas raízes salientes durante a corrida, fora chocar-se violentamente contra a árvore e jazia por terra, gravemente ferido na cabeça, incapaz de levantar-se. Dois rendeiros levaram-no até a casa.

Apesar das muitas buscas, Tchang Wei não foi encontrado. Um silêncio profundo amortilhava a noite; no jardim, não se percebia um único ruído. A sós, debaixo de sua tenda, as peônias, como se nada tivesse ocorrido, puseram-se a reflorir novamente. Na sala, adiante da escada, taças e pratos estavam espalhados pelo chão. O vinho escorria por toda parte.

— É extraordinário! — comentavam, estupefatos, os batedores. Depois de terem recolhido as taças e os pratos, recommçaram a busca. Nenhum vestígio do desaparecido! No entanto, o jardim não era grande: percorreram-no cinco ou seis vezes, à luz das tochas, sem encontrar o menor indício. Onde estaria escondido o Sr. Tchang Wei? Teria sido devorado pelos espectros ou arrastado por um turbilhão? Os criados hesitavam em abandonar as buscas. Finalmente, decidiram voltar para casa e esperar até o amanhecer.

Haviam já quase chegado à porta, quando cruzaram com outro grupo. Eram o pai Yu, o pai Chang e outros vizinhos, com lanternas. Tinham tido notícia do desaparecimento de Tchang Wei e vinham ajudar os salvadores. A despeito destes haverem perdido toda esperança,

os dois velhos insistiram para que se recomeçassem as buscas com maior minúcia.

Baldado esforço. Acabaram por desistir. Abandonaram o jardim devido à noite avançada. À saída, os dois velhos perguntaram aos criados de Tchang Wei:

— Aqueles senhores não voltarão mais esta noite? Nós vos prevenimos de que iremos fechar o portão à chave. O jardim está sem guarda e seríamos responsáveis pelo que ali pudesse acontecer.

— Fazei como achardes melhor — responderam os criados que, sem o amo a dirigi-los, haviam-se tornado subitamente cordatos.

Os dois grupos estavam em vias de separar-se quando a voz de um rendeiro gritando: — Está aqui nosso amo! — fê-los precipitarem-se em direção do muro de leste.

— Aquilo ali, pendurado naquele ramo, não é o lenço do Sr. Wei? — dizia o rendeiro, apontando com o dedo.

— Sim, — reconheceram os demais — é mesmo o seu lenço. O amo não deve andar longe.

Deram alguns passos, rente ao muro. Um grito uníssono de terror se elevou:

— Ali está ele! Oh! que miséria!

Num desvio do caminho, havia uma fossa profunda, cheia de estrume e de excrementos. Um corpo estava plantado no meio da fossa, com as pernas para o ar, o busto submerso. Constataram logo, pelos sapatos, meias e calças, tratar-se de Tchang Wei.

— É ele, não há dúvida!

E puseram todos mãos à obra para pescar o infeliz. Revolvida pelas manobras de salvamento, a imundície da fossa começou a exalar um cheiro forte e fétido. O desgraçado estava morto, bem morto, asfixiado. Os rendeiros levaram o cadáver para a margem do lago e lavaram-no com bastante água. Ao mesmo tempo, mandaram um mensageiro à casa do morto comunicar a sinistra notícia.

De madrugada, Tchang Pa faleceu também, devido aos muitos e graves ferimentos.

No mesmo dia, foi reiniciado, na Prefeitura, o interrogatório do *velho feiticeiro*. Mal começara a audiência, quando um funcionário apressado chegou para anunciar a súbita morte de Tchang Pa, o denunciante, e de Tchang Wei, seu amo. Não se tinha o prefeito refeito ainda da comoção, quando outro funcionário veio comunicar a chegada de um grupo de oitenta velhos camponeses, trazendo uma petição em favor do jardineiro.

Em face de tantos acontecimentos imprevistos, o prefeito julgou que o melhor que poderia fazer seria soltar imediatamente o jardineiro e expedir um aviso oficial a ser afixado ao portão do jardim:

Proibido Causar Dano às Flores.

Todos, tanto o velho jardineiro quanto seus vizi-

nhos, agradeceram ao generoso prefeito, prosternando-se diante dele e tocando o solo com a fronte.

Desse dia em diante, o pai Tsieu passou a alimentar-se exclusivamente de pétalas e, a pouco e pouco, acabou dispensando qualquer alimento terrestre. Distribuía, como esmola, tudo quanto apurava com a venda de frutas.

Alguns anos mais tarde, seu rosto estava rejuvenescido, parecia o de um adolescente, e seus cabelos brancos começaram a escurecer. Certa ocasião, aos quinze dias da oitava lua, o sol começou a brilhar com esplendor inusitado num céu sem nuvens. Sentado diante das flores, o velho jardineiro imaginou ouvir acordes harmoniosos no ar. Depois, um perfume estranho inundou o jardim e penetrou-lhe todo o ser. Levantou a cabeça e viu descer do céu uma névoa multicolorida, fênix azuis e cegonhas brancas volitando à sua volta. A névoa se deteve em cima do jardim, entreabriu-se, e dela surgiu uma imortal. Era a protetora das flores, rodeada de aias sustentando, cada uma, um instrumento musical, uma auriflama ou um pálio. O velho jardineiro ajoelhou-se às pressas e saudou a imortal, enquanto esta lhe comunicava a decisão do Céu:

— Tsieu Sian, cumpristes com exatidão vossa penitência sobre a terra. Obtive do Imperador Celeste autorização para nomear-vos guardião das flores. Hoje mesmo, subireis ao Céu.

Tão logo terminou de agradecer ao Céu a graça que lhe era concedida, o velho jardineiro subiu para a nuvem das imortais. E a nuvem se moveu e, com ela, a cabana, as plantas e as flores se ergueram lentamente no ar, e deslizaram em direção ao sul, juntamente com as imortais e o velho jardineiro.

Os aldeões, incluindo o pai Yu e o pai Chang, testemunhas desse prodígio, caíram de joelhos. Da nuvem que se afastava, o velho jardineiro acenava com a mão, despedindo-se deles, antes de desaparecer ao longe.

Depois desse dia, a Aldeia da Alegria Eterna foi rebatizada com o nome de *Aldeia das Flores Imortais*.

(Tradução de Alda de Carvalho Ângelo)





O Casamento Inesperado do Bacharel Tsien

Anônimo

OLago Tai Hu, situado acerca de trinta li ao sudoeste da comarca de Hu-hien, é uma extensão de água de aproximadamente 36.000 *kin*(*). Suas margens se distanciam entre si uns 500 li. Em meio deste lago imenso, erguem-se setenta e duas ilhotas rochosas, das quais as maiores são o Monte Tong-ting do Leste, e o Monte Tong-ting do Oeste.

O relato a seguir teve como palco o Monte Tong-ting do Oeste.

Vivia nesse lugar um rico financista chamado Kao-tsan. Sua esposa, em solteira Kin, dera-lhe dois filhos: um menino, Piao, e uma menina, Tsieu-fang, nascida dois anos antes do irmão. Um preceptor fora encarregado da educação de ambos.

Desde pequena, Tsieu-fang se fez notar pela sua inteligência incomparável. Dos sete aos doze anos, aprendeu, sem dificuldade, as disciplinas dos estudos clássicos: Filosofia, Moral e Literatura. Seus ensaios e sua escriptura granjearam-lhe a admiração de toda a família. Deixou, então, de freqüentar as aulas familiares para consagrar-se a um estilo muito especial de cultura: encerrava-se todos os dias no seu quarto e ocupava-se em bordar e coser. Aos dezesseis anos de idade, era uma jovem de graça e beleza inexcedíveis.

Exageradamente orgulhoso da filha, Koa-tsan acarinhava o propósito de não aceitar para genro senão algum letrado que fosse perfeito tanto física quanto espiritualmente, pouco importando sua situação financeira. Ricas e poderosas famílias das redondezas e mesmo de outras províncias haviam cobiçado a mão da jovem, mas nenhum dos aspirantes, a tão grande honra parecera, ao pai, digno da filha ou capaz de satisfazer a sua vaidade.

Naquele tempo, vivia na comarca de Hu-sien um bacharel chamado Tsien Tsin, último descendente de uma família de grandes letrados. Culto e refinado, o jovem Tsien ficara órfão muito cedo, e não possuía fortuna alguma. Seus pais lhe haviam deixado apenas o indispensável para manter-se a si e a um velho criado; este era mais um amigo fiel do que um serviçal propria-

(*) Medida de superfície, correspondente a cerca de 6 hectares.

mente dito. Tanto o amo quanto o criado passavam grandes dificuldades, mas o mútuo afeto os mantinha unidos. Devido à sua pobreza, o estudante não podia pensar em casar-se, muito embora estivesse em idade matrimonial. Consolava-se, porém, com os êxitos precoces dos seus exames para o bacharelato.

Tsien tinha um primo chamado Yen Tsun, que vivia na mesma comarca. Era homem de posição. Certo dia, Yen teve a generosidade de dar alojamento ao primo pobre e de compartilhar com ele as lições do seu preceptor. Yen contava então 18 anos de idade, vale dizer, três meses mais que Tsien. Órfão de pai, vivia sob a autoridade da mãe já idosa. Apesar da sua imensa fortuna, as bodas de Yen estavam também atrasadas (*) porque ele havia jurado casar-se somente com mulher de beleza excepcional, embora fosse o mais feio dos homens. Era, pois, muito difícil achar uma noiva adequada para ele. Todavia, malgrado a sua feiúra, estava convencido de que esta não era tão grande, assim e de que poderia bem despertar a paixão de uma mulher. Inteiramente falto de cultura, era, não obstante, deveras pedante; Tsien mal podia suportá-lo, mas, como vivia na sua casa, tinha, por causa disso, de agüentar suas impertinências e de curvar-se às suas parvoíces. Dessarte, os dois primos viviam aparentemente em boa paz.

Certo dia da décima lua, um parente distante veio render homenagem à idosa mãe de Yen. O visitante se chamava Yeu Jen. Negociava com frutas e flores, e seu comércio, financiado pelos Yen, prosperava mercê da sua habilidade e astúcia de homem de negócios. Naquele dia, regressava ele de uma excursão ao lago, onde fora buscar uma grande quantidade das laranjas que eram ali vendidas. Ofereceu uma cesta com os melhores frutos ao seu parente e benfeitor. Hóspede e visitante entabularam animada conversação. Yeu Jen contou episódios de sua viagem, e entre eles mencionou o caso de uma jovem do Tong-ting do Oeste, cuja beleza era altamente louvada na região, ao mesmo tempo em que se comentavam as inacessíveis condições do seu casamento. O relato impressionou deveras Yen Tsun.

Depois de o visitante ter partido, Yen ficou a pensar seriamente na possibilidade de desposar a beleza de Tong-ting; pensou nisso com tanto afinco que não logrou conciliar o sono a noite toda. Levantou-se de madrugada e, depois de sumárias abluções, foi correndo à casa de Yeu Jen. Este o acolheu com a sua habitual cortesia. Depois de instalá-lo no lugar de honra, perguntou-lhe o motivo daquela visita tão imprevista.

— Que acontece de tão urgente para que venhas a tais horas à minha humilde morada?

— Venho pedir-te um pequeno, um pequeníssimo favor. Queres servir-me de casamenteiro?

— Por quê? Tens algum bom partido em vista?

(*) A tradição chinesa dessa época exigia que os rapazes se casassem antes dos trinta anos e as moças antes dos vinte.

— Sim. Trata-se da jovem de que falaste ontem, a filha de Kao, de Tong-ting do Oeste. É um partido que corresponde exactamente aos meus desejos. Rogo-te que dês os passos necessários e cumpras com os ritos habituais.

Yeu Jen, contendo o riso com dificuldade, respondeu-lhe cortesmente:

— Perdoa a minha franqueza. Se se tratasse de outra família, teria em alta conta, sem a menor dúvida, a tua petição. Mas os Kaos! Por Buda! Honrado parente, é melhor que procures outro mensageiro, não a mim.

— Esquivas-te, velho irmão?

— Não, isso não; jamais me atreveria a tanto. Mas o pai Kao é um homem original. Não é fácil a gente entender-se com ele. Receio que...

— Em outras palavras, recusas-te. Está bem; procurarei outro intermediário — disse Yen, levantando-se arrebatadamente.

Yeu Jen dependia economicamente dos Yen e não tinha por costume contradizer o honorável jovem. O descontentamento de Yen era evidente e preocupou a Yeu, que cometia grave delito contra os ritos da cortesia.

— Um pouco de paciência — disse ele a Yen Tsun. — Senta-te e reflitamos.

— Aceitas o encargo ou não? É muito simples. Não há necessidade de pensar nisso a vida toda.

— Não depende de mim. Compreende isto: nos casos comuns, as famílias querem ver a noiva antes de acertar os esponsais; contrariamente a todas as regras, a família Kao deseja ver o futuro noivo. O velho Kao quer ficar completamente satisfeito com o rapaz antes de outorgar-lhe a mão da filha. Não vês quão difícil é a coisa? Daí a minha dúvida.

— É só isso, então? Ora, não vejo obstáculo nenhum — respondeu Yen, afetando tranquilidade. — Graças ao aspecto elegante que Buda me concedeu, e ao fato de que não tenho, afortunadamente, nenhum defeito físico, por que deveria temer a prova imposta pelo velho Kao?

Yeu Jean não pôde conter o riso.

— Não quero ofender-te, mas é melhor que te diga a verdade. Certamente, não és feio. Mas rapazes mais guapos do que tu não lograram obter a mão da bela jovem. Bastará que te apresentes à porta daquela casa para entenderes o quão difícil é insistir.

— Já verei o que me convém fazer. Por enquanto, peço-te apenas que dês os primeiros passos. Trata disso em seguida, de bom ou de mau grado. Não poderias falar-lhes de mim elogiosamente para começar?

Ante tal insistência, Yeu Jen não pôde recusar a delicada missão. Yen Tsun partiu satisfeito, não sem antes reiterar as suas últimas recomendações:

— Cuida de fazer o quanto possas em meu favor. Toma estes vinte taéis (*): é um pequeno adiantamento

(*) *Taël*, *taéis* — Moeda chinesa.

sobre a recompensa que receberás se obtiveres êxito.

Entregou-lhe, além dessa soma, uma moeda de prata para cobrir os gastos de viagem, e deu-lhe um criado para ajudá-lo a fazer melhor figura, um homem de sua confiança, chamado Pequeno Yi.

No dia seguinte, Yeu Jen e Pequeno Yi se puseram a caminho; tomaram um barco rápido e logo chegaram a Tong-ting do Oeste. O pai Kao indagou o motivo da estranha visita e inteirou-se de que os forasteiros ali vinham para falar-lhe de matrimônio.

— De que família se trata? — perguntou o ancião.

— É um parente meu — disse Yeu Jen. — Vive no mesmo distrito que eu e é herdeiro de considerável fortuna. É genro digno de vossa ilustre estirpe. Chama-se Yen Tsun e conta apenas dezoito anos de idade, mas já se faz notar pelos seus vastos conhecimentos e pelo seu talento literário.

— Que aparência tem? — perguntou Kao. — Minhas exigências já são bastante conhecidas: preciso ver pessoalmente o aspirante.

Vigiado, como se sabe, pelo criado de Yen, o atrevido intermediário improvisou a maior das mentiras.

— Fisicamente, meu parente nada deixa a desejar. Tem aparência formosa e arrogante..., enfim, é perfeito. Além disso, que grande sábio, que letrado! Por estar de luto pela morte do pai, teve de desistir de algumas provas do concurso para bacharel; não fosse isso e já teria obtido o título há muito tempo.

Kao estava encantado.

— Se é verdade que teu honorável parente possui tamanha distinção, — disse ao mensageiro de Yen Tsun — é-me grato levar a tua demanda em consideração. Entretanto, e para que eu fique completamente convencido, tenho de conhecer o honorável Senhor Yen. Faz com que ele venha aqui ao menos uma vez; então, nada mais terei a objetar.

— Há mil maneiras de comprovar a veracidade das minhas palavras, honorável ancião; mas quanto a trazer aqui o meu parente, é coisa difícil. Yen é um jovem letrado muito estudioso, que não se concede a si mesmo nenhum ócio e que raramente abandona os livros e sua sala de estudos; será muito difícil impor-lhe semelhante viagem. Além disso, suponhamos que concorde e venha; se não consegue seu propósito de casar-se, com que cara voltará para casa, depois de haver sido recusado?

— Se é assim, — disse o pai Kao — irei eu próprio à vossa comarca e darei um jeito de encontrar-me com o rapaz como se fosse por acaso.

Todavia, Yeu temia que o ancião descobrisse a feiúra enorme do seu parente se fosse fazer uma investigação no povoado, e, julgando necessária uma mudança de tática, acrescentou em seguida:

— Já que tendes tal capricho, farei o possível para que meu parente venha aqui; isto vos evitará a viagem, que é incômoda, e eu não me perdoaria por haver-vos proporcionado tal trabalho.

E com essas palavras, despediu-se humildemente. Mas o pai Kao não consentiu que se fosse, e convidou-o a cear e a passar a noite em sua casa. No dia seguinte, Yeu Jen e Pequeno Yi apressaram-se a atravessar o lago, porque Yen os esperava com impaciência. Ao vê-los chegar, este se precipitou ao seu encontro.

— Tiveste muitas dificuldades? — perguntou. — Como vai meu negócio?

Yeu descreveu-lhe pormenorizadamente a entrevista e concluiu sua narrativa, dizendo:

— Que vamos fazer? O velho insiste em ver-te antes das bodas.

Sem esperar resposta do primo, deu meia volta e foi encerrar-se na sua tenda. Entrementes, Yen Tsun interrogava minuciosamente o criado. Este repetiu-lhe as palavras de Yeu, e Yen Tsun, preocupado, pôs-se a pensar num subterfúgio para conseguir a bela jovem a qualquer preço. Depois de muita reflexão, ocorreu-lhe uma idéia e ele foi em busca de Yeu Jen.

— Tenho uma idéia excelente — disse. — Vamos superar as dificuldades da seguinte maneira: faz algum tempo que meu primo Tsien Tsin vive comigo. É meu companheiro de estudos e, confesso-o, mais galhardo do que eu. Rogar-lhe-ei que vá à casa de Kao fazer o pedido em meu lugar! Kao ficará encantado e, uma vez acertados os esponsais sob o meu nome, teremos a partida ganha.

— Se Kao vir o primo Tsien e acreditar que se trata de Yen Tsun, tudo estará arranjado — concordou o comerciante. — Mas pode ser que teu primo não concorde em desempenhar tão ingrato papel.

— Além de parentes próximos, eu e ele somos amigos íntimos. Estou seguro de que não se recusará a prestar-me este pequeno favor — afirmou Yen.

À noite, Yen convidou o primo a cear. Encomendou todos os pratos finos e os manjares necessários a um bom banquete. Tsieu Tsin deu-se conta do fato insólito e perguntou:

— Costumo comer em tua mesa todos os dias. Por que distinguir-me esta noite com tanto luxo e esmero?

— Esvazia primeiro três bons copos — respondeu Yen. — Depois, falaremos de um assunto insignificante, para o qual necessito da tua ajuda, honorável irmão.

— Ficarei encantado em poder ser-te útil — disse Tsien, fazendo uma curvatura.

— Trata-se do seguinte: nosso velho amigo, Yeu Jen, o negociante, esforça-se atualmente no sentido de conseguir para mim a mão de uma donzela do Monte Tong-ting, filha única de uma rica família chamada Kao. Tendo para lá sido enviado como mensageiro, o amigo Yeu, por bondade, exagerou demasiadamente os méritos de minha extraordinária pessoa. O velho Kao está tão entusiasmado que deseja ver-me pessoalmente. Temo decepcioná-lo, dado o exagero com que, transportado pela sua imaginação, Yeu lhe falou de mim... Intimidam-me, outrossim, os elogios que fez de mim ao

velho. Como apresentei minha candidatura, quero conseguir o *posto* a qualquer custo, porquanto minha dignidade e a honra de minha família estão em jogo. Pensei, pois, em enviar-te no meu lugar, com o meu nome. Caso sejas bem-sucedido, eu, teu estouvado irmão, saberei recompensar-te pela preciosa ajuda.

Tsien Tsin, surpreso, não sabia que responder. Refletiu durante longo tempo; por fim, disse lentamente:

— Parece-me que isso não poderá ser feito. Ficaria encantado em poder prestar-te qualquer outro favor que de mim dependesse, honorável irmão. Poderíamos, sem dúvida, enganar a família Kao, mas a verdade lograria impor-se algum dia e, então, sobreviriam graves inconvenientes para nós ambos.

— É claro que não se trata de enganá-los senão momentaneamente. Terão conhecimento da verdade logo depois do matrimônio. Se o plano fracassar, a culpa caberá ao mensageiro; nada terás a ver com o caso. Pensa no fato de que a moça e sua família moram a cem léguas daqui e de que ignoram tudo a nosso respeito. Podes ir sem medo.

Tsien Tsin estava coibido; queria falar, mas não se atrevia.

— Aconteça o que acontecer, — exclamou Yen — aqui estou para proteger-te. Por que te atormentas assim?

Tsien Tsin balbuciou:

— Admitindo que eu aceitasse, como iria apresentar-me com estas túnicas tão usadas e tão poídas?...

— Isso não será inconveniente nenhum; há algum tempo já que cuidei de pensar no assunto — disse Yen, encantado.

Na manhã seguinte, Yen comunicou suas decisões ao negociante. Ante a nova responsabilidade que lhe era imposta, Yeu Jen vacilou, mas acabou por curvar-se uma vez mais às exigências do seu rico credor.

Trataram de equipar o falso noivo, o intermediário e o seu séquito. Embarcação, provisões, adornos para a digna decoração do ambiente, tudo era luxuoso e abundante. Vários criados, entre os quais o consabido Yi, formavam a famulagem. Trajavam, todos, vestes brilhantes. No momento de largar âncora, Yen deu ao Pequeno Yi as últimas instruções para que ninguém pudesse crer que Tsien fosse um humilde substituto, mas sim o rico e distinto herdeiro de uma grande casa.

Chegados a seu destino, Tsien e seu séquito foram anunciados à família Kao sob o nome de Yen Tsun. Os criados da casa reconheceram, imediatamente, o Pequeno Yi, que era quem levava o cartão de visitas.

— Que entre, que entre! — exclamou o velho Kao.

Os visitantes foram levados à sala principal; Tsien Tsin entrou em primeiro lugar, seguido de Yeu Jen. Ao ver o aspecto do falso Yen Tsun, Kao sentiu-se transbordante de alegria e, mentalmente, concedeu-lhe desde logo a mão da filha.

Depois das cerimônias de costume, Kao rogou ao

falso Yen se sentasse no lugar de honra. Tsien não se atreveu a aceitá-lo, alegando a sua extrema juventude. O anfitrião e seus visitantes acabaram sentando-se todos em assentos laterais, frente a frente. Para começar, Yeu Jean desculpou-se pelos "extremados incômodos" que sua primeira visita ocasionara.

— Nada disso; foi grande amabilidade de vossa parte — apressou-se a interrompê-lo o velho Kao, e, indicando com um movimento de olhos o jovem Tsien, perguntou:

— É este, então, vosso parente, o honorável senhor Yen? Esqueci-me de perguntar-vos, outro dia, seu nome de família.

— O nome de família de meu parente é Pei Ya (*) — respondeu Yeu Jean.

— Tais nomes justificam a aparência de quem designam — disse Kao ao falso pretendente.

— Como me atreveria a aceitar tão finos e excessivos elogios? — exclamou Tsien Tsin, perturbado, representando perfeitamente o papel que lhe cumpria.

Observando a prudente perturbação do jovem, e mudando de conversa, perguntou-lhe pela família. O falso pretendente respondeu com muita modéstia e grande tato, o que agradou sobremodo ao ancião. Encantado com as maneiras do rapaz, Kao quis então por à prova a sabedoria do bacharel. Mandou chamar seu filho e o preceptor deste. Logo depois, entravam na sala um honorável letrado de uns cinquenta anos de idade e um moço bem-parecido, de longas tranças.

— Eis aqui meu filho e seu professor, Tchen — disse Kao.

Tsien Tsin ficou enlevado com a graciosidade do menino e pensou consigo: "Será tão bela assim a irmã? Yen Tsun, tens sorte."

Depois do chá da paz e do bom entendimento, Kao disse ao preceptor:

— O honorável bacharel é célebre na sua vila pelo seu grande talento.

Adivinhando o pensamento do dono da casa, mestre Tchen dirigiu-se ao falso Yen Tsun:

— Vossa terra, o distrito de Hu, sempre foi a pátria dos grandes espíritos; não duvido de que sejais, por vossa inteligência, digno da tradição local. Conheceis, certamente, o Templo dos Três Homens Virtuosos, que é um dos monumentos célebres da localidade. Poderíeis dizer-me quais são esses três homens?

— São Fang Li, Tchan Han e Lu Kuei Mong — replicou Tsien Tsin, imediatamente.

— E em que consistia sua virtude? — perguntou o preceptor.

Tsien Tsin traçou então, com método e eloquência, a história dos três grandes homens. A conversação prolongou-se ainda por muito tempo, versando sempre temas eruditos. As respostas de Tsien Tsin eram rápidas

(*) *Pei Ya* significa *distinção e elegância*.

e concisas; o professor estava surpreendido com os conhecimentos daquele bacharel tão jovem. Kao nadava em gozos. Deu ordem à criada para que preparasse uma refeição esmeradíssima.

Era noite avançada e não havia ainda terminado a ceia que reunia numerosas pessoas da vizinhança. Várias vezes, Yeu e Tsien tentaram esquivar-se, mas Kao, estava tão satisfeito com o noivo de sua filha que, contra todas as regras, se decidiu a retê-lo por alguns dias. Tsien recusou o convite com a máxima energia consentida pela cortesia. Quando, por fim, conseguiram retirar-se, e enquanto Tsien Tsien agradecia ao preceptor pelos ensinamentos, Kao afastou-se em companhia de Yeu Jen e disse-lhe:

— Estou muito satisfeito com vosso parente Yen Pei Ya. Os sponsais serão realizados, e conto convosco para levar a cabo as cerimônias.

— Com todo o prazer — acedeu o mensageiro e intermediário.

Levantou-se âncora e o barco partiu, mas, como os ventos fossem contrários, os viajantes não chegaram a seu destino senão no dia seguinte, a horas avançadas da noite. Yen Tsun esperava-os no jardim, à luz de uma vela. O relato de seus enviados encheu-o de alegria. No dia seguinte, deu início aos preparativos para as bodas. Pretendia casar-se o mais cedo possível, para evitar possíveis complicações. A data da cerimônia foi fixada para o terceiro dia da décima lua. Kao não opôs obstáculo, porquanto o dote de sua filha já estava preparado havia tempo. Entusiasmado com o futuro genro, louvava-o e descrevia-lhe os dotes extraordinários a todos os amigos. Contrariando mais uma vez as regras, exigiu que o noivo fosse buscar a noiva em casa dos pais desta. Isso porque o ancião desejava apresentar o genro notável a parentes, amigos e vizinhos reunidos num grande banquete.

Yeu Jen foi avisado da imprevista intenção de Kao e ficou tão sobressaltado que correu a prevenir Yen.

— Não te afobes, — disse Yen tranquilamente — desta vez serei eu quem irá buscar a noiva pessoalmente.

Tais palavras insensatas deixaram Yeu fora de si e fizeram-no exclamar irritadamente:

— Mas, louco, já viram o futuro genro! Toda a família Kao devorou-o com os olhos. Como queres que outro vá buscar a moça? Se ocorresse algum incidente, não seria eu apenas, o mensageiro, o intermediário, que ficaria publicamente humilhado; será uma mancha que porá fim a toda esperança de casamento para ti, seja com a jovem Kao, seja com outra qualquer.

— Que farei, então? — perguntou Yen, desconcertado.

— No meu humilde parecer, não há senão uma solução. Tens de enviar teu primo uma vez mais. Quando se pretende enganar as pessoas, é preciso enganá-las

até o fim. O importante é trazer a noiva para cá. Desde que ela esteja aqui, já não te poderão arrancar a presa. Protestarão, gritarão, mas terão que aceitar os fatos consumados.

Yen Tsun meditou longamente. Depois, deixando a casa de Yeu, dirigiu-se à sala de estudos onde se encontrava Tsien com seus livros.

— O dia da cerimônia se aproxima — disse ao primo. — Exigem que eu vá à casa de Kao buscar pessoalmente minha noiva. Seria melhor que fosses tu, velho irmão; encarrega-te do assunto para facilitar as coisas.

— Isto é mais grave — contraveio Tsien. — Terei de tomar parte na cerimônia nupcial, e não poderei fazê-lo em teu lugar.

— Tens muita razão, meu irmão. Mas não te esqueças de que foste tu quem esteve naquela casa em meu nome. Não posso lá ir agora sem ocasionar grave perturbação à família Kao. Se algum incidente ocorrer, será a minha ruína; não apenas perderei a mulher dos meus sonhos, como também minha reputação e a de minha família. Entretanto, se quiseses dar-te ao trabalho de substituir-me mais uma vez, tudo terminará às mil maravilhas. Não creio que possas ficar indiferente diante da situação que me ameaça.

Comovido com o tom patético das palavras do primo, Tsien aceitou a nova e delicada missão.

No segundo dia da décima lua, ao despontar do sol, Yen Tsun passou em revista o séquito que ia buscar-lhe a noiva. Recomendou-lhe, sobretudo, absoluta discricção. Cumprido o encargo, receberiam todos generosa recompensa. Yeu Jen corria de um lado para outro, preparando os magníficos presentes destinados à família Kao. Tsien Tsin foi vestido com suntuosidade. Dois grandes barcos encabeçavam a flotilha: um para a noiva, outro para o noivo e seu mensageiro. Dez outras embarcações, de tamanhos diversos, formavam o cortejo, que deslizava solenemente sobre o lago, acompanhado pela música de gongos e campainhas.

Chegados ao Monte Tong-ting, ancoraram a meio li da casa dos Kao. Yeu Jen avançou em primeiro lugar, pois era o arauto. Atrás dele vinha o cortejo: os porta-estandartes, os tocheiros, os carregadores de presente, os auriflamos e, por fim, o palanquim destinado à noiva, veículo florido e finamente perfumado. Sentado atrás das cortinas de brocado azul do seu palanquim, ia Tsien Tsin, formoso, sério e grave como um Buda; os espectadores postados às margens do caminho aplaudiam-no, enquanto o cortejo avançava lentamente, ao canto das flautas e ao espoucar dos fogos de artifício.

A família Kao esperava-o com emoção, a casa profusamente iluminada por velas enfeitadas.

Por entre as portas semi-abertas, vislumbrava-se o grande número de convidados que enchiam as salas. O concerto das flautas anunciou a chegada do noivo. Os jovens acompanhantes se acercaram do palanquim e ajudaram o prometido a descer. Conduziram-no até a

sala grande para proceder a uma libação diante da mesa de oferendas, em ação de graças aos antepassados e aos deuses. Foi, a seguir, apresentado a todos os convidados, que ficaram encantados com a atitude modesta e nobre do pretendente.

Logo depois da merenda, teve início a ceia. O noivo ocupava o lugar de honra: os parentes, os amigos e os vizinhos estavam agrupados à sua volta, enquanto Kao e o filho se encarregavam de encher pessoalmente as taças dos convidados. O vinho corria e a música soava. Os criados de ambas as famílias festejavam também, ceando em aposentos laterais, próximos à entrada da mansão.

Tsien Tsin estava impaciente e não quis esperar o fim do banquete para empreender a viagem de regresso. Mas Kao buscava toda sorte de pretextos para retê-lo a seu lado. Na quarta vigília, Pequeno Yi se acercou de Tsien e disse que já eram horas de pensar na partida. Tsien ordenou-lhe que distribuisse gorjetas aos criados da casa dos Kao. O cortejo nupcial se preparou, finalmente, para partir. A noiva já se dispunha a subir ao seu palanquim, quando se desencadeou violenta tempestade, e o vento se pôs a soprar com inaudita violência.

O cortejo se deteve, desconcertado: Yeu Jen se impacientou e começou a bater com o pé no chão. Até o velho Kao se mostrava inquieto. Limitou-se a rogar aos noivos esperassem que a tormenta se acalmasse antes de se porem a caminho.

Raiou o dia, mas as nuvens eram cada vez mais negras. Depois do desjejum, uma tormenta de neve sucedeu à ventania. Era de todo impossível atravessar o lago. Entretanto, aquele era o dia de bom augúrio, escolhido pelos astrólogos para a cerimônia nupcial, e data assim prefixada não pode ser alterada sem provocar más influências na vida inteira dos futuros cônjuges. Desconcertado, Kao sentia o seu entusiasmo amainar e suspirava com tristeza. Entre os convidados havia um idoso vizinho, chamado Tcheu, que fez a seguinte observação:

— Nada há, no meu humilde parecer, que justifique estardes assim preocupados, malgrado as circunstâncias adversas.

— Qual é, pois, tua eminente opinião? — perguntou Kao.

— A cerimônia nupcial foi fixada para hoje; não há porque adiá-la — disse o douto ancião. — Já que, felizmente, o noivo está entre nós, por que não celebrar a cerimônia, sem mais tardança, aqui mesmo, na casa da noiva? Uma vez unidos por meio dos ritos, creio que o jovem par aceitará com calma a situação, e esperará aqui que o tempo amaine.

— Excelente idéia — aprovaram todos os presentes.

Kao se ocupou imediatamente dos preparativos. Ordenou que aprontassem sem demora uma câmara nupcial e relacionou o que era preciso providenciar para a

cerimônia. Cheio de espanto, Tsien Tsin saiu à procura de Yeu Jen a fim de descobrir, com ele, um modo de se esquivar sem ofender demasiadamente a família Kao. Mas Yeu Jen desaparecera. Completamente embriagado, roncava num aposento afastado da casa. Era verdade que sempre fora aficionado ao vinho, e naquele dia, sobretudo, sentira necessidade de satisfazer a sua paixão, porque o frio era muito, e angustiosa a situação em que se encontrava. Tsien Tsin se viu, dessarte, obrigado a enfrentar sozinho a insistência de Kao, que se empenhava em fazer celebrar imediatamente as bodas. Tsien pôs-se a buscar uma razão plausível para justificar a sua atitude.

— O matrimônio é uma circunstância grave da vida e eu só posso casar-me na presença de minha mãe — argüiu.

Kao, porém, não lhe fez caso, e foi o vizinho idoso quem interrompeu o discurso de Tsien:

— Sogro e genro sempre foram uma só família; não fiques aí com tanta cerimônia, meu jovem amigo.

Sem saber que fazer, Tsien inventou um pretexto e saiu da sala. Foi discretamente à procura do Pequeno Yi para aconselhar-se com ele. Embora fosse muito astuto, Pequeno Yi estava, então, fora de combate e não sabia como sair daquela delicada situação. Limitou-se a insistir com Tsien para que este se opusesse energicamente à realização da cerimônia.

— Mais de cem vezes reiterei a minha opinião e a minha recusa, mas Kao é teimoso. Se eu me obstinar, despertarei as suas suspeitas e correremos perigo de pôr tudo a perder. No próprio interesse do teu amo, acho que tenho de aceitar a proposta de Kao. Juro-te que não prejudicarei teu senhor no que quer que seja, e que não usarei os meus direitos de esposo. Se eu faltar à minha palavra, que caiam sobre mim os castigos do céu e da terra.

A entrevista secreta foi interrompida por gente que vinha chamar Tsien para sentar à mesa.

O enlace teve lugar logo depois do almoço.

Terminado o banquete da noite, Kao acompanhou os noivos à câmara nupcial. A jovem criada despiu a noiva dos seus pesados atavios matrimoniais e rogou ao noivo que se deitasse de acordo com o costume. Tsien manteve-se silencioso e cabisbaixo. A criada, decepcionada, ajudou sua jovem ama a tirar as túnicas de cerimônia e a deitar-se. Retirou-se depois, suavemente, fechando a porta do aposento.

Tsien Tsin teria preferido passar a noite sentado, mas a vela acesa logo se consumiu. Não se atrevendo a pedir outra, estendeu-se cuidadosamente sobre o leito conjugal, sem despir-se. Na manhã seguinte, levantou-se bem cedo e fez suas ablusões no quarto vizinho. Os sogros viram naquilo tão-somente um excesso de pudor e de tato, que atribuíram à pouca idade do genro, e não se preocuparam em exhibir a colcha nupcial no dia seguinte, como era de costume. Embora a nevasca tivesse

cessado, a ventania continuava a soprar violentamente. Na segunda noite, Tsien embriagou-se de caso pensado e não entrou na câmara nupcial senão muito tarde. Depois de longa e vã espera, a jovem esposa fora-se deitar sozinha, e Tsien passou outra noite, sem despir-se, à beira do leito consagrado.

No terceiro dia, cessou, por fim, o vento. Kao queria reter o casal por mais alguns dias. Quando Tsien teve ensejo de estar a sós com Yeu Jen, explicou-lhe que acabara de passar duas noites sem despojar-se de suas túnicas, mas Yeu Jen negou-se a acreditar nele.

— Aconteceu o irreparável — suspirou.

Tsien-fang não fazia outra coisa senão admirar o esposo de soslaio. Achava-o encantador e congratulava-se, interiormente, pela sua boa sorte.

“Entretanto, durante duas noites, ele não quis desatar o cinturão da túnica... — pensou, com certa inquietude. — Estará zangado comigo porque me deitei antes dele? Terei que ordenar às servas que se mostrem mais atenciosas para com o meu senhor.”

De noite, quando Tsien Tsin se recolheu a altas horas, as criadas se apressaram a despi-lo, sem esperar pelo seu consentimento. Assustado, o bacharel atirou longe o gorro, precipitou-se para o leito, voltou-se contra a parede e permaneceu imóvel, sem deixar que as servas prosseguissem na tarefa. Tsieu-fang, cruelmente ofendida, estendeu-se também na cama, vestida com seus atavios. Tinha vontade de chorar e de confessar-se com seus pais.

O dia amanheceu bom, finalmente, e os Kao fizeram empenho em acompanhar a filha durante a travessia. Mãe e filha ocuparam uma das embarcações, enquanto Kao e seu genro se acomodaram noutra, acompanhados do mensageiro ou intermediário. Os barcos estavam enfeitados com guirlandas de flores. Música alegre distraía os viajantes. Desejoso de ressaltar sua responsabilidade perante Yen Tsun, o Pequeno Yi partiu à frente, num barquinho veloz.

Na outra margem do lago, Yen esperava, roído de impaciência. Havia três dias que não conhecia repouso. Quando sobreveio a tempestade de neve, pressentira acontecimentos desagradáveis.

— Estarão a caminho? Ficarão à espera na casa de Kao? Que farão, por Buda, que farão? — perguntava-se, febrilmente.

Durante a noite, não conseguia manter-se na cama. De dia, saía cem vezes, a ver se vinha algum barco. Quando amainou a tormenta no quarto dia de espera, pensou que, por fim, viriam boas novas. O primeiro a chegar foi o Pequeno Yi.

— Trazemos a noiva de Vossa Senhoria — disse, para abrir a discussão. E acrescentou: — Kao não quis adiar as bodas, que foram realizadas na data escolhida pelos astrólogos. O honorável bacharel Tsien fez o papel de noivo em lugar de Vossa Senhoria, mas é natural que...

— Que dizes? Declaras-me, sem mais rodeios, que há três dias Tsien desfruta suas noites em companhia da noiva?

— Na mesma alcova, mas nada posso dizer deles.

— Insensato! Isso não é possível! Zombas de mim! Por que não impediste semelhante infâmia? És seu cúmplice, cão, pelo que vejo!

— Eu o avisei de que não fosse longe demais. Mas a família Kao insistiu. Antes da cerimônia, o honorável bacharel jurou-me que não faria nada contra vossos interesses e que não vos trairia...

Yen Tsun interrompeu as explicações do laçao com uma forte bofetada, que o fez cambalear. Em seguida, recusando-se a ouvir mais, foi, enciumado e raivoso, postar-se atrás da porta para castigar Tsien Tsin no momento em que este entrasse.

Tsien Tsin desembarcou e, com seu tato habitual, deu um jeito de reter Yeu Jen e Kao a bordo, enquanto se precipitava ao encontro do parente a fim de dissipar o mal-entendido. Com a força que lhe dava a consciência tranqüila, enfrentou, sorridente, o primo, o que fez com que este ficasse ainda mais exasperado. Yeu golpeou Tsien com os punhos, raivosamente, enchendo-o de improperios.

— Traidor! Condenado! Ousaste abusar de uma felicidade usurpada, enquanto eu pagava os gostos! Filho de uma tartaruga!

Sem deixá-lo explicar-se, moeu-o de pancadas. Os laçaios assistiam à cena estupefatos, sem ousarem intervir. Assombrado pela recepção brutal, Tsien Tsin, não querendo revidar os golpes, pôs-se a gritar por socorro. Os tripulantes do barco, surpreendidos, chegaram às carreiras e viram um homem de repugnante fealdade surrando o recém-casado. Sem fazer mais perguntas, os criados da família Kao tentaram separar os brigões. Kao, atônito, perguntou qual era o motivo da briga, e quando o informaram de tudo, arrojou-se sobre Yeu Jen.

— Impostor infame! — vociferou. — Querias entregar minha filha a este vilão, a esse repugnante filho de tartaruga!

E o ancião, que era robusto e enérgico, surrava o mensageiro com cólera crescente, enquanto este se defendia como podia. Os laçaios de Kao, indignados, quiseram defender o amo, mas toparam com os serviços de Yen Tsun, que intervieram a favor do seu senhor, tanto por dever como por costume, já que lhes cumpria defendê-lo em qualquer circunstância. Travou-se uma verdadeira batalha: Yen Tsun contra Tsien Tsin, Kao contra Yeu Jen, e os demais se engalfinhando como e onde podiam. A rua se encheu de espectadores.

Por uma feliz coincidência, o prefeito, que voltava de um passeio, veio a cruzar a rua com seu cortejo e séquito. Ao ver a briga, deu ordem para que todos fossem presos.

— Não consinto tal proceder em terras sob minha jurisdição. Levai-os.

Dispersaram-se todos os curiosos, assim como os criados. Ficaram apenas Yen Tsun, agarrado ao pescoço de Tsien Tsin, e Kao, que não queria deixar Yeu Jen evadir-se. Os quatro se queixaram ao prefeito que, de momento, ouvindo-os falarem todos ao mesmo tempo, não pôde ajuizar ao certo de que se tratava. Para esclarecer a confusão, ordenou que os quatro fossem levados à Prefeitura.

Sentado na sua tribuna, cuidou o prefeito de interrogar primeiramente Kao, em atenção à sua idade, e este, depois de se dar a conhecer, contou, em pormenor, o que sucedera no casamento da filha.

— Qual não foi a minha surpresa — concluiu o ancião — quando vi meu genro acossado e surrado por esse velhaco horrendo! E quando perguntei de que se tratava, soube que este homem é o autor da intriga infame: queria levar minha filha usando Tsien Tsin como isca! Vossa Senhoria pode interrogar agora Yeu Jen; é o principal cúmplice de Yen.

O magistrado dirigiu palavras severas a Yeu Jen e terminou sua admoestação, dizendo-lhe:

— Trabalhaste bem, vilão. Confessa tudo ou serás condenado a cem golpes de bambu.

Consciente da sua posição molesta, Yeu Jen não se atreveu a dissimular. Explicou de que forma Yen Tsun o obrigara a aceitar o papel de intermediário e de como, logo em seguida, enviara Tsien Tsin em seu nome, para enganar os Kao e conseguir a mão da sua filha. De como, finalmente, teve lugar a cerimônia nupcial em casa de Kao, por causa do mau tempo.

Interrogado por seu turno, Yen não teve outro remédio senão confessar a verdade, embora seu cúmplice já houvesse relatado o ocorrido. Por fim, Tsien foi chamado. Jovem e educado, sua atitude atraiu as simpatias do magistrado. Os sinais dos golpes que recebera inspiravam compaixão aos presentes.

— Vossa Senhoria é bacharel — disse o prefeito — e deve conhecer, portanto, os ensinamentos de Confúcio e os ritos do Tcheu Kong sobre o capítulo das bodas. Como vos atrevestes a desposar uma donzela para, logo depois, cedê-la ao vosso primo? Cúmplice de uma burla, vossa conduta é abominável.

— Tudo aconteceu contra a minha vontade — suspirou Tsien Tsin. — Fui, tão-somente, um escravo da gratidão, pois devo muito ao meu parente, de quem recebo generosa hospitalidade há longos anos... devido à minha falta de fortuna. Pensei que o subterfúgio não fosse tão perverso, já que se tratava de um homem cujo desejo era conseguir, a todo custo, uma esposa bela e bondosa.

— Cala-te — interrompeu-o o magistrado. — Pelo menos, não devias ter celebrado a cerimônia dos esposais em lugar do teu primo, mesmo que tua intenção fosse a de fazer-lhe um favor.

— Sim, fui à casa dos Kao apenas para buscar a noiva, mas três dias de tempestade no lago impediram

meu regresso à casa do noivo. Depois, o empenho de Kao em celebrar as bodas me desconcertou sobremaneira. Tive de curvar-me à sua insistência e concordar em que a cerimônia fosse levada a cabo, a fim de que continuasse a ignorar minha verdadeira identidade.

— Por que não te negaste mais energicamente, como era do teu dever?

Nesse ponto, Yen Tsun, tocando o solo com a fronte, declarou:

— Tudo está claro, Ilustre Senhoria: encantava-o a possibilidade de aproveitar-se da situação para trair-me com minha esposa.

— Não te concedi a palavra — exclamou o prefeito, prosseguindo com o interrogatório de Tsien. — Atraíste-o, realmente? — perguntou o magistrado ao bacharel.

— Acedi ao desejo de Kao só para servir os interesses de meu primo. Se cumpri o papel de noivo, foi por mera formalidade. Durante as três noites que passei na câmara nupcial, não desamarrei a túnica nem toquei num só fio de cabelo da noiva.

A resposta pareceu tão cândida ao magistrado que este, esquecendo-se por um momento do seu magistério, prorrompeu em riso franco.

— Somente Lieu Hia Wei, o grande sábio de antanho, — disse o funcionário — seria capaz de ter uma jovem no colo sem perturbar-se. Os rapazes de nossos dias, cujos corações estão abertos às mais loucas paixões, não os creio capazes de passarem três noites perto de uma mulher sem tocá-la.

— Sou, não obstante, perfeitamente inocente — afirmou Tsien. — E, se não me acreditais, podeis rogar ao pai que faça as perguntas rituais à sua filha.

— Seja — concedeu o prefeito.

E perguntou a Kao:

— Com quem quereis casar vossa filha?

— Escolhi Tsien Tsin para genro — declarou Kao. — Minha filha e ele estão casados de acordo com os ritos. Ainda que nada tenha acontecido entre eles, não se pode negar que sejam esposos perante a lei. Eu não aceitarei Yen Tsun em minha família, nem creio, tampouco, que minha filha o queira jamais para marido.

— Também eu penso o mesmo — confirma o magistrado.

— Eu, porém, não posso aceitar tal arranjo — declarou Tsien Tsin, alarmado. — Até agora, representei a comédia com o humilde desejo de ser útil ao meu primo. Se agora lhe tomo a mulher, além de fazer papel de vilão, que não dirá a noiva das três noites passadas a seu lado?

— Se não aceitares o arranjo, condenar-te-ei como um vil impostor. Não tens outro remédio senão escolher entre a noiva e o cárcere.

E, sem mais dizer, encerrou a sessão, depois de condenar Yen Jen a trinta golpes de bambu. Yen Tsun foi perdoado com a condição de pagar as despesas das

bodas do primo.

Tsien Tsin não teve outro remédio senão levar a noiva, a qual, dessa vez, era sua mulher de verdade.

Aliviado e cheio de gratidão para com o sagaz prefeito, Kao acompanhou o jovem casal, e os três partiram muito contentes.

(Tradução de José Paulo Paes)





O Tesouro Perdido

Anônimo

Durante o período Uang-li, quando a dinastia Ming se aproximava do fim, a Coréia foi invadida pelos japoneses. Pediu, então, o rei da Coréia auxílio ao governo chinês, que decide enviar tropas. Em consequência dessa resolução, surgem dificuldades econômicas para o governo chinês que, a fim de poder suportar os gastos ocasionados pelo exército expedicionário, se vê na contingência de tomar medidas draconianas. Uma delas consistia em que a admissão dos futuros bacharéis às universidades imperiais de Pequim e Nanquim passasse a ser feita, não por meio de exames, como de costume, e sim mediante determinada taxa. O número de estudantes aumentou rapidamente de vários milhares.

Entre os novos estudantes, estava um jovem da província de Tche-kiang, chamado Li Kia, cujo nome de família era Yu-sien. Pertencia a uma família abastada e era o mais velho de três irmãos. Embora por diversas vezes se tivesse candidatado ao bacharelato, fora invariavelmente reprovado. Viera a Pequim para apresentar seu pedido de admissão à Universidade da Capital, acompanhado de um conterrâneo seu, chamado Lieu-yu-tsuen. Na realidade, os dois jovens amigos não faziam outra coisa senão freqüentar o bairro das cantoras, e ambos se enamoraram de uma cortesã de grande fama, Tu Wei, conhecida pelo nome de Tu, a Décima, porque era a décima entre as filhas de sua família.

A moça contava, na época, dezenove anos, e era extremamente bela e atraente. Por sua causa, já se haviam arruinado muitos jovens da nobreza ou de famílias ricas. Simpático e carinhoso, o estudante Li se empenhava em conseguir os favores da cantora, com toda a força que dá a paixão. A moça não permanecia indiferente a tantas atenções. Indignada com a desmedida cobiça dos que exploravam sua profissão, havia muito tempo que acarinhava a idéia de escapar àquela vida por meio do matrimônio. Descobrendo em Li um homem de valor, decidiu casar-se com ele. Este, no entanto, temia enérgica oposição da parte do pai. Os escrúpulos e as preocupações aticavam a paixão dos dois amantes. Faziam promessas de mútua fidelidade e multiplicavam, sem cessar, solenes juramentos.

A princípio, a dona do estabelecimento não via inconveniente em que o estudante monopolizasse a jo-

vem. Enquanto o galã dispusesse de dinheiro e gastasse desbragadamente, recebê-lo-ia de braços abertos. Sucedião-se os dias e os meses. Ao cabo de um ano, o bolso do jovem estróina se esvaziara, e imediatamente se fez sentir a frieza da patroa. E como se isso não bastasse, ouvira ela dizer que Li não se atrevia a regressar à sua terra porque o pai estava extremamente irritado com a má conduta do filho. Tu Wei, no entanto, já estava enamorada e, quanto mais grave se tornava a situação, maior carinho sentia pelo amante. Mais de uma vez, a proprietária lhe ordenara que despedisse o cliente arruinado. Tu Wei se recusava. Então, a velha a acumulava de injúrias:

— A gente é o que é; em nosso negócio, não temos outro recurso senão viver à custa do cliente. Despedimos os antigos sem piedade, para acolher os recém-chegados. Desde que Li apareceu nesta casa, não somente Tu Wei não recebe novos admiradores, como também abandona suas antigas amizades.

Irritada, Tu Wei respondia-lhe:

— O honorável Senhor Li não veio aqui com as mãos vazias. Gastou grandes quantias.

— Antes e agora são duas coisas distintas, minha avezinha. Onde estão os bens dele, se é que os possui? Outras plantaram suas protegidas como se planta a árvore das folhas de ouro, que basta sacudir para que nos cubra de riquezas. Eu não tenho sorte; tolero a loucura desse jovem por mero capricho, ouves, maldita? Se quiseres, diz a teu amante que te compre por algumas onças de prata. Depois, poderão ambos ir-se embora. Logo encontrarei quem te substitua. Assim ficaremos em paz, tu e eu.

— Falas de verdade? — perguntou Tu Wei.

Como a velha sabia que Li Kia não possuía mais uma única sapeca, respondeu sem tergiversar:

— Minha honrada velhice nunca mentiu.

— Que soma lhe pedes?

— Se fosse outro, não me contentaria com menos de mil onças. Mas esse pobre moço me comove. Portanto, não lhe pedirei mais de trezentas. Com esta condição: o prazo do pagamento não deve ultrapassar três dias, a contar de hoje. Se não obtiver o dinheiro nesse prazo, enxotá-lo-ei a vassouradas. Que não se queixe, pois, de não ter sido avisado!

— Embora Li esteja completamente arruinado, — respondeu Tu Wei — ainda está em condições de pagar as trezentas onças. Mas o prazo de três dias, que lhe impões, me parece muito curto. Não lhe poderias conceder dez dias de tempo?

A velha estava certa de que Li Kia não arranjaría o dinheiro, nem em cem dias, quanto mais em dez. Concedeu, pois:

— Bem, para agradar-te, concedo-lhe os dez dias.

— Se ele não conseguir o dinheiro em dez dias, com certeza não terá coragem de voltar aqui. Mas, se o ar-

ranjar, temo que te arrependas, *mãezinha*.

— Se me arrepender, serei pior do que um cão ou um porco — jurou a velha, mais por orgulho do que por vontade.

À noite, sentada em sua almofada, Tu Wei pôs o amante a par do acordo.

— Sempre te quis resgatar, mas agora não tenho mais dinheiro. Que faremos?

— Não tens nenhum parente ou amigo que te possa ajudar? Tens de vencer este obstáculo. Imagina que serei tua por toda a vida e que estaremos livres da insupportável velha.

— Meus pais e meus amigos não querem negócio comigo por causa da minha má conduta nas casas licenciosas. Amanhã no entanto, tentarei obter um adiantamento para as minhas despesas de viagem, sob o pretexto de que pretendo regressar ao lar. Quem sabe? Talvez assim eu consiga reunir a quantia necessária.

— Já sabes que farei tudo quanto esteja ao meu alcance — acrescentou, ante a insistência de Tu Wei.

No dia seguinte, Li começou a tomar providências. Primeiramente, foi despedir-se dos amigos; mas, quando tocava em empréstimo, todos lhe respondiam da mesma maneira:

— Sinto muito... eu também estou bastante apurado...

Durante três dias, Li Kia percorreu as casas de todos os amigos, sem conseguir uma única sapeca. Voltar a ver Tu Wei, para contar-lhe seu fracasso, era-lhe demasiadamente penoso. Como não possuía outro domicílio além do da cantora, foi pedir abrigo ao antigo companheiro de diversões, Lieu-yu-tsuen. Este, ao vê-lo tão acabrunhado, indagou a causa do desgosto, e Li Kia lhe confiou seu projeto desesperado de casar-se com Tu Wei.

— Parece inacreditável — disse Lieu, sacudindo a cabeça. — Tu Wei é uma das cantoras mais em moda; impossível que a velha só te peça trezentas onças pelo seu resgate. Vejo nisso tão-somente um pretexto para descartar-se de ti. Se pretendesses mesmo voltar para casa, ainda se poderia adiantar o dinheiro necessário para a viagem. Mas, trezentas onças! Digo-te que nem em dez dias nem em dez meses conseguirás tal quantia. Humildemente te advirto de que já é tempo de recuperares o juízo e acabares com tudo isso.

— Falas como um imortal, honrado irmão.

Isso dizia Li, embora seu pensamento fosse outro. Não tinha coragem de renunciar definitivamente à sua formosa amante; por isso, continuou com os pedidos de empréstimo até onde o levasse a fantasia. De noite, voltava para o hotel onde se hospedava Lieu. Passaram-se outros três dias. Ao transcorrer o sexto, vendo que seu amigo não voltava, Tu Wei ficou muito inquieta. Em segredo, enviou o criadinho da casa a Seu Eul, em busca de Li. O menino não teve dificuldade em encontrar o estudante: viu-o errando pelas ruas e, agarrando-lhe a

túnica, trouxe-o para casa.

Preocupado e envergonhado, Li, no íntimo, sentia inquietude por Tu Wei. Deixou-se levar até o pavilhão da cantora. Uma vez em sua presença, transtornado, caiu em pranto.

— Teus amigos não tiveram a generosidade de te emprestar as trezentas onças?

— Andei seis dias daqui para ali e não consegui uma única moeda... Envergonho-me de aparecer assim diante de ti; esta casa me inspira temor. Agradeço-te por me teres mandado procurar, e peço-te mil perdões.

— Cuidado; que a velha não nos ouça. Fica esta noite; preciso falar-te — murmurou Tu Wei.

Organizaram uma ceia e comeram e beberam alegremente. Era quase meia-noite quando Tu Wei disse:

— Já que não estás em condições de arranjar o dinheiro, que pensas fazer do grave problema da minha vida?

O estudante não dizia nada; chorava. Quando a aurora começou a apontar, Tu Wei se decidiu a romper o silêncio:

— Em minha colcha forrada, há um punhado de moedas, provavelmente umas cento e cinquenta onças. São as minhas economias secretas. Toma-as. Assim, não terás senão que arranjar outro tanto para completar a soma requerida. Espero que isso te seja mais fácil. Lembra-te de que faltam apenas quatro dias.

Ao regressar ao hotel de Lieu, Li Kia narra-lhe o sucedido. Os dois amigos descosem a colcha e encontram as moedas que, somadas perfazem efetivamente as cento e cinquenta onças.

— Essa pobre mulher tem coração — exclama Lieu-yu-tsuen. — Visto que seus sentimentos são sinceros, tens que fazer por merecê-la.

É certo, mas... podes-me ajudar, honrado irmão?

Lieu concorda. Enquanto Li Kia espera na pousada, Lieu em pessoa vai pedir algum dinheiro emprestado. Ao cabo de dois dias, consegue afinal a quantia necessária e, ao entregá-la a Li, diz-lhe:

— Não é por ti que faço isto; é pelo coração de Tu Wei.

Li Kia dá-lhe as dez mil graças, e corre, com o dinheiro, para a casa da amante.

Ao saber da generosidade de Lieu, Tu Wei demonstra seu regozijo levando as mãos à testa.

— Graças aos esforços desse senhor, nossos desejos se realizam.

Os dois amantes passam uma noite feliz. Na manhã seguinte expirava o prazo estipulado. Tu Wei se levanta cedo e dá mais vinte moedas a Li, dizendo-lhe:

— Hoje deves pagar meu resgate; assim poderei ir contigo sem tardança. Estas vinte onças são para a nossa viagem.

Ainda não havia terminado de falar quando a velha veio chamá-la à porta, gritando:

— Pequena, hoje é o décimo dia e termina o prazo.
O jovem, abrindo instantaneamente a porta, retruca:

— Agradecido por teu aviso, *mãezinha*. Estava justamente pensando em chamar-te.

E, ao dizer estas palavras, Li Kia espalhou sobre a mesa as trezentas onças de prata, para surpresa da velha. Houve um longo silêncio. A fisionomia da anciã se transformara, e sua expressão continuamente se alterava. Desejaria poder desdizer-se, mas Tu Wei interveio logo:

— Vivi muitos anos contigo — disse, dirigindo-se à velha e olhando-a fixamente. — As peças de ouro e de seda ganhas por mim valem vários milhares de moedas. Eis as trezentas onças que exigiste como preço de minha liberdade. É a quantia exata; não falta uma só moeda, e o prazo foi respeitado. Se puseres dificuldades, o honorável estudante recolherá o dinheiro e eu acabarei com a vida agora mesmo. Então será tarde demais para arrependimentos.

— Se é assim, inútil reter-te — disse a velha com amargura. — Vai-te, pois, embora! Some de minha vista para sempre! Mas não penses em levar uma só de tuas túnicas ou qualquer objeto, por menor que seja, do teu toucador.

E, dizendo tais palavras, empurrava a cantora e o rapaz para a porta.

Era a nona lua. Tu Wei, que mal acabara de se levantar, não tivera ainda tempo de proceder às abluções matinais. Vestia apenas uma túnica leve. Depois de haver saudado a velha, como exige a cortesia, foi-se embora com o estudante.

— Espera aqui enquanto eu chamo um palanquim — disse o jovem. — Iremos primeiro à casa de meu amigo Lieu e ali decidiremos que fazer.

— Nos pavilhões do bairro, tenho boas amigas — respondeu Tu Wei. — Elas me deram as vinte onças para a viagem. Preciso despedir-me delas.

Vão primeiramente à casa de uma cantora chamada Sié Yu-lang; ela e Hsu Su-su são as amigas mais íntimas de Tu. Ao vê-la tão desalinhada, Sié se surpreende e se informa do sucedido. Tu Wei conta-lhe, pormenorizadamente, o que se passou em casa da *mãezinha*, e diz, dirigindo-se a Li Kia:

— Deves saber que esta é a irmã que nos presenteou com o dinheiro para a viagem.

O moço demonstra sua gratidão juntando as mãos, conforme os ritos prescrevem. Sié leva a amiga ao toucador, para que se arrume, e manda chamar Hsu Su-su. Quando esta chega, Tu Wei já está arrumada. As duas amigas providenciam, então, jóias de ouro e jade, e ricas túnicas bordadas para ataviar Tu Wei como compete a uma noiva. Mandam preparar deliciosos manjares, ordenam bons vinhos e brindam o casal feliz. Em seguida, Sié lhes oferece seu quarto para que os noivos ali passem a noite.

No dia seguinte, organizam um grande banquete para celebrar o acontecimento. Todas as honoráveis cantoras, mais ou menos amigas de Tu Wei, são convidadas. Todos bebem alegre e interminavelmente para celebrar o triunfo do amor. Cantam e dançam, tocam flauta e guitarra. Cada uma exhibe o melhor do seu repertório e do seu talento. Noite avançada, Tu Wei se retira, depois de expressar seu agradecimento às honradas companheiras. Estas se reúnem e comentam:

— Tu Wei sempre foi a mais elegante nas festas. Agora, vai-se embora com o seu amado e abandona nossa vida... Quando partirão definitivamente? Temos que estar presentes à sua partida.

— Quando souber a data, avisarei — diz Sié Yu-lang. — Mas, a minha irmã e seu amor partem com tanta precipitação que só levam cofres vazios. Temos que pensar nisso; não podemos consentir que passem necessidade.

Todas aprovam a idéia delicada e, tomada a generosa decisão, separam-se de comum acordo.

Tu Wei e Li Kia passam mais uma noite no quarto de Sié. Tu pergunta ao amado:

— Para onde iremos agora?

— Meu honrado pai está muito desgostoso comigo — responde o estudante. — Não acredito que nos receba muito bem. Estou pensando, mas não encontro uma solução satisfatória.

— Pai e filho estão ligados pelo afeto natural; não é provável que teu pai tenha coração tão duro que seja capaz de renegar-te para sempre. Se não desejas contrariá-lo intempestivamente, deixa-me passar algum tempo em Sut-cheu ou em Hangtcheu. Entrementes, volta para casa e procura reconciliar-te com tua família. Sem dúvida, teus parentes e amigos intercederão em teu favor. Então, virás buscar-me. Penso que esta é a melhor maneira de apresentar-me aos teus.

Li Kia acede.

Pela manhã, despedem-se de Sié-yu-lang para irem à casa do estudante Lieu. Tu Wei saúda-o, inclinando-se profundamente, e dizendo-lhe:

— Somos profundamente gratos a ti, e algum dia te provaremos nossa gratidão, como ordena Buda.

Lieu retribui a saudação e explica:

— Quando se ama alguém de todo o coração, não se recua diante de nenhuma ameaça, nem sequer a da miséria. Tu és uma heroína entre as mulheres. Quanto à minha insignificante ajuda, não vale a pena falar disso.

Os três amigos ficam a conversar e a beber durante o dia todo. Acertam, finalmente, a data da viagem e contratam os palanquins. Terminados os preparativos, Tu Wei envia uma mensagem de despedida à sua amiga.

Chega o grande dia e, de todos os lados, surgem formosos palanquins; Sié Yu-lang, Hsu Su-su e muitas outras cantoras vêm despedir-se dos felizes amantes.

— Reunimos nossos ínfimos esforços para oferecer aos dois um humilde presente — diz Sié, entregando a Tu um cofre de jóias, pintado de ouro fino e fechado a chave.

Não se podia ver-lhe o conteúdo, pois a cortesia impede o obsequiado de examinar o presente com indiscrição. Tu Wei recebe o cofrezinho e, em agradecimento, se inclina repetidas vezes.

Mas chega a hora da partida; os criados já se impacientam e aconselham aos viajantes que se ponham a caminho, pois o trajeto é longo. Lieu e as cantoras acompanham o cortejo até às muralhas da cidade, e ali se separam todos com lágrimas nos olhos.

Quando chegam ao Rio Lu, os amantes deixam o palanquim para tomar o barco. Mas Li Kia já tinha gasto sua última onça. Tu o tranqüiliza.

— Não te inquietes, meu amigo: os presentes de minhas irmãs nos livrarão dos apuros.

Pega a chave e abre o cofre. No primeiro compartimento, há uma bolsinha de seda encarnada, que ela entrega a Li Kia, rogando-lhe que a abra. Contém cinquenta onças de prata. Tu fecha o cofre sem olhar para os demais objetos. Diz, em seguida, ao jovem:

— Estes presentes não somente nos permitirão viajar comodamente, como também poderemos, graças a eles, fazer agradáveis estadas, contemplando as paisagens verdejantes de Sut-cheu e Hangtcheu.

Li Kia não é curioso e se limita a celebrar a boa nova.

Ao cabo de alguns dias, chegam à província de Kuatcheu, confluência dos rios. Trocam de barco, como o exige seu itinerário. Antes de reiniciarem a viagem, se detêm por alguns instantes: é começo de inverno. À noite, a lua brilha e se reflete nas águas. Li Kia diz a Tu Wei:

— Desde que deixamos a Capital, estamos sempre juntos, um perto do outro, no mesmo coche, no mesmo barco. Bebamos, pois, à vontade, para esquecer as mágoas passadas.

— Eu também estava pensando nisso — diz ela. — Aliás, temos sempre os mesmos desejos e ao mesmo tempo.

Mandam trazer o vinho para a proa do barco e, sentados um ao lado do outro, bebem até ficarem semi-embriagados. Diz, então, o jovem:

— Faz dias que não ouço a doce voz de minha amada. A lua resplandece, o rio corre tranqüilo, o silêncio envolve a noite profunda. Não queres cantar para mim uma de tuas canções?

Tu Wei, descerrando os lábios de romã, cantou alegremente: *O Pequeno Pego Vermelho*.

Naquele instante, num barco vizinho, estava um jovem chamado Suen Fu, de Hangtcheu, proprietário de imensas salinas, cuja fortuna era avaliada em muitos milhões de sapecas. Tinha vinte anos de idade e era, também, estudante em Pequim. Atraído pela cálida voz

da cantora, Suen subiu para o convés do seu barco e se pôs a espiar o barco vizinho. Mas o silêncio voltara a reinar. Suen enviou um criado para obter informações dos beteleiros e não tardou a saber que o barco era ocupado por um honorável jovem chamado Li; nada se sabia, porém, da moça que cantara.

— Essa canção não é a de uma filha de boa família, — pensou Suen — mas eu gostaria de vê-la, nem que fosse por uma única vez.

Voltou à sua cabina; contudo, não pôde conciliar o sono. Lá pela quinta vigília, fez-se ouvir o gemido do vento sobre o rio. De manhã, o céu apareceu coberto de grandes nuvens; um torvelinho de neve obscurecia o horizonte. Diante da brusca mudança de tempo, os bateleiros se recusaram a levantar âncora. Suen Fu ordenou, então, que amarrassem seu barco junto ao de Li.

Com um gorro de marta, envolto num abrigo de astracã, o rico viajante, de sua janela, finge contemplar a neve. Tu Wei terminava naquele instante suas abluções matinais e, afastando levemente a cortina de bambu, atira pela janela a água da bacia. De longe, Suen Fu vê um delicado rosto, que logo desaparece. Sua imaginação lhe faz crer que vislumbrou uma rara beleza e ele procura algum pretexto para atrair o estudante ao seu barco. Apóia-se no rebordo da janela e começa a recitar, em voz baixa, dois versos de um poeta clássico:

A neve cobre as montanhas e se parece ao homem virtuoso indolentemente deitado.

A lua brilha por entre os ramos e se parece à formosa mulher que passeia lentamente.

Li Kia sente-se curioso por conhecer o declamador do poema e põe a cabeça para fora do camarote. Vendo que seu ardil dá resultado, Suen Fu se apressa a chamá-lo em voz alta, erguendo a mão para o céu, de acordo com os ritos mais finos da cortesia:

— Teu honrado nome, velho irmão?

Li Kia, como exige o costume, se apresenta e pergunta igualmente o nome do interlocutor. Os dois viajantes logo entabulam uma palestra que se faz cada vez mais íntima. Suen propõe ao novo amigo:

— Se a tempestade de neve detém os nossos barcos, é porque o céu nos quis oferecer esta ocasião de nos unirmos pelos laços da amizade. Mas é bem aborrecida a vida de bordo quando o barco está parado. Por que não desembarcamos para beber uma taça de vinho morno e dourado em alguma honrada casa de bebidas? Assim poderia deliciar-me com tua saborosa palestra. Não me digas que não!

— Como me atreveria a incomodar-te, se mal acabo de te conhecer? — respondeu Li Kia.

— Não sejas tão cerimonioso, rogo-te. Tseu Hsia disse que “entre os quatro mares, sobre a terra e debaixo do céu, todos os homens são irmãos”. Temos de acatar a sentença do grande sábio.

E, com estas palavras, Suen manda que os bateleiros estendam a passarela e ordena ao seu jovem criado

que os acompanhe com o guarda-chuva, a fim de que Li Kia não se molhe enquanto sobe para o barco. Na proa, saúdam-se com profundas inclinações, como compete a dois novos amigos. Depois, desembarcam juntos.

A poucos passos do cais, encontram a primeira honrada casa de bebidas. Sobem ao primeiro andar e se instalam diante de uma janela para contemplar a paisagem. O criado lhes traz vinho quente e pratos apetitosos. Suen Fu incita seu convidado a esvaziar a taça e a ânfora. Entrechocam os copos e vêem a neve caindo tranqüilamente. A palestra versa, a princípio, temas preferidos dos estudantes. Mas logo passam a assuntos mundanos e descambam para histórias libertinas. Trocam, então, confidências, e dentre em pouco sentem-se mais íntimos do que dois velhos amigos.

Eis que, afastando os criados, Suen Fu baixa a voz e diz ao seu comensal:

— Quem é a dama que, ontem à noite, cantava com uma voz tão maviosa?

Diante de tão boa oportunidade para narrar seus êxitos amorosos, Li Kia não omite nada da sua aventura ao novo amigo.

— É — diz-lhe — a célebre cortesã da Capital, Tu Wei, chamada a Décima.

— Por Buda! A célebre cortesã? Como é que te acompanhou até aqui?

Li Kia descreve, com pormenores, tudo o que sucedeu à frágil boneca.

Suen faz a seguinte observação:

— Conquistar uma beleza tão famosa é, sem dúvida, uma grande alegria. Mas, qual será a opinião de tua honrada família?

— Não dirão nada — replica Li Kia. — Temo, apenas, meu pai, que é muito severo. Tenho ainda de descobrir uma maneira de solucionar a questão.

Suen Fu sente que está ganhando terreno e empreende o ataque.

— Se teu honrado pai se recusar a ver Tu, onde irás instalá-la? Consultaste tua amada sobre como resolver tão árduo problema?

— Temos pensado muito nele. Tu diz que irá primeiro a Sut-cheu ou a Hangtecheu e que me esperará naqueles formosos lugares, enquanto vou rogar a meus familiares e amigos que intercedam junto a meu pai. Quando sua cólera amainar, hei de obter autorização para trazer Tu Wei à minha casa. Pelo menos, assim o creio. Qual é a tua opinião?

Suen Fu demorou muito a responder. Finalmente, fingindo grande tristeza, tomou a palavra:

— Acabo de te conhecer e temo não ser ainda bastante teu amigo para falar-te com a devida franqueza.

— Uma vez que peço teu conselho, não sejas tão cerimonioso, por favor — insistiu o crédulo Li Kia.

— Teu honrado pai faz demasiadas restrições à tua frívola conduta para que possa jamais consentir no teu casamento com uma mulher sem princípios. Quanto a

teus familiares e amigos, quem te afirma que não se porão ao lado de teu pai nesta pendência? E se te negarem ajuda? Se, por acaso, acederem em intervir a teu favor, calar-se-ão à primeira reação de teu pai. Tua situação ficará então muito delicada; estarás colocado entre um pai iracundo e uma amante cujo desejo não poderás contentar. Isolares-te com tua amada ao pé de uma montanha ou à beira-mar, é muito agradável, mas não pode durar. E se teus recursos se esgotarem, que farás?

Li Kia pensou consigo que, das cinquenta onças, restava pouco menos da metade e ele já nem sabia como prosseguir viagem.

— Tuas palavras são sábias — concordou, desconcertado.

Suen Fu, voltando a insistir, acrescenta:

— Ainda te diria coisas mais confidenciais; mas gostarias de ouvi-las?

— Agradeço tua amabilidade. Diz-me tudo.

— A discrição impõe limites às confidências, mesmo entre os mais íntimos amigos. Decididamente, prefiro a prudência do silêncio.

— Fala, peço-te não sejas tão discreto.

— As mulheres são, por natureza, inconstantes. Além disso, as dessa classe são, geralmente, incapazes de sentimentos verdadeiros. Como a tua era uma cortesã de categoria em Pequim, talvez tenha amizades no Sul, às quais prometera visitar, e realiza agora seus desígnios, servindo-se de ti para trazê-la até aqui.

— Impossível — afirmou Li.

— Talvez tenhas razão. Sabes, acaso, que os homens do Sul são conhecidos pela sua frivolidade? Quando deixares tua amada sozinha, quem te diz que não irão ocorrer histórias desagradáveis? Tampouco podes levar essa dama diretamente para a tua casa, sem correres o risco de irritar enormemente teu pai. Por isso, não vejo saída para a situação. Nunca se devem romper os vínculos que existem entre pai e filho. Se desconsideradamente contrarias teu pai por causa de uma cortesã, e abandonas tua família por uma digna filha do prazer, toda gente se afastará de ti. E não mais haverá lugar para ti entre o céu e a terra. Portanto, pensa bem, agora, sobre tudo isto.

Tais palavras acabaram de confundir Li Kia.

Aproximou sua cadeira da de seu novo amigo e perguntou-lhe:

— Que me aconselhas, honrado irmão?

— Bem, ocorre-me uma idéia para te salvar do apuro — diz Suen Fu. — O mal é que, seguramente, não farás caso de minhas palavras, porque estás tão... ligado a tuas recordações de coxim e esteira! Cansaria minha língua em vão.

— Se conheces um modo de restituir-me à tranquilidade e à felicidade entre os meus, podes dizer-me tudo.

— Teu pai pelo visto, está muito desgostoso com as despesas que fizeste durante mais de um ano de ócio em

Pequim. Vê em ti um homem corrompido pelos prazeres, indigno de ser seu herdeiro, pois irás malbaratar-lhe a fortuna. Eis que se te oferece uma oportunidade de reparar tudo: cedes-me teu tesouro de alcova e recompenso-te com mil onças de prata. Com esse dinheiro, vais procurar teu pai e lhe dizes que deste aulas na Capital e ainda fizeste economias. Não te acreditará; mostrarás, então, as moedas. Será, para a tua família, um excelente modo de transformar a desdita em felicidade. Que te parece minha idéia?

— Tua idéia é genial e ilumina meu futuro — diz Li Kia. — Mas minha humilde amante me acompanhou num longo trajeto de mil léguas, e a decência não me permite abandoná-la tão bruscamente. Deixa-me falar-lhe com ternura. Se conseguir persuadi-la, avisar-te-ei em seguida.

— Naturalmente, terás que lhe dar a notícia aos poucos — diz Suen Fu. — Mas, se ela deseja tua felicidade, certamente te ajudará a realizar este sonho de reconciliação familiar.

Os dois homens continuam a beber por muito tempo ainda. Logo cai a noite. O vento cessou, assim como a nevasca. Suen Fu paga a despesa e os dois voltam às suas respectivas embarcações.

Tu Wei ficou à espera, sozinha, o dia todo. Primeiramente, preparou o vinho quente e os manjares ligeiros próprios do meio-dia, com a intenção de beber e comer em companhia do amante, quando este regressasse. Mas a espera se prolongava e Tu Wei ficou sentada imóvel, sob a lâmpada.

Quando Li Kia afinal chegou, ela se ergueu para saudá-lo como era devido, e notou logo seu aspecto fatigado. Quis alegrá-lo, oferecendo-lhe uma taça de vinho. Mas Li, afastando a taça, fez um gesto negativo com a cabeça. Em seguida, sem dizer nada, estendeu-se sobre o leito.

Tu Wei retirou tristemente os pratos da mesa; depois, ajudou Li a despir as túnicas. Sentou-se numa almofada e perguntou-lhe:

— Que te sucedeu hoje, que estás tão triste?

O estudante suspirava, sem nada responder. Três ou quatro vezes, voltou a interrogá-lo durante a noite, mas sem resultado. De madrugada, como ele novamente suspirasse, Tu Wei insistiu, suplicante:

— Diz-me, que ocultas?

Sentando-se no leito e afastando de si a rica colcha bordada, Li Kia esteve várias vezes a ponto de falar, mas as palavras não lhe saíam dos lábios. Faltava-lhe coragem. Por fim, prorrompeu a chorar. Tu Wei o estreitou em seus braços, consolando-o com infinita doçura.

— Faz dois anos que nos queremos ternamente — diz-lhe ela. — Após dez mil fadigas e dificuldades, podemos enfim nos unir livremente. Jamais te vi tão acalorado durante todo esse tempo; estamos em vésperas de atravessar o Grande Rio; uma vida ensolarada,

alegre e risonha, se abre diante de nós e há de durar muitos e muitos anos. Por que tão repentina tristeza? Deve haver alguma razão para ela. Entre esposos, tudo se partilha, tanto a vida como a morte. Por que não me podes falar abertamente?

Incapaz de resistir por mais tempo a palavras tão carinhosas e insistentes, Li Kia se decide finalmente a falar, com lágrimas nos olhos:

— Sou um verdadeiro miserável, — diz — mas tu não deixas de cumular-me de bondades. Não te negaste a seguir-me nas circunstâncias mais difíceis, e tua bondade não conheceu limites. Contudo, quanto mais penso, mais apreensão e medo sinto da severidade de meu pai. Creio que se recusará a receber-nos. Como irá terminar esta vida de vagabundos? Destruirá todo o meu futuro. Bebendo hoje em minha companhia, Suen Fu me falou longamente sobre o assunto e tenho o coração despedaçado.

Essas palavras encheram de angústia o coração de Tu Wei.

— Que pensas fazer? — perguntou.

— Metido nesta situação, não consigo ver as coisas com clareza. Meu amigo Suen Fu pensou numa solução excelente... Mas temo que não seja do teu agrado.

— Se a idéia dele é verdadeiramente boa, por que não haveria eu de acatá-la?

— Suen é um rico negociante de sal na província de Sin-ngan — prosseguiu Li Kia. — É jovem e elegante... e desejaria obter tua mão por mil onças de prata. Com essa quantia, eu poderia voltar sem temor para a casa de meu pai, e tu ficarias livre de qualquer preocupação. Mas, falta-me coragem para separar-me de ti; eis a razão da minha tristeza.

Ao dizer essas palavras, começou a chorar. Mas Tu Wei, com um gesto frio, retirou os braços que ainda o apertavam, e, com um riso sarcástico, replicou:

— Quem te propôs tão admirável arranjo é, sem dúvida, um grande homem. De fato, assim terás o dinheiro, e ele... a mulher. E eu pertencerei a outro homem... Percebo que te vais livrar de uma carga incômoda. "Começar pela paixão e terminar pela disciplina", diz a frase de Confúcio; é uma solução vantajosa para ambos! Mas, onde estão as mil onças?

— Não me atrevi a aceitá-las sem antes haver obtido o teu consentimento.

— Deves aceitá-las amanhã mesmo; não percas tempo! Não se pode deixar escapar tão boa oportunidade. Só que mil onças são uma soma respeitável. Assim sendo, não irei ao outro barco enquanto teu amigo não te entregar o dinheiro. Não te deixes enganar pelo vendedor de sal!

Era a quarta vigília; a noite se aproximava do fim. Tu Wei se levantou e começou a vestir-se.

— Minha túnica de hoje — diz, como que falando consigo mesma — não pode ser comparada à de outros dias. É a túnica que despede um velho amigo e recebe

um novo.

Passou pó no rosto e perfumou-se com o maior esmero. Em seguida, vestiu a túnica bordada, acrescentando, ao toucado, alfinetes incrustados de nácar. Quando terminou de preparar-se, já era dia alto. Estava mais bela do que nunca.

Ao olhar de soslaio para o estudante, estranhou vê-lo quase risonho. Pediu-lhe que fosse dar a resposta a Suen Fu e cobrar-lhe o quanto antes a quantia estipulada. Li Kia se apressou, pois, em transladar-se para a embarcação vizinha, a fim de falar com o comerciante de sal. Este lhe diz que o dinheiro lhe será entregue sem dificuldades; pede apenas, como lembrança, e cofre da cantora. Tu Wei indica ao estudante onde se encontra a caixinha adornada com ouro, e diz apenas:

— Podes levá-la.

Contente e já tranqüilo, Suen Fu depõe as mil onças de prata nas mãos de Li Kia. Apoiada no peitoril da janela, Tu Wei faz sinais a Suen. Ao ver a moça, Suen Fu cai em êxtase, como diante da aparição de uma deusa.

Tu Wei lhe diz então:

— Queres trazer-me o movelzinho por um instante? Preciso retirar dele um salvo-conduto para Li Kia.

Suen ordena a seus criados que tragam o cofre para a proa do barco; Tu o abre com a chave que traz suspensa ao pescoço. O cofre tem oito compartimentos. Pede então a Li Kia que os vá abrindo. O primeiro está repleto de toda a espécie de jóias: diademas de esmeraldas, brincos de brilhantes, broches e alfinetes de jade e ouro. Aquilo valia, pelo menos, algumas centenas de onças. Tu, sem dizer palavra, retira a gaveta e a esvazia, lançando o conteúdo no rio, para grande assombro de Li Kia, de Suen Fu e dos demais espectadores da cena.

Em seguida, roga a Li que abra a segunda caixa. Contém flautas de jade e de ouro. A terceira encerra bibelôs antigos, cujo valor se eleva a milhares de onças. Tu joga tudo na torrente. Por fim, tira da última caixa uma pérola enorme, que brilha à noite. A pérola está engastada com pedras preciosas, cujos nomes são desconhecidos, de valor incalculável. Tu ia também atirá-la ao rio, mas Li Kia, não podendo mais conter sua amargura, detém-lhe o braço e põe-se a chorar ruidosamente.

Suen Fu se aproxima para consolá-los. Mas Tu Wei rechaça Li Kia e começa a injuriar violentamente o comerciante de sal.

— O honrado senhor Li e eu havíamos vencido as maiores dificuldades para unir livremente nossas vidas. Vós, com vossa baixeza e vossos ignóbeis desejos de libertino, vos acreditastes capaz de manchar os ternos laços de nosso amor com vosso diabólico estratagema. Sois o meu mais mortal inimigo! Se minha alma tiver ainda poderes depois da morte, irei queixar-me aos deuses. Mas sois bastante louco para esperar que vos dê os prazeres da alcova?

Voltando-se em seguida para Li Kia, prosseguiu:

— Durante nossas vidas de poeira e vento, minhas companheiras e eu havíamos economizado uma pequena fortuna, para que aquela de nós que achasse amor pudesse gozar da liberdade pelo resto da vida. Encontrei a ti e te amei. Pobre de mim! Quantas promessas de amor eterno fizemos! Ao deixarmos Pequim, foi-me dado de presente o cofre, que encerrava vários milhares de onças em jóias. Pensava oferecê-lo à tua família, esperando alcançar, desse modo, a compreensão e a benevolência de teu pai. Doravante, não mais sentiria medo, quer diante da vida, quer diante da morte.

— Desgraçadamente, — prosseguiu a infeliz moça — tiveste tão pouca confiança em mim; por conselho de um transeunte, não tiveste dúvida em abandonar-me a meio caminho, indiferente aos meus sentimentos pessoais. Pedi que abrisses tu mesmo o cofrezinho e visses que algumas onças de prata não são tão raras. Nem o ouro nem o jade faltavam no meu cofrezinho privado. Por que não tiveste olhos para vê-lo?

— Triste destino o meu! — exclamou ainda a jovem, desesperada. — Apenas salva de uma existência indigna, eis-me de novo abandonada na lama. Vós outros, espectadores, que tendes olhos e ouvidos, sede minhas testemunhas. Não fui eu quem atraíçoo este homem; foi ele próprio quem se atraíçoo.

Os espectadores, emocionados, compadeceram-se da sorte da moça e começaram a injuriar Li Kia:

— Frívolo! Infiel!

Aflito, cheio de remorso e vergonha, Li chorava desconsoladamente. Ia ajoelhar-se diante de Tu, para implorar-lhe perdão, mas esta, agarrando o cofre de jóias com ambas as mãos, correu a atirar-se na água. Precipitaram-se todos para impedi-la de consumir o gesto, mas em vão: num instante, as espumantes ondas da torrente levaram a desgraçada.

Os espectadores dessa cena manifestavam violentamente sua indignação e, em sua justa cólera, falavam em surrar os dois amigos ou em entregá-los à justiça. Assustados, Li Kia e Suen Fu mandaram levantar âncora a toda pressa e fugiram, cada qual para o seu lado.

Sozinho no seu barco, contemplando as mil onças de prata que ali estavam, Li Kia chorava e lamentava-se da perda de sua bela amante. Noite e dia, o remorso o torturou, levando-o até a loucura, e louco morreu.

Quanto a Suen Fu, profundamente impressionado por tamanho drama, caiu enfermo naquele mesmo dia. Esteve em estado grave durante toda uma lua. Sempre que cerrava os olhos, Tu Wei lhe aparecia e censurava-lhe a conduta. Ao fim de uma lua, morreu de esgotamento.

— O castigo do céu se cumpriu — diziam aqueles que sabiam do ocorrido.



Dinastia Tsing

(1644-1912)

A dinastia Ming foi derrubada em 1644 pelos manchus, que passaram a reger os destinos da China através da implantação da dinastia Tsing. Como outrora acontecera com os mongóis, os manchus foram de tal forma absorvidos pela cultura chinesa, que os próprios Tsing receberam uma educação chinesa, e as instituições, moral e costumes do povo conquistado foram seguidos e adotados pelos conquistadores. Uma identificação tão perfeita que, ao fim de algumas dezenas de anos, as diferenças étnicas foram relegadas para segundo plano, e os chineses acabaram aceitando a dinastia manchu como dinastia autenticamente nacional. Seguiram os Tsing uma tão eficaz política de expansão que, no final do século XVIII, o império chinês era tão imenso e próspero como o império da época dos Tang. Prosperidade em breve minada pela política imperialista dos ocidentais. Em 1839, tem lugar a escabrosa guerra do ópio movida pelos ingleses em represália ao governo dos Tsing, que interditara à Companhia das Índias o comércio de ópio na China. A instabilidade, a miséria, as revoltas que se seguem acabam por provocar a derrubada da dinastia manchu, a que se sucede um governo republicano, proclamado em 1912 pelo Prof. Sun-yat-sen.

Quanto à atividade literária, os letrados da dinastia Tsing nada mais fizeram do que seguir a orientação dos Ming, ou seja, uma reverenciação bônzica dos modelares escritores do passado, apesar do surgimento de uma plêiade de eruditos, que estudam realmente com profundidade a literatura clássica. Desta forma, foram ainda o conto e o romance vazados em língua popular a parte mais viva da literatura sob os Tsing.

No romance, devemos destacar, entre outros, *O Sonho no Pavilhão Vermelho*, de Tsau Tchan, talvez a mais célebre narrativa de amor na China.

No conto, Pu Song Ling é, sem dúvida, a figura dominante. Seus trezentos e tantos Contos Fantásticos do Gabinete Leao trouxeram-lhe a merecida fama. São histórias bebidas diretamente do folclore chinês e que Pu Song Ling transformou em pequenas jóias literárias, também apreciadas pelos eruditos, apesar de redigidas em língua falada.

Dois são os contos de Pu Song Ling incluídos na presente antologia: *Melodia Maravilhosa* e *Cheng e o Grilo*.



Melodia Maravilhosa

Pu Song Ling

Wen Ju Ch'uen, mais conhecido por Wen, o Primaveril, era um jovem de boa família, natural de Chen-si. Sua paixão pela música era tamanha que, mesmo quando em viagem, levava consigo o alaúde.

Certo dia, dirigindo-se à vizinha província de Chang-si, parou para descansar em local próximo de um templo. Deixou o cavalo amarrado lá fora e penetrou no recinto. Ali viu, sentado sobre os calcanhares, segundo o costume tauísta, e trajando uma túnica de linho, um religioso. Junto dele, no chão, havia uma pequena cítara com sua palheta de bambu, e, encostado à parede, um estojo de alaúde ricamente trabalhado. Não mais podendo conter-se, Wen perguntou ao estranho se ele tocava alaúde.

— Muito mal — replicou o religioso. — Gostaria de aprender, ouvindo-vos tocar.

E, tirando o instrumento da caixa, entregou-o a Wen. Este examinou-o como entendido. O alaúde estava admiravelmente bem afinado. Bastava roçar-lhe uma corda para que dele se evolasse um som de maravilhosa pureza.

Muito contente, Wen se pôs a tocar uma arieta. O tauísta sorriu: escutava-o como quem não esperava por aquilo. Voltou a sorrir quando Wen terminou.

— Muito bem, muito bem! — exclamou. — Embora ainda não possais considerar-vos um mestre.

Algo melindrado, Wen pediu ao tauísta que demonstrasse suas habilidades. Este, colocando o instrumento sobre as pernas, preludiu: uma suave brisa começou a soprar. Continuou, e as aves do Céu desceram e se aninharam nas árvores do pátio.

Wen, profundamente encantado, quis aprender a singular e preciosa melodia. De bom grado a repetiu o tauísta três vezes. Wen era todo ouvidos. Escutava com toda a atenção, e não tardou a aprender-lhe o ritmo e a melodia. Seu benévolo professor pediu-lhe, então, que a tocasse. Foi-lhe corrigindo os erros e explicando as particularidades do compasso.

— Não existe na terra — disse — melodia que lhe possa comparar.

Na viagem de regresso, encontrando-se ainda a muitas léguas de casa, Wen foi surpreendido, ao anoitecer, por uma violenta tempestade. Não muito longe do

caminho, avistou uma aldeiazinha. Para lá se dirigiu. Ao acaso, entrou na primeira casa que encontrou aberta; a sala estava vazia. Nisso, abriu-se uma cortina e apareceu uma formosa rapariga, da qual se irradiava graça que parecia sobrenatural. Teria, quando muito, dezoito anos. Ao deparar com Wen, fugiu assustada. Em seguida, apareceu uma mulher idosa, a quem ele contou o que lhe acontecera e a quem pediu pousada para a noite.

— Podeis ficar, — consentiu a mulher — mas tereis de dormir no chão, sobre a palha, porque temos todas as camas ocupadas.

Satisfeito com tão amável acolhimento, Wen, enquanto o criado lhe preparava o leito de palha, pôs-se a conversar com a hospedeira. A moça era sobrinha dela e chamava-se Huang-niang. Wen era rico e solteiro. Julgou ter encontrado, naquela pobre morada, a esposa que lhe convinha, e deu-o a entender à mulher. Esta se calou, perplexa. Passados alguns instantes, declarou:

— Não posso consentir com tal matrimônio.

— E por que não?

— É difícil de explicar — concluiu, e, sem mais dizer, retirou-se mal-humorada.

Despeitado, Wen não quis deitar-se, pois a palha estava úmida. Passou a noite sentado, tocando alaúde para passar o tempo. Quando a chuva abrandou, pôs-se de novo a caminho.

Ao chegar em casa, uma das primeiras visitas que fez foi a um amigo chamado Ho, secretário do Tribunal, homem muito dedicado às letras e às artes. Queria fazê-lo ouvir a nova melodia que aprendera.

Tocou-a. O amigo ficou maravilhado. A certo momento, pareceu a Wen que a cortina ao fundo da sala se movera. Uma linda moça deixou-se ver, por uns instantes, retirando-se, a seguir, envergonhada. Era a filha de Ho. Wen nunca a vira antes. Chamava-se Leang-kung. Era muito instruída, e tinha muito talento para a poesia. O som do alaúde atraía-lhe atenção. Não pudera resistir à curiosidade de ver quem o tocava.

Wen, dia por dia mais desejoso de casar-se, ficou impressionado com a jovem. Falou dela à mãe, e esta, de acordo com a vontade do filho, encarregou-se de ir ter com Ho para pedir-lhe a mão da moça. Recebeu, porém, uma resposta negativa. Ho, homem de rígidos princípios, achava que um homem sem profissão como Wen não podia ser digno de confiança. Desgostoso, Wen deixou de frequentar-lhe a casa.

Não fora, contudo, em vão que a jovem ouvira a encantadora melodia; seu coração havia sido conquistado e, como não soubesse nada do ocorrido, dia após dia esperava pelo regresso do hábil músico. E nele pensava sem cessar. Certa feita, estando a passear sozinha no jardim, viu, caída junto à cerca, uma folha de papel. Um poema em versos brancos, intitulado *Tristeza da Primavera Inútil*, estava nela escrito e assim dizia:

“Martiriza-me a tristeza. Tortura-me um pensamen-

to, que se apoderou de minha mente. Consome-se o amor, dia por dia. Embriaga-me o damasqueiro com seu perfume; os salgueiros simbolizam minha triste primavera dolorida. No meu coração, sempre o mesmo sofrimento; renova-se, a cada instante, minha dor, como a grama que, cortada, renasce. Depois que o vi — para onde teria ido? Sob que Céu vive meu adorado? Quantos dias e quantas noites devem ter passado pela montanha, quantas primaveras? Quantos outonos pelas turvas águas passarão antes de eu tornar a vê-lo? Se deixo de pensar, morre-me também o canto. Se durmo em cama perfumada, é só para me encerrar com meus sonhos, como o avarento com seu tesouro. Mas logo desperto e não posso mais dormir. Uma noite solitária, dizem, é tão longa quanto um ano; e não é exagero, penso, pois uma noite de vigília é muito mais longa ainda. Por isso, temo, com tanto tempo, envelhecer depressa."

Leang-kung gostou muito dos versos, tanto mais que condiziam com o seu sentir. Leu-os em voz alta muitas vezes seguidas e, ao voltar para casa, escondeu a folha na capa de um livro que estava sobre a mesa. Dias depois, procurou-a, mas não conseguiu achá-la. A verdade era que seu pai, ao passar pelo quarto, encontrara a folha caída no chão. Leu o poema e pensou, naturalmente, que havia sido escrito pela filha.

O ardor com que nele eram expressos os sentimentos desgostou-o. Chegou à conclusão de que era preciso casar Leang-kung. Reduziu a cinzas os versos comprometedores e, dias depois, quando lhe foi pedida a mão da rapariga pelo filho de um alto magistrado da cidade, teve grande alegria. Todavia, por força da sua costumeira prudência, quis, antes de tomar uma resolução, ver o pretendente, que se chamava Liú.

O rosto jovial e maneiras elegantes de Liú agradaram a todos. A conversa entre ele e Ho foi muito cordial e prolongada. Depois que partiu, encontrou-se, sobre a cadeira em que estivera sentado, nada mais nada menos do que a fivela de um sapatinho de mulher. Indignado, e com razão, Ho, apesar do grande desejo de casar a filha, mandou dizer a Liú que não era decente pedir em casamento uma jovem honrada quando se traz consigo semelhante recordação. Em vão protestou o rapaz, alegando engano ou equívoco. Ho, que não admitia brincadeiras em assuntos de moralidade, mostrou-se, porém, inflexível.

Floriam, no jardim de Ho, uns crisântemos azuis, que eram todo o seu orgulho. Dessa cor, só ele tinha. Eram um verdadeiro prodígio. A ninguém, a não ser a Leang-kung, dava ele mudas ou sementes. A moça plantara algumas em seu aposento particular. Ora, Wen também cultivava crisântemos. No seu jardimzinho, sob a janela, tinha crisântemos da espécie comum. Certa manhã, qual não foi seu espanto ao ver, em um ou dois caules, crisântemos azuis! Desceu ao jardim para certificar-se. Na vereda, o vento brincava com uma folha de papel. Apanhou-a: era o mesmo poema que apa-

recera no jardim de Leang-kung.

Donde teria vindo aquela folha de papel, não saberia dizer, mas, como o título do poema parecia aludir ao seu apelido, *Primaveril*, sua curiosidade foi despertada. Subiu para o quarto e escreveu, à margem da folha, um pequeno e fútil comentário.

Entre a vizinhança e os amadores de flores, correu rápida a notícia da inesperada floração azul, e não faltaram curiosos. Ho, embora de relações cortadas com o jovem, não pôde conter-se e foi também ver. O caso interessava-lhe particularmente.

Wen recebeu-o cortesmente e mandou-o entrar no pavilhão onde ficava sua sala de estudo. A folha de papel em cima da mesa atraiu imediatamente a atenção do visitante. Notando-lhe o olhar perscrutador, Wen apressou-se a ocultar com a mão o comentário que escrevera. Tentou apagá-lo, esfregando-o, pois dele se envergonhava na presença de senhor assim tão grave. Mas, por mais rápido que fosse seu gesto, não conseguiu evitar que Ho lesse e reconhecesse os primeiros versos do poema. Não tinha ele, pois, mais dúvidas de que tivesse sido Leang-kung quem oferecera a Wen o poema e as mudas de crisântemos. Encurtou a visita. Chegou em casa furioso. Contou à mulher o que sucedera e ambos concordaram em que era preciso interrogar Leang-kung.

Esta, a todas as perguntas que lhe faziam, respondia apenas com copiosas lágrimas. Não havia, pois, maneira de esclarecer o assunto. Os pais viram, então, que, se continuassem a opor-se ao amor da jovem, escândalo maior podia desencadear-se. Melhor seria consentir no casamento com o moço a quem ela amava, ponderou a mãe, e o pai, que amava ternamente a filha, achou mais acertado render-se. Comunicaram a decisão a Wen. Este, mais contente do que surpreendido com a inesperada reviravolta, imediatamente fixou o dia do casamento.

Na mesma noite em que recebera tão boas novas, Wen convidou uns amigos para celebrarem a florada dos crisântemos azuis. A reunião foi muito alegre e prolongou-se até noite alta, entre nuvens de incenso e acordes de alaúde. Wen tocava com mais sentimento do que nunca. Depois de ter saído o último convidado, e Wen ter-se retirado para a parte principal do edifício, a fim de repousar, o criado de guarda no pavilhão ouviu o alaúde tocar sozinho! Julgou, a princípio, que era brincadeira de algum outro criado, mas logo verificou que tais sons não poderiam ser produzidos por nenhum ente humano.

Correu a prevenir o amo. Este, saltando da cama, foi certificar-se do que se passava. O alaúde continuava a tocar. Os sons eram ásperos e entrecortados, como os produzidos por um principiante que não dominasse ainda o instrumento. Wen acendeu uma tocha e precipitadamente entrou na sala de estudo. Não viu ninguém. Devia ter sido, pensou, alguma feiticeira, das que costumam visitar as casas e os homens. Levou consigo o

alaúde e, tornando a deitar-se, dormiu sem mais nada ouvir.

Na noite seguinte, devagarinho como um professor que ensinasse um discípulo, correu a escala e teve o cuidado de afinar cuidadosamente o alaúde. Deixou-o na sala e ficou à escuta, atrás da porta. A manobra foi repetida durante várias noites. Na sétima, teve a satisfação de ouvir, corretamente executada por mãos invíveis, a melodia que aprendera do tauísta.

Chegou, enfim, o dia do casamento. Os dois esposos relataram um ao outro os singulares acontecimentos que haviam precedido esse dia. Compreenderam que tinham recebido um favor muito especial, mas não sabiam a quem agradecê-lo. Lean-kung foi também ouvir o alaúde e percebeu que este produzia sons estranhos. Continuou à escuta, e disse, finalmente:

— Estas notas, de melancolia profunda, não são produzidas por feiticeira, mas por alguma alma penada.

Wen não quis acreditar.

— Em casa de meu pai — continuou ela — temos um espelho mágico, que faz aparecer os fantasmas.

No dia seguinte, mandaram buscar o espelho e, à noite, quando o alaúde começou a tocar, marido e mulher entraram, de repente, nos aposentos, ele conduzindo uma tocha e ela o espelho. Apareceu, então, uma forma feminina, que procurou esconder-se, correndo por toda a casa. Wen foi atrás dela. Olhando-a de perto, reconheceu-a.

Era Huang-niang, a sobrinha da velhota em casa de quem se havia refugiado na noite da tempestade. Comovido, quis interrogá-la, mas ela começou a chorar.

— Fui eu quem realizei vosso casamento — exclamou. — Não estais ainda contentes? Para que me atormentais assim?

Afastando o espelho, Wen lhe disse que, se ela promettesse não fugir, ele o guardaria no estojo.

Sentando-se longe do espelho, ela contou-lhe sua história:

— Há cem anos que não pertenço mais a este mundo. Sou filha de um governador de província. Quando criança, deleitava-me com o estudo do alaúde e da cítara. Cheguei a tocar muito bem cítara, mas quanto ao alaúde... Minha mãe não tinha ainda acabado de me ensinar a tocá-lo quando morri. Isso me deixou muito triste, no país das fontes subterrâneas. Quando despertei vossa atenção, acabara de ouvir a melodia maravilhosa e todo meu coração tendia para vós. Mas, dada a minha condição de alma desencarnada, era-me impossível estar a vosso serviço como desejaria. Por isso, procurei dar-vos um casamento feliz, em sinal de gratidão pelos bons sentimentos que mostrastes para comigo. A fivela de sapato feminino encontrada na cadeira onde se sentou Liú, e o poema da *Tristeza da Primavera Inútil*, foram obras minhas. Não retribuí eu, pois, devidamente ao professor de alaúde?

Repetidas vezes agradeceram os jovens esposos à

benfeitora. Esta, interrompendo-os, declarou:

— Já aprendi quase todas as notas da melodia, mas falta-me ainda dar-lhe expressão. Quereis, por favor, tocá-la novamente?

Muito comovido, Wen empunhou o alaúde e começou a tocar; enquanto tocava, ia-lhe explicando o colorido musical.

— Agora — acrescentou ela, sorrindo — compreendi. — E levantou-se para partir. Reteve-a, contudo, Leang-kung, que estava menos comovida que o esposo, dizendo-lhe:

— Também toco cítara. Gostaria que me tocásseis algumas melodias.

Huang-niang assentiu: nem as escalas, nem as melodias que tocava se pareciam com as que se ouvem na terra. Leang-kung escutava, marcando o compasso, como se quisesse aprender. Huang-niang, condescendente, ditou-lhe as notas, para que ela as pudesse escrever. Mas tinha de partir.

Os esposos agarram-lhe as mãos, tentando detê-la.

— Pertencei-vos um ao outro — disse ela. — Vossa união é firme. Tal felicidade não a podem gozar aqueles que morreram prematuramente. Se assim quiser o Destino, voltaremos a nos encontrar noutra existência.

Dirigindo-se, depois, a Wen, entregou-lhe uma pintura enrolada:

— É o meu retrato. Para que não vos esqueçais daquela que realizou vosso casamento, pendurai-o em vossa casa. Quando vos sentirdes felizes, queimai uma barrazinha de incenso e tocai, diante dele, uma melodia no alaúde. Os sons e os perfumes chegarão até mim.

(Tradução de Alda de Carvalho Ângelo)





Cheng e o Grilo

Pu Song Ling

Lá pelo ano de 1431, durante o reinado do Imperador Hsuen Te, da dinastia Ming, as brigas de grilo estavam bastante em moda na Corte Imperial do Grande País da China. Cobravam-se, inclusive, impostos daqueles que se dedicavam à criação de tais insetos.

Havia, nessa época, na comarca de Hua Yin, um magistrado muito desejoso de conquistar os favores do Governador; certo dia, em sua visita mensal ao alto funcionário de Estado, levou-lhe de presente um magnífico ortóptero, escondido nas dobras de suas largas mangas. O inseto era tão valente e revelava tal bravura nas brigas que o Governador, desde esse dia em diante, incumbiu o magistrado de suprir de grilos sua coleção. O magistrado, por sua vez, transmitiu igual incumbência a todos os bedéis do tribunal. Naquela época, o bedel era um homem escolhido, pelo Governador da província, entre os mais respeitáveis e honrados de cada povoado ou aldeia, sendo responsável pela conduta dos seus cidadãos. Era posto de grande honra e cargo que não se podia recusar.

Evidentemente, se ocorressem desmando ou roubos no território sob sua jurisdição, o honorável bedel receberia um número de golpes de bambu que variava segundo a gravidade dos delitos cometidos. No ano de 1431, também foram os bedéis incumbidos de fornecer os grilos de briga.

As pessoas desocupadas ou que dispusessem de horas de lazer dedicavam-se à caça desses insetos nos trigais, pois é sabido que o grilo se aninha, de preferência, entre as espigas verdes e tenras. Poder-se-ia dizer que essas pessoas “se ocupavam de grilos”.

A mania havia elevado o preço dos bichinhos a tal ponto que um só exemplar de boa raça poderia fazer a fortuna ou a ruína de uma família.

No povoado de que nos ocupamos, vivia um homem chamado Cheng. Era um mau estudante, pois fracassara repetidas vezes nos exames para o mandarinato; contudo, em vista da sua bondade e honradez, embora fosse pouco esperto, haviam-lhe concedido o honroso cargo de bedel. O pobre Cheng fez tudo quanto pôde para livrar-se da responsabilidade, propondo-se inclusive demitir-se em favor de alguém mais digno do que ele de

ocupar o posto, mas seus esforços foram inúteis.

Encarregado também da caça aos ortópteros, não tardou muito em arruinar-se por completo. Ora, justamente nessa época houve maior procura de grilos na Corte e, não sabendo que fazer nem como sair do apuro, Cheng decidiu acabar drasticamente com aquela vida tão difícil.

— Por que chegar a tal extremo? — exclamou sua esposa. — Vai ao campo; seguramente, encontrarás bons lutadores no trigal.

De manhã bem cedo, resignado, Cheng foi para o campo, quando ainda não havia saído o sol benfazejo enviado por Buda. Levava um tubo de bambu e uma redezinha de seda fina. Por mais que procurasse entre os arbustos e debaixo das pedras, por mais que esquadrihasse buracos e sarças até noite avançada, só conseguiu capturar dois ou três débeis grilos, que morreriam, com certeza, no primeiro encontro. O magistrado havia marcado prazo para a entrega dos insetos, que desejava mandar à Corte e ao Governador. Ao ver os miseráveis bichos que Cheng, todo trêmulo, lhe trazia, encolerizou-se e ordenou que lhe aplicassem cem golpes de bambu.

Isso não fez senão piorar a situação do infeliz bedel, que ficou prostrado no leito, com dores e sem forças, sentindo, mais do que nunca, vontade de atentar contra a própria vida.

Naqueles dias chegou à comarca um astrólogo ou adivinho, homem astuto, meio corcunda, de grande fama em todo o Império. A mulher de Cheng, desesperada, reuniu suas últimas sapecas e foi pedir-lhe conselho e ajuda.

As mulheres do povoado estavam agrupadas à porta da casa em que se instalara o astrólogo. Moças que vinham pedir marido, mulheres que desejavam um filho, velhas que não tinham nada a desejar, porém ainda conservavam ilusões — todas queriam saber algo, obter algum favor do céu. Daquela humilde choça, saíam tristes ou alegres, cheias de esperança ou totalmente desiludidas. Havia, na casa, um quarto escuro, a cuja entrada pendia uma leve cortina de bambu; em frente da cortina via-se um altar. Diante deste, os pedintes queimavam incenso em honra de Buda, e logo, por duas vezes, se prosternavam até o solo. O adivinho, de pé ao lado do altar, mirava o vazio e rogava a Buda que lhe inspirasse a resposta. Seus lábios se moviam em doce prece, mas nenhum som saía-lhe da boca. Enquanto isso, as pessoas presentes aguardavam, como que hipnotizadas, no maior silêncio. De repente, um papel era jogado do quarto escuro. Então o astrólogo anunciava que o desejo do cliente se cumpriria.

A mulher de Cheng adiantou-se timidamente. Suas pernas tremiam, um suor frio corria-lhe por todo o corpo. Colocou as moedas sobre o altar, queimou o incenso de madeira de sândalo e fez-se as inclinações de praxe com o maior respeito. Passados alguns instantes, a cor-

tina de bambu se agitou e um pedaço de papel veio cair-lhe aos pés. Nada estava escrito nele; trazia apenas um desenho esquisito. A boa mulher se apressou em sair à rua para examiná-lo com atenção, mas por mais voltas que lhe desse, não entendia coisa alguma.

No centro do papel estava desenhado um templo e, detrás deste, uma suave colina, em cuja base havia pedras de forma bizarra. Debaixo das pedras saíam antenas de inúmeros grilos. Uma rã parecia saltar com ridículas contorsões.

A mulher só viu as antenas dos grilos; com isso, se deu por satisfeita e foi correndo entregar o papel ao marido.

— É para indicar-me onde devo procurar esses insetos que estão causando minha infelicidade! — exclamou Cheng.

Após esquadriñar atentamente o rascunho e fazer mil conjecturas, pareceu descobrir certa semelhança entre o desenho e o Templo de Este do seu povoado. Levantou-se da cama, ainda com grande dificuldade, e apoiado a um bastão dirigiu-se ao templo em busca dos bichinhos.

Ao dar a volta a um jazigo familiar ali existente, viu umas pedras que se assemelhavam vagamente às do desenho e, algo mais animado, pôs-se a perscrutá-las. Loucura! Era o mesmo que procurar uma agulha ou um grão de mostarda num campo de trigo! Já se ia embora, completamente exausto e desiludido, quando viu, sobressaltado, uma rã aparecer. Observou, acompanhando-a com a vista, que ela se refugiava num matagal, onde notou em seguida o tão cobiçado ortóptero, ao pé de uma sarça. Quando quis pegá-lo, o grilo se escondeu num buraco, de onde parecia que nenhuma força humana o poderia arrancar. Afinal, ocorreu a Cheng deitar um pouco de água no orifício: o animalzinho dele saiu meio afogado. Era um magnífico exemplar, forte e nervoso. Sua cabeça era verde e suas asas douradas, sinal de boa casta. Cheng não cabia em si de contente e, colocando o grilo na cesta com todo o cuidado, foi para casa receber as felicitações dos familiares.

O bom homem quase nunca se separava do objeto que era causa, simultaneamente, de sua desgraça e de sua felicidade. Pôs o grilo numa taça grande de fina porcelana, e passou a alimentá-lo com carne de santola e com a polpa rósea de castanhas bem maduras. Não havia cuidado ou atenção que não dispensasse ao grande guerreiro; aguardava, feliz, a hora em que o magistrado lhe solicitasse, com ameaças, o primeiro exemplar.

Certa manhã de sol, tendo Cheng saído para estirar as pernas, deixou, por instantes, o grilo sem vigilância; e seu filho de nove anos quis aproveitar a oportunidade para contemplar de perto o campeão tão valioso. Muito lentamente levantou a tampa da taça; de um salto o grilo fugiu da prisão e, apesar dos esforços desesperados

do menino, o inseto sempre lhe escapava. Por fim, conseguiu prendê-lo por uma pata, mas com tão pouca sorte, que a arrancou pela raiz; o mutilado morreu logo depois.

Quando o menino foi contar o incidente à mãe, esta ficou pálida como lua no inverno.

— Que filho de tartaruga nos deu Buda! — exclamou, desesperada. — Quando teu pai souber, te matará.

Ao ouvir isso, o menino saiu correndo, em prantos.

Cheng retornou do passeio, alegre e contente, porque seus velhos ossos haviam recebido o sol que Buda recomenda. Vendo a expressão da esposa, sentiu o coração parar.

— Que houve? — exclamou.

— Teu filho deixou o grilo escapar; depois ao querer agarrá-lo, matou-o...

— Onde está o patife? Onde se esconde esse vil filho de tartaruga?

O menino havia desaparecido e só ao fim da tarde é que foram encontrá-lo, afogado no poço do jardim. A cólera, a intranquilidade, o desgosto, tudo se converteu numa dor imensa e insuportável. A morte parecia ao infeliz casal uma deliciosa libertação. Silenciosos, sentaram-se um em frente do outro, dentro da humilde cabana, de cuja chaminé já não saía fumo. (*)

Disponham-se tristemente a enterrar o filho amado, mas quando lhe ergueram o corpinho frágil, para envolvê-lo com os atavios dos mortos, eis que o vêem respirar. Não estão loucos, não. O menino ainda respira, realmente; logo abre os olhos, mas está muito débil, como que entontecido, e só quer dormir.

Já tranquilizado em relação à vida do filho, Cheng olha agora a taça onde estivera encerrado o causador de tantos sobressaltos. Suspira e não pode conciliar o sono. Ao amanhecer, permanece sentado, transido de frio e de sofrimento. Mas, eis que, de repente, ouve o chiado de um grilo no campo. Que susto lhe dá o coração!

Corre para a porta da casa e vê o inseto, o seu grilo, o mesmo que colhera na sarça do templo! Mas, ao tentar apanhá-lo, o bicho escapa com um pulo. Várias vezes está certo de pôr-lhe a mão em cima e, quando fecha os dedos, nada sente. Não, ainda não conseguiu pegá-lo. A perseguição se prolonga por bastante tempo; finalmente, encurrala-o num canto da casa, mas quando se põe a examiná-lo, não vê o exemplar forte e formoso que era o seu, e sim um grilinho fraco e miserável. A cabeça não é verde nem os élitros dourados; pequeno, pardacento, tem a cabeça vermelha. Cheng pára, olha-o novamente e pensa que não vale a pena apanhar aquele animalzinho tão feio e débil, indigno da pior casta. De repente, o bichinho dá um salto e pousa em sua manga. Então, resignado, o bedel o leva para dentro e o exa-

(*) Expressão chinesa que significa tratar-se da casa pobre, onde nem sequer há fogo.

mina com atenção. Não é tão feio como de início julgara; está bem desenvolvido e parece vigoroso e bravo. Será necessário prová-lo em combate.

No dia seguinte, sai à procura de um rapaz do povoado, que possui o melhor campeão da comarca. Até agora, este ganhou todas as batalhas e seu preço é dos mais elevados. Quando Cheng exhibe seu pupilo, o rapaz prorrompe em franca gargalhada; ao lado do seu, ainda parece mais raquítico. Cheng, desanimado, quer ir-se sem fazer a prova, porém o rapaz diz-lhe:

— Já que vieste até aqui, bem podes sacrificar teu grilo para regozijo e alegria dos presentes. Vamos rir bastante e passaremos um bom pedaço de tempo com teu mequetrefe; meu grande guerreiro não tardará em dar conta dele.

Cheng pensa que de nada lhe serve manter esse inseto tão débil e o entrega, sem pesar, para diversão dos moradores do local. Colocam os dois juntos numa taça grande, e o grilo de Cheng fica muito quieto, como que atemorizado.

Instigam-no com fibras de bambu, porém ele permanece impávido. Todos riem com grandes gargalhadas e continuam açulando o bichinho cada vez mais. De repente, o grilo se ergue, abre as mandíbulas, levanta as patas e arroja-se sobre o adversário, que até então o havia desdenhado, limitando-se a dar-lhe umas mordidinhas humilhantes. A batalha torna-se encarniçada e tem-se que separar os contendores, pois, do contrário, o grilo de Cheng mataria o grilo do rapaz. Todos ficam maravilhados. Ao ver o campo livre, o grilo de Cheng canta triunfante em sinal de vitória. Os aldeões, entusiasmados, comentam com o bedel os incidentes da luta. Enquanto conversam, um galo sobe à mesa e decide comer o apetitoso inseto. Cheng dá um grito desesperado; felizmente o grilo escapa, veloz. Começa então uma corrida trágica. O galo persegue o inseto; este salta e escapa, até que monta na cabeça do galo, agarrando-se fortemente à sua crista. Cheng consegue apanhá-lo e o transporta em uma gaiola, ofegante, em virtude de tantas e tão variadas emoções.

Alguns dias depois, envia o grilo ao magistrado. Este, ao ver o inseto, fica encolerizado e manda vir o bedel para que seja surrado. Então este narra, sorrindo, as proezas do débil exemplar que trouxera para o magistrado dias antes.

— Não posso acreditar que zombes de mim — replicou o magistrado. — Vamos pô-lo à prova em tua presença. Se mentiste, receberás tantos golpes de bambu quantos puderes agüentar.

O grilo fraco e feio vence todas as lutas e fica sendo o campeão da comarca. Colocam-no também em frente a um galo, e deste ele consegue escapar, pousando em sua crista.

O magistrado o encerra dentro de uma gaiola de ouro e o manda ao Governador da Província, que, por sua vez, o expede para a Corte, com uma carta em que

explica suas façanhas. No Palácio Imperial, o feio e débil grilo de Cheng vence, em honrada luta, todos os exemplares da esplêndida coleção do Imperador. Sua fama se estende por todo o Império e o Filho do Céu envia, em agradecimento, valiosos presentes ao Governador.

Cheng também recebe sua recompensa. Não apenas o magistrado o dispensa do temido cargo de bebel, como ainda dá instruções ao Mandarim Secretário de Literatura para que Cheng seja aprovado nos exames de primeiro grau. Só alguns meses depois é que o filho de Cheng se restabelece; durante todo esse tempo permanecera no leito. Ao despertar do seu estado cataléptico conta, risonho, que foi um grilo muito bom lutador, enquanto durara sua enfermidade. Todos, porém, riem dele.

O Governador também recompensa Cheng com riquíssimos presentes e, em pouco tempo, o ex-bedel é o homem mais rico da comarca, com suas ovelhas, suas cabras, seus porcos, suas terras... e sem grilos.

(Tradução de Américo Bandeira)







Período Contemporâneo

(1912-....)

Proclamada a República Chinesa, em 1912, pelo movimento revolucionário que derrubou a dinastia Tsing, natural seria que também a literatura sofresse o impacto revolucionário. Este remonta aos derradeiros anos do governo imperial. Estudantes chineses, regressando da Europa, América e Japão, traduziram para sua língua natal obras de escritores e pensadores ocidentais: Walter Scott, Dickens, Victor Hugo, Alexandre Dumas, Tolstoi, etc.

Os chineses ficaram, assim, sabendo que o Ocidente era, não só uma Técnica, mas também uma Cultura. Em 1916, o Dr. Hu Chi publicava na revista NOVA JUVENTUDE um trabalho que ficaria famoso, Tese Sobre o Aperfeiçoamento da Literatura, no qual incitava os escritores modernos a ignorarem as alusões, o paralelismo e frases feitas dos clássicos; a redigirem suas obras não no estilo literário, mas na língua do dia-a-dia, na língua falada por todo o povo. Polêmicas imediatas e violentas com os letrados tradicionalistas. Em 1920, o movimento desencadeado pelo Dr. Hu Chi torna-se vitorioso, com a adoção da língua popular nas escolas, na imprensa e na grande maioria das obras literárias. Entre estas, o romance e conto realistas foram os que alcançaram maior popularidade. Lu Hsun foi, entre os jovens intelectuais, o ficcionista que maior influência viria a exercer sobre a ulterior novelística chinesa.

Em 1920, alguns intelectuais "modernos", encabeçados por Lu Hsun, fundaram a Sociedade Para o Estudo da Literatura, cujo programa de ação foi vazado nos seguintes termos: "Opomo-nos a que a literatura seja um divertimento, uma ocupação para as horas de lazer. Seu objeto deve ser as lágrimas e o sangue derramados sob a opressão."

Em 1922, Kou Mo Jo e outros intelectuais fundam uma nova Sociedade Criadora que, defendendo inicialmente a arte pela arte, logo após os massacres de comunistas, em 1925, na cidade de Xangai, numa retratação sensacional, passa a adotar o slogan "Da revolução literária à literatura da revolução".

Ainda durante a guerra civil, Mao Tse-tung volta a abordar, em 1942, o problema da literatura condicionada à política, afirmando: "Os autores e artistas da Nova China devem alcançar as massas. Devem misturar-se constantemente com as massas de operários, camponeses, soldados, sem reservas e com toda a sinceridade. Devem participar das lutas dessas massas, e delas fazer a maior, a mais rica e mais notável fonte de inspiração, a fim de observar, estudar e analisar os indivíduos, as classes e as massas, assim como todas as formas de vida e de luta, que são a arte e a literatura no estado natural." Palavras de ordem válidas ainda hoje para a maioria dos escritores da China comunista.

Estes acontecimentos são ainda muito recentes para nos aventurarmos a qualquer opinião crítica. Um fato, porém, não devemos passar por alto. Pela primeira vez na história da China, milhões de indivíduos têm acesso à cultura, como são

prova, por exemplo, as edições, em centenas de milhares de exemplares, dos romances e contos de Chao Shu-li, sem dúvida o ficcionista de maior popularidade na China atual.

Uma outra revolução cultural está hoje se processando na China comunista: a passagem da escritura ideogramática à escritura alfabética. Uma tarefa gigantesca e coerente com o programa de levar a cultura a todo o povo. Um outro fato que não podemos passar por alto: várias equipes de eruditos estão hoje encarregadas, pelo governo chinês, de passar para o novo alfabeto a maioria das obras clássicas. Fato que vem garantir a continuidade da milenar cultura chinesa para além da temporalidade das conjunturas políticas.



Pesar Pelo Passado **(Notas de Chuan-Sheng)**

Lu Hsun

Quero, se puder, descrever o remorso e o pesar que sinto por Tzu-chun e por mim mesmo. Este quarto esqualido, oculto num canto esquecido da hospedaria, é tão quieto e tão vazio! O tempo voa, de fato. Um ano inteiro já se passou desde o dia em que me apaixonei por Tzu-chun e, graças a ela, me libertei desta quietude e deste vazio. Quando voltei, a má sorte parecia perseguir-me: era este o único quarto vago. A vidraça quebrada, a acácia semimorta e a velha trepadeira lá fora, assim como a mesa retangular aqui dentro, são as mesmas. São os mesmos os frisos da parede e o leito de madeira encostado nela. À noite, vou para a cama sozinho, exatamente como o fazia antes de começar a viver com Tzu-chun. O ano que passou foi obliterado, como se nunca tivesse existido; como se eu nunca me houvesse mudado deste quarto esqualido para instalar, cheio de esperança, um larzinho na Rua Chichao.

Mas isso não é tudo. Um ano atrás, eram diferentes esta quietude e este vazio; animava-os, freqüentemente, um frêmito de expectativa. Eu ficava aguardando a chegada de Tzu-chun; minha longa e impaciente espera era, subitamente, galvanizada pelo ruído de saltos sobre o pavimento ladrilhado. Então, eu avistava sua face pálida e redonda entreaberta num sorriso, os esguios braços alvos, blusa de algodão listrado, saia preta. E ela me trazia sempre uma folhinha nova da acácia semimorta, ou um cacho de flores violetas da velha trepadeira, cujo tronco parecia ser feito de ferro.

Agora, nada mais me resta, além da antiga quietude e do antigo vazio. Tzu-chun jamais voltará — jamais, jamais.

Na ausência de Tzu-chun, nada lograva interessar-me neste quarto esqualido. Por desfastio, eu pegava um livro — ciência ou literatura; para mim dava no mesmo — e lia, lia, até perceber que percorrera uma dúzia de páginas sem compreender uma única palavra. Meus ouvidos, porém, eram tão sensíveis, que eu era capaz de distinguir qualquer ruído de passos fora do portão, especialmente o dos passos de Tzu-chun. Muitas vezes, parecia-me que seus passos vinham se aproximando, mas, logo em seguida, enfraqueciam até se perderem confundidos no ruído de outros pés. Eu odiava o filho da criada porque calçava sapatos de sola de pano e porque seus passos soavam diferentes dos de Tzu-chun.

Odiava, igualmente, a impudente vizinha do quarto ao lado, porque tinha sempre a cara empastada de creme e porque usava sapatos de couro: seus passos eram muito parecidos aos de Tzu-chun.

Teria acontecido algum acidente com o seu riquixá? Teria sido atropelada por algum bonde?...

Bem que eu teria posto o chapéu para ir vê-la, mas o tio dela me amaldiçoaria se eu fosse até lá.

Subitamente, ouvia-a aproximar-se. Quando saía a fim de encontrá-la, ela já estava sob a latada de trepadeiras, o rosto desabrochando num sorriso. Afinal de contas, talvez não fosse assim tão maltratada em casa do tio. Eu me acalmava, então, e, depois de nos contemplarmos em silêncio, o quarto lóbrego se enchia com o som da minha voz; eu perorava sobre a tirania dos pais, sobre a necessidade de romper com a tradição, sobre a igualdade de direitos entre os homens e as mulheres, sobre Ibsen, Tagore e Shelley... Ela meneava a cabeça afirmativamente, sorrindo, os olhos cheios de admiração infantil. À parede, estava afixada uma reprodução do busto de Shelley, recortada de uma revista. Era o melhor dos retratos dele, mas quando eu falava sobre isso, ela se contentava em contemplá-lo de soslaio, e baixava logo a cabeça, como se estivesse embaraçada. Em coisas que tais, Tzu-chun não se havia provavelmente ainda libertado das inibições. Ocorreu-me, depois, que talvez fosse melhor substituir o busto de Shelley pela estampa comemorativa da sua morte por afogamento, ou por algum retrato de Ibsen. Mas nunca cheguei a substituí-lo. E, hoje, até mesmo a velha reprodução se desvaneceu...

— Sou dona de mim mesma. Ninguém tem o direito de interferir na minha vida.

Ela fez essa declaração com voz firme, clara e grave, ao cabo de um intervalo de silêncio meditativo. Falávamos a respeito do seu tio, que morava na cidade, e de seu pai, que vivia no campo. Conhecíamos-nos havia já meio ano. Por essa época, eu lhe confiara todos os meus pontos de vista, tudo quanto me acontecera, e quais haviam sido os meus fracassos... Escondera-lhe muito pouco e ela me compreendia perfeitamente bem. Suas palavras me comoveram profundamente e continuaram a ressoar nos meus ouvidos ainda muito tempo depois. Eu me sentia indizivelmente feliz por saber que as mulheres chinesas não eram tão retrógradas quanto o queriam fazer crer os pessimistas, e que, em futuro não muito distante, vê-las-íamos refulgirem gloriosamente.

Sempre que a acompanhava até a porta da rua, procurava manter-me alguns passos atrás. E lá estava sempre a cara do velho, colada à vidraça, o nariz esborrachado, as suíças como guelras de peixe. E quando chegávamos ao pátio externo, deparávamos com o rosto da vizinha impudente, todo empastado de creme, espiando pela janela. Mas Tzu-chun saía altivamente, sem olhar para a direita nem para a esquerda, indife-

rente à curiosidade alheia. E eu, igualmente ativo, retornava ao meu quarto.

— Sou dona de mim mesma. Ninguém tem o direito de interferir na minha vida.

Sua decisão, nesse particular, estava definitivamente tomada. Tzu-chun era, sem dúvida, muito mais decidida e muito mais lúcida do que eu. Que lhe importavam uma cara empastada de creme ou um nariz esborrachado contra a vidraça?

Não consigo lembrar-me claramente, hoje, de como lhe declarei o meu amor puro e apaixonado. Apenas hoje, não — logo depois de ter-lho declarado, guardei, do acontecido, lembrança muito indistinta. Inclusive após um ou dois meses de vida em comum, quando, à noite, me punha a pensar sobre o assunto, recordava-me apenas de fragmentos do que lhe dissera. Lembro-me somente que, com quinze dias de antecipação, eu refletira muito cuidadosamente sobre a melhor atitude a assumir, ensaiara tudo quanto iria dizer-lhe, e decidira o que fazer no caso de a minha proposta ser recusada. Mas, quando chegou a hora, de nada adiantou tão elaborada preparação. No meu nervosismo, tratei, inconscientemente, de usar o método que vira aplicado nos filmes de cinema. Quando me recordo disso, fico profundamente envergonhado, embora seja a única passagem que me ficou na memória. Mesmo hoje, é como uma lâmpada solitária num quarto escuro, iluminando-me enquanto eu lhe agarrava a mão com lágrimas nos olhos, ajoelhado a seus pés...

Tenho apenas vaguíssima lembrança da atitude de Tzu-chun. Tudo quanto sei é que me aceitou. Entretanto, parece-me que seu rosto se fez primeiramente pálido e, a pouco e pouco, rúbido — com um rubor tão intenso qual jamais lhe vira antes. Nos seus olhos infantis brilhavam, confundidas, a alegria e a tristeza, embora ela evitasse a minha mirada, e desse a impressão de estar desejosa de sair voando pela janela, tal era a sua confusão. Depois, dei-me conta de que concordara, embora eu não soubesse o que ela dissera, ou se havia, inclusive, dito alguma coisa.

Ela se recordava de tudo. Era capaz de recitar, vírgula por vírgula, a minha declaração de amor, como se a houvesse decorado; de descrever pormenorizadamente todos os meus gestos, como um filme, no qual estivesse incluída, é claro, a ridícula cena melodramática que eu tanto desejava esquecer. Na quietude das noites, costumávamos reviver aquele dia. Frequentemente, ela me interrogava e me examinava, ordenando-me relatasse tudo quanto lhe dissera então. Mesmo assim, Tzu-chun tinha, muitas vezes, de preencher as lacunas da narrativa ou corrigir-lhe os equívocos, como se eu fosse aluno de curso primário.

Tais revivescências, não obstante, faziam-se menos e menos freqüentes. Todas as vezes que eu via Tzu-chun de olhos perdidos no vácuo, com uma expressão de ternura nos lábios, sabia-a repetindo mentalmente a ve-

lha lição, e envergonhava-me a idéia de que estava, também, revendo a minha ridícula cena cinematográfica. Sabia que a estava revendo; que se comprazia nisso.

Tzu-chun, não a julgava ridícula. Embora eu considerasse o episódio todo risível, ou mesmo desprezível, ela não pensava assim porque me amava pura e apaixonadamente.

O fim da primavera passada foi, para nós, uma época venturosa a atarefada. Nesse tempo, eu me sentia mais calmo, embora uma parte do meu espírito estivesse mais ativa do que nunca. Foi na mesma ocasião que começamos a sair juntos. Íamos, com freqüência, ao parque, mas, na maior parte das vezes, saíamos à procura de cômodos para alugar. Na rua, eu tinha consciência dos sorrisos sarcásticos e dos olhares furtivos, de interrogação ou desprezo, que nos lançavam. Não fosse eu cuidadoso, e ter-me-ia posto a tremer; a cada passo, via-me obrigado a invocar o auxílio de toda a altivez e de todo o orgulho de que era capaz. Tzu-chun, no entanto, mostrava-se intemerata, absolutamente alheia a tudo aquilo. Andava com passos lentos, tão calmamente como se não houvesse ninguém a olhá-la.

Não era fácil encontrar quartos de aluguel. Na maior parte dos casos, inventavam alguma desculpa para nos recusarem como hóspedes; noutros, deixavam claro que éramos indesejáveis. A princípio, mostramos deveras exigentes, mas não com exagero: a maioria dos cômodos visitados era inadequada. Mais tarde, tudo quanto pedíamos era que nos aceitassem. Percorremos mais de vinte casas antes de encontrar algo que nos pudesse servir: dois quartos numa casinha da Rua Chichao. O proprietário da casa era um oficial subalterno, homem inteligente, que não ocupava senão o quarto do centro e um lateral. Sua família constava apenas da esposa, de um bebê de meses, e de uma criada aldeã. Desde que a criança não chorasse, o lugar parecia ser bastante calmo.

Apesar de modesta, nossa mobília consumira quase todo o dinheiro que eu lograra arranjar; Tzu-chun, de sua parte, havia vendido o único anel e os únicos brincos de ouro que possuía. Tentei impedi-la de fazer isso, mas ela teimou, e eu não insisti: sabia que, se ela não pagasse o seu quinhão, não se sentiria à vontade.

Tzu-chun havia brigado com o tio e este, furioso, resolvera deserdá-la. Eu próprio cortara relações com diversos amigos que, crentes de me estarem dando bons conselhos, receavam por mim, na verdade, e tinham-me ciúme. Com isso, vivíamos isolados. Embora eu só regressasse do escritório ao cair da noite, e o cule do riquixá parecesse movimentar-se com enervante lentidão, acabava chegando o momento de me reunir a Tzu-chun. Em silêncio, ficávamos a olhar um para o outro; depois, sentávamo-nos e começávamos a conversar em tom íntimo para, dali a pouco, voltarmos ao silêncio anterior, cabisbaixos, sem pensar em nada de especial. Gradual-

mente, fui-me tornando capaz de ler-lhe a alma e o corpo, como se fossem um livro aberto. No breve espaço de três semanas, aprendi muito a seu respeito, e pus abaixo barreiras de cuja existência eu nunca suspeitara, mas que existiam, realmente.

À medida que os dias passavam, Tzu-chun tornava-se mais animada. Não gostava, porém, de flores. Comprei dois vasos na feira mas, quatro dias depois, à falta de rega, as plantas morreram, esquecidas a um canto: eu não tinha tempo para cuidar de tudo. Tzu-chun gostava, porém, de animais — ao que parece, por influxo da esposa do oficial; cerca de um mês mais tarde, nossa população doméstica estava aumentada. Quatro frangotes nossos começaram a ciscar pelo pátio, juntamente com a dúzia de frangos da senhoria; todavia, as duas mulheres sabiam diferenciá-los perfeitamente. Mais tarde, apareceu em casa um pequinês malhado, adquirido na feira. Quero crer que já tivesse nome, mas Tzu-chun rebatizou-o Ahsui. Eu também o chamava de Ahsui, embora o nome não me agradasse.

É verdade que o amor deve ser constantemente renovado; que deve crescer e florescer. Quando falei disso a Tzu-chun, ela meneou a cabeça em sinal de compreensão.

Que tardes pacíficas e felizes aquelas!

Tranquilidade e felicidade têm de ser consolidadas para que possam durar eternamente. Quando eu morava na hospedaria, tínhamos, de quando em quando, opiniões adversas e alimentávamos mal-entendidos; depois que nos instalamos na Rua Chichao, até mesmo essas ligeiras diferenças desapareceram. Ficávamos simplesmente sentados um diante do outro, à luz do candeiro, relembando, saboreando a alegria da nova harmonia que se seguira às nossas altercações.

Tzu-chun engordava; suas faces se faziam mais rosadas. Era uma pena que estivesse sempre tão atarefada. O trabalho caseiro não lhe deixava nem tempo para conversar, quanto mais para ler ou para sair a passeio. Diversas vezes falamos sobre a necessidade de arranjar uma criada.

Outra coisa que me aborrecia, quando eu voltava do trabalho à tardinha, era vê-la tentando ocultar alguma expressão de pesar ou coisa que me deprimia mais ainda — sorrindo um sorriso forçado. Felizmente, descobri que tudo era devido a secretas desavenças com a mulher do oficial subalterno, por causa dos franguinhos. Mas por que não me contava ela isso? A gente deve ter casa própria; aquele não era lugar para se viver.

Eu também tinha uma rotina a cumprir. Seis dias por semana, ia de casa para o trabalho e do trabalho para casa. Na repartição, sentava-me à escrivaninha e punha-me a copiar cartas e documentos oficiais. Em casa, fazia companhia a Tzu-chun; ajudava-a a acender a estufa e a cozinhar o arroz e o pão. Foi assim que aprendi a cozinhar.

Na verdade, eu comia bem melhor então do que

quando morava na hospedaria. Embora não fosse grande cozinheira, Tzu-chun dedicava-se ao mister de corpo e alma. Sua constante ansiedade a esse respeito deixava-me também ansioso e, dessarte, compartilhávamos os amargores e as doçuras da vida. Ela se dedicava com tanto empenho à cozinha, o dia todo, que o suor lhe colava os cabelos curtos à testa, e suas mãos iam-se tornando ásperas.

Ademais, Tzu-chun tinha que dar de comer a Ahsui e aos frangos... Não consentia a ninguém fazer isso por ela.

Disse-lhe, certa feita, que preferia não comer a vê-la estafar-se de tal maneira. Ela olhou para mim fixamente, sem pronunciar qualquer palavra; eu não soube mais o que dizer-lhe. E Tzu-chun continuou a trabalhar tão arduamente quanto antes.

Aconteceu, finalmente, a catástrofe que eu tanto receara. Na noite anterior ao Festival do Duplo Dez, eu estava sentado ociosamente, vendo-a lavar os pratos, quando ouvimos uma batida à porta. Abri-a e deparei com um contínuo da repartição, que vinha entregar-me uma folha de papel mimeografado. Adivinhei logo de que se tratava. Aproximei-me da lâmpada e li:

Por ordem do Comissário, Shi Chuan-sheng está demitido.

O Secretário. Em 9 de outubro.

Eu já previra isso quando estávamos ainda na hospedaria. A Cara-de-Creme era companheira de jogo do filho do comissário. Gostava de espalhar mexericos e de provocar complicações. Surpreendia-me, tão-somente, que a coisa não houvesse acontecido antes. Na verdade, não se tratava de nenhuma catástrofe, porquanto eu mesmo já pensara em trabalhar como escrivão nalgum outro lugar, ou então, o que seria um pouco mais difícil, em arranjar trabalhos de tradução. Conhecia o editor de O AMIGO DA LIBERDADE e carteara-me com ele havia uns dois meses. Não obstante, meu coração pôs-se a bater forte. O que mais me afligia era ver Tzu-chun, outrora tão destemida, empalidecer. Nos últimos tempos, parecia estar debilitada.

— Que importância tem isso? — disse ela. — Começaremos tudo de novo, não é? Nós...

Não terminou a frase; sua voz soava incolor. A lua da lâmpada parecia ter empalidecido. Os homens são criaturas risíveis e deixam-se perturbar por ninharias. Olhamos, primeiramente, um para o outro, em silêncio; depois, começamos a discutir o que devíamos fazer. Decidimos, por fim, viver, tão economicamente quanto possível, com o dinheiro que nos restava; pôr um anúncio no jornal oferecendo meus préstimos de escrivão ou de professor; e escrever, ao mesmo tempo, uma carta ao editor de O AMIGO DA LIBERDADE, explicando-lhe o acontecido e solicitando-lhe arranjasse alguma tradução

para ajudar-me a sair da difícil situação.

— Mãos à obra! Vamos começar tudo de novo!

Sentei-me à mesa e empurrei para o lado o frasco de óleo vegetal e a tigela de vinagre, enquanto Tzu-chun trazia o abajur. Redigi, em primeiro lugar, o anúncio; a seguir, fiz uma seleção de livros para traduzir. Desde que nos mudáramos, eu não tinha aberto um único volume. Os livros estavam cobertos de uma grossa camada de poeira. Finalmente, escrevi a carta.

Hesitei longo tempo na escolha das palavras. Sempre que parava de escrever para refletir, e olhava de soslaio para Tzu-chun, à luz mortíça, ela me dava a impressão de estar oprimida. Nunca imaginei que tal ninharia pudesse ocasionar mudança assim radical em pessoa tão firme e intrépida quanto Tzu-chun. Na verdade, ela se debilitara muito nos últimos tempos — não era coisa que tivesse começado naquela noite. E isso me abalava. Tive, repentinamente, uma visão de vida pacífica — a quietude do meu quarto esqualido na hospedaria passou, como um relâmpado, ante meus olhos, e eu já me preparava para gozá-la mais demoradamente, quando me vi de volta ao aposento mal iluminado da Rua Chichao.

Ao cabo de longo tempo, a carta ficou pronta. Era deveras extensa e, ao terminar de escrevê-la, sentia-me tão cansado que suspeitei estar também algo debilitado. Decidimos enviar o anúncio e a carta no dia seguinte. Depois, num acordo silencioso, reanimamo-nos, como se cônscios da força um do outro, como se capazes de ver uma fragrante esperança emergir do novo começo.

Nosso ânimo rejuvenescido era, de fato, uma reação a catástrofe externa. Na repartição, eu tinha vivido como um pássaro engaiolado, que fosse alimentado pelo seu captor com apenas o suficiente para manter-se vivo, não para engordar. E, à medida que o tempo passava, o pássaro ia perdendo o domínio das asas, a tal ponto que, se fosse algum dia libertado, não mais poderia voar. Via-me, finalmente, fora da gaiola, e compelido a ascender de novo até aos largos espaços, antes que fosse tarde demais.

Decerto, não podíamos esperar resultados imediatos do anúncio. E traduzir não é trabalho tão simples assim. A gente lê um trecho, julga tê-lo compreendido, mas, na hora de traduzi-lo, dificuldades de toda sorte começam a surgir e o trabalho progride lentamente. Todavia, eu decidira fazer o melhor que pudesse. Ao cabo de quinze dias, as páginas de um dicionário relativamente novo estavam todas sujas de marcas de dedos, fato que demonstrava a seriedade com que eu encarava meu trabalho. O editor de O AMIGO DA LIBERDADE havia-me garantido que sua revista jamais recusaria um bom manuscrito.

Infelizmente, eu não dispunha de aposento onde pudesse trabalhar sem ser perturbado. Tzu-chun já não se mostrava tão calma e tão cuidadosa quanto antes.

Nosso quarto estava atravancado de pratos e tigelas, e andava sempre enfumaçado, tornando impossível qualquer trabalho regular. Claro que o único culpado de tudo era eu mesmo — eu que não podia dar-me ao luxo de uma sala de estudos privativa. Ademais, existiam Ahsui e os frangos. Estes haviam crescido e eram então, mais do que nunca, o pomo da discórdia entre as duas famílias.

E a história infundável de ter de comer todos os dias? Os esforços de Tzu-chun pareciam estar inteiramente concentrados no preparo das refeições. A gente come para ganhar dinheiro e ganha dinheiro para comer. Ahsui e os frangos tinham também de ser alimentados. Aparentemente, Tzu-chun esquecera tudo quanto havia aprendido, e não se dava conta de que perturbava o curso dos meus pensamentos toda vez que me chamava para comer. Muito embora eu me mostrasse, de quando em quando, aborrecido ao sentar-me à mesa, ela não me prestava atenção e continuava a mastigar, como se a coisa não fosse com ela.

Tzu-chun levou cinco semanas para compreender que o meu trabalho não podia estar sujeito a nenhum horário de refeições. Quando se deu conta disso, mostrou-se aborrecida, mas não disse nada. Desde então, meu trabalho progrediu rapidamente e, ao cabo de pouco tempo, eu havia traduzido 50 000 palavras. Bastava-me, tão-somente, rever o manuscrito e remetê-lo, juntamente com dois outros trabalhos mais curtos, a O AMIGO DA LIBERDADE. As refeições continuavam, porém, a ser-me fonte de dores de cabeça. Que a comida viesse fria, ainda era explicável; mas o pior é que era escassa. Meu apetite diminuía muito, pois eu passava o dia todo em casa, fazendo o cérebro trabalhar. Mesmo assim, a ração de arroz que me cabia era insuficiente. Boa parte dela era dada a Ahsui; por vezes, o pequinês era também contemplado com uma porção daquela carne de carneiro que, em raras ocasiões, podia eu saborear. Tzu-chun dizia, de modo patético, que Ahsui andava muito magro. Por causa disso, a senhoria zombava de nós e Tzu-chun não suportava zombarias.

Assim sendo, não havia senão os frangos para se aproveitarem dos meus restos de comida. Levei muito tempo para descobrir isso. Fiquei então informado de que o meu “lugar no universo” era um ponto intermediário situado entre o pequinês e os frangos.

Mais tarde, ao cabo de longas discussões, os frangos apareceram na mesa e, juntamente com Ahsui, deliciamo-nos com sua carne por mais de dez dias, embora fossem muito magros; havia tempo que eram alimentados com apenas um punhado diário de grãos. Depois disso, nossa vida se tornou mais tranqüila. Só Tzu-chun é que andava desanimada; parecia muito triste com a falta dos frangos. Como as pessoas mudam com facilidade!

Tivemos também de dispor de Ahsui. Já não esperávamos carta de ninguém; Tzu-chun não tinha mais

nada para fazer com que o cão se sentasse, sobre as patas traseiras, à espera de comida. Ademais, o inverno se aproximava rapidamente e já quase não nos restava lenha para o fogão. A manutenção do pequinês se converteria, pois, num pesado encargo, acima das nossas possibilidades. Havia que dar-lhe sumiço.

Se lhe tivéssemos amarrado uma etiqueta ao pescoço e levado para a feira, poderíamos apurar, com sua venda, alguns vinténs. Mas nenhum de nós se sentia com coragem para tanto.

Finalmente, enfiei-lhe a cabeça num saco de pano e levei-o para fora da Porta Oeste, onde o soltei. Quando ele correu atrás de mim, atirei-o para dentro de um buraco que não era muito fundo.

Na volta, achei a casa bem mais tranqüila, assustou-me, contudo, a expressão trágica de Tzu-chun. Nunca a vira tão abatida. Era, sem dúvida, devido a Ahsui; mas por que levar aquilo tão a sério? Decidi não contar-lhe que atirara o cão para dentro de um buraco.

Naquela noite, a expressão de Tzu-chun tinha algo de glacial.

— Francamente! — não pude deixar de observar-lhe. — Que é que você tem hoje, Tzu-chun?

— Qué? — perguntou ela, sem olhar para mim.

— Você parece tão...

— Não é nada. Absolutamente nada.

"Na certa — pensei comigo — deve julgar-me insensível." Quando eu vivia sozinho, ia indo muito bem, embora fosse altivo demais para o freqüente convívio social. Desde, porém, que me mudara para a Rua Chichao, afastara-me de todos os amigos de outrora. Se lo-grasse safar-me daquela complicação, havia ainda muitos caminhos abertos à minha frente. E, no entanto, ali estava eu, obrigado a suportar tantas provações por causa de Tzu-chun; mesmo o sumiço que tivera de dar ao pequinês, havia sido por causa dela. Tzu-chun parecia demasiado obtusa para compreender isso.

Quando se me ofereceu a oportunidade, fiz-lhe uma insinuação nesse sentido, e ela assentiu, como se a houvesse compreendido. Mas, a julgar pelo seu procedimento ulterior, ou não me entendera ou não acreditava em mim.

O tempo frio e os olhares não menos frios de Tzu-chun tornavam desconfortável a minha permanência em casa. Onde poderia eu ir? Se saísse à rua ou fosse até o parque, lograria esquivar-me dos seus olhares glaciais, mas, lá fora, o vento gélido penetrava a gente até os ossos. Encontrei, por fim, um refúgio conveniente na biblioteca pública.

A entrada era livre e, na sala de leitura, havia dois aquecedores. Apesar de o lume ser débil, à simples vista dele eu me sentia reconfortado. Não havia ali livro que valesse a pena ler: os antigos estavam fora de moda, e novos não havia praticamente.

A verdade é que eu não ia à biblioteca para ler. Quase sempre havia gente na sala, por vezes até uma

dúzia de pessoas, todas tão inadequadamente trajadas quanto eu. Fingíamos ler apenas para nos livrarmos do frio lá fora. Isso me convinha às mil maravilhas. Nas ruas, era sempre provável encontrar conhecidos que me olhassem com desprezo; ali dentro, não existia tal perigo, porquanto meus amigos estariam reunidos, naquela quadra do ano, à volta de outros aquecedores, ou gozando o morno aconchego do lar.

Apesar de não encontrar livros para ler na biblioteca pública, nela encontrei a calma necessária para meditar. Sentado solitariamente, eu refletia sobre o passado e dava-me conta de que, durante aquele meio ano, por amor, — cego amor — negligenciara todas as coisas importantes da vida. Primeira, e a mais importante — a minha subsistência. Um homem tem de arranjar algum ganha-pão antes de poder cuidar de amor. Deve existir, com certeza, alguma solução para aqueles que lutam; eu não esquecera ainda de como bater as asas, embora estivesse então mais debilitado do que antes...

A sala e os leitores iam-se esfumando gradualmente... Eu via pescadores no mar furioso, soldados nas trincheiras, dignitários em seus carros, especuladores nos mercados, heróis nas montanhas cobertas de florestas, professores nas cátedras, vagabundos noturnos, ladrões nas trevas... Tzu-chun estava muito longe. Perdera toda a coragem, na sua amargura por Ahsui, na sua absorção pela culinária. Era estranho que não houvesse emagrecido...

O frio aumentava. Os poucos pedaços de carvão, que antes ardiam nos aquecedores, estavam agora extintos: eram horas de fechar. Eu tinha de retornar à Rua Chichao, de expor-me àqueles olhares glaciais. Nos últimos tempos, vez por outra, Tzu-chun me recebia com calor, mas isso só servia para deixar-me ainda mais perturbado. Lembro-me de que, certa noite, brilhava nos olhos de Tzu-chun aquela chama infantil que, havia muito, eu não via: ela recordava, sorridente, algum acontecimento ocorrido quando eu ainda morava na hospedaria. No mais das vezes, porém, luzia-lhe nos olhos uma expressão de medo. Preocupava-a o fato de, ultimamente, eu a tratar com maior frieza do que aquela com que me tratava. Esforçava-me, ocasionalmente, por rir e conversar, a fim de reconfortá-la, mas a vacuidade do meu riso e das minhas palavras soava-me qual odiosa e insuportável zombaria.

Tzu-chun devia ter-se dado conta disso. Malgrado os esforços que fazia, perdera a calma pétrea e demonstrava agora ansiedade. Tratava-me, contudo, com redobrada ternura.

Eu desejava falar-lhe com franqueza, mas faltava-me coragem. Sempre que me resolvia a falar, a vista daqueles olhos infantis me fazia sorrir — um sorriso que logo se transformava numa careta zombeteira contra mim e que me fazia perder a compostura.

Depois disso, ela começou a reviver velhas pergun-

tas e a fazer novas experiências, forçando-me a dar-lhe toda a sorte de respostas hipócritas, a fim de comprovar a minha afeição. A hipocrisia era um estigma no meu coração: enchia-o de tantas falsidades, que eu sufocava. Muitas vezes senti, no meu desvalimento, que era indispensável uma enorme coragem para dizer-lhe a verdade, e um homem que, à falta de coragem, se refugiava na hipocrisia, jamais encontraria o caminho certo. E, o que é mais, nem poderia existir.

Mais tarde, Tzu-chun começou a aparentar ressentimento. Isso aconteceu pela primeira vez, imagino-o, numa manhã terrivelmente fria. Sorri comigo mesmo em segredo, cheio de fria indignação. Afinal, todas as idéias e frases inteligentes, corajosas, que ela aprende-ra, eram vazias. Contudo, Tzu-chun não se precatava disso. Havia muito que desistira de ler; ignorava que a primeira coisa a fazer na vida é arranjar um ganha-pão, e que, para tanto, cumpre às pessoas caminharem de mãos dadas ou sozinhas. Tudo quanto ela sabia era agarrar-se a alguém, tornando a luta difícil mesmo para um lutador, ocasionando a ruína de nós ambos.

Percebi que nossa única esperança seria a separação. Tzu-chun devia agir decentemente comigo. Pensei, de súbito, na sua morte, mas logo me envergonhei disso e me repreendi severamente. Por sorte, era cedo ainda e restava-me tempo bastante para convencê-la. Disso dependia a possibilidade de começarmos vida nova.

Deliberadamente, eu trouxe o passado à baila. Falei de literatura, de autores e obras estrangeiros, de Nora e de *A Dama do Mar*. Louvei o ânimo forte de Nora... Eu já havia dito tudo aquilo um ano antes, no quarto es-qualido da hospedaria, mas agora minhas palavras soavam ocas. À medida que as pronunciava, obsedava-me a suspeita de que, às minhas costas, um diabrete invisível repetia maliciosamente tudo quanto eu dizia.

Tzu-chun ouviu-me em silêncio, meneando a cabeça afirmativamente. Concluí depressa as minhas considerações e minha voz se perdeu no vácuo.

— Sim — respondeu ela, ao cabo de outro prolongado silêncio. — Mas... Chuan-sheng, sinto que você mudou ultimamente. Não é verdade? Seja franco comigo.

Essas palavras me abalaram; controlando-me, porém, expliquei-lhe os meus pontos de vista e o meu propósito: começar de novo, virar uma página em branco, evitar a nossa mútua ruína.

À guisa de conclusão, acrescentei com firmeza:

— Além disso, você não precisa estar com escrúpulos. Siga corajosamente o seu caminho. Você me pediu que lhe dissesse a verdade. Sim, não devemos ser hipócritas. Bem, para falar francamente — é que não mais a amo! É melhor assim para você; ser-lhe-á mais fácil trabalhar, sem sentir pesar algum.

Eu esperava uma cena, mas tudo quanto se seguiu ao meu desabafo foi o silêncio. O rosto de Tzu-chun fi-

cou cinzento-pálido, como o de um cadáver, mas logo depois voltou à cor normal e, nos seus olhos, reacendeu-se a chama infantil. Ela olhou em torno como criança faminta à procura da mãe bondosa; diante de si, porém, só havia o espaço vazio. Evitou, temerosa, os meus olhos.

Aquilo era demais para mim. Afortunadamente, era cedo ainda. Enfrentando o vento gélido, corri para a biblioteca.

Lá encontrei O AMIGO DA LIBERDADE com todas as minhas traduções publicadas. O fato me surpreendeu sobremaneira: parecia que uma vida nova se abria diante de mim.

"Há muitos caminhos abertos à minha frente" — pensei comigo. — "Mas as coisas não podem continuar como estão."

Comecei a visitar velhos amigos, que havia muito deixara de freqüentar, mas logo desisti de tais visitas. Naturalmente, as casas desses amigos eram bem aquecidas, mas nelas eu me sentia gelar até a medula dos ossos. E, de noite, tinha de regressar a um lar mais frio do que o gelo.

Uma agulha glacial trespassava-me o coração, fazendo-me sofrer continuamente de tórpida miséria moral.

"Há muitos caminhos abertos à minha frente" — eu repetia, interiormente. — "Não me esqueci ainda de como bater as asas."

Subitamente, pensei na morte de Tzu-chun, mas logo me envergonhei de semelhante pensamento e repreendi-me por ele.

Na biblioteca pública, eu divisava muitas vezes, como num relâmpago, o novo caminho abrindo-se à minha frente. Tzu-chun havia enfrentado corajosamente os fatos e, intemerata, abandonara nosso lar gélido. E — o que era mais — abandonara-o sem qualquer animosidade contra mim. Sentia-me, então, leve como nuvem flutuando no espaço, o céu azul lá em cima e, abaixo, altas montanhas, grandes oceanos, vastos edifícios, compridos arranha-céus, campos de batalha, automóveis, mercados, casas senhoriais, feiras brilhantes e movimentadas — e a noite escura...

O que era mais — eu sentia que uma nova vida me esperava na próxima esquina.

De qualquer maneira, logramos atravessar o duro inverno de Pequim. Mas éramos como insetos caídos nas mãos de crianças cruéis, para serem amarrados com linha e lhes servirem de brinquedo. Embora estivessemos ainda vivos, estávamos esgotados, e o fim era mera questão de tempo.

Tive de endereçar três cartas ao editor de O AMIGO DA LIBERDADE até obter dele uma resposta. O envelope que me enviou continha dois vales, um de vinte, outro de trinta centavos. E eu gastara nove centavos em selo, reclamando pagamento, e passara fome um dia inteiro, para receber aquilo...

Senti, contudo, que alcançara, ao cabo, aquilo que esperava.

O inverno dava lugar à primavera e o vento já não era tão cortante. Eu passava a maior parte do tempo flanando pelas ruas e só voltava para casa ao entardecer. Certa tarde escura, cheguei em casa tão apático como de costume e, como de costume, senti-me ainda mais deprimido ao avistar nosso portão. Diminuí os passos. Entrei, por fim, no quarto. Estava escuro e, quando risquei um fósforo para acender o candeeiro, o aposento me pareceu extraordinariamente quieto e vazio.

Permaneci imóvel e perplexo até ouvir a esposa do oficial chamando-me à janela.

— O pai de Tzu-chun esteve aqui hoje — disse ela, simplesmente — e levou-a consigo.

Não era isso que eu esperava. Foi como se me houvessem golpeado a nuca; não consegui articular uma única palavra.

— Ela se foi, então? — logrei, finalmente, perguntar.

— Sim.

— Disse alguma coisa?

— Pediu-me apenas que lhe dissesse, quando o senhor voltasse para casa, que ela havia ido embora.

Eu não podia acreditar naquilo; no entanto, o quarto estava tão extraordinariamente quieto e vazio... Procurei por Tzu-chun em todos os cantos, mas tudo quanto se me deparava eram os velhos e desbotados móveis, muito esparsos, como a demonstrar sua impossibilidade de ocultarem alguém ou alguma coisa. Ocorreu-me que ela talvez houvesse deixado alguma carta. Mas não. Encontrei apenas sal, *paprika* seca, farinha e meio repolho, assim como meia dúzia de moedas de cobre. Esses eram todos os nossos bens terrenos, e ela os havia cuidadosamente deixado para mim, pedindo-me, sem palavras, que deles me valesse para prolongar um pouco mais a existência.

Sentindo-me sufocar naquele ambiente, corri para o meio do pátio circundado de trevas. Luz brilhante transparecia através do papel das janelas dos quartos centrais: brincavam com o bebê, a fim de fazê-lo rir. Meu coração foi-se acalmando e comecei a vislumbrar um meio de escape àquela sufocante opressão: altas montanhas e campos extensos, mercados, festas brilhantes e cheias de luzes, trincheiras, noites escuras como breu, o golpe de uma faca afiada, passos abafados...

Tranquilizei-me, pensei em despesas de viagem e suspirei.

Deitado, com os olhos fechados, esbocei um quadro do meu futuro, mas, antes de a noite estar em meio, a visão se desvaneceu. Pareceu-me ver na obscuridade, de repente, uma pilha de gêneros; depois, o rosto cinza-pálido de Tzu-chun apareceu para fitar-me, suplicante, com os seus olhos infantis. Tão logo recuperei o auto-domínio, o rosto desapareceu.

Havia, sempre, um peso no meu coração. Por que não esperara eu mais alguns dias antes de dizer-lhe toda a verdade? Bem sabia que o futuro não lhe reservava senão a intolerância de um pai severo e os olhares glaciais dos transeuntes. Afora isso, apenas o vazio. Quão terrível não é carregar o fardo do nada, vendo a existência decorrer por entre intolerância e olhares glaciais! E, no fim, nem mesmo uma lápide para o túmulo...

Eu não devia ter dito a verdade a Tzu-chun. Já que nos amáramos um dia, eu devia ter continuado a mentir-lhe. Se a verdade fosse, de fato, um tesouro, não teria prostrado Tzu-chun sob carga tão pesada. As mentiras são, decerto, igualmente vazias, mas ao menos não são tão esmagadoras.

Julguei que, revelando a verdade a Tzu-chun, pudesse ela seguir corajosamente o seu caminho, sem remorsos, com o mesmo espírito de antes. Mas eu me enganava: sua coragem era apenas o reflexo do seu amor.

Eu não tivera coragem suficiente para suportar o peso da hipocrisia e, dessarte, esmagara-a com o peso da verdade. Só porque me havia amado, tinha ela agora de carregar tal peso, em meio à intolerância e aos olhares frios, até o fim de seus dias.

E eu pensara na sua morte... Dei-me conta, então, de que não passava de um covarde. Merecia ser espezinhado pelos fortes, pouco importando fossem eles leais ou hipócritas. E, no entanto, ela, desde o primeiro ao último momento, tivera esperanças de que eu pudesse viver mais tempo...

Quis deixar a Rua Chichao; o lugar era vazio e solitário demais. Pensei comigo que se pudesse sair logo, seria como se Tzu-chun continuasse ao meu lado. Ou, pelo menos, como se ela ainda morasse na cidade e pudesse ir ver-me ocasionalmente, como na época em que eu vivia na hospedaria.

Todos os meus pedidos de emprego e cartas permaneciam sem resposta. Nada me restava a fazer senão ir procurar um conhecido a quem não visitava havia muito tempo. Era um velho colega de meu tio, um erudito muito respeitável, que vivera em Pequim longos anos e tinha um grande círculo de amizades.

O porteiro tratou-me depreciativamente — sem dúvida porque minhas roupas estavam poídas — e só a custo me permitiu entrar. O amigo de meu tio ainda se recordava de mim, mas tratou-me com extrema frieza. Sabia tudo a nosso respeito.

— Obviamente, você não pode ficar aqui — disse-me friamente, depois de eu lhe ter pedido que me recomendasse para algum emprego noutro lugar. — Mas para onde poderá ir? É extremamente difícil. Aquela... hum... amiga sua, Tzu-chun, acho que já sabe que ela morreu.

Fiquei atônito.

— Tem certeza? — consegui, finalmente, perguntar-lhe.

Ele deu uma risada forçada.

— Claro que tenho certeza. Meu criado Wang Sheng é da mesma vila onde reside a família dela.

— Mas... como foi que ela morreu?

— Quem sabe? De qualquer maneira, está morta.

Não me recordo mais de como parti nem de como cheguei em casa. Eu sabia que ele não me diria uma mentira. Tzu-chun nunca mais voltaria a visitar-me, como o fizera no ano anterior. Embora tivesse querido carregar o peso do vazio por entre a intolerância e os olhares glaciais, até o fim dos seus dias, a carga que lhe fora demasiada. O destino decidira que ela devesse morrer conhecendo a verdade que eu lhe revelara; que ela devesse morrer sem ser amada!

Obviamente, eu não podia mais permanecer ali. Mas para onde ir?

A minha volta, havia um vácuo enorme, silencioso como a morte. Eu parecia ver a escuridão toldando os olhos de todas as pessoas mortas sem serem amadas, e ouvir-lhes as queixas amargas e desesperadas.

Esperava por algo de novo, algo de inefável e súbito. Mas os dias se arrastavam na mesma quietude morta.

Eu saía, então, muito menos do que antes. Permanecia a maior parte do tempo sentado ou deitado naquele vácuo enorme, deixando a quietude mortal roer-me a alma. Por vezes, o próprio silêncio parecia atemorizado; parecia recolher-se em si mesmo. E, nessas ocasiões, brilhava um relâmpago inefável de esperança nova e inesperada.

Certa manhã enevoada, em que o sol parecia sem forças para emergir das nuvens, e o próprio ar respirava a lassidão, ruídos de pés minúsculos e de fungadelas fizeram-me abrir os olhos. Olhei à volta do quarto, mas nada vi. Quando baixei os olhos, enxerguei uma criaturinha correndo pelo aposento — uma criaturinha esguia, coberta de poeira, mais morta do que viva...

Quando firmei a vista, o coração me parou no peito. Pulei da cama.

Era Ahsui. Voltara para casa.

Deixei a Rua Chichao não somente por causa dos olhares frios dos meus senhorios e da criada, mas principalmente por causa de Ahsui. Todavia, para onde ir? Dei-me conta, naturalmente, de que havia muitos caminhos abertos à minha frente e, por vezes, via-os estendidos diante de mim. Não sabia, porém, como dar o primeiro passo.

Depois de muito pesar as diferentes possibilidades, decidi que a hospedaria era o único lugar onde eu poderia viver. Eis aqui o mesmo quarto esqualido de antes, o mesmo leito de madeira, a mesma acácia semimorta, a mesma trepadeira. Mas aquilo que antigamente me insuflava amor e vida, esperança e felicidade, desvaneceu-se. Nada mais me resta senão o vazio, a oca existência que eu troquei pela verdade.

Há muitos caminhos abertos, e eu tenho de escolher um deles, porque ainda estou vivo. Não sei, porém,

como dar o primeiro passo. Por vezes, os caminhos se assemelham a uma grande serpente cinzenta, enovelando-se e escorrendo em minha direção. Espero, espero, viço-lhe o avanço, mas ela sempre desaparece subitamente nas trevas.

Estas primeiras noites de primavera são mais longas do que nunca. Fico sentado ociosamente, por horas sem fim, e recordo a procissão funerária que vi na rua, hoje de manhã. À frente do cortejo, havia figuras de papel e, em seguida, lamentações que soavam como cânticos. Percebo quão sábios são — é tão simples...

Depois, os funerais de Tzu-chun me vêm à mente. Ela carregou sozinha o peso do vazio; palmilhou a longa estrada cinzenta, apenas para ser devorada pela intolerância e pelos olhares glaciais.

Eu desejaria que os fantasmas existissem mesmo, e que houvesse, de fato, o inferno. Assim, pouco me importando a fúria com que os ventos infernais soprassem, eu sairia em busca de Tzu-chun, para dizer-lhe do meu remorso e da minha dor, para pedir-lhe perdão. Se ela não mo concedesse, as chamas venenosas do inferno me circundariam, lambendo furiosamente o meu remorso e a minha dor.

No redemoinho das chamas, eu passaria o braço à volta dos ombros de Tzu-chun, e lhe pediria perdão, e tentaria fazê-la feliz...

Isto, contudo, é mais vazio do que a vida nova. Agora, existe apenas a noite precoce de primavera, mais longa do que nunca. Estou vivo; devo começar tudo de novo. E o primeiro passo é descrever o meu remorso e a minha angústia, por amor de Tzu-chun, por amor de mim mesmo.

Tudo quanto me resta é o pranto, que soa como um cântico, enquanto eu choro por Tzu-chun e a sepulto no esquecimento.

Quero esquecer. Por amor de mim mesmo, não quero recordar o olvido a que releguei funereamente Tzu-chun.

Devo começar a vida de novo. Devo sepultar a verdade no fundo do coração ferido, e avançar silenciosamente, tendo, como guias, o olvido e a falsidade.

(Tradução de José Paulo Paes)





O Registro

Chao Shu-Li

Jovens amigos, vou contar-lhes uma nova história, na qual tudo começa com uma moeda Lohan. Há trinta anos atrás, eu não teria de explicar o que é uma moeda Lohan, mas hoje a explicação é provavelmente necessária.

Dizem que fora cunhada no século dezessete, durante o reinado do Imperador Kang Hsi (1662-1723), da dinastia Manchu (Ching). Era de tamanho idêntico ao de outras moedas desse período, mas o cobre em que fora fundida tinha um lustre especial, que se parecia ao do ouro. Algumas pessoas garantiam que uma imagem dourada de Lohan fora incorporada ao metal derretido usado na cunhagem e, por consequência, cada moeda continha trinta por cento de ouro. Pouco nos importa a veracidade da teoria; o fato é que as moedas eram verdadeiras atrativas. Muitas foram as pessoas que levaram cinco Lohans ao ourives para fazer um anel. Quem visse o anel pronto, juraria tratar-se de ouro legítimo.

Todavia, como não haviam sido cunhadas muitas moedas, era difícil obtê-las. Mesmo quando ainda estavam em circulação as Lohan, as crianças espertas, que examinavam cada níquel entrado em casa, tinham muita sorte quando, no intervalo de um ano, conseguiam encontrar uma. Jovens camponeses, amantes de coisas bonitas, gostavam de ter uma Lohan na boca, do mesmo modo por que certos cidadãos gostam de ter um dente de ouro. Ainda hoje existem alguns lugarejos remotos onde tal hábito persiste. De qualquer forma, as moedas não mais circulam atualmente. Quem conseguir agarrar uma, não a deixe escapar. E, agora, vamos à história:

Numa vila, que tem o nome da sua família, vive um carpinteiro chamado Chang com sua boa esposa, Linda Mariposa. Têm uma filha, Ai-ai, que completou dezanove anos na Festa das Lanternas de 1950. Ai-ai e um rapaz chamado Wan se enamoraram um do outro. Nossa história começa com esse jovem casal.

Ouvindo-me contar esta história, vocês, amigos de ânimo impaciente, poderão pensar que eu seja um amador. Talvez digam:

— Você falou bastante sobre a moeda Lohan, mas, ao chegar às personagens da história, fez-se lacônico. Dessa maneira, terminará o relato provavelmente den-

tro de cinco minutos.

É claro que isso não vai acontecer, de modo algum. É que certas coisas têm de ser explicadas antes; outras, depois. Mas basta de tagarelice ociosa. Vou prosseguir:

A família Chang vivia sozinha num conjunto de pavilhões térreos, com um pátio retangular ao centro. Chang e sua esposa ocupavam o pavilhão do norte. Ai-ai, a filha, dormia no pavilhão do oeste. Na Festa da Lanterna desse ano (1950), a vila celebrou alegremente os Jogos da Lanterna do Dragão. O carpinteiro era hábil manipulador da causa do grande dragão de pano. Na noite do dia em que começa nossa história, saiu de casa logo depois da janta a fim de desempenhar seu papel costumeiro na dança do dragão.

Depois de haver terminado de lavar as tigelas e as panelas, Ai-ai saiu em companhia da mãe. Fecharam, à chave, o portão de entrada e encaminharam-se para a vila a fim de assistir aos divertimentos.

Cada um dos membros da família seguiu um caminho diverso. Chang entrou na dança do dragão; Linda Mariposa reuniu-se a um grupo de amigos e vizinhos; Ai-ai ficou a admirar os fogos de artifício, porque estes estavam sendo soltos pelo jovem Wan.

A moça foi a primeira a voltar para casa. Enquanto esperava pelo regresso da mãe, acabou adormecendo na cama de Linda Mariposa. Pouco depois, esta regressou e sacudiu delicadamente a filha adormecida.

— Ai-ai, acorde! — sussurrou.

Mas a moça limitou-se a virar de lado. Ao fazê-lo, escorregou-lhe do bolso um pequeno objeto brilhante, que caiu, tilintando, ao chão. Linda Mariposa o recolheu e examinou-o à luz da lâmpada.

— Essa menina! — murmurou. — Quando foi que se apossou da minha moeda Lohan?

A moeda fora fechada na caixa de jóias, que era guardada, por sua vez, numa arca. Desejosa de recolocar a Lohan no seu esconderijo, Linda Mariposa apanhou as chaves, abriu a arca e a caixa. Mas lá estava a moeda, exatamente como ela a havia deixado! Comparou-a à de Ai-ai. Exceto pelo fato de o brilho do talismã de Linda Mariposa ser algo menos intenso, as duas moedas eram idênticas!

Olhou de soslaio para a filha adormecida.

— Que menina tola! — disse em voz baixa. — Então, você também fez o mesmo. Deu-lhe o anel em troca disto!

Olhou para os dedos esguios de Ai-ai. Estavam nus. Com mão leve, apalpou-lhe o bolso do vestido. Nele havia apenas um dedal.

— Ah! — suspirou Linda Mariposa. — Mãe e filha trocaram, ambas, seus anéis por moedas Lohan!

Sacudiu a cabeça.

— Amanhã cedo, a primeira coisa a fazer será procurar a casamenteira, titia Wu, e cuidar do noivado de Ai-ai. Não podemos deixar que a coisa vá mais longe!

Devolveu o dedal ao bolso e, sentando-se, ficou a

contemplar as duas Lohans e a recordar a história da sua própria moeda.

Agora, é absolutamente indispensável uma explicação. É a fim de dar-lhes uma nítida visão da história daquela moeda, devo regredir vinte anos, à época em que Linda Mariposa desposou Chang, o carpinteiro.

"Linda Mariposa" era o nome profissional de uma atriz do grupo de teatro local; devido aos seus encantos, alcançara grande popularidade. No dia em que a esposa do carpinteiro entrou no seu novo lar, um dos convidados ri ou na sua grande parecença com a atriz e chamou-a de Linda Mariposa. Desde então, passou ela a ser conhecida por tal apelido.

Completamente seduzido pela beleza da esposa, Chang não saiu de casa durante os nove primeiros dias posteriores ao matrimônio. Fez tudo quanto estava ao seu alcance para divertir a esposa e torná-la feliz. Mas Linda Mariposa não apreciava os seus gracejos. Mesmo quando Chang vestiu o quimono florido e se pôs a imitar uma mulher, ela se limitou a dizer-lhe, friamente:

— Pare de agir como um tolo!

Alguns meses mais tarde, notícias de um escândalo, vindas da aldeia vizinha de Wang do Leste, lugar de procedência da esposa, chegaram à vila de Chang. Dizia-se que, antes do casamento, Linda Mariposa tivera relações íntimas com um jovem chamado Pao. Os rapazes da vila de Chang zombavam do carpinteiro impiedosamente:

— Carpinteirinho, quando voltar para casa, não se esqueça de tossir antes de abrir a porta! Se não, poderá assustar Pao!

— Que é que leva você a pensar que Linda Mariposa é sua? Pao é dono de, pelo menos, metade dela!

Chang nada dizia, mas compreendia finalmente por que sua esposa mostrava tão pouco interesse por ele. Diversas vezes quis ter uma conversa franca com ela, mas faltava-lhe coragem para tanto. O que passou, passou — pensava consigo. Contanto que ela se porte corretamente daqui por diante...

Quando, porém, os boatos chegaram ao ouvido da mãe do carpinteiro, a velha o chamou e censurou-o pela sua fraqueza.

— Você devia dar-lhe uma boa surra — insistiu. — As pessoas só aprendem sofrendo! É a única maneira de corrigi-la! Se você se mostrar muito condescendente, ela fará de você motivo de chacota!...

Chang se deixou convencer. A partir de então, ficou aguardando apenas o momento e o pretexto convenientes.

Pouco tempo depois, teve negócios a tratar em Wang do Leste. Lá chegando, encontrou Pao e observou que o jovem trazia um anel idêntico àquele que adornava o dedo de Linda Mariposa.

— Filha da...! — praguejou. — Metade dela pertence, de fato, a ele!

Quando regressou, contou o que vira à mãe.

— Cuide logo de dar-lhe uma surra! — ordenou a velha. — Dê-lhe com fé! Não há outro jeito!

Continuou a espicaçá-lo até que Chang se sentiu ferver de raiva e agarrando uma pesada barra de ferro encaminhou-se para a porta. A mãe o deteve.

— Você não pode usar isso — advertiu-o. — Jogue-o fora! Algo mais leve fará o mesmo efeito e não lhe quebrará osso nenhum! Tome, leve este bastão!

A velha entregou-lhe uma vara de um pé e meio de comprimento e da grossura de um dedo.

Como conhecia ela tão bem a técnica das surras conjugais? Bem, quando fora jovem, tivera um caso semelhante ao de Linda Mariposa e seu marido usara, então, uma vara igual para surrá-la.

Mas continuemos. Chang agarrou a vara e deixou os aposentos da mãe. Com uma expressão tempestuosa no rosto, atravessou o pátio em direção ao quarto conjugal. Linda Mariposa saudou-o, como de hábito, com a sua reservada polidez.

— Que faz com essa vara? — indagou, curiosa.

Chang apontou para a mão da esposa.

— Que aconteceu à parelha desse anel? — perguntou, com voz ameaçadora.

Os cabelos de Linda Mariposa se eriçaram. Ergueu a cabeça e fitou o marido. Este parecia ter desejos de engoli-la viva. Ela sentiu então um pavor indizível. Chang brandiu a vara e açoitou-lhe o quadril. Linda Mariposa soltou um grito de espanto e de dor. Fora sempre criada com mimos e ninguém jamais lhe batera.

O marido agarrou-a pelos cabelos e arrastou-a até o leito. Virou-a de costas e arrancou-lhe as calças. Lept! lept! lept!... A vara começou a zunir e a castigar-lhe as carnes trêmulas.

A princípio, ela procurou conter-se para não gritar. Receava que seus gritos atraíssem os vizinhos e estes se pusessem a rir vendo-a naquele estado. Quando a surra prosseguiu, quis gritar, mas não teve forças para tanto. Podia apenas gemer ofegantemente; o açoite cruel flagelava-a com grande rapidez.

Finalmente exausto, Chang atirou a cana de lado e deixou o quarto. Todos os nervos existentes no corpo de Linda Mariposa pareciam ter-se concentrado na região exposta. Ela permaneceu largada sobre o leito, ofegante e chorosa, sem forças para erguer-se. Sua cabeça empapada de suor, como se a houvessem metido dentro de uma tigela de sopa quente. Decorreram vários minutos até que os ofegos e os soluços alternados se fundissem num choro alto de humilhação.

Entretanto, ninguém poderia ouvi-la fora das paredes do pequeno apartamento. Chang se fora e a sogra nem se deu ao incômodo de vir ver o que lhe acontecera. Em vez disso, do outro pavilhão, gritou-lhe com voz sarcástica:

— Por que está chorando? Quer que todos venham ver o lindo espetáculo que você está oferecendo?

Ao cabo de algum tempo, Linda Mariposa logrou

controlar-se. Suas nádegas estavam laceradas e doloridas. Quando estendeu o braço e as tocou cautelosamente, sua mão voltou manchada de sangue. Rangendo os dentes, vestiu as calças novamente.

Depois disso, Chang nunca mais lhe perguntou por que fora que ela havia dado um anel a Pao. Naturalmente, nem ela se ofereceu para dizê-lo. Antes do casamento, Linda Mariposa tivera um caso amoroso com Pao. Quando foi passar a Festa do Barco do Dragão em casa dos pais, estando já casada com Chang, encontrara Pao. Presenteara-o com o anel e ele, em troca, lhe dera uma moeda Lohan, por amor dos velhos tempos. A moeda se tornou, mais do que nunca, preciosa para ela depois da surra.

Sua apatia em relação a Chang se converteu em temor; fugia dele como de uma fera. Tremia cada vez que tinha de lhe dirigir a palavra; ele nunca a viu sorrir. Quando o carpinteiro abria o portão, ao fim de um dia de trabalho, vislumbrava-a algumas vezes, vibrante e alegre como a sua xará do teatro, enxotando as galinhas. Mas no momento mesmo em que ela o via, parecia que alguma coisa morria dentro dela. Voltando às maneiras anódinas e corretas, a mulher tornava a entrar em casa sem dizer palavra.

Numa dessas ocasiões, Chang seguiu-a irritadamente até o quarto.

— Os outros a chamam de Linda Mariposa — gritou-lhe. — Por que foi que suas asas caíram no momento em que você pôs os olhos em mim? Que sou eu, afinal de contas?

E esbofeteou-lhe violentamente a face.

Desde então, o pavor aos repentinos do marido fez com que ela lhe sorrisse sempre que o encontrava. Mas tais sorrisos eram tão pateticamente forçados que melhor fora ela permanecesse sisuda. Chang, infeliz, foi perdendo gradualmente o interesse pela esposa. Aceitou trabalho em outras aldeias, que o mantinha afastado de casa quase o ano todo. Murmurava-se que encontrara consolo nos braços de muitas outras mulheres.

A única companhia com que Linda Mariposa podia contar durante as ausências do marido era a da sogra, e esta nunca lhe dirigia a palavra se pudesse evitar fazê-lo. Os pais de Linda Mariposa viviam numa aldeia muito próxima, mas Pao vivia ali também. Devido às suspeitas que sobre si pesavam, ela não se atrevia a ir visitá-los. Depois que eles souberam da sua desgraça, ficaram vexados demais para virem vê-la. Em consequência, Linda Mariposa passou a viver solitária, sem amigos. Sua existência se dividia entre cuidar da sogra e brincar com a moeda Lohan.

Todas as noites, depois que a velha se recolhia, Linda Mariposa ia para o quarto e trancava a porta. Tirava a moeda do esconderijo e ficava a examiná-la.

— Lohan, — sussurrava-lhe, por vezes — és a causa

da minha desgraça, mas és também minha salvadora! Prefiro morrer a separar-me de ti!

Havia ocasiões em que brincava com a moeda como criança. Aquecia-a na palma da mão, encostava-a ao rosto, comprimia-a contra o seio, levava-a à boca... Exceto quando (muito raramente e assim mesmo por pouco tempo) Chang estava em casa, Linda Mariposa jamais dormia sem ela. Só depois do nascimento de Ai-ai foi que trancou a moeda dentro da caixa de jóias. Nesta estava também o anel, que deixara de usar desde o dia da surra.

No ano em que Ai-ai completou quinze anos, Linda Mariposa estava vasculhando a caixa de jóias, à procura de um enfeite para costurar no chapéu da filha, quando esta, que estava ao seu lado, foi atraída pela vista do anel e se pôs a brincar com ele. Para evitar que Ai-ai continuasse a examinar o conteúdo do cofrezinho, Linda Mariposa fez-lhe presente do anel e fechou apressadamente a caixa de jóias.

A essa altura dos acontecimentos, o carpinteiro e sua esposa entretinham boas relações. A filha estava moça, a mãe de Chang morrera, e Linda Mariposa rompera, havia muito, os laços com Pao. Como Ai-ai era filha única, o fato de estarem sempre a brincar juntos com ela havia-os aproximado um do outro. Quando Chang viu o anel de Linda Mariposa no dedo de Ai-ai, sentiu-se à vontade para comentar secamente, em presença da esposa:

- Esse anel fazia parte de uma parelha.
- Que foi que aconteceu ao outro?
- Pergunte à sua mãe.

Ai-ai percebeu o rápido olhar que Linda Mariposa lançou a Chang. Imaginando que a mãe estivesse sendo veladamente censurada por haver perdido o outro anel, não fez mais perguntas a respeito.

Assim foi que uma das mais valiosas possessões de Linda Mariposa passou a ser usada por Ai-ai. A moça estimava muito o presente da mãe e nunca deixou de usá-lo — até aquela noite, três anos mais tarde, durante a Festa da Lanterna de 1950, quando Linda Mariposa constatou que o anel não mais estava no dedo da filha. Quando, além disso, uma moeda Lohan caiu-lhe do bolso, o choque da mãe foi quase insuportável.

Mergulhada em agrídoces recordações provocadas pela moeda, — o êxtase, a dor — Linda Mariposa preocupava-se em que fazer do talismã de Ai-ai. Contemplava as duas Lohan. Boas ou más, pensou consigo, minhas experiências pertencem ao passado. Devo tirar a Ai-ai a moeda — o seu talismã amoroso? Como saberei o quanto ela já terá sofrido por causa dele? Devolver-lho? Como consentir que ela trilhe a mesma espinhosa senda por mim trilhada?

Hesitante quanto à decisão a tomar, eis que a batida do portão interrompeu-lhe o fio das idéias. Era meia-noite passada e Chang voltava da Dança do Dragão. A mu-

lher devolveu ambas as Lohans ao cofre, e trancou-o rapidamente no momento em que o carpinteiro entrava no quarto. Vendo Ai-ai adormecida na cama de Linda Mariposa, Chang resmungou que a moça estava sendo estragada com mimos. Acordou-a e mandou que fosse para o seu quarto. Depois, fechando a porta, começou a despir-se.

— Nos últimos dois anos, nossa Ai-ai teve muitos partidos, — murmurou — mas você os recusou a todos. Que tal o último apresentado pela titia Wu? É melhor casarmos logo a menina — a vila anda cheia de boatos a respeito dela. Ai-ai e sua amiga Yen-yen são as únicas moças em idade matrimonial que ainda não se casaram; têm, ambas, fama de atrair complicações. Como Yen-yen está prestes a consorciar-se, resta, agora, apenas a nossa Ai-ai!

— Não é verdade que os funcionários da vila se recusaram a dar a Yen-yen e ao jovem Chin uma carta formal de apresentação para o registro distrital? — perguntou Linda Mariposa. — Ou terão mudado de idéia?

— Não, continuam a acreditar que ela é fonte de complicações. Dada a maneira como vem se conduzindo com Chin, não lhe darão, certamente, a carta. A titia Wu está arranjando um matrimônio para o rapaz na vila de Wang do Oeste. Vão requerer a carta depois de amanhã.

— Parece-me que as pessoas encarregadas da administração em nossa aldeia são todas hipócritas. Não sabem o que é certo e o que não o é — disse Linda Mariposa, arrebatadamente. — Se a nossa Ai-ai tem reputação tão má, como é que temos recebido tantas propostas de casamento para ela? Por que então foi que o oficial civil pediu a titia Wu que tratasse de arranjar o casamento dela com o sobrinho dele?

— De que espécie de família vem o sobrinho?

— Não sei muito a respeito da família, exceto que vive na mesma aldeia em que mora minha mãe. A titia Wu vai para lá amanhã. Posso ir também, para ver mamãe, e, aproveitando o ensejo, fazer uma visita à família.

— Boa idéia — aprovou Chang. Ao cabo de breve silêncio, acrescentou, com voz hesitante:

— Devo fazer uma pergunta a você; uma pergunta não muito agradável... Existe alguma coisa entre a nossa Ai-ai e o jovem Wan?

Linda Mariposa não tinha intenção de contar-lhe o que sabia a respeito da moeda Lohan.

— Não nos preocupemos com isso — respondeu, evasivamente. — Ela já está moça e temos de arranjar-lhe marido. Aí, as complicações desaparecerão!

Do mesmo modo que a mãe quando tinha a sua idade, desde o momento em que a ganhara, Ai-ai não podia dormir sem a Lohan. Quando chegou ao quarto, procurou a moeda no bolso do vestido. Desaparecera. Erguendo o candeeiro, pôs-se a procurá-la pelo assoalho. A luz tremulante não revelou qualquer brilho indicativo.

Na manhã seguinte, depois de uma noite inquieta, Ai-ai foi a primeira a levantar-se. Tomou de uma vassoura e começou a varrer a casa inteira, quarto por quarto. Não teve sorte. Procurou, desacorçoada, durante mais uma hora. O ruído de um ferrolho correndo advertiu-a de que seus pais haviam levantado. Recolhendo a vassoura, esgueirou-se para o quarto deles. Com muita diligência e vigor, varreu o chão, polegada por polegada, até mesmo debaixo das camas.

Linda Mariposa sabia que a filha estava à procura da Lohan e que tal busca era inútil. Mas limitou-se a sorrir e a dizer-lhe:

— A minha Ai-ai está, sem dúvida, trabalhando hoje como uma boa moça.

Depois do desjejum, a titia Wu veio convidar Linda Mariposa para visitar, em sua companhia, a casa do futuro noivo de Ai-ai. Fiel a um hábito contraído havia vinte anos, Chang anunciou que iria com elas.

Esse hábito começara na época em que descobrira que Linda Mariposa havia presenteado Pao com um anel. Foi então que se tornou claro, para ele, que a esposa não o amava, e que seus sentimentos por ela se transformaram. Mas, cada vez que a esposa ia visitar a mãe, Chang agia como se ainda estivesse loucamente apaixonado. Acompanhava-a, passo a passo, tanto na viagem de ida a Wang do Oeste quanto na de volta. E tal hábito se enraizara.

— Você ainda não confia em mim? — perguntou-lhe Linda Mariposa, certa feita.

— Acostumei-me a isto — respondeu o carpinteiro. — Vamos continuar assim.

Dessarte, nessa manhã, ficou decidido que Chang acompanharia ambas as mulheres. Linda Mariposa convidou Ai-ai a ir com eles.

— Prefiro ficar — respondeu a moça. — Vi vovó há duas semanas atrás.

— Fique, então, e tome conta da casa — disse Chang. — Nada de vagabundear pela vila!

Tão logo partiram, Ai-ai recomeçou a busca da moeda perdida. Nem sequer imaginando que estivesse guardada na caixa de jóias, procurou reproduzir seus passos na noite anterior. Até o meio-dia, não lograra descobrir qualquer vestígio da preciosa Lohan. Ai-ai se sentia tão deprimida que não teve ânimo de preparar o almoço. Comeu apenas algumas torradas.

Estava ainda mastigando desconsoladamente quando entrou o jovem Wan. Ai-ai agarrou-lhe, aflita, a mão.

— A moeda Lohan desapareceu!

— Se está perdida, paciência.

— Fiquei tão aborrecida que nem consegui almoçar.

— Por que aborrecer-te? Que adianta isso? Ouvi dizer que seu pai e sua mãe saíram, em companhia da velha casamenteira, para arranjar-lhe um marido. É verdade?

— Não adiantará nada!

- Por quê?
- Não concordarei.
- Que poderá você fazer?
- Deixá-los tentar!

Ouviram os passos de alguém aproximando-se da casa, e ficaram em silêncio. Suas faces se iluminaram quando Yen-yen, a outra moça “causadora de complicações” na aldeia, apareceu. Ai-ai recebeu-a efusivamente.

Ao ver os dois sozinhos, Yen-yen riu-se:

- Perdão! Acho melhor eu me retirar!

Ai-ai sorriu, mas não lhe deu resposta. Colocou as mãos sobre os ombros da recém-chegada e forçou-a a sentar-se num banco.

— Como vão indo vocês? — indagou Yen-yen. — Já esboçaram algum plano?

— Estávamos falando disso agora mesmo — respondeu Ai-ai.

Yen-yen fitou-os com os seus olhos pintados de vermelho.

— Apressem-se! — incitou-os. — Não sejam inúteis como eu; não percam tempo!

E pôs-se a chorar baixinho.

Ai-ai e Wan sentiram-se tomados da compaixão. Seguiu-se um silêncio penoso.

— Já foi dada entrada nos papéis? — perguntou Wan a Yen-yen.

— Amanhã.

— Que espécie de rapaz é ele? — indagou Ai-ai.

— Não lhe vi ainda nem a sombra.

— Você não conseguiria livrar-se dele? — insistiu Ai-ai.

Yen-yen suspirou:

— Mamãe diz que se matará se eu não concordar! Que posso fazer?

— Por que foi que os funcionários da administração se recusaram a dar-lhes, a você e a Chin, uma carta, dezembro último? — perguntou Ai-ai. — Que razão deram para a recusa?

— Razão! — rosnou Yen-yen. — A razão é que o funcionário do registro civil é uma múmia. Disse que tínhamos má reputação! Não apenas se recusou a escrever a carta, como sugeriu inclusive que eu fizesse uma autocrítica!

— Quando você voltar lá amanhã, será que o funcionário não vai ordenar-lhe de novo que faça a autocrítica? — indagou Wan.

— Não precisarei ir. Desde que os pais concordem, qualquer um pode ir buscar a carta. Se você reivindicar, realmente, liberdade de matrimônio, receberá críticas ao invés de cartas. E ainda se dizem contrários a que os pais controlem os casamentos!

— Parece que estamos perdidos! — disse Wan a Ai-ai. — Em primeiro lugar, o candidato de tia Wu é sobrinho do oficial do registro civil. Em segundo lugar,

sua mãe vai aprová-lo. Quando voltar, hoje, começará a trabalhá-la e, amanhã, você estará registrada no escritório distrital do governo!

— Mamãe não tentará convencer-me — disse Ai-ai com firmeza — porque sabe que farei barulho!

Ouviu-se, fora, uma voz chamando:

— Tio Chang! Tio Chang!

Os passos do visitante logo se fizeram ouvir sobre o cascalho do pátio.

— É Chin, que vem à sua procura! — sussurrou Ai-ai a Yen-yen. Antes que esta tivesse tido ensejo de replicar, o jovem Chin irrompeu no quarto.

Havia já vários dias que Yen-yen desejava vê-lo para contar-lhe suas aflições, mas estivera muito ocupada em casa. Quando seu amado entrou, ela foi sentar-se na cama, ao lado de Ai-ai, e ofereceu o lugar no banco ao recém-chegado. Yen-yen fitou-o. Não sabia por onde começar. Chin não lhe deu atenção nem aceitou o lugar que lhe oferecia.

— Onde está o tio Chang? — perguntou a Ai-ai. — Os rapazes estão lá fora. Gostaríamos de pedir-lhe que nos ensinasse a manejar o dragão.

— Ele foi visitar vovó. Sente-se.

— Estou muito ocupado! — retrucou, olhando friamente para Yen-yen. Saiu. No pátio, voltou-se e gritou: — Wan! Venha, vamos divertir-nos! Por que perder tempo? Peça a seu pai para gastar alguns sacos de arroz e comprar-me uma noiva! Há muitas no mercado!

Com essas palavras, Chin desapareceu pelo portão de entrada.

Yen-yen atirou-se sobre o leito e pôs-se a soluçar. Por algum tempo, todos os esforços de Ai-ai e de Wan para consolá-la foram inúteis. Por fim, parou de chorar.

— Vocês devem descobrir alguma maneira de evitar que os separem — disse Yen-yen, amargurada. — Vêem como é duro?

— Que quer que façamos? — respondeu Ai-ai. — A gente adulta da vila é tão antiquada... Ninguém está disposto a ajudar-nos. Não consigo nem mesmo encontrar alguém que fale a mamãe por mim.

— Ninguém diz uma única palavra a nosso favor — acrescentou Wan. — Não se passa um dia sem que algum imbecil não vá dizer a meu pai: "É melhor casar logo o rapaz. Não adie mais o casamento dele!"

Irritada, Yen-yen sentou-se na cama.

— Serei eu quem tratará de uni-los! — jurou. — Falarei aos seus pais por vocês!

Agarrou a mão de Ai-ai:

— Eu e você somos as moças "más" da aldeia. Pois bem: não vou deixar que eles façam com você o que fizeram comigo!

Wan ergueu-se de um pulo:

— Yen-yen, meus cumprimentos! Mesmo que você não consiga nada, a situação não poderá ficar pior do que está agora. Qualquer coisa é melhor do que esta indecisão. Combinado? Tenho de ir-me.

Fez uma careta para as moças antes de sair.

— Não quero que o oficial do registro me veja aqui e comece a exigir de vocês nova autocrítica!

As duas moças se puseram, febrilmente, a fazer planos: que dizer e a quem?, que fazer no caso de a titia Wu lograr convencer Linda Mariposa a aceitar o sobrinho do oficial? Estavam em meio da conferência estratégica quando a mãe de Ai-ai voltou acompanhada da casamenteira. Esta empenhava todos os esforços para vender sua escolha de um noivo para Ai-ai.

— De qualquer ponto de vista que se encare a questão, — tagarelava, rapidamente — seja do ponto de vista do rapaz ou da família, está tudo em ordem. Sua mãe é irmã do oficial do nosso registro civil, e a senhora sabe como ela é simpática! Ai-ai seria muito bem tratada pela família! Pense bem e tome uma decisão acertada!

— Acho que a senhora já falou bastante — replicou Linda Mariposa, em tom brusco. — Tenho agora de discutir o assunto com o pai de Ai-ai.

Percebendo que não adiantava insistir a fim de obter uma resposta imediata, a velha casamenteira despediu-se polidamente e saiu. Ai-ai suspirou aliviada.

Por que estava Linda Mariposa tão hesitante? Deixem-me contar-lhes o que aconteceu quando ela e o marido foram, em companhia da titia Wu, até Wang do Oeste. A casamenteira queria ir visitar imediatamente a família do noivo, mas Linda Mariposa não concordou com o alvitre.

— Não parecerá bem se lá formos todos juntos — disse. — A senhora irá primeiro, enquanto eu e Chang vamos visitar mamãe. Chegarei mais tarde, sob o pretexto de ir chamá-la para fazer-nos companhia na viagem de volta à aldeia. Não quero que pensem que estamos ansiosos por arranjar o casamento!

Quando titia Wu chegou à casa dos futuros sogros, só os pais estavam. O rapaz andava fora, brincando em algum lugar. Depois de vários minutos de palestra casual, o pai chegou ao ponto:

— Da última vez, a senhora nos falou de três moças. Pois bem: qual delas julga seja a melhor?

— Na minha opinião, são todas igualmente boas — replicou titia Wu. — Mas como duas delas já arranjaram casamento, resta apenas a filha de Linda Mariposa.

— Como foi que arranjaram casamento tão depressa?

— Moças de dezoito e de dezenove anos nunca ficam solteiras por muito tempo.

— Eu lhe disse para tomar uma decisão rápida — censurou a esposa ao marido. — Mas você não se importou! Tinha de ser lento, de demorar! Agora os bons partidos já estão tomados!

— Ainda existe uma porção de moças novas — disse titia Wu, manhosamente. — Que acharia de uma de catorze ou quinze anos? De qualquer modo, é sempre mais velha do que seu filho.

A mãe empertigou-se, indignada.

— Não brinque com isso, titia! Se quiséssemos uma noiva tão jovem, não precisaríamos incomodá-la!

— Por que diz que os bons partidos já estão tomados? — perguntou a casamenteira. — Que há com a filha de Linda Mariposa? A bem dizer, é bem mais bonita do que as outras duas. Acho que já a viu, não? Não é mesmo tão bela quanto o foi sua mãe há vinte anos atrás?

— Não é feia, — admitiu a mulher — mas ouvimos dizer que sua reputação não é lá muito boa.

— Se não fosse por aquele pequeno deslize, acha que, aos dezoito anos, ainda estaria solteira? E as outras duas moças, não eram acaso iguais a ela?

— Mas, uma vez que cometeu o deslize, por que gastaríamos dinheiro comprando uma fonte de complicações?

— Não deveria dar ouvidos a esses tolos boatos. Se houvesse algo de grave com a moça, acha que seu irmão, o oficial do registro civil, me pediria para tratar do noivado? Que importância tem um deslize, afinal de contas? Depois de ela estar casada, a senhora pode consertar as coisas.

— De que jeito? Tal mãe, tal filha. Linda Mariposa sempre foi uma sirigaita!

— Claro que se pode dar um jeito! A dor é a melhor das mestras. Dê-lhe uma boa surra e pronto!

— Ela já nasceu com a inclinação — disse o marido, em tom de dúvida. — Como poderemos corrigi-la a pancadas?

— Por que não? — replicou titia Wu. — Pois a vara de Chang não corrigiu Linda Mariposa logo depois do casamento?

Foi nesse ponto da discussão que Linda Mariposa entrou no pátio. Ouviu a última observação da casamenteira e parou, interdita. Ao ver que não havia ninguém por perto, voltou-se, e abandonou silenciosamente o pátio.

— Então as surras são um legado que deve passar de geração a geração, hein? — murmurou consigo. — Não se eu puder impedir! Não é preciso que vocês disciplinem minha filha!

Linda Mariposa voltou para a casa da mãe.

— Então, que tal? — perguntaram Chang e a mãe, simultaneamente.

— Não serve! Aquele rapaz não serve! — retorquiu Linda Mariposa. Quando a mãe e o marido insistiram para que se explicasse, ela se limitou a dizer, laconicamente:

— Não falemos mais nisso. O rapaz não serve!

A mãe de Linda Mariposa queria saber por que estava ela tão irritada.

— Não é nada — respondeu. — Não dormi bem a noite passada.

Dirigiu-se para o quarto contíguo a fim de cochilar um pouco.

Como, porém, dormir? As palavras de titia Wu haviam reaberto a velha ferida. Será que jamais conseguiria libertar-se do peso do passado? Por que devemos ambas, mãe e filha, ter destinos tão parecidos? — pensou ela. Não sei que espírito maligno de mim se apoderou, quando eu era moça, e me levou a trocar o anel por uma moeda Lohan. Por causa disso, fui surrada impiedosamente. Mesmo hoje, sou ainda tratada como criminosa: tão logo ponho os pés para fora da porta, Chang me escolta, da mesma maneira por que um carcereiro escolta seu preso. E tudo isso vai acontecer também a Ai-ai. É uma maldição que pesa sobre as mulheres de nossa família! Mãe e filha, ambas caem na mesma armadilha! Pobre e tola menina! Tua mãe não logrou escapar — e deves ser tão infortunada quanto ela!

Linda Mariposa pôs-se a recordar os casamentos de mulheres que tinham, então, idade igual à dela. Todas quantas receberam uma lembrança do amante antes de se casarem — todas — tiveram uma vida conjugal miserável. Todas foram espancadas — umas pelo marido, outras pela sogra. Algumas foram levadas até o suicídio. Quanto às demais, antes tivessem ficado viúvas — os maridos as ignoravam completamente...

De qualquer modo, a semente das futuras surras de Ai-ai estava plantada — pensou consigo, amargamente. Por que lutar contra o inevitável? Seria sempre espancada, casasse com quem casasse!

Todavia, era muito simples aceitar solução assim tão cômoda. A mente de Linda Mariposa não a deixava em paz. Não podia esquecer-se do dia em que Chang a fitara com um olhar terrível; da maneira como a arrastara até a cama; da ferocidade incansável com que a surrara até fazê-la perder o fôlego... Era criminoso! Mesmo depois de vinte anos, a lembrança do episódio fazia-a estremecer! Como poderia Ai-ai suportar tal agonia?

A luta lavrava dentro do peito de Linda Mariposa. Estava completamente sem apetite quando se sentou à mesa do almoço. Para não deixar a mãe preocupada, esforçou-se por comer alguma coisa.

Pouco mais tarde, titia Wu, que cansara de esperar, aparecia. Insistiu para que ela fosse visitar a família do noivo proposto.

— Está ficando tarde — desculpou-se Linda Mariposa. — Queremos chegar em casa antes do cair da noite.

Acompanhada de Chang e titia Wu, iniciou a viagem de volta. Quando a velha casamenteira começou a tecer loas sobre as inúmeras perfeições do sobrinho do oficial, Linda Mariposa fez ouvidos moucos. Pôs-se a correr pela estrada com a graça e a ligeireza que, na mocidade, haviam dado origem ao apelido. Durante toda a caminhada titia Wu não conseguiu franquear os dez passos de distância que Linda Mariposa timbrava em conservar.

Ao entrarem na vila, Chang viu-se rodeado por um bando de rapazes. Atendendo à solicitação deles, dispôs-se a ensiná-los a manejarem o dragão de pano. Linda Mariposa se dirigiu diretamente para casa, seguida pela insistente casamenteira. Foi então que titia Wu recebeu uma resposta atravessada, e que os olhos vivos de Ai-ai reluziram de alegria.

Yen-yen sentiu que era chegado o momento. Lançou um olhar significativo a Ai-ai, que deixou apressadamente o aposento. Yen-yen dirigiu-se a Linda Mariposa:

— Posso também servir de casamenteira para Ai-ai?

Linda Mariposa julgou que se tratava de algum capricho infantil.

— Como poderá ser casamenteira? — perguntou, sorrindo.

Yen-yen sorriu também.

— E por que não poderia?

— Você tem língua tão hábil quanto a da titia Wu?

— Se ela fala bem, por que não conseguiu convencê-la?

— Não posso concordar com ela, quando me arranja um rapaz que não serve.

— Então, o problema é achar alguém que sirva; pouco importa se a casamenteira é eloquente ou não! Posso sugerir-lhe um rapaz que a senhora certamente aprovará!

— Vejamos.

— Sugiro Wan!

— Sabia que você iria dizer isso! Não adianta falarmos dele. Vocês, moças, não devem ser tão ousadas. Tem havido muitos rumores sobre vocês ultimamente.

— Eu poderia dizer como a titia Wu: "Seja do ponto de vista do rapaz ou de sua família — tudo está em ordem!" Mas minhas palavras são mais verdadeiras do que a tagarelice daquela cabeça oca! Honestamente, não acha que tenho razão?

— Você não leva em conta o outro lado do problema. Como fazer cessar os boatos?

— Os boateiros são todos uns caturras. Falam apenas por causa de Wan. Se Ai-ai casar-se com ele, já não terão de que falar!

"Acho que Yen-yen acertou no ponto!" — pensou Linda Mariposa. "Casando-se com Wan, cessarão os fálatórios, realmente. E eu não teria que me preocupar: ele não a surraria". Olhou afetuosamente para Yen-yen e, com delicadeza, passou-lhe a mão pelos cabelos.

— Minha querida menina, — disse, sorrindo — você é uma excelente casamenteira.

Percebendo que Linda Mariposa cedia terreno, Yen-yen perguntou-lhe, bruscamente:

— Então, a senhora concorda?

A interpelada ficou pensativa.

— Não seja tão impaciente — respondeu, afinal. — Há, ainda, o pai de Ai-ai. Espere até que eu tenha falado com ele.

Satisfeita, Yen-yen despediu-se de Linda Mariposa e atravessou o pátio em direção ao quarto de Ai-ai. Quando chegou ao portal, quase tropeçou com ela: Ai-ai estivera escutando, à janela. Levando o dedo aos lábios, conduziu Yen-yen para fora.

— Então você ouviu tudo! — disse esta, quando chegaram à rua.

— Tudo! — confirmou Ai-ai. — Não sei como agradecer-lhe!

— Não me agradeça. Tenho, ainda, de convencer a outra parte! Espere-me em frente à loja da cooperativa; fique apreciando os Jogos de Lanternas. Vou procurar agora a família de Wan!

E Yen-yen investiu contra o próximo objetivo. Mais uma vez, agiu à maneira feminina: procurou a mãe de Wan. Na aldeia de Chang, uma vez que a família da noiva houvesse dado sua aprovação, era fácil conseguir que a família do rapaz concordasse também. Em tempo surpreendentemente curto, Yen-yen obteve a aprovação da mãe de Wan.

Correu à cooperativa e arrastou Ai-ai para um lugar quieto, onde lhe comunicou a auspiciosa vitória.

— Se sua mãe lograr convencer seu pai esta noite, — concluiu, quase sem fôlego — você e Wan poderão ir registrar-se amanhã!

Ai-ai agradeceu-lhe um milhão de vezes e voltou, feliz da vida, para casa. Yen-yen lembrou-se, subitamente, das suas próprias aflições, e a alegria da amiga afortunada doeu-lhe no coração. Abrigada num canto deserto, chorou silenciosamente. Somente depois de as ruas já estarem vazias foi que voltou para casa. Deitada, pôs-se a refletir, deprimida, se devia sacrificar-se, registrando seu casamento no escritório distrital, no dia seguinte, ou se faria pé firme na recusa, mesmo que isso ofendesse sua mãe. Lutou a noite inteira com o problema. Ao amanhecer, estava ainda desperta.

E Linda Mariposa? Depois da saída de Yen-yen, ela enumerou mentalmente tudo quanto sabia a respeito de Wan e de sua família: viviam desafogadamente; davam-se bem uns com os outros; os pais de Wan eram gente sensata; o rapaz era bem-parecido e respeitável; tinha a mesma idade de Ai-ai... Não podia lembrar-se de nada comprometedor.

Resolveu então dar pleno consentimento ao enlace. "Ai-ai", murmurou consigo mesma, "vês as coisas com muita clareza! E os boateiros são, de fato, um bando de velhos caturras!"

Abriu o armário e retirou a moeda Lohan de Ai-ai. Ficou a conjecturar em como devolver-lha. Enquanto hesitava, meditativa, girando a moeda entre os dedos, Ai-ai irrompeu alegremente no quarto.

— Que é que tem aí, mamãe? — perguntou a moça, olhando para o reluzente objeto.

Segurando-o entre dois dedos, Linda Mariposa replicou:

— Uma moeda Lohan!

— Como a conseguiu?

— Achei-a.

— Mamãe, é minha!

— E onde a obteve?

— Eu... eu também a achei! — respondeu Ai-ai, risonha.

Linda Mariposa perscrutou longamente o rosto da filha.

— Ei-la. Se é sua mesmo, tome-a.

Sorriram-se, quando Ai-ai guardava a moeda no bolso.

Pouco depois, Chang voltava para casa, e Ai-ai se retirava para o seu quarto. O carpinteiro e a esposa começaram a discutir a questão do casamento da filha. Do outro lado do pátio, Ai-ai não conseguia ouvir o que diziam, embora estivesse com o ouvido grudado à janela. Pelo tom das vozes, podia apenas perceber que altercavam. Ai-ai dormiu muito mal essa noite.

Na manhã seguinte, terminou as tarefas caseiras num abrir e fechar de olhos e correu a ver sua jovem "casamenteira". Pretendia interrogar Yen-yen a fim de descobrir quais haviam sido os resultados da conversa mantida pelos pais na noite anterior. Mas, dada a cena com que deparou ao chegar à casa da amiga, viu logo que melhor fora ter adiado a visita.

Embora aquele fosse o dia em que Yen-yen devia comparecer à administração do distrito para registrar seu casamento, estava ainda na cama. Sua mãe permanecia sentada ao lado dela, implorante. Titia Wu também estava presente.

— Que é que há com Yen-yen? — perguntou Ai-ai, ansiosa.

— Está tentando matar-me de desgosto! — respondeu a mãe.

— Cedi, não cedi? — disse Yen-yen. — Por que diz então que quero matá-la de desgosto?

— Então por que não se levanta? — perguntou a mãe. — Por Deus, não me irrite. Levante-se e ouça o que titia Wu tem a dizer-lhe sobre como proceder na administração distrital. E, antes, você tem de comparecer ao escritório da administração para obter a carta. Está ficando tarde!

— Prefiro morrer a ir ao escritório da administração. Aquele oficial vai exigir, novamente, que eu faça autocrítica!

— Irei em seu lugar, se assim preferir. Não acha, agora, que é melhor levantar-se e ouvir as explicações de titia Wu?

Yen-yen sentou-se raivosamente no leito.

— Sempre a mesma rotina antiquada e feudal! E, no entanto, a senhora insiste em que eu finja estar contente. Que palhaçada! Bem, ouçamos as belas explicações!

— Não seja assim teimosa, minha querida menina — censurou titia Wu, com vos melíflua. — É um aconte-

cimento tão feliz! Você deveria estar mais animada.

— Vamos, depressa, recite as suas bobagens! Que acontecimento feliz? Você pode estar contente... eu não!

— Está bem, está bem! Quando chegarmos ao escritório distrital, tratarei da carta de apresentação com o oficial Wang. Ele lhe perguntará a sua idade. Você deve dizê-la. Depois, perguntará se você se casa de livre e espontânea vontade. Você responderá que sim...

— E chama a isso "livre e espontânea vontade"! — interrompeu-a Yen-yen.

— Menina tola! Você tem apenas de *dizer* que sim! — explicou titia Wu. — Se lhe perguntar por que, responda: "Porque ele é um bom trabalhador".

— Bah! Nem o vi ainda. Como saberia se é ou não um bom trabalhador?

— Estas moças são sempre assim! — lamentou-se a mãe de Yen-yen. — Não ficará contente enquanto não me vir dentro de um túmulo!

— Mas a verdade é que *não* sei mesmo, mamãe! Não importa. Direi tudo quanto deseja. Mais alguma bobagem, titia Wu? Diga logo e acabemos com isso.

— Não, não há mais nada. É tudo.

A mãe de Yen-yen e a casamenteira se dirigiram para o escritório da administração, em busca da carta. Wan, que viera à procura de Ai-ai, esperou no pátio que a discussão terminasse e que as duas mulheres saíssem. Entrou, afinal, e foi postar-se ao lado de Ai-ai. Olharam pesadamente para a amiga.

— Yen-yen, não sei que dizer para consolá-la... — começou Ai-ai.

— Meu destino está marcado. Nada mais resta a dizer. E quanto a você? Seu pai consentiu?

— Não tive coragem de perguntar-lhe. Este é um dia triste para você. Falaremos a meu respeito noutra ocasião.

— Não! Vou tratar de resolver o assunto definitivamente! Não consentirei que você acabe como eu. Caso obtenha êxito, será uma lição para mamãe. Espere aqui, enquanto vou falar com sua mãe. Se seu pai consentir, poderemos ir juntas à administração distrital, ainda hoje!

Yen-yen já estava vestida. Calçou os sapatos e saiu apressadamente.

Wan e Ai-ai ficaram sozinhos.

— Não creio que meu pai esteja contra nós — observou a moça — e ouvi dizer que seus pais concordaram. Temos apenas de nos preocupar em obter uma carta do oficial do registro.

— Também penso assim. Tudo quanto esteja sob o controle dele deve ser feito segundo a sua vontade. Tenho certeza de que não haveria dificuldade em obter-se a carta se você tivesse concordado em casar-se com o sobrinho dele!

— Não há dúvida! Mas que faremos se ele se recu-

sar a emitir a carta?

Enquanto davam tratos à bola, à procura de uma solução, Yen-yen voltou para informar que o pai de Ai-ai havia consentido no casamento! Quanto à carta, ela tinha uma boa idéia.

— Vamos procurar o oficial — propôs. — Se ele se recusar a escrever a sua carta, levantaremos a questão da *minha* carta. Perguntar-lhe-emos como pôde dá-la à minha mãe, que apenas me representa, e não a você, que vai reclamá-la pessoalmente! Veremos o que terá a dizer a isso!

Wan concordou:

— Certo! Se persistir na recusa, iremos à administração distrital. Quando nos pedirem a carta, contaremos a história toda e mostraremos quão reacionário e feudal é o oficial!

— Mas, com isso, não iremos prejudicar Yen-yen? — perguntou Ai-ai.

— Tanto melhor — retorquiu Yen-yen. — Se a história vier a furo, mamãe não me poderá condenar.

— Suponhamos que o oficial exija uma casamenteira — interveio Wan.

— Diga-lhe que a casamenteira sou eu! — replicou Yen-yen. — Vamos ao escritório da administração. Tão logo minha mãe saia, entraremos!

Ai-ai hesitou.

— E se o oficial argumentar que você não pode ser casamenteira porque não tem boa reputação?

— Já pensei numa resposta adequada — disse Yen-yen.

Ainda ativamente ocupados em estabelecer planos de ataque, encaminharam-se para o edifício que abrigava o escritório administrativo da aldeia. No caminho, encontraram tia Wu e a mãe de Yen-yen.

— Não precisamos de você — disse a casamenteira a Yen-yen. — Já conseguimos a carta.

— Quero indagar o que está escrito nela — replicou a moça. — Quando a entregarmos à administração distrital, não desejo cair em contradição.

As duas mulheres sorriram gratamente, diante de tal demonstração de espírito cooperativo.

— Se você tivesse agido assim desde o começo, — disse-lhe a mãe — ter-me-ia poupado uma caminhada. Pergunte o que tem a perguntar, e volte depressa para casa. Quero que coma alguma coisa antes de partir.

Enquanto a mãe de Yen-yen e tia Wu se afastavam, os três entraram no escritório. Reconhecendo os visitantes, o oficial fitou-os com indisfarçado aborrecimento. Ignorando Ai-ai e Wan, dirigiu-se diretamente a Yen-yen:

— Vá para casa. Já entreguei a carta à sua mãe.

— Sêi disso — replicou a interpelada. — Vim em busca de outra igual para estes meus amigos.

Atônito, o oficial contemplou Wan e Ai-ai.

— Para vocês dois?

— Para nós dois!

— Fariam melhor em pensar nos erros que já cometeram!

— Já pensamos. Vamo-nos casar de livre e espontânea vontade.

— Bem certo estou disso! — zombou o funcionário.

— Não apenas isso: meu pai e minha mãe concordam com o enlace.

— Os meus também — ecoou Wan.

— Quem é a casamenteira de vocês? — perguntou o oficial.

— Eu — adiantou-se Yen-yen.

— Você?

— E por que não?

— Com a sua reputação?

— Que é que há com a minha reputação? — perguntou. — Se há algo de errado com ela, por que foi que o senhor entregou uma carta à minha mãe, apresentando-me ao registro distrital?

O funcionário, não encontrando uma resposta, procurou refúgio numa explosão de raiva.

— Fora daqui, todos os três! — gritou. — Vocês não são gente respeitável!

Estando obviamente perdida a batalha, Ai-ai aproveitou o ensejo para desabafar:

— Mas, se eu desposasse o seu sobrinho, isso me faria respeitável, não?

Na realidade, o funcionário tinha duas opiniões contraditórias sobre Ai-ai. Ao vê-la de mãos dadas com Wan, disse consigo mesmo: "Que desgraça! É a mesma coisa que Linda Mariposa quando moça!" Noutra ocasião, durante uma visita à irmã, recomendara Ai-ai como noiva adequada para o sobrinho.

— Que tipo de moça é ela? — perguntara a irmã.

— Excelente — respondera. — Exatamente como Linda Mariposa outrora!

Na mente do funcionário, nada havia de contraditório nessa duplicidade de julgamento. Quando dissera "excelente", quisera dizer que Ai-ai era muito bonita e que era excelente contemplá-la. Quando dissera "que desgraça", referira-se à sua conduta, porquanto considerava qualquer relação entre uma moça e um rapaz, antes do casamento, coisa altamente imprópria.

Todavia, não dava igual importância à *conduta* e à *aparência*. *Aparência* era virtude de berço e nada se podia fazer a respeito. *Conduta*, porém, era algo que podia ser ajustado às idéias de decência do marido por meio de uma boa surra, logo após o casamento. Neste particular, o funcionário partilhava totalmente das opiniões da casamenteira titia Wu.

Mas voltemos à nossa história: quando Ai-ai fez aquela sarcástica observação sobre casar-se com o seu sobrinho, o oficial ficou tão furioso, que quase perdeu o fôlego. Fechou estrondosamente a tampa da escrevânia:

— Pouco me importam os seus sarcasmos; não escreverei a carta!

— Iremos, então, à administração distrital! — ameaçou Ai-ai. — Deixaremos que eles decidam!

— Experimente e veja o que acontece! Pensa que eles não conhecem também a sua reputação?

A discussão prosseguiu, extremada: ninguém queria dar o braço a torcer. Finalmente, os jovens, irados, deixaram o escritório.

Uma hora mais tarde, depois de Yen-yen ter comido alguma coisa, partiram, em companhia de titia Wu, em demanda do escritório distrital. Ficara acertado que seria aí onde o futuro esposo de Yen-yen ia encontrá-la. Como detestavam cordialmente a casamenteira, o rapaz e as duas moças caminhavam a passo rápido, de propósito, fazendo-o ofegar, durante toda a jornada, no esforço fútil de emparelhar-se com ele.

Quando chegaram ao destino, titia Wu estava ainda muito atrás. Ficaram a esperá-la na porta da repartição de registro civil. Havia ali cinco ou seis outras pessoas igualmente à espera, — de ambos os sexos e de diversas idades — mas nenhuma conhecida deles: as duas mulheres idosas eram provavelmente casamenteiras; além delas, havia dois rapazes, um de vinte, outro de quinze anos, aproximadamente. Os jovens da vila de Chang imaginaram que este último fosse o noivo de Yen-yen, pois titia Wu descrevia-o como tendo “pouco mais de quinze anos”.

Constataram, porém, que se haviam enganado quando a velha chegou, toda arfante.

— Por que será que aquele menino ainda não apareceu? — murmurou.

Um rapazola saiu, às carreiras, da guarita do porteiro.

— Titia, — gritou para a casamenteira — estava à sua espéra!

Havia, na sua voz, um timbre infantil, mais agudo que o da própria Yen-yen. Era baixinho e tinha faces gordas e coradas. Seus olhos claros exibiam um brilho felino e nas pequenas mãos gorduchas havia encantadoras covinhas.

“Que belezinha! — pensou Yen-yen. — Devia estar ainda mamando o leite da mamãe. Por que seria que desejava casar-se?”

— Entremos — disse titia Wu.

O pequeno escritório estava repleto de candidatos, ali vindos para registrarem seus enlaces; o oficial Wang suava por todos os poros. A cada casal que se aproximava da sua mesa, ele fazia sempre as mesmas perguntas e recebia sempre as mesmas respostas.

— Nome?

— Fulano e fulana de tal.

— Idade?

Diziam a idade.

— Livre e espontânea vontade?

— Livre e espontânea vontade.

— Por quê?

— Porque é um bom trabalhador.

Tudo conforme dissera a casamenteira. As perguntas eram as de rotina e as respostas pareciam ter sido decoradas. Depois de os candidatos terem concluído o recitativo, o oficial Wang lhes entregava um certificado vermelho no qual ambos, e respectiva casamenteira, registravam suas impressões digitais. Isso era tudo. Exceto em dois casos — quando a idade declarada era visivelmente falsa e quando o casal tivera alguma encrenca anteriormente — nenhum requerimento era indeferido.

Enquanto observava a cerimônia, o grupo da vila de Chang ia-se adiantando na fila. Quando chegou a sua vez, Yen-yen empurrou Ai-ai para a frente.

— Vá primeiro! — sussurrou-lhe.

O oficial Wang estendeu a mão para receber a carta de apresentação. O rapazinho que se havia dirigido à tia Wu abriu caminho até a mesa e apresentou seu documento ao oficial. A casamenteira não o apresentara e ele imaginou que Ai-ai, sendo a mais jovem das duas, fosse a noiva. Titia Wu ficou frenética.

— Está errado, está errado! — guinchou.

— Que quer dizer? — perguntou-lhe o rapazinho, atônito. — Não devemos ter, ambos, uma carta?

O jovem Wan postou-se ao lado da mesa. Apontou para Yen-yen.

— A sua é aquela!

Todos os circunstantes caíram na gargalhada.

— Então você não conhece a sua própria noiva? — perguntou o oficial, devolvendo a carta ao rapazinho.

— Posso registrar-me com ela? — disse Wan, pondo-se rapidamente ao lado de Ai-ai. — Não temos o documento de apresentação.

— Por que não?

— O oficial da nossa vila recusou-se a preenchê-lo — disse Ai-ai. — Deu um à mãe de Yen-yen, mas quando fomos buscá-lo pessoalmente, pôs-nos para fora! Quer que eu me case com o seu sobrinho!

— De que aldeia são vocês?

— De Chang.

— Qual é o seu nome?

— Chang Ai-ai.

O oficial fitou-os novamente, com lentidão deliberada.

— E você deve ser Wan — disse ao rapaz.

— Sim.

— Quem é a casamenteira?

Yen-yen deu um passo à frente.

— Sou eu.

— Qual é o seu nome?

— Ma Yen-yen.

— E pode você apresentar-se como casamenteira?

— Pois não posso?

— Recebemos informações da aldeia, dizendo que vocês duas não gozam de boa reputação.

— Que prova tem o senhor? — exclamaram, em uníssono, Wan e as duas moças.

— As informações declaram que vocês vêm andando juntos há muito tempo.

— E que mal há nisso? — indagou Wan. — Se eu não a tivesse conhecido antes, talvez me enganasse de noiva hoje, também!

Uma explosão da hilaridade, por parte dos circunstantes, acolheu essa tirada. O oficial hesitou.

— Uma vez que existem as informações, tenho de primeiramente investigá-las — disse.

— Por que não podem eles casar-se? — argumentou Yen-yen. — Que mal faria isso a quem quer que fosse? Nenhum dos dois se casou antes; nenhum dos dois está envolvido em encrências. Não há dúvida de que se unem por livre e espontânea vontade. Que resta, pois, a investigar?

O oficial sacudiu a cabeça:

— Não. Devo investigar. É assim que tem de ser — concluiu, peremptoriamente. Voltou-se para o rapazinho: — Deixe-me ver a sua carta.

O menino entregou-lha, e titia Wu apresentou a carta de Yen-yen.

— Qual é o seu nome? — perguntou o oficial ao rapazinho.

— Dan.

— Quantos anos tem além dos treze?

Essa não era a maneira pela qual titia Wu lhe havia explicado a pergunta referente à idade! Como tinha apenas doze anos, ficou confuso.

— Vinte-treze!

— Que é isso... vinte-treze?

O rapazinho permaneceu em silêncio.

— Quer desposar esta moça? — perguntou-lhe, ao cabo de uma pausa.

— Sim.

— Por quê?

— Porque ela é uma boa trabalhadora.

O oficial examinou a carta de Yen-yen; depois, fitou-a.

— Quantos anos tem o rapaz?

— Não sei.

A casamenteira cutucou-a, instantaneamente.

— Claro que sabe!

— Não sei mesmo! — protestou Yen-yen. — Você nunca me disse!

Não se dando conta de que Yen-yen agia de caso pensado, titia Wu censurou-a em voz baixa:

— Mesmo que eu não lhe tivesse dito... ele afirmou que tinha vinte anos; por que não disse o mesmo?

Para consternação da casamenteira, o rapazinho aproveitou a deixa e deu uma demonstração da sua sagacidade.

— Como poderia ela saber quantos anos tenho? — exclamou, com voz esganiçada. — Somos de aldeias diferentes e nunca nos encontramos antes!

— Você deixou isso bem claro há um minuto atrás! — respingou o oficial. — E, já que não a viu senão ho-

je... como sabe que é boa trabalhadora? Recuso-me a registrar este casamento! Em primeiro lugar, o rapaz é ainda muito novo para saber se deseja ou não casar-se; em segundo lugar, desconhecendo-se um ao outro, não houve certamente liberdade de escolha. Vão para casa, todos vocês!

Tristemente, tia Wu conduziu os pupilos para fora do escritório. O rapazinho encaminhou-se para a sua aldeia, enquanto os demais retornavam à vila de Chang.

Durante a jornada, a casamenteira ralhou com Yen-yen por haver dito coisa errada. Yen-yen queixou-se de que a velha não lhe dera instruções completas. Ai-ai e Wan declararam que o oficial era um palerma, mas Yen-yen insistiu em que era homem sensato.

Andando a passo rápido, os jovens logo estabeleceram boa distância entre si e tia Wu. Yen-yen afirmou que continuaria a envidar o melhor dos esforços para ajudar os dois; estes prometeram intervir no sentido de que Chin esquecesse suas mágoas contra ela. Ou, em linguagem diplomática, estabeleceram um *Pacto de Assistência Mútua*.

Havia muitas outras pessoas na vila de Chang, além do oficial, que consideravam as moças "boas bis-cas". Quando as notícias da maneira como se tinham comportado na administração distrital chegaram à aldeia, a gente idosa declarou que "a maldade delas é inconcebível". A declaração foi tomada muito ao pé da letra, e a reputação de Ai-ai e Yen-yen deixou, inclusive, de ser considerada tópico apropriado para as conversas familiares. Aqueles que haviam criticado anteriormente as moças porque, pelo fato de andarem na companhia de Wan e Chin, tornavam difícil o aceitá-las como noivas para seus filhos e sobrinhos, tinham-se convencido, afinal, de que qualquer esperança era descabida. A pouco e pouco deixaram de falar nelas. Alguns jovens da aldeia costumavam repetir, com a devida indignação, as censuras de seus pais sobre a conduta de Ai-ai e Yen-yen, embora aprovassem-na secretamente. Uma vez, porém, que os mais velhos haviam perdido o interesse pelo assunto, não viam mais razão para revê-lo. Os rapazes que antes competiam pelo afeto de Ai-ai e Yen-yen viram-se constrangidos a admitir que ninguém poderia substituir Wan e Chin. Por que falar nisso, então?

Ademais, as moças dispunham de uma pergunta para os poucos renitentes. "Que mal há em desposarmos os homens de nossa escolha?" — perguntavam. Ninguém era capaz de dar-lhes uma resposta inteligente. Por tais razões, o falatório amainou, e a reputação das moças chegou, mesmo, a melhorar!

Entretanto, devido a três pessoas, os jovens não podiam casar-se: a mãe de Yen-yen, que negava seu consentimento, malgrado as súplicas da filha; o oficial da vila, que se recusava obstinadamente a escrever as cartas; e o oficial Wang, que prometia mas não agia. Wan e Ai-ai tinham ido vê-lo diversas vezes e ele sempre res-

pondia: "Ainda não terminei minha investigação..."

Mesmo os que não se opunham aos casamentos nada faziam para apressá-lo. Quando os jovens pensaram em apelar para autoridades superiores da administração provincial, não obtiveram o consentimento dos pais para empreenderem a longa viagem até a cidade onde estavam localizados os escritórios administrativos. E assim se arrastava o impasse, o oficial da vila e o do registro acerbamente vituperados pelos noivos, dia após dia.

Ao cabo de dois meses de incessantes vitupérios, continuava tudo na mesma. Então, certa tarde, durante a estação primaveril da colheita, o jovem Wan se deteve na loja da cooperativa da vila. O gerente lhe fez uma careta amistosa.

— Como vai indo o casamento?

— A administração distrital continua a investigar!

— Quando acha que a investigação estará concluída?

— Dentro de dez ou vinte anos!

— Você vê as coisas pelo lado pior! Mas tranquilize-se, não terá de esperar tanto tempo: uma nova lei sobre casamentos acaba de ser promulgada. Segundo entendendo, vocês tinham razão legalmente, desde o começo!

Wan julgou que o interlocutor estivesse pilheriando e limitou-se a responder-lhe com um grunhido. Mas o gerente falava a sério.

— É verdade! Veja neste jornal — disse, ajudando Wan a localizar a notícia.

— O jovem Wan seguiu o método certo — aprovou um dos fregueses. — Vá registrar-se novamente amanhã — sugeriu ao rapaz. — É absolutamente legal!

Quinze minutos mais tarde, Ai-ai, Yen-yen, Wan e Chin, de conformidade com seu *Pacto de Assistência Mútua*, estavam reunidos em casa de Ai-ai para discutir as últimas novidades. Yen-yen sugeriu que Wan e Ai-ai fossem registrar-se em primeiro lugar.

— Logo que vocês obtenham o certificado de casamento, será mais fácil lidar com mamãe — argumentou ela. — Embora afirmem que eu não mais preciso da permissão dela, ainda assim acho melhor convencê-la, antes de tomar qualquer outra providência.

Todos concordaram em que tal alvitre seria preferível. Terminada a reunião, Ai-ai e Wan se separaram. Ambos passaram metade da noite planejando respostas para quaisquer perguntas que o oficial Wang pudesse fazer-lhes.

Para surpresa e alívio de ambos, quando chegaram à administração distrital na manhã seguinte, tais preparativos se revelaram supérfluos. O oficial expediu o certificado de casamento sem dizer palavra!

No outro dia, um comunicado da administração distrital foi recebido pelo escritório administrativo da vila. Dizia o comunicado que o registro requerido por Wan e Ai-ai era uma aplicação modelar da nova lei sobre casamentos, e ordenava que a administração distrital

fosse informada da data de celebração do matrimônio. Dois representantes do distrito desejavam estar presentes às festividades.

Essa designação oficial do enlace como *modelar* mudou inteiramente as coisas. Com exceção de alguns cabeças duras, toda gente, na vila de Chang, aprovava agora o casamento. Os jovens da aldeia, que haviam nutrido simpatia pela causa desde o começo, puseram mãos à obra para preparar a festa de bodas. Em poucos dias a decoração ficou pronta.

Na manhã do dia da cerimônia, os dois representantes da administração distrital chegaram à aldeia. Eram o oficial Wang e o secretário do comitê distrital do Partido Comunista. Muitos dos membros locais estavam também presentes. O oficial da vila decidira não comparecer; os representantes distritais declararam, porém, que qualquer outro membro podia ficar em casa, se assim o desejasse, mas que nada desculparia a sua ausência. Ele teve, pois, de comparecer.

Em vista de o casamento ter sido louvado como *modelar*, a assistência era inusitadamente grande. Uma enorme multidão se comprimia diante da casa onde Wan vivia com seus pais. Quando o noivo e a noiva tomaram lugar na plataforma elevada, um alegre clamor saudou-os. Depois, um rapazola, que tinha aprendido a nova moda algures, começou a agradecer com os recém-casados sobre o seu caso de amor.

Ai-ai se ergueu.

— Querem saber como foi que adquiri “má reputação” e a quem a devo? — perguntou.

— Sim! — berrou a multidão.

— Culpo a todos quantos tentaram evitar que eu me casasse! Se me tivesse casado há um ano atrás, minha reputação teria ou não sido restaurada antes? Costumávamos falar sobre “liberdade de escolha no casamento”, mas, em verdade, quem fazia a escolha em nossa aldeia? Não há ninguém aqui cujo cônjuge não haja sido escolhido pelos pais!

Os aldeães sabiam que isto era verdade, embora estivessem vexados de ver o assunto abertamente discutido diante dos membros da administração distrital. Ai-ai continuou:

— Quando Yen-yen e eu quisemos decidir por conta própria, o oficial da vila exigiu que criticássemos nossos erros. Bem, criticamo-los. Havia algo de errado em escolhermos nosso próprio destino? Com franqueza, tenho vituperado o oficial da vila nestes últimos dois meses, e quero aproveitar o ensejo para pedir-lhe desculpas.

Divertidos, os convidados quiseram saber que vitupérios Ai-ai usara contra o oficial. Ela se contentou em responder que, estando finalmente casada com Wan, desejava esquecer o passado. Insistiram. Ai-ai se manteve firme na recusa. O jovem Wan se ergueu:

— Deixem-me falar! — gritou, com uma careta. — Eu também pronunciei alguns vitupérios! Sr. Oficial,

não se amofine, por favor. Disse comigo mesmo: "Eu quero. Ela quer. Você é o único a não querer! Que mal haverá em nos casarmos? Velho cabeçudo! Cabeça oca! Protetor do sobrinho! Você não pediria a Ai-ai que fizesse autocrítica se ela desposasse o seu sobrinho!"

A multidão concentrou sua atenção no oficial e re-bentou na risada. Em silêncio, o inculcado baixou a cabeça.

— Tem algum comentário a fazer com referência ao oficial Wang? — perguntou o secretário distrital do Partido a Wan.

— O oficial Wang, é, de fato, um bom homem, — replicou o rapaz — mas não sabe distinguir a verdade da mentira. Ouve as pessoas dizerem que se casam de livre e espontânea vontade, mas não cuida de verificar se falam sinceramente ou não. Alguns dos requerentes pregam mentiras tão evidentes que até eu sou capaz de percebê-las; não obstante, o oficial Wang lhes dá certificados de casamento! Se uma pessoa escolheu livremente, por que indagar a razão da escolha? Todos se limitam a dar uma resposta decorada: "Porque é um bom trabalhador". Qual o camponês que não é bom trabalhador? Que valor tem, pois, semelhante resposta? Quando chegou a nossa vez (e nós nos casávamos *verdadeiramente* de livre e espontânea vontade), ele trouxe à baila uma informação da aldeia, concernente ao fato de termos andado juntos muito tempo antes; afirmou que lhe cumpria investigar o caso. O mesmo fato de termos andado juntos tão longo tempo não era uma prova decisiva da nossa liberdade de escolha? Que havia, então, a investigar?

O jovem Wan estalou a língua.

— Devo admitir, que o vituperamos também, oficial Wang. Mas não fique sentido conosco. Desde o dia em que recebemos nosso certificado de casamento, nunca mais dissemos nada contra o senhor.

— Vocês tinham razão para vitupérios — concordou o secretário do Partido — e asseguro-lhe que ninguém ficará ressentido. Aqueles que diziam ser a reputação de vocês pouco recomendável são gente cujo pensamento conserva resquícios feudais. Devem corrigir-se gradualmente. Ao recusar o requerimento de vocês, a fim de forçar Ai-ai a casar-se com o sobrinho, o oficial da vila estava prejudicando a liberdade de escolha. Agora que a Lei de Casamentos do Governo Central do Povo foi proclamada, quem quer que seja culpável de conduta semelhante será julgado por um tribunal. Os infundáveis obstáculos opostos pelo oficial Wang ao casamento de vocês foram de índole burocrática e constituíam prova da sua má vontade em tomar decisões sensatas. Nos últimos dias, porém, ele se consagrou à revisão dos seus atos e à autocrítica. Todo o Partido Comunista está empenhado na aplicação da Lei de Casamentos. Nós, do comitê distrital, estamos estudando a melhor maneira de agir, e vimos aqui especialmente para ouvir suas idéias sobre o assunto.

O secretário do Partido se dirigiu aos convidados reunidos:

— Camaradas, não acham que estes jovens tinham razão de protestar? Pensem nos inúmeros casamentos processados erradamente pela administração local e distrital. Quantos casais não estarão vituperando-nos por isso? A menos que corrijamos tal situação, ficaremos sujeitos, não somente às penalidades do Partido, como à execração do povo!

Terminada a cerimônia nupcial, todos os camponeses afirmaram que aquela espécie de casamento era muito boa e que os recém-casados iriam dar-se admiravelmente. Mesmo os velhos caturras, que costumavam criticar Ai-ai e Yen-yen, aprovaram-na. Aquilo significava o fim de surras como a que Chang, o carpinteiro, dera em Linda Mariposa.

Na mesma tarde, a mãe de Yen-yen viu finalmente a luz. Sorridente, sugeriu que, no dia seguinte, a moça e o jovem Chin fossem à administração distrital para se registrarem.

(Tradução de José Paulo Paes)





O Jarro de Bronze

Tsui Pa-wa

Tínhamos em casa um jarro de bronze para vinho. Quem o via, logo se encantava.

— Que lindo jarro! — diziam. — Até parece um melão dourado!

Naqueles dias, mal tínhamos com que encher nossas panelas, quanto mais o jarro de vinho. Mas papai vivia a poli-lo, até que ficasse reluzente, e costumava usá-lo para guardar água fervida.

Certo dia, depois de tê-lo enchido, papai permaneceu sentado à mesa, admirando-o orgulhosamente. Tive um pressentimento de que ia se pôr a louvá-lo outra vez, como era de seu costume. E meu pressentimento logo se confirmava. Cofiando a barba, papai começou a falar.

— Quanto mais olho para o meu jarro, — disse — mais gosto dele. Kuo, o pançudo, e Hsu, dirigente do *pao* (*), fizeram tudo para adquiri-lo. Mas não se pode comprar aquilo que não está à venda, por mais dinheiro de que se disponha. Não o venderei. Está com nossa família há várias gerações e, quando eu estiver morto, meus filhos terão ao menos isto de herança para me recordarem.

Mamãe interrompeu suas costuras por um momento e olhou-o com ar de reprovação:

— Será que você tem mesmo de ser sentimental? — disse. — Sempre com essas bobagens! Ninguém deseja escutá-las.

— Ora, se eu me sinto assim! — justificou-se papai. — E quando me sinto assim, tenho de dizê-lo. A menos que você me costure a boca com a agulha — pilheriou.

Rimo-nos todos.

A família inteira gostava daquele jarro. Nunca sabíamos de onde viria a próxima refeição, mas vivíamos uma vida tão harmoniosa e tão alegre juntos, que mesmo um copo de água fria nos saberia a doce. Quem, àquela altura dos acontecimentos, poderia jamais supor que teríamos complicações por causa do jarro?

Lembro-me, com muita clareza, de como tudo aconteceu. Foi três anos depois de eu ter sido vendido à família Cheng. Naqueles três anos, eu me alimentara

(*) Unidade administrativa na China, antes da libertação. Sob o governo do Kuomintang, cada dez domicílios constituíam um *chia*, e cada dez *chia* um *pao*.

tão-somente das sobras da família e começava a receber as primeiras surras. Meu corpo estava sempre cheio de contusões e cicatrizes, e eu vivia à beira das lágrimas. Quando ficava sozinho, aproveitava a oportunidade para chorar bastante; pensava, então, comigo mesmo: "Será que algum dia terminarão meus sofrimentos?"

Por fim, decidi fugir e voltar para casa.

Foi no começo de julho. Era de noite. Eu estivera cortando feno e terminava de amontoá-lo no celeiro quando a mulher do patrão me chamou:

— Pa-wa, tens de ir buscar água.

Desde que eu decidira fugir, tinha a impressão de que alguém estava sempre me vigiando. Naquele dia, a esposa do patrão falou-me com voz inusitadamente gentil.

"Bem, — pensei — talvez seja esta a minha oportunidade."

Limpei o suor do rosto e esforcei-me por aparentar despreocupação.

— Titia, — respondi — dê-me primeiro alguma coisa de comer. Depois, irei encher um jarro bem grande.

Ela me deu um prato de mingau de milho. Entrei em casa, pus as sandálias de palha e apanhei os dois jarros, suspensos a uma vara que eu carregava sobre os ombros. Pensei que ela pudesse estranhar ao ver-me de sandálias; assim, quando passei diante dela, bati com os pés no chão, e disse:

— A ladeira está terrivelmente escorregadia.

Entrementes, dizia comigo mesmo:

— "Vocês, Chengs! O quanto não tive de suportar durante todos estes anos!"

Durante toda a jornada, meu coração palpitava violentamente. Quando cheguei à plataforma de madeira do poço, olhei em derredor. Ninguém à vista.

— "Tudo bem; é agora" — disse comigo mesmo, tranqüilizado. Um simples movimento dos ombros, e a vara com os jarros rolou pela ladeira abaixo. Pulei para fora da plataforma, vadeei os arrozais e corri para os bosques.

Começava a escurecer. A lua nova já brilhava no oeste. Eu não conseguia achar o caminho de saída do pântano. Orientei-me o melhor que pude, escondendo-me atrás dos arbustos, afundando até os joelhos na água e na lama. Quando alcancei a estrada real, ouvi as folhagens atrás de mim crepitarem e, depois, o som de vozes.

Era Cheng Cabeçudo.

— Apressem-se! — dizia ele. — Não pode ter ido muito longe!

Estavam, então, à minha procura. Olhei em torno, cautelosamente. Um capão de teca parecia prometer refúgio adequado. Atirei-me ao chão e dirigi-me, rastejante, para ele.

Mas eu não conseguira iludir nem o patrão nem os dois rufiões que ele trouxera consigo, para auxiliá-lo na busca. Começaram a vasculhar árvore por árvore.

— Nós o encontraremos, — disse Cheng — nem que tenhamos de arrancar as árvores, uma por uma.

Depois, erguendo a voz, gritou:

— Saia, Pa-wa! Volte para casa e não falaremos mais nisso!

Desnecessário dizer que permaneci deitado no chão. Aproximavam-se do lugar onde eu me escondera, e aproveitei-me do ruído que faziam batendo o matagal para rastejar mais um pouco. O patrão continuava a rosnar ameaças e lisonjas.

— Pensa que não o vi? — rugia. — Se você não sair daí depressa, vou arrancar-lhe o fígado!

Depois de um intervalo, o patrão disse:

— Pois bem, vamos embora. Não adianta ficar aqui.

Erguendo-me sobre os joelhos, pude enxergá-los. Ficaram por ali o espaço de tempo necessário para fumarem um par de cachimbos. Depois, sussurraram entre si; o patrão agarrou uma pedra e atirou-a ao léu.

— Ora, — exclamou — que importa se o diabinho está ali ou não? Mesmo que eu não o agarre hoje, agarrá-lo-ei mais tarde.

Dito isso, os três se foram embora.

A lua descera no horizonte. Tateei o caminho para casa, com o coração na boca. Quando vi a grande alfarrobeira que se erguia diante da nossa porta, sentimentos confusos, de alegria e medo, me assoberbaram. Eu sabia, ao menos, que o patrão ainda não chegara, porque o pátio estava escuro e silencioso. Pulei o muro. Nosso grande cão negro precipitou-se contra mim, latindo. Quando me reconheceu, pôs-se a abanar a cauda e a lamber-me a mão. Depois, correu para a porta e começou a arranhá-la com a pata.

— Mamãe! — chamei, atirando-me também contra a porta. As lágrimas corriam-me pelas faces. Mamãe abriu a porta. Afundi a cabeça no seu peito. Só então foi que perdi o medo.

Tung-wa, meu irmãozinho, pulou da cama, nu, e veio correndo abraçar-me. Conteí ao meu pai e à minha mãe como fora que escapara e que o patrão viera em minha perseguição. Mamãe disse, arrebatadamente:

— É preferível morrermos a deixar nosso menino sofrer mais nas mãos dessas feras impiedosas!

Papai permaneceu calado, mergulhado em pensamentos. Subitamente, disse a mamãe:

— Prepare o rapaz. Ele tem de ir para a casa da tia, na cidade, e permanecer escondido lá. Se ficar aqui, Cheng Cabeçudo virá buscá-lo e o levará de volta, sem dúvida alguma. Arranje alguma coisa para o garoto comer.

Levantou-se e começou a calçar os sapatos.

— Vou à loja de Wang Lao-wu, ver se ele nos pode emprestar algum dinheiro. Temos de apressar-nos.

Logo depois de papai ter saído, o cão se pôs a latir novamente. Mamãe apagou o candeeiro imediatamente. A luz de uma lanterna elétrica varreu a janela.

— Mais complicações — sussurrou mamãe, abraçando-me.

Cheng Cabeçudo bateu à porta. Mamãe estava tão transtornada que não soube o que fazer no primeiro momento. Escondeu-me, depois, numa pilha de feno que havia a um canto do quarto. Olhando por entre o feno, fiquei a ver o que se passava. Mamãe esgueirou-se novamente para a cama e, quando bateram pela segunda vez, exclamou, com voz sonolenta:

— Quem está batendo a estas horas?

Sentou-se na cama, fingindo abotoar a roupa. Depois acendeu o candeeiro e encaminhou-se, a passos lentos, para a porta.

Tão logo a abriu, irrompeu no quarto o patrão, seguido dos seus assecas como um bando de lobos famintos. Sem dizer palavra, passaram revista no aposento. Mamãe os seguia, perguntando:

— Por que estão virando tudo de pernas para o ar?

Cheng Cabeçudo voltou para ela o rosto contraído por um esgar, e empurrou-a:

— Vamos, — disse — não banque a inocente.

Não conseguiram encontrar-me, nem em cima nem debaixo da cama. O patrão dirigiu a luz da lanterna contra a face de minha mãe, examinando-a atentamente:

— Onde foi que escondeu Pa-wa? — gritou-lhe.

— Pa-wa! — exclamou minha mãe. — Não o vi!

— Com os diabos! Não adianta esperar que ela conte a verdade — disse Cheng Cabeçudo, e encaminhou-se para o leito onde estava meu irmãozinho. — Onde está seu irmão? — sibilou, agarrando Tung-wa pelo braço. Mamãe apressou-se a responder:

— Não sabemos. Pa-wa não veio para cá.

— Quem foi que lhe perguntou? — gritou o patrão. — Tirem-na daqui!

Os rufiões arrastaram mamãe para fora do quarto.

Depois de ela ter sido levada, Cheng tirou do bolso um par de notas e brandiu-as diante dos olhos de Tung-wa.

— Agora, querido, — pediu — diga-me onde está Pa-wa. Vamos. Eu lhe comprarei doces, amendoim e...

Tung-wa, porém, livrou-se da mão de Cheng e respondeu:

— Não sei.

Sufocando a ira Cheng Cabeçudo brandiu novamente as notas.

— Olhe, Tung-wa, — disse, adulatoramente — dinheiro! Para comprar carne!

Mas Tung-wa, virando-se na cama, cobriu a cabeça com a colcha. Isso fez com que Cheng perdesse as estribeiras. Franzindo o cenho, agarrou o menino.

— Diga-me onde está ele — berrou — ou farei você em pedaços!

Tung-wa pôs-se a chorar.

Ouvindo-lhe o pranto, mamãe libertou-se dos captores e entrou correndo no quarto.

— Deixe a criança em paz! — gritou. — Como se atreve? Que lhe fizemos para que venha espancar-nos à noite?

— Não tente enganar-me — retorquiu Cheng. — Havia luz acesa aqui pouco antes de eu entrar.

— E se houvesse? — bradou mamãe, furiosa. — Será que só os patrões é que podem ter luz?

Quando a discussão chegava ao auge, papai voltou, acompanhado de Wang-Lao-wu. Antes que pudesse abrir a boca, Cheng atalhou-o:

— Onde esteve? — perguntou.

— Oh!, passeando por aí.

— Por quê?

E Cheng foi direto ao assunto. Alguém, disse, andava metendo idéias esquisitas na cabeça de Pa-wa, pois ele fugira. Papai negou que o tivesse visto, e Wang Lao-wu observou que um garoto daqueles não poderia ter ido muito longe, e que poderiam muito bem procurá-lo no dia seguinte.

Cheng olhou-o de soslaio, mas ignorou-lhe a observação.

— Tsui, — disse ao meu pai — não serei severo com o menino. Se ele voltar, prometo que nada lhe acontecerá. Senão...

Papai não se deu por vencido. Sentou-se num banco.

— Está bem! — disse. — O senhor disse que ele voltou para casa. Pois, então, procure-o!

Wang Lao-wu tentou acalmar o patrão.

— Não seria melhor o senhor sair agora, Sr. Cheng? Amanhã trataremos de procurar o menino e, se o encontrarmos, dir-lhe-emos que volte para a sua casa.

O patrão impacientou-se.

— Não diga bobagem! — gritou. — Meta-se com os seus negócios. Quem é vocês, afinal de contas?

Wang encolerizou-se.

— Tentei ser polido — disse — e o senhor me trata assim. Pois bem, como queira.

O patrão ignorou-lhe, mais uma vez, as palavras, e incitou os dois rufiões a prosseguirem a busca.

Bem, o resultado foi que, na confusão, o monte de feno no qual eu me abrigara desabou. Pulei para trás quando os rufiões avançaram. Wang agarrou um porrete que estava à mão e colocou-se diante de mim, mantendo meus perseguidores à distância.

— Não tenha medo, Pa-wa, — disse — eu estou aqui.

Cheng Cabeçudo tremia de fúria.

— Seu cachorrinho! — gritou. — Pensa que é muito sabido, não?

E adiantou-se para agarrar-me, ele próprio.

Wang o deteve.

— Espere um minuto, Sr. Cheng — disse. — Não vai levá-lo, não.

— Ele me pertence. Comprei-o. Paguei três pi-

cuis (*) de grão por ele.

Papai e mamãe se interpuseram também. Cheng Cabeçudo não sabia que fazer.

— Está bem, — rosnou — já que não me deixam levá-lo de volta, devolvam-me então o que paguei por ele, imediatamente. E quero algum penhor, também.

Voltando-se para os seus asseclas, ordenou:

— Enrolem os colchões!

Wang brandiu o porrete.

— O primeiro que puser a mão numa palha que seja, — gritou — eu lhe arrebentarei a cabeça!

Os rufiões se entreolharam, indecisos. A briga esquentava mais e mais. Chen Mao-yung e outros vizinhos vieram saber que estava acontecendo. Com críticas ao comportamento de Wang, por afrontar o patrão; depois, com algumas lisonjas a este, tentaram restaurar a paz. Cheng Cabeçudo deu-se conta de que nada teria a ganhar, àquela altura, com brigas, e concordou com uma solução conciliatória. Chen Mao-yung garantiu-lhe que ele receberia os três *picuis* de milho no dia seguinte.

— E que não falte um único grão — bufou o patrão, antes de se retirar.

Depois que se foram, ninguém se moveu por algum tempo. Permaneceram em silêncio, de cabeça baixa. Papai acocorou-se a um canto, o queixo nas mãos. Chen Mao-yung quebrou o silêncio:

— Tratemos de encontrar alguma saída.

— Saída! — exclamou meu pai, olhando para a parede. — Que saída? Não temos em casa milho nem para manter um rato vivo, quanto mais três *picuis*.

— É verdade — disse Chen Mao-yung. — Nós, os pobres, vivemos sempre da mão para a boca. Mas temos de fazer alguma coisa. Vejamos quanto conseguiremos juntar entre nós mesmos. Ademais, a colheita está próxima e poderemos arranjar um empréstimo. Wang, vá procurar Lao Chao amanhã. Falarei com Man-wa. Muitas mãos fazem o trabalho mais leve.

Depois, voltando-se, disse a meu pai:

— Você, Tsui, meu velho, tem também um serviço para amanhã.

Wang deu um tapa no joelho.

— Isso mesmo — disse. — Nada de desânimos! É preciso a paciência de Buda. Amigo em necessidade, amigo de verdade. Faremos quanto pudermos. Sabem, quando aquele miserável daquele patrão me levou ao tribunal sob uma acusação falsa, o velho Tsui vendeu tudo quanto tinha para ajudar-me, até mesmo as roupas do corpo. Ficarei responsável por qualquer coisa que falte!

Erguendo-se, em seguida, acrescentou:

— Tsui, é melhor mandar o menino embora. Cheng Cabeçudo voltará provavelmente à carga amanhã cedo.

(*) Unidade de peso, usada em países do Oriente, que corresponde a cerca de 61 quilos.

Além disso, você pode pedir aos seus parentes que lhe emprestem algum dinheiro também.

Chen Mao-yung disse:

— Gente do governo fica sempre ao lado de gente do governo, e gente simples ao lado de gente simples. São os pobres que ajudam os pobres. Enquanto permanecermos juntos, de pouco adiantarão os truques e as macaquices de Cheng Cabeçudo.

Ergueu-se também, acrescentando:

— É muito tarde. É melhor irmos.

Todos se foram.

Mamãe preparou algum alimento e ordenou-me que comesse. Remendou minhas roupas e deu-me alguns conselhos. Papai me deu, então, cinco dólares e levou-me para a casa de minha tia, na cidade. Na mesma noite, titia juntou cerca de três *tou* (*) de milho, e papai levou-o para casa.

Permaneci com minha tia durante uma quinzena, sem ter a mínima idéia do que estava acontecendo em casa. Certo dia, papai apareceu. Parecia muito satisfeito consigo próprio. Quando o interroguei, afagou-me a cabeça e disse:

— Está tudo em ordem, filho; demos um jarro de vinho por você.

Não entendi o que ele queria dizer, até o momento em que relatou toda a história à minha tia.

Quando papai chegara em casa, naquele dia, com os três *tou* de milho, lá encontrara Chen-Mao-yung, que tinha arranjado apenas meio *picul*. Papai se pôs a andar de cá para lá, aflito. Disse Chen:

— É fácil de entender por que Cheng Cabeçudo concordou sem dificuldade. Pensa que jamais conseguiremos juntar os grãos necessários e que teremos de devolver-lhe o menino. Mas Wang tem toda a razão. Não desistiremos assim facilmente.

— Quanto foi que Wang conseguiu arranjar? — perguntou papai.

Antes que seu interlocutor pudesse responder, o próprio Wang apareceu, praguejando e falando consigo mesmo.

— Velho verme chupador de sangue, esse patrão — tartamudeava. — Chuparia o sangue até de uma pedra...

Chen Mao-yung apressou-se em ir ao seu encontro.

— Que houve? — perguntou. — Por que está tão aflito?

Os olhos de Wang estavam injetados de sangue. Sentou-se à beira da cama e pôs-se a murmurar e a praguejar de novo.

— Sabe o que fez aquele demônio? — perguntou. — Avisou toda a gente das vizinhanças que se alguém se atrevesse a emprestar-nos milho, ele bem saberia po

(*) Décima parte de um *picul*.

que razão.

— Sim, — disse papai — mas você conseguiu alguma coisa?

— Bastante — disse Wang.

Papai mostrou incredulidade e disse-o. Mas Wang o tranqüilizou.

— Bastante, eu afirmei, e é bastante mesmo. O patrão não nos pode tyrannizar.

Ninguém o acreditava, porém, julgando que tudo não passasse de bazófia. Iam fazer-lhe mais perguntas quando mamãe voltou. No momento em que entrou no quarto, seus olhos se fixaram em Wang.

— Wang, — disse — não podemos render-nos. Ele está tentando colocar nosso pescoço no laço. Não aturaremos isso!

Todos estavam intrigados. Papai perguntou a mamãe:

— Que há? Conte-nos o que aconteceu.

Mamãe soltou um suspiro fundo:

— Que aconteceu! Wang Lao-wu vendeu a Kuo Pançudo aquela leira contígua à terra de Kuo! Kuo a ambicionava há muitos anos. Ofereceu vinte *picuis* de grão por ela, outrora, mas Wang recusou-se a vendê-la, por qualquer preço que fosse. Agora, porém, como Wang precisasse desesperadamente de milho, foi procurar o velho diabo. E que acham que ele disse? "Estou desprevenido no momento. Dar-lhe-ei três *picuis* por aquele pedaço de terra; nem um grão mais." Wang não teve outro jeito senão aceitar. Ouvi tudo isso na casa de Man-wa e vim correndo para cá.

Papai ficou terrivelmente transtornado ao saber que Wang vendera sua leira.

— Seu descabeçado, — censurou-o — dependemos da terra para viver. Como pôde vendê-la?

Wang bateu os pés, zangado.

— Como pude vendê-la? Bem, deixe-me perguntar-lhe algo. Que vai fazer você no momento em que Cheng Cabeçudo voltar? Quando você vendeu coisas para me salvar, eu o censurei?

E Wang começou a chorar como uma criança. Papai respondeu-lhe:

— Não é a mesma coisa. Você sabe o que se diz por aí, que "quem tem filhos nunca é pobre". Se eu conseguir criar os meus, espero ainda ter dias melhores.

Chen Mao-yung voltou a cabeça para enxugar as lágrimas. Depois, todos ficaram em silêncio.

Subitamente, o cão se pôs a latir. Ouviram-se passos atrás da casa e sussurros à porta. Papai saiu para dar uma olhada. Cheng Cabeçudo e seus asseclas estavam chegando. Sob a árvore em frente à porta e nos cantos da casa, havia várias pessoas olhando.

— Então, velho Tsui, — disse o patrão — aqui estou. Você não deve faltar com a sua palavra. Tem de entregar-me o milho hoje.

— Oh! Sr. Cheng, queira entrar e sentar-se — res-

pondeu papai. — Graças a esta boa gente, consegui juntar o necessário.

— Não diga! — disse o patrão. — Todos os sete e meio *picuis*?

— Sete e meio! — exclamou meu pai. — Mas por que, Sr. Cheng?

Cheng Cabeçudo piscou.

— Ora, Tsui, — censurou — não se faça de desentendido. Cobrei-lhe apenas cinqüenta por cento de juros. Não é muito.

Ao ouvirem as palavras do patrão, os outros saíram de casa.

— Sr. Cheng, — bradou Wang — o senhor disse três *picuis* ontem, não disse?

Cheng Cabeçudo sorriu maliciosamente.

— Bem, quando a gente compra uma galinha, compra os ovos também. Os três *picuis* são o capital... Olhe, Wang, sei que você é um sujeito sabido, e um sujeito sabido não precisa de toda esta explicação. Cobro apenas cinqüenta por cento de juros. Não é muito...

— Então por que não disse isso ontem?

— Bem, hum... ontem...

— O senhor não passa de um reles trapaceiro! — interrompeu-o Wang.

— Wang! Como se atreve a desrespeitar-me?

— Desrespeitá-lo! Vou dar-lhe uma boa lição!

Papai segurou Wang, que batia os pés e berrava:

— Olhe aqui, Cheng Cabeçudo, Pa-wa trabalhou para você durante três anos. Pague-lhe os salários que lhe deve!

Voltando-se depois para papai, incitou-o:

— Ande! Acerte as contas com esse filho da... Faça-o pagar os salários. Depene-o, se ele disser que não tem dinheiro!

Cheng Cabeçudo recuara assustado, mas ainda vociferou:

— Você não me assusta, Wang. Entregue-me a quantidade certa de milho, ou levarei o menino de volta. Tenho a lei do meu lado, e nem deus nem homem conseguirá deter-me.

Voltando-se depois para os capangas, ordenou-lhes:

— Vamos, agarrem o menino!

Wang Lao-wu olhou em torno rapidamente, agarrou uma enxada que estava à mão e gritou:

— Quebro as pernas do primeiro que der um passo!

Cheng Cabeçudo rugiu para os seus mercenários como um cão louco, mas nenhum deles ousou mover-se. Chen Mao-yung, à porta, gritou para a multidão:

— Eis aí, amigos e vizinhos. Podem ver por si mesmos. Ontem, Cheng Cabeçudo ameaçou-nos e tentou impedir que emprestássemos milho ao velho Tsui. Hoje que o milho foi reunido, volta atrás com a sua palavra. Qualquer tolo pode ver que ele quer a nossa morte...

A multidão começou a rugir, mesmo antes de Chen ter concluído suas palavras.

— Não suportaremos isso! Vamos dar um jeito nesse diabo de duas caras!

Lao Chao e Man-wa, nus até a cintura, emergiram da multidão. Chen Mao-yung tentou detê-los.

— Nada de violências — recomendou. — Vamos levá-lo ao tribunal e reclamar nossos direitos.

— Muito bem — concordou a multidão. — Vamos levá-lo perante a lei.

Cheng Cabeçudo empalideceu quando viu tanta gente ansiosa por ajustar contas com ele. Bateu em retirada, a cauda entre as pernas.

— Está certo — disse. — Vê-los-ei no escritório do *pao*. Lá estarei. Veremos se vocês, seus cães covardes, estarão lá também!

Bem, houve ainda muita discussão. Wang continuava a achar que se devia ajustar as contas com o patrão de outra maneira, mas Chen Mao-yung insistia em ir ao escritório do *pao* com meu pai. Valia a pena tentar, dizia, usando como argumento definitivo um velho ditado. Os demais camponeses sentiam-se inclinados a concordar, pois, argumentavam, o patrão estava não apenas perseguindo papai, mas tentando prejudicar a todos. E a discussão continuou até chegarem ao escritório do *pao*.

Lá encontraram o patrão já sentado. Papai contou a Hsu, o chefe do *pao*, o que acontecera. Para surpresa de todos, Cheng Cabeçudo nada disse. O chefe do *pao* pronunciou, finalmente, um veredicto contra ele. Agira de modo errado, sentenciou, e teria de ficar satisfeito com os três *picuis*.

A multidão estava jubilosa.

— Aí está — diziam, enquanto voltavam para casa. — Até as formigas podem mover uma montanha. Aliás, o chefe do *pao* não poderia ter feito outra coisa; éramos tantos!

Somente Chen Mao-yung não estava convencido.

— Foi fácil demais — dizia. — Deve haver alguma sujeira escondida nisso tudo.

Papai não concordava com semelhante opinião.

— Como pode haver? — raciocinava. — Que conseguiriam arrancar de mim com isso? Mesmo se eu agarresse uma pedra para atirá-la num cachorro, a pedra pertenceria a alguém!

Quando chegaram em casa, alguns dos vizinhos ajudaram papai a colocar os três *picuis* numa carroça e a levá-los ao patrão. E o caso foi dado por concluído.

Todavia, alguns dias mais tarde, Hsu, o chefe do *pao*, apareceu subitamente em casa. Papai e mamãe correram a recebê-lo. Conversaram durante alguns minutos e a questão da briga veio à tona. Hsu disse então:

— Bem, para dizer-lhe a verdade, Tsui, Cheng não o teria deixado escapar tão facilmente se eu não tivesse ficado do seu lado.

A insinuação era clara, e papai e mamãe apressaram-se a agradecer-lhe, dizendo que nem eles nem as crianças jamais esqueceriam sua ajuda.

— Ora, não foi nada — replicou Hsu, com uma expressão de modéstia. — A gente nunca sabe de quem vai precisar nesta vida, ou que caminhos terá de cruzar. Claro que os ajudarei sempre que se me ofereça a oportunidade...

Fez uma pausa e depois prosseguiu, em tom hesitante:

— Você sabe, Tsui, hoje eu... bem, você sabe que é que eu ando lhe pedindo há tanto tempo. Aquilo... dê-mo. Pagar-lhe-ei quanto pedir.

Papai percebeu logo o que ele desejava — nosso jarro de vinho.

“Bem — pensou consigo — pode-se ofender dez homens justos, nunca um vilão. Ademais, se ele realmente nos ajudar, o negócio não terá sido tão mau assim. Por que não? E, o que é mais, ele já chegou a oferecer dois *picuis* pelo jarro. Certamente não o levará sem nos dar alguma coisa em troca.”

Lançou um olhar para mamãe e disse em voz alta:

— Sr. Hsu, o senhor fez muito por nós. Se lhe agrada o jarro, leve-o.

Hsu estremeceu, literalmente falando, de prazer. Depois, aproximou-se de papai e disse-lhe, num tom de voz muito confidencial:

— Acho que você ainda não está seguro. Olhe, todos estão ocupados nos campos. Por que não faz Pa-wa voltar ao trabalho? Não haverá mais encrencas. Se alguma coisa acontecer, basta procurar-me. Sou chefe do *pao* e respondo pela segurança do menino.

Depois, agarrando o jarro, concluiu:

— Entre amigos chegados, não há necessidade de muitas palavras. Direi apenas “muito obrigado”, por ter-me presenteado com o jarro. Diga ao menino para voltar. Não o deixe afastar-se muito de casa. Até logo...

A família inteira viu-o levar o jarro embora.

Essa foi a história que papai contou à minha tia. Quando terminou, deu um suspiro fundo:

— A última coisa que me restava!

Titia consolou-o:

— Não se atormente. Você teve sorte em possuir um jarro de vinho. Muita gente não tem nada com que safar-se das complicações. Agora, façamos votos para que o menino seja deixado em paz.

Titia queria que almoçássemos com ela, mas papai disse que tinha muito que fazer em casa, de modo que partimos.

Na jornada de volta, eu me sentia feliz como um passarinho solto da gaiola. Ao chegarmos em casa, havia os pardais chilreando sob os beirais e o galo pavoneando-se debaixo da latada de cucurbita. O cão estava esparramado ao lado da porta. Ao ver-me, correu para mim, abanando a cauda. Quando Tung-wa me avistou, entrou em casa berrando:

— Mamãe, Pa-wa voltou!

Mamãe saiu, as mãos alvacentas de farinha:

— Meu querido menino, em casa afinal! — exclamou.

Quase explodi de alegria ao vê-la. Ao voltar a cabeça, constatei que o balde estava vazio. Agarrei os dois jarros e fui buscar água, pensando:

“Mamãe passou um mau pedaço por minha causa. Tenho de pagar-lhe por tudo.”

Depois do almoço, fui para o campo com papai, colher milho.

Ao jantar, mamãe observou:

— Amanhã, é melhor arranjar tempo para visitar o chefe do *pao*. Ele nos ajudou desta vez, afinal de contas.

Papai não gostou muito da idéia:

— Águas passadas não movem moinhos — grunhiu. — Ele já levou o meu jarro de vinho.

— Mas, — argumentou mamãe — se você for vê-lo, poderá aproveitar o ensejo para sondá-lo e descobrir se ele lhe vai dar alguma coisa em troca.

Papai se deixou convencer, e decidimos fazer uma visita ao chefe no dia seguinte.

À hora de deitar, Tung-wa insistiu em dormir comigo e ouvi a sua versão dos acontecimentos. Suas palavras me trouxeram à mente a figura avantajada do patrão; não conseguia conciliar o sono; fiquei a rolar na cama. Acho que já era meia-noite, e eu principiava a cochilar, quando, subitamente, ouvi mamãe dizer:

— O cão está latindo. Levante-se e vá ver o que é.

Quando papai terminou de vestir-se, ouvimos passos debaixo da janela. Vesti-me, também, no escuro. Alguém bateu à porta e chamou:

— Tsui, abre!

Reconhecemos a voz de um dos homens do patrão; logo imaginamos que fosse haver barulho novamente. Papai disse-me:

— Depressa, filho, esconda-se!

Mamãe ocultou-me numa arca e papai foi abrir a porta.

— Que houve desta vez? — perguntou.

— Um novo recruta fugiu — replicou o sujeito e, acompanhado de um grupo de outros rufiões, entrou no quarto.

— Bem, não vimos nenhum — disse papai.

— Nesse caso, não se importará se dermos uma revista aqui — replicou o enviado de Cheng. E começaram a vasculhar todos os cantos do aposento. Chegaram, finalmente, diante de arca sobre a qual estava sentada mamãe.

— Abra-a! — ordenaram.

— Isto? — disse mamãe. — Contém apenas algumas roupas de criança.

Um dos rufiões apontou o rifle para a arca. Papai se apressou a detê-lo.

— Não brinque com armas de fogo, — rogou — tentando assustar a gente.

Depois, disse a mamãe:

— Não escondemos nenhum recruta. Não há razão para temermos. Abra-a e deixe o nosso filho sair.

Mamãe abriu a arca. Sentei-me e vi uma porção de armas apontadas contra mim. O chefe dos rufiões deu um rugido.

— É ele! — gritou. — Cheng Tze-lai! Era aí então que você estava escondido! Saia, saia! Tem de vir conosco!

O bando avançou para agarrar-me. Papai deteve o chefe, gritando:

— Que loucura é essa? O chefe do *pao* prometeu proteger-nos. Quem é Cheng Tze-lai?

— É esse — disse o rufião, apontando para mim. — Cheng Tze-lai, filho do Sr. Cheng, meu patrão. Ele está na idade do serviço militar e o chefe do *pao* deu ordens de que fosse detido.

Então era isso. Eu estava obrigado a fazer o serviço militar em lugar do filho do patrão!

Papai estava fora de si.

— Irei ao escritório do *pao*! — gritou. — Sejam razoáveis...

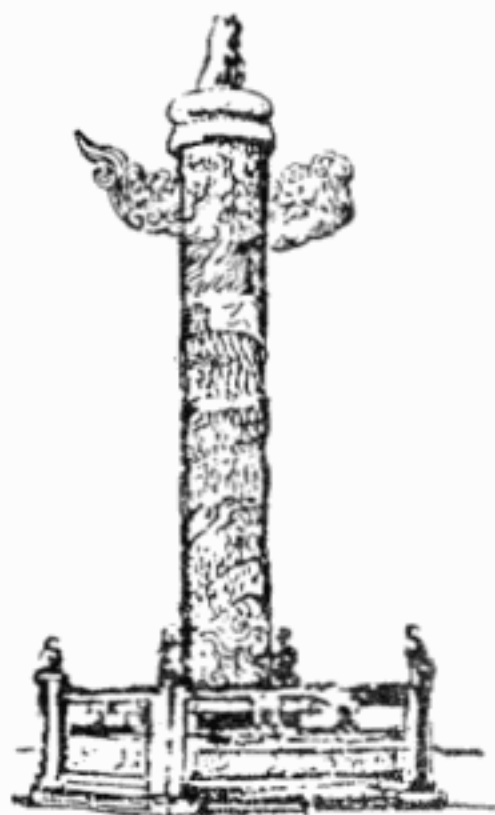
— Serei razoável — respondeu o rufião, derrubando papai com a coronha do rifle. Mamãe correu a acudir-lhe. Os rufiões me agarraram e me levaram embora. Pude ouvir mamãe correndo atrás de mim, gritando, desesperada:

— Levaram o nosso jarro de vinho e ofereceram-nos proteção. Que espécie de proteção é esta? Fizeram um plano para nos arruinar. Lobos gananciosos e desavergonhados...

Gradualmente, sua voz foi enfraquecendo até perder-se na distância.

Naquela noite, fiquei encarcerado no escritório do *hsiang*.

(Tradução de José Paulo Paes)



coleção

UNIVERSIDADE DE BOLSO

Textos Integrais

Os melhores clássicos da literatura universal, a preços acessíveis e formatos convenientes que além de leves e portáteis cabem no bolso de um paletó ou na bolsa de uma mulher.

Como as demais coleções, a nossa preocupação é oferecer uma leitura agradável e, ao mesmo tempo, de utilidade para estudantes e professores.

Para isso contamos com a colaboração de mestres da literatura nacional que, além das traduções impecáveis, elaboram prefácios, guias para o leitor e biografia dos autores.

Contos Chineses

Abrangendo quatorze séculos de produção literária "Contos Chineses" reúne as narrativas mais curiosas e mais características da novellística menor da China, desde os fabulistas anônimos da dinastia Tang até os principais contistas da República Popular fundada por Mao Tsé-tung.

Repassadas de um delicado sopro de poesia e de exotismo tipicamente oriental, as histórias de amor, de aventura e de mistério incluídas nesta deliciosa coletânea proporcionarão, certamente, aos seus leitores, momentos de excelente entretenimento, ao mesmo tempo em que lhes permitirão travar contato com uma das mais velhas literaturas do mundo. Uma literatura altamente refinada, que se constitui num testemunho do "requintado animismo de camponeses que, há milênios, contemplam o ciclo dos astros e das estações".

ISBN 85-00-90376-7



Capa: De um quadro de TS' IEN SINAN